

WILL FERGUSON



Seu Feliz®

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SER FELIZ®

Will Ferguson

Companhia das Letras

2003

"Os Estados Unidos são uma vasta conspiração para tornar você feliz".

John Updike

Caveat emptor (Uma exoneração de responsabilidade — por assim dizer)

"Que o comprador se acautele." Em latim, no original. As demais notas do tradutor estão no fim do volume.

Este é um livro sobre o fim do mundo e, como tal, envolve livros de receitas dietéticas, gurus do ramo da auto-ajuda, condenados rastejando por canos de esgoto, editores com excesso de trabalho, o colapso econômico dos Estados Unidos e a expansão do cultivo de alfafa. E acho que, a certa altura, uma das personagens também perde um dedo. Esta é a história de um apocalipse: *Apocalipse Legal*. Fala de uma devastadora peste de felicidade humana, de uma epidemia de abraços sonsos e calorosos, e de um trailer misterioso na orla de um deserto...

Poderia ser pior. A primeira versão terminava com uma total invasão militar dos Estados Unidos por um exército franco-canadense. Sério. Mas o meu editor, despossuído de coração, me fez cortar todo esse enredo secundário, o que nos leva à verdadeira pergunta: editores — mal necessário ou necessidade maligna? (redundância, não? — ed.)

Ser feliz® começou há dois anos e meio. Partiu de um comentário casual de uma assessora de imprensa, em resposta a uma observação minha — a saber, que os autores de livros de auto-ajuda são sempre as pessoas mais enroladas que se conhecem em qualquer turnê para a divulgação de livros. A assessora em questão retrucou, assim de passagem: “Vou lhe dizer uma coisa. Se um dia alguém escrevesse um livro de auto-ajuda que realmente funcionasse, nós todos ficaríamos em apuros”. Ela estava falando sobre a indústria editorial em geral, mas, enquanto o comentário retumbava no meu cérebro já abarrotado, percebi que as ramificações eram muito piores do que ela imaginara. Se, um dia, alguém escrevesse um livro de auto-ajuda que realmente funcionasse, que sanasse nossos infortúnios e eliminasse nossos maus hábitos, os resultados seriam catastróficos.

Levei mais dois anos num corpo-a-corpo com a idéia até lhe dar a forma atual. Mesmo enquanto fazia malabarismos com outras tarefas e trabalhava em livros de referência e guias de hóquei, eu voltava o tempo todo a essa idéia central, retrabalhando, reescrevendo, remoldando. Houve um momento em que as personagens do livro deram um golpe e assumiram totalmente o controle. Começaram a ditar a história para mim, seu desenrolar.

Vale dizer, portanto, que não tenho responsabilidade alguma por nada em que Edwin, May ou qualquer um dos outros venha a se meter.

Este livro é obra de ficção. É uma história completamente inventada. Pelo que sei, não existem coisas como árvores shilo, MK-47s, nem balas com ponta de magnésio. Os termos latinos com que Edwin faz piada são reais, assim como as várias teorias de auto-ajuda que se discutem. Os “intraduzíveis” que aparecem também são reais. Alguns procedem de anotações que fiz durante o tempo que passei na Ásia, mas a maioria vem do magnífico léxico de Howard Rheingold, *They Have a Word for It*. É isso. Todo o resto neste livro é mentira.

Mas tenha em mente que Ser feliz® se passa no futuro — no futuro próximo. Ah, digamos, daqui a dez minutos.

PARTE I

A vida na Avenida Grand

1.

A Avenida Grand atravessa o coração da cidade, vai da rua 71 até o porto, e embora tenha oito pistas e, no centro, um bulevar arborizado, parece claustrofóbica e estreita.

Erguendo-se em verticais ininterruptas e flanqueando cada lado estão as suas imponentes construções eduardianas, cujas fachadas criam duas paredes contínuas. Muitos desses edifícios foram construídos durante o Grande Boom da Potassa, no final dos anos 1920, com tudo o que isso acarreta: lúgubres características Calvino-capitalistas e uma impressão de severidade e opressão. Edifícios que não sorriem. Lá do alto, onde se sentam os anjos, a Avenida Grand parece muito bonita, um verdadeiro mostruário de dignidade arquitetônica. Mas embaixo, no nível da rua, a cena é bem diferente: são pistas imundas, nervosas, barulhentas, congestionadas de táxis exasperados e enfurecidos, de mendigos loucos e empregados de escritório apressados. Um mundo de estrépito constante, onde o eco do barulho do tráfego ricocheteia nos prédios, num urro constante e cacofônico. O barulho é uma presença eterna. Como não tem para onde ir nem para onde escapar, fica preso numa perpétua onda estacionária, numa incessante retroalimentação de ruído de paisagem urbana. Estática dos deuses.

Mas, se do alto o sentido predominante é o da visão e, no nível da rua, o da audição, lá embaixo, nas profundezas do Circuito, o sentido mais saturado e maltratado é o olfato. Ali, num miasma de exalações, trens avançam ruidosamente numa interminável faixa de Moebius de trabalho, suor, sal e ganância. Um carrossel onde os cavalos têm enfisema, a pintura está descascando e onde mau hálito e cecê remoinham em volteios ensebados através do ar, no ar — são o ar. Corpos inalando dióxido de carbono, reciclando vapores viciados, espremidos e já grudentos no

acotovelamento matinal. Na cidade, a camada do fundo, o nível mais baixo, é um cheiro.

Edwin Vincent de Valu (também conhecido como Ed, ou Eddie, ou Edwynne, nos dias em que lia poesia no dormitório da universidade) emerge do metrô na estação da Faust com Broadview como uma toupeira num cânion altíssimo. Na Avenida Grand, a chuva, antes de chegar ao chão, já está suja. Uma vez Edwin pegou uma única gota nas costas da mão, parou e contemplou, maravilhado, aquele pingo de água, já raiado de fuligem.

Edwin é um jovem magro, prepotente, com andar de espantalho alto e um cabelo loiro e seco que se recusa a conservar uma risca. Mesmo quando veste um sobretudo de grife e lustrosos sapatos Dicanni de gáspea alta, Edwin de Valu tem uma singular falta de presença. Uma falta de substância. É um peso-leve, em todos os sentidos da palavra, e a viagem matinal quase o extermina. No darwinismo urbano da hora do rush, Edwin precisa lutar para simplesmente se manter na superfície, tem que se esforçar para simplesmente manter a cabeça acima do dilúvio. Ninguém, muito menos o próprio Edwin, poderia jamais suspeitar que todo o destino do mundo ocidental em breve repousaria sobre os seus ombros estreitos.

Na Avenida Grand, a corrente subjacente de leite azedo e urina estagnada, vinda da periferia e presente o tempo todo, a ponto de a gente começar a sentir seu gosto na própria língua, recebe Edwin como uma bofetada familiar. Como um motivo desgastado. Uma metáfora de outra coisa. Coisa pior.

Enquanto atravessava a Avenida Grand, em meio a uma massa de paletós amarrotados, camisas úmidas e pastas pesadas demais, com o tráfego ecoando como ruído de fundo ao seu redor e os odores nauseantes da cidade seguindo-lhe o rastro, Edwin ergueu os olhos para a borda dos prédios, lá no alto, onde batia o sol da manhã, um zombeteiro brilho dourado fora de alcance e quase fora do campo de visão. E pensou, como fazia todo dia, precisamente nesse local e precisamente nesse momento: Odeio esta porra desta cidade.

Apesar da arquitetura das fachadas e de suas pretensões históricas, a Avenida Grand é pouco mais do que uma congestionada mistura de arquivos, enfileirados, espremidos, um após o outro, implacáveis e quase sem fim. Dentro desses arquivos, encontram-se agências publicitárias, consultores comerciais, oficinas secretas de trabalho semi-escravo, modernos criadores de software, companhias de investimentos e de esquemas de pirâmide, pequenos sonhos e grandes sonhos, executivos e peões, cafeterias de plástico e casos amorosos anônimos, contadores, advogados, contorcionistas e quiropráticos, financistas e charlatães, analistas de sistemas, vendedores de cosméticos e financistas do mercado de ações: arenas do absurdo e circos de desejo não recompensado que se substituem em rápida sucessão.

Encontra-se tudo isso e mais, arquivado na Avenida Grand. Mas o mais importante é que se encontram editores, toda uma estonteante sucessão de editores: alguns, pouco mais do que um nome numa porta; outros, pequenas engrenagens em vastos impérios de multimídia; uns, responsáveis pelo lançamento de grandes carreiras literárias; outros, responsáveis por Sidney Sheldon — e todos agarrados ao prestígio de um endereço na Avenida Grand.

Os editores se infiltram pela Avenida Grand como cupim. Escondidos no labirinto de cubículos e corredores que se encontram à espera atrás das sombrias fachadas eduardianas, há dezenas e dezenas deles, sorvendo sofregamente seu pântano de palavras, remexendo a sujeira, reproduzindo-se em cativeiro. Ali altas pilhas de manuscritos se acumulam e grandes montes de papel apodrecem. Ali, mulheres sem maquiagem e homens sem senso de moda sentam com as costas encolhidas, de lápis azul bem apontado na mão, riscando, riscando, riscando incessantemente os volumosos extravasamentos da mais egoísta das criaturas: o escritor:

Este é o ventre da besta, o estômago ulceroso do mundo editorial da nação, e Edwin de Valu, que atravessa a Avenida Grand a caminho de seu cubículo na Panderic Books Incorporated, é um borrifo no meio lodoso do pântano.

A Panderic Inc. está perto do topo da cadeia alimentar. Não faz parte do clã exclusivo, não chega a ser uma Bantam ou uma

Doubleday, mas com certeza está consideravelmente acima das outras editoras de porte. O que vale dizer que a Panderic não ostenta John Grisham nem Stephen King no seu catálogo, mas tem um ou dois Robert James Waller. A cada estação a Panderic publica uma lista inteira, não de livros, mas de “títulos” (no jargão da indústria, os livros são reduzidos à sua vaga essência) — títulos que vão de dietas de celebridades que estejam na moda a romances góticos sobre vampiros, calhamaços de vinte quilos. A Panderic publica mais de duzentos e cinqüenta títulos por ano. Mal recupera o investimento que faz na metade deles, perde dinheiro com mais de um terço e, com os poucos restantes, tem um pequeno lucro. Esses títulos mágicos, esses poucos e raros que fazem dinheiro, conseguem de algum jeito abastecer toda a empresa, que está em expansão. No mundo editorial americano, a Panderic é considerada financeiramente sólida.

Embora a especialidade da Panderic seja não-ficção e obras diversas, de romances a ficção científica, ocasionalmente — e, sobretudo por acidente — escapa uma obra-prima autêntica, um livro tão despido de humor e com um ritmo tão lento, laborioso e carregado de segredos profundos, que a gente simplesmente sabe que deve ser Grande Literatura. Foi a Panderic, afinal de contas, a primeira a publicar *O nome da tulipa*, uma “história de mistério intelectual” que se passa num convento medieval em Bastilla e cujo herói é um matemático de meia-idade que se torna semiólogo. O autor, um matemático de meia-idade que se torna semiólogo, adentrou os escritórios da Panderic, lançou o pesado manuscrito como um desafio a um duelo e declarou que sua obra era o auge da “hiperautenticidade pós-moderna”. Depois, arremeteu sala afora e mergulhou numa carreira em tempo integral como aforista e conferencista (quinhentos dólares por aforismo, seis mil por conferência). Tudo isso apesar de nunca ter tido um único pensamento lúcido a vida inteira — ou talvez por causa disso. A indústria editorial é realmente curiosa. E como disse Ray Charles certa vez: “Não tem filho-da-puta em lugar nenhum que saiba o que vai fazer sucesso”.

É nesse mundo, nessa realidade pós-moderna, hiperautêntica, que Edwin de Valu vai entrar agora.

Edwin trabalha há mais de quatro anos na Panderic, desde que abandonou os planos originais de fazer carreira como bonvivant profissional. (Aconteceu de haver muito poucas vagas para bon-vivants.) Trabalha no décimo quarto andar do número 813 da Avenida Grand, no Departamento de Não-Ficção da Panderic. Hoje, assim como faz todo dia, Edwin, antes de entrar, pára diante da barraca do Louie (Louie's Hot Dog and Pickle Stand) para comprar dois copos de café para viagem. A maioria dos editores da Panderic prefere os cafés mais refinados, mais metidos a besta, mas não o nosso Edwin. Ele possui um senso inflexível de homem comum. Ah, sim, Edwin é o tipo de sujeito que prefere o desprezioso Java do Louie à mistura da casa, torrada à mão, do Café Croissant, um cara que gosta de café de verdade, curto e grosso. Edwin põe sonoramente o dinheiro no balcão e diz: "Pode ficar com o troco".

"Quer canela em pó no seu caffe-latte mochaccino ou prefere chocolate com amêndoa branca?", pergunta Louie, com o charuto molhado na boca e dois dias de barba por fazer no(s) queixo(s).

Faz quatro anos que, todo dia útil, todo maldito dia, Edwin pára na barraca do Louie, e Louie nunca se lembra dele, não lembrou uma única vez. "Noz-moscada e canela", diz Ed, abatido. "Com uma pitada de açafão seco ao sol. Espuma extra."

"Está saindo", diz Louie, "está saindo".

No saguão do número 813 da Avenida Grand, o som, de repente, emudece: eco de passos, o ping distante de elevadores, o murmúrio de cem ataques cardíacos iminentes. Apenas isso. Foi-se o ruído constante do tráfego lá fora. Foi-se a sinfonia de címbalos da cidade.

Na Avenida Grand, isto é o mais parecido com salvação que se pode ter.

Edwin levou vários anos para perceber que na verdade trabalhava no décimo terceiro andar. Tecnicamente, a Panderic Inc. ocupava o conjunto 1407, mas isso não era bem verdade, conforme

Edwin descobriu um dia, quando aconteceu de, por acaso, notar que, embora a fileira dupla de botões no elevador começasse ímpar-par (1-2, 3-4, 5-6...), no alto do painel a ordem fora invertida e passava a par-ímpar (... 16-17, 18-19, 20-21). Foi só ao reler os números que Edwin se deu conta do que havia acontecido: não havia número 13. Essa omissão distorcia tudo e atrapalhava toda a seqüência. A Panderic não ficava no décimo quarto andar, mas no décimo terceiro. Quando Edwin mencionou essa esquisitice aos outros editores, eles se limitaram a dar de ombros — todos, menos o de ocultismo, que empalideceu um pouco.

Com seus dois copos de café estendidos à sua frente, e nós bem que nos poderíamos perguntar a quem se destinava o segundo, Edwin empurrou as portas de vidro do escritório com um ombro e entrou de lado num mundo de palavras. Um mundo de palavras e de frenético manuseio de papel, um mundo onde terminavam todas aquelas pessoas que se tinham revelado tão promissoras, tão cheias de potencial na faculdade de Letras: revisando gramática, corrigindo manuscritos, riscando e sonhando com o dia em que abririam uma janela e estenderiam as mãos para tocar a borda dourada no topo da cidade, lá nas alturas, onde o sol batia... Até lá, tinham livros a editar, textos de capa a produzir, longos corredores verdes e fluorescentes a atravessar, fotocópias a fazer, prazos a cumprir, trechos a cortar.

Nove e dez da manhã e o lugar já estava zumbindo. Passava gente apressada, indo com passo apertado e grande determinação a lugar nenhum. As plantas na Panderic eram de plástico, mas até elas pareciam estar morrendo por falta de sol.

Quando Edwin passou pelo seu triste cubículo de papelão e fita adesiva, sentiu um profundo desânimo. Ali, empilhada sobre a sua mesa, havia uma torre de papel. Manuscritos grossos como paralelepípedos. Baboseiras. Não solicitadas, sem agente, recebidas com antipatia. Era ali que os sonhos vinham dar e morrer. Propostas de livros, cartas de apresentação, manuscritos inteiros acumulavam-se como detrito sobre mesas de editores, em todo lugar. O cubículo de Edwin estava atulhado deles. “Mas que diabo?” Assim que chegou ao escritório de May, no fim do corredor, Edwin

estava quase em ponto de baía. A porta de May, como sempre, não estava inteiramente aberta, nem inteiramente fechada. (“Entreaberta”, logo entou a sua parcimoniosa mente de editor, querendo reduzir a sentença anterior aos elementos o mais puros possível, visto que editores são notoriamente carentes de simpatia por divagações de autores.).

“Que diabo”, disse, entrando no escritório de May, “aquela pilha de baboseiras está fazendo em cima da minha mesa? Pensei que tivéssemos contratado uma estagiária.”

May ergueu os olhos de sua mesa. “E bom dia para você também.” No contexto do mundo editorial, May Weatherhill era considerada bem-sucedida — uma jovem moderna, com uma carreira, mau salário e um título adequadamente pretensioso: Editora-Chefe Adjunta, Não-Ficção, Excluindo Biografias, mas Incluindo Anjos e Abduções por Alienígenas (o que, segundo alegava muita gente, devia, na verdade, ter ficado por conta do Departamento de Ficção). May era meio gorducha, meio tímida, meio atraente. Bem, não exatamente gorducha. Era corpulenta. “Não tenho seios”, brincava ela, “tenho busto. Nesse sentido, sou neovitoriana.” Enquanto Edwin era magro e rijo, May era cheia de dobras e concavidades parcialmente ocultas.

Curiosamente, e sem que ela soubesse disso, o atributo mais notável de May não era o busto, por amplo que fosse, mas sim os lábios, os lábios vermelhos de cera. Tinham uma tonalidade que quase não se encontra em nenhum lugar a não ser nos creions e tintas da Crayola. Era como se tivessem sido pintados, como se de fato fossem de cera, grudados um dia no rosto a título de brincadeira para uma festa e nunca mais removidos. Quando falavam com May, as pessoas não a fitavam nos olhos. Olhavam, fascinadas e fixamente, para os seus lábios. Assim como a maioria dos editores, May era pálida a ponto de parecer anêmica — só que, no caso dela, isso ia muito além. May Weatherhill era feita de porcelana. Porcelana macia. Porcelana quente. Mas, ainda assim, porcelana. Bela e quebradiça. Mesmo quando ria, mesmo quando sorria, era sempre como se seus pensamentos estivessem em outro lugar. “Olhos existenciais”, conforme Edwin os descrevera certa vez.

“Avelã”, replicara ela. “Você está confundindo olhos cor de avelã com filosofia francesa.” “Talvez esteja”, disse Edwin. “Talvez não.” May estava constantemente mudando de uma dieta para outra, o que havia muito tempo desconcertava Edwin. Quem tem olhos existenciais precisa fazer dieta?

Ainda assim, a despeito de qualquer outra coisa, May tinha aquela substância indefinível chamada poder. O poder a rodeava, permeava; era a marca do seu perfume. Isso se devia, em parte, à sua posição na Panderic, mas, sobretudo, ao fato de ela contar com as Boas Graças do Proprietário. (“E com os colhões dele também”, insinuara um dos editores mais maldosos.) May Weatherhill, gerente de nível médio, confidente do executivo-chefe, chefe do departamento, havia contratado Edwin de Valu, e também poderia demiti-lo. Poderia demiti-lo a qualquer momento, poderia demiti-lo ali, naquela hora, poderia demiti-lo quase que por capricho — e Deus sabia que não era porque Edwin não desse amplos motivos para rescisão de contrato. Mas ela não fazia isso. Nunca usava de ameaças contra Edwin, veladas ou explícitas, porque... bem, tinha havido o Incidente no Sheraton Timberland Lodge. E aquilo mudara tudo.

Foi durante uma conferência para a divulgação de livros no norte do Estado, quando, inebriados de champanhe e imprudência, Edwin e May acabaram juntos numa cama, meio que rindo, da maneira como às vezes fazem os amigos. E aí, de repente, estavam ofegando e arrancando a roupa um do outro e lambendo o suor do pescoço um do outro — e não da maneira como às vezes fazem os amigos. No dia seguinte, enquanto assistia à maçante apresentação de “um autor aclamado” (ou talvez fosse um agente aclamado), May sentiu uma única gota, a “essência de Ed”, por assim dizer, escorrendo-lhe lenta pela coxa, e naquele momento entendeu que, entre eles, nunca mais nada seria como antes.

Nunca tocavam no assunto. Às vezes o contornavam, dançando perigosamente à beira do penhasco, mas jamais mencionavam as palavras “Sheraton Timberland Lodge”, que tinham se tornado um anátema. Era o Álamó deles, o seu Waterloo, a sinédoque que se tornara a divisória da sua amizade.

May editara recentemente para a Panderic um léxico curioso de palavras obscuras. Chamava-se Os intraduzíveis, e era um apanhado bem-humorado de certos termos que faltam na língua inglesa. Emoções inteiras, conceitos inteiros permaneciam desprovidos de expressão, apenas porque não se cunhou palavra para capturá-los. Palavras como mono-no-awarê, “a tristeza das coisas”, um termo japonês que define o patético sempre presente, à espreita logo abaixo da superfície da vida. Ou mokita, da língua kiriwina, da Nova Guiné, que significa “a verdade que ninguém diz”. Refere-se ao acordo tácito entre pessoas para evitar uma referência às claras a certos segredos compartilhados, como o alcoolismo da tia Louise ou o homossexualismo dissimulado do tio Fred. Ou o Incidente no Sheraton Timberland Lodge. Ou o fato de que Edwin é casado. Também isso era mokita. Era o que aproximava Edwin e May e era o que os distanciava: entre eles erguia-se uma parede delgada e impenetrável de mokita.

“Ele é casado, ele é casado”, repetia May consigo mesma, toda vez que seu autocontrole começava a fraquejar. Toda vez que se sentia tentada a tocá-lo, suavemente, na nuca. “Ele é casado.” Mas, quanto mais ela a repetia, mais sexy a frase começava a soar. “Nós tivemos uma estagiária de fato”, disse ela, agradecendo com um sorriso o copo de café que Edwin pousou à sua frente. Não um largo sorriso, e de modo algum um sorriso com intenção de flerte, mas um sorrisinho que dizia: “Eu sei por que você me traz café todos os dias. E eu sei que você sabe que eu sei. Ainda assim, eu acho isso estranhamente estimulante”. (May era capaz de dizer muito com um único sorriso.).

“Então por que é que ela não está triando a pilha de baboseiras?”, perguntou Edwin. “Quero dizer, é tão difícil assim enfiar cartas de recusa num envelope?”

“Ela foi embora. Mr. Mead a mandou lavar o carro dele e levar roupa à lavanderia. Não era bem o que ela tinha em mente quando disse que estava procurando ‘um cargo que lhe permitisse trabalhar em editoração’. Talvez esperasse alguma coisa que lhe desse mais satisfação. Acho que agora ela está removendo esterco nas docas. Disse que a diferença não era grande.”

Edwin tomou um gole de café. “Malditos estagiários. O que foi que aconteceu com a boa ética americana do trabalho que se tinha antigamente?” O creme no mocha latte tinha se dissolvido, se era essa a palavra, criando uma mancha não desagradável de gordura não saturada. Os cappuccinos do Louie eram os melhores — se é que era esse o plural de cappuccino.

“Até que a gente tenha uma pessoa nova”, disse May, “vamos todos ter que colaborar. Eu reuni tudo o que recebemos na semana passada — acho que havia uns cento e quarenta originais e talvez outras tantas propostas — e dividi entre os editores, de modo mais ou menos casual. Acho que você ficou com uma dúzia deles e até já imprimi um montinho de `após cuidadosa consideração para as suas respostas.”

“Por que é que você se dá ao trabalho? Por que é que simplesmente não contrata um chimpanzé treinado para fazer isso?”

“Lembra do general? Lembra da proposta que ele enviou, sem agente, a proposta de, e estou citando, `uma visão da guerra de Kosovo, por quem esteve lá? Lembra como lidamos rápido com ela?”

“Ah, sim, o general. O Chefe Maluco Mulligan em pessoa. Como é que eu poderia esquecer? A última bomba da OTAN ainda não tinha tocado o chão e o Operação Águia dos Bálcãs já estava nas prateleiras. Passamos na frente da Doubleday e da Bantam por uma semana. Foi...”

“Magnífico?”

“Não, não era essa a palavra que eu estava procurando. Foi horrível. Absolutamente horrível. Em minha opinião, o Águia dos Bálcãs foi o ápice e o nadir das publicações descartáveis.”

“Ápice? Nadir? Adoro quando você me diz obscenidades”, e se arrependeu assim que terminou de falar, querendo muito poder apertar a tecla delete para apagar o comentário. “Edwin, simplesmente faça, está bem? Livre-se das baboseiras o mais rápido que puder, porque vem mais por aí.”

“Nunca pára de chegar baboseira, não é?” Foi menos uma pergunta do que a declaração de um fato.

“Nunca”, disse May. “É marca de civilização: sonhos não solicitados, sem agente. A pilha de baboseiras é um dos poucos elementos irredutíveis da vida. Imagine-se como um, ah, não sei, Sísifo, com uma pá, acho. E não esqueça da reunião às dez horas.”

“Ah, meu Deus. O Cara-de-Foda já voltou?”

“Edwin! Você tem que parar de chamá-lo assim. Você fez mestrado em língua inglesa, pelo amor de Deus. Seria de esperar que você tivesse um repertório melhor.”

“Desculpe. Mea culpa. Mea máxima culpa. O que eu quis dizer foi: o Cérebro-de-Merda já voltou?”

Ela deu um suspiro. O suspiro de alguém que desistiu para sempre de reformar uma causa perdida. “Sim. Mr. Mead voltou. Chegou de manhã cedo e quer todo mundo na sala de reuniões número dois às dez horas — em ponto.”

“Entendi. Sala dez, às duas horas.”

“Até logo, Edwin.”

Ele se virou para sair, mas parou. “Por que é que você não ficou com nada da pilha para você?”

“Como?”

“Quando você dividiu os originais, por que não ficou com alguns para compartilhar o sofrimento?”

“Eu fiquei. Levei trinta originais e umas doze propostas para casa na sexta-feira. Trabalhei neles naquela noite.”

“Ah, sei.” Edwin fez uma pausa só um segundo longa demais. Longa o suficiente para deixar o comentário pairar no ar. Longa o suficiente para salientar o fato de que May passara a noite de sexta-feira sozinha, com o gato, lendo propostas de livros e originais não solicitados. “Eu, ahn, tenho que voltar para o meu cubículo”, disse. “A reunião começa daqui a meia hora. Acho que até lá dou conta da maior parte da pilha.”

May ficou olhando enquanto ele saía. Tomou o café. Pensou nas muitas mokitas que nos atravancam a vida e lhe dão textura e significado.

2.

Edwin de Valu puxou o primeiro original de cima da pilha. Logo à mão havia um monte de cartas de recusa, prontas para serem enviadas.

O primeiro original era de um escritor de Vermont, e a carta de apresentação começava assim: "Olá, mr. Jones!" (Jones era o nome que eles inventaram para o responsável pelos originais. O sobrescrito no envelope URGENTE PARA MR. JONES! já era indicação de que devia ir para a pilha de baboseiras.

"Olá, mr. Jones! Escrevi um romance de ficção sobre —" e foi só até aí que Edwin chegou.

Em nome da Panderic Inc., eu gostaria de agradecer a interessante proposta que nos enviou. Infelizmente, após cuidadosa consideração...

Edwin pegou o manuscrito seguinte. "Prezado mr. Jones: Segue anexo o meu romance As luas de Thoxth-Aqogxnir. Esta é a primeira parte de uma trilogia que..."

... e muito debate editorial, concluímos que, lamentavelmente, seu livro não corresponde às nossas necessidades editoriais do momento.

"Mr. Jones! O meu livro, Advogado em fuga, é um estouro, um best-seller garantido, certamente muito melhor do que o tipo de coisa que sujeitos como John Grisham escrevem e que todo mundo considera tão bom. PS. Utilizei espaço simples para economizar papel. Espero que não se importe. :-)"

Nós lhe desejamos sorte junto à outra editora e sentimos muito que, por ora, não nos seja possível oferecer-lhe um contrato.

"Prezados senhores: Como sabemos pouco sobre a manutenção e o conserto de geladeiras e, não obstante, como é longa e fascinante a história que esse campo apresenta."

Já pensou em submeter seu manuscrito a HarperCollins ou talvez à Random House? (Fazia anos que a Panderic tinha uma

rixa com a HarperCollins e com a Random House, e elas encaminhavam umas para as outras, em caráter regular, as baboseiras que recebiam.).

“Prezado mr. Jones: ‘Cuidado! Cuidado! Cuidado! Abaixese! Abaixese!’. As balas passavam em rajadas furiosas em torno da cabeça do agente McDermit, treinado para matar com as mãos nuas... Este é o começo do meu romance de aventuras e ação, Para matar um assassino. Se quiser saber mais, o senhor terá que me pedir que lhe envie o manuscrito integral e ver por si mesmo.” Edwin inseriu outra carta-padrão com o “após cuidadosa consideração” e não ouviu mais falar do agente McDermit.

Mas fez uma anotação sobre as “mãos nuas” para pôr no quadro de avisos da sala do pessoal, que estava cheio de recortes curiosos e coisas pessimamente escritas. A coleção era conhecida como O Mural do Mau Estilo. Ou: Pérolas dos Não-Solicitados e Sem Agente. E também: Isto Veio da Pilha de Baboseiras! Exemplos da prosa brilhante exposta no quadro:

“Ela estava parada na encosta da colina, seu cabelo loiro como azeviche soprava na brisa”.

E: “Quanta bobagem e burrice”, silvou ele.

E o agora clássico: “Ela não disse nada. Limitou-se a morder o lábio inferior e a lamber o superior...” (o que levou a uma onda de contorcionismo bucal por parte dos editores, tentando realizar o feito ali descrito.).

As “mãos nuas” do agente McDermit talvez merecessem ir para O Mural do Mau Estilo, e olhe lá. Edwin suspirou.

Cada original, fosse um manuscrito integral, fosse apenas uma proposta, continha um envelope selado e endereçado ao remetente, o que de certa forma facilitava a entediante tarefa de Edwin: abrir, correr os olhos, recusar e meter no envelope. Um exercício um tanto mecânico da avaliação literária. Ele raramente lia todo o primeiro parágrafo da carta de apresentação; e nem sequer se dava ao trabalho de começar a ler as que viessem impressas em papel cor-de-rosa ou em matricial, escritas inteiramente em maiúsculas ou em itálico (havia até uma toda em maiúsculas e em itálico, o que constituía uma espécie de recorde), ou o que estivesse

em fontes extravagantes que fugissem aos padrões. Apenas pescava o envelope que o autor tinha anexado à carta, inseria o “após cuidadosa consideração” e jogava na bandeja de saída.

Mesmo para os padrões da pilha de baboseiras, aquele lote estava de amargar. Edwin tomou um gole de café frio, abriu o último original — um calhamaço num envelope enorme — e estava prestes a rejeitá-lo, simplesmente por causa do volume, quando Nigel enfiou sua grande cabeça vaidosa pela entrada do cubículo de Ed.

“Edwin! Reunião daqui a cinco minutos. PSEM.”

“PSEM?”

“Ponha-Se Em Marcha. O chefe está esperando.”

Nigel deveria usar o cabelo grudado de brilhantina e um sorriso oleoso; deveria ter um dente de ouro e um cinto de pele de cobra. Combinaria com ele. Mas era impecável no vestir-se, cuidadosamente informal e habilmente despenteado. Entre os editores, Nigel Simms era um jovem sofisticado e sexy. Verdade que, levando-se em conta a concorrência (os outros editores homens) e quem podia julgá-lo (as editoras, mulheres), isso não constituía propriamente um grande feito. Num ambiente humano normal, Nigel seria considerado, na melhor das hipóteses, de aparência mediana, mas naquelas tocas no meio editorial, apenas um grau acima das bibliotecárias em termos de diversão e sex appeal, Nigel salientava-se como um garanhão bem tratado. Edwin o odiava. Odiava-o por todas as razões óbvias, triviais. Odiava-o por ser um espelho de parque de diversões, que refletia a versão melhor, mais bem-acabada e mais agradável dele próprio. Odiava-o por ser tão competente. Odiava-o por não fumar. Odiava-o por tudo.

Não que Edwin de Valu fosse algum desleixado no quesito moda. Nada disso. Fazia questão de estar sempre bem-arrumado, ou no mínimo não muito desalinhado. Suas roupas lhe caíam bem, da mesma maneira como um paletó Armani cai bem num cabide. O problema era quando Edwin tinha que tirar aquele paletó, ou usar shorts e sandálias, ou, o pior de tudo, quando tinha que se despir nas proximidades de testemunhas e/ou de um espelho. A estrutura magricela e desengonçada de Edwin, todo

braços, pernas e cotovelos, era a desgraça de sua existência. Ele, certa vez, até passara por uma fase de uns seis meses, intensa e quase neurótica, de musculação e milk-shakes de proteína, num esforço para “ganhar massa” e se tornar “um homem viril”. Foi como se seu cérebro tivesse sido dominado por uma febre. Passava óleo na pele, malhava e levantava pesados halteres desses de desenho animado acima da cabeça até começar a tremer nas pernas, ter câibras nas costas e fazer caretas cômicas à Hulk (mas com menos arroubo artístico), enquanto o homem de Cro-Magnon com músculos obtidos à custa de anabolizantes, que lhe servia de treinador, berrava insultos para motivá-lo. Em várias ocasiões Edwin correria o risco de uma hemorragia cerebral, noite após noite arrastara para casa a carcaça exausta, e para quê? Para um físico que já não era magrelo, é verdade, mas que agora era rijo e magrelo. Seus músculos não se desenvolveram, simplesmente se retesaram. “Como um lêmure esfolado”, conforme descrevia Edwin quando dava consigo, nu, num espelho.

Nigel parecia um dos figurantes de uma revista de moda masculina, modelos que não são bonitos o suficiente para saírem sozinhos na capa, mas que ainda assim merecem uma sessão de fotos. Edwin, por outro lado, parecia a imagem do “antes” nos anúncios do Charles Atlas das revistas de quadrinhos antigas — o sujeito que passa a eternidade levando chutes de areia na cara.

“Mais um original”, disse Edwin, olhando para o último da pilha. “Só falta um. Vou ser rápido com este.” Puxou o tijolo do invólucro. Era imenso, tinha no mínimo duas resmas, mais de mil páginas. Jesus. Tinham matado árvores para que aquilo fosse escrito. A carta de apresentação (e, na verdade, quando Edwin folheou para conferir, o manuscrito inteiro) fora escrita numa velha máquina de escrever por alguém que catava milho, uma coisa tão inusitada que deteve Edwin na metade da carta de recusa. Ele foi olhar o título. Era O que aprendi na montanha escrito por alguém de nome Rajee Tupak Soiree. Salpicados pela página — e Edwin quase soltou uma gargalhada —, havia pequenos adesivos de margaridas (margaridas!) e, embaixo, uma nota à mão que dizia “Seja! Sinta! Saiba!”.

Edwin acabou soltando uma risada alta. “Seja! Sinta! Saiba!” Sua mente já estava preparando uma réplica: “Vá! Se! Foder!”. Pegou a carta de apresentação e começou a ler:

A quem estiver encarregado da pilha de baboseiras, e presumo que seja você, a pessoa que está olhando agora para esta carta, talvez fazendo troça em silêncio da minha alegre divisa, das minhas três palavras de afirmação da vida, sentado no seu escritório, no seu escritório cinzento e deprimente, ou talvez nem seja num escritório, talvez nem seja cinzento e deprimente — talvez você esteja perdido num cubículo, um pequeno compartimento entre compartimentos maiores, tão anônimo e incompleto quanto suas esperanças e sonhos frustrados, aqueles que você mantém trancados no arquivo, os que sussurra para si mesmo tarde da noite, quando ninguém pode ouvir. Ninguém, a não ser Deus. Se Ele existir. E se Ele não existir? Como é que fica? O vazio que se encontra no âmago da nossa vida não desaparece, assim sem resposta, é simplesmente empurrado para um lado, acuado... Ah, mas você já sabia disso, não sabia?

Edwin sentiu um leve aperto no peito. Seu sorriso sumiu e ele foi invadido por um formigamento que lhe deu arrepios. Pela sensação que se tem quando se tem certeza de estar sendo observado por alguém, e por pouco Edwin não fechou as persianas que davam para o corredor e se agachou embaixo da mesa durante algum tempo. Felizmente o seu cubículo não tinha janela, portanto ele não precisava se preocupar com espiões furtivos, com disparos de algum atirador de tocaia ou, pior ainda, com a distração de uma vista.

“Minha receita para a humanidade — chamá-la de “livro” não lhe faz justiça — é o produto de um intenso retiro de sete meses que fiz no alto de uma montanha no Tibete, onde passei dias a fio sentado em profunda meditação, sem comida nem água. Gradualmente os problemas e soluções da humanidade se revelaram interligados aos meus olhos. Agora eu os ofereço a você. Dou-lhe o direito de publicar esta obra importante. O que é que

este meu “livro” fará? Trará a felicidade a todos os que o lerem. Ajudará as pessoas a emagrecer e a parar de fumar. Curará o vício do jogo, o alcoolismo e a dependência de drogas. Ajudará as pessoas a atingir o equilíbrio interior. Mostrará a elas como liberar a energia criativa e intuitiva do lado esquerdo do cérebro, como encontrar poder pessoal, buscar consolação, ganhar dinheiro, gozar a vida e melhorar a vida sexual (por meio da minha reveladora Técnica de Fazer Amor de Li Bok). Os leitores se tornarão mais confiantes, mais independentes, mais atenciosos, mais conectados, mais em paz. Também vão melhorar a postura e a ortografia, e a vida ganhará sentido e finalidade. É tudo o que as pessoas sempre quiseram, tudo o que têm desejado ardentemente. O mundo saberá como ser feliz. [A palavra “feliz” estava sublinhada várias vezes com uma caneta esferográfica e havia outra lufada de margaridinhas na margem inferior da carta.] À pessoa no cubículo pequeno e tristonho, eu ofereço a luz. A verdadeira luz. Cordialmente, Tupak Soiree”.

Prezado mr. Soiree: Bem, esta, certamente, foi original. Não sei de onde o senhor tirou a idéia de que insultar o encarregado dos originais de uma editora conceituada como a Panderic Inc. seria a maneira de proceder, mas, creia-me, não deu certo. (A propósito, eu trabalho numa sala espaçosa, revestida de painéis de carvalho envernizados e com vista para o mar, e não, conforme o senhor tão presunçosamente supôs, num melancólico cubículo cinzento.) Eu ia lhe mandar de volta a coletânea das tolas receitazinhas de bem-estar que o senhor datilografou com um dedo só, mas, vendo que o senhor, evidentemente, é louco de babar, um caso de internação, decidi que vou usar o seu manuscrito para limpar a minha —

É claro que não foi isso que Edwin escreveu. Não. Pegou outra carta-padrão de recusa para, “infelizmente”, informar mr. Soiree de sua decisão e sugerir que ele enviasse o manuscrito — e quaisquer outros que ele pudesse ter — à HarperCollins ou, talvez,

à Random House. “Diga-lhes que foi encaminhado pela Panderic”, rabiscou ao pé da página.

Ainda assim, havia alguma coisa no tom daquela carta de apresentação. Alguma coisa hipnótica e agourenta, semelhante ao medo que se tem quando uma pessoa, na rua, de repente, diz o seu nome bem no momento em que você está passando por ela. Livros ótimos já saíram da pilha de baboseiras, lembrou-se Edwin. Anne of Green Gables* saiu da pilha de baboseiras. Livros perniciosos também. Como, segundo a lenda, Mein Kampf. E aquele nome, aquele nome: Tupak Soiree. Onde é que ele tinha ouvido aquele nome antes?

“Edwin, quer se apressar?” Era May, com um ar muito agitado. “Mr. Mead está esperando! Dei uma escapada com o pretexto diversionista de ir buscar uma pasta. A reunião já começou, trate de ir para lá!”

Edwin girou na cadeira e lhe sorriu. “Uau. Você usou ‘pretexto diversionista’ numa frase.”

“Mexa-se!”, disse ela. “Eu tenho que voltar.” E foi embora.

“Está bem, está bem.” Edwin remexeu o original, procurando o envelope selado e com o endereço do remetente. Mas não achou. Examinou o envelope em que viera o texto, olhou por toda parte em cima da mesa, e até no chão, para ver se não tinha caído. Nada. “Então o senhor não pensou em mandar um envelope selado? Pois, foda-se, mr. Soiree.” A política da companhia era não devolver originais não solicitados que não viessem acompanhados de um envelope selado, mas isso era blefe. Originais sem envelopes selados sempre eram devolvidos. Mas não hoje. Era segunda-feira, a úlcera de Edwin estava lhe dando trabalho, o imbecil do chefe o esperava na sala de reuniões e o original de Tupak Soiree já o aborrecera o suficiente. Edwin enfiou o grosso manuscrito e a carta de apresentação no envelope em que vieram, dobrou a aba e jogou no cesto.

“É o que você merece”, resmungou, pegando o bloco de notas e saindo rápido do cubículo. E foi o fim de Tupak Soiree. Ou assim pensou Edwin.

3.

A reunião já ia bem avançada quando Edwin chegou. Ou seja, todos os biscoitos gostosos tinham acabado. Enquanto ele escolhia entre as possibilidades sem graça que restavam — os de mirtilo e os de banana eram os primeiros a terminar, e sempre sobrava aquela droga de farelo de abóbora e abobrinha que ninguém queria —, o todo-poderoso mr. Mead se virou do retroprojetor e, sorrindo com ar superior, disse, em tom condescendente de professora empertigada: “Edwin. Que bom tê-lo conosco”.

Mr. Mead era um baby boomer no pior sentido da expressão. Estava com cinqüenta e poucos anos, mas insistia em se fazer passar por, bem, moderno. Ou algo assim. Usava jeans no trabalho, mas não permitia que ninguém mais usasse. (Era para mostrar que, embora não fosse “careta”, ainda era “o Dono”, ou coisa parecida.) Estava ficando careca e o seu ralo cabelo grisalho — comentava-se que era tingido, porque o grisalho natural dele não parecia suficientemente natural — era preso num rabo-de-cavalo apertado e minúsculo, “como o pênis de um chihuahua”, na memorável descrição de Edwin. Assim como todo baby boomer que ficou careca, mr. Mead tinha deixado crescer a barba para compensar (ou distrair a atenção — difícil dizer qual). Usava óculos, cuja esquisita armação octogonal pretendia indicar que ele era um homem na vanguarda dos acessórios para os olhos e, por extensão, da política, dos negócios e da vida. Edwin o odiava. Edwin odiava muita gente, mas odiava em especial mr. Veludo-Cotelê-Gravata-e-Será-que-Já-Falei-a-Vocês-sobre-o-Verdadeiro-Espírito-de-Woodstock Mead. Em especial quando mr. Mead chamava a atenção para os maus hábitos profissionais de Edwin, sua impontualidade, juventude e falta de organização. Claro que os hábitos profissionais de Edwin eram maus. Claro que ele não era pontual. Claro que era desorganizado. Mas mr. Mead não precisava frisar essas coisas com um prazer tão implacável.

O nome completo de mr. Mead era Leon Mead, mas todo mundo sabia que na verdade era apenas Leon e que o acento não passava de mera afetação. O sobrenome, porém, sempre pareceu a Edwin o emblema perfeito dos baby boomers, por combinar “me” e “need”, a síntese de toda uma geração.

Enquanto estava mentalmente à deriva, desligado da reunião, ciscando o farelo de abóbora e tentando não cair morto de puro tédio, Edwin teve de repente a enervante sensação de que as pessoas o encaravam, esperando que ele dissesse alguma coisa. Foi como o que ele tinha sentido um pouco antes, lendo a carta de apresentação daquele livro sobre a montanha (o título já estava sumindo da superfície da Lousa Mágica que era a consciência de Edwin). Mas dessa vez não era mero pressentimento.

Quando ergueu os olhos, todos ao redor da mesa de reunião — mr. Mead com um sorriso condescendente, May com um ar de consternação abjeta e Nigel com um sorriso maldoso —, todos o fitavam com intensidade.

“Bem?”, disse mr. Mead. Uma única sílaba, mas, ah, como penetrou fundo na mente de Edwin. Ele começou freneticamente a vasculhar a memória recente, tentando em vão estabelecer alguma relação com o que eles acabavam de falar. O bloco de notas não ajudou: estava cheio de riscos e rabiscos sem sentido e slogans inspiradores, como “chihuahua” e “blablablá”. Olhou para May. Seu rosto estava tão tenso de uma expectativa angustiada que ele achou que ela poderia entrar em trabalho de parto a qualquer momento. Aquilo ia além da gravidez. Estava mais para partos múltiplos, algo como onde-estão-os-analgésicos, alguém-chame-uma-ambulância.

“Sim?”, disse Edwin.

Mr. Mead tinha falado sobre a lacuna inesperada no catálogo de outono. Fazia seis ou sete anos que todo mês de outubro a Panderic publicava um livro de um médico da Geórgia que atendia pelo nome de mr. Ethics: O guia de ética para todos num ano, Uma introdução à ética para o gerente moderno no outro, Como viver uma vida ética neste nosso mundo maluco e confuso no ano seguinte, e assim por diante. (Quanto mais sucesso mr. Ethics

fazia, mais longos se tornavam os títulos e mais ralo o conteúdo dos seus livros. Dizia-se que o último ele ditara à secretária enquanto fazia a barba, de manhã.) A obra mais recente de mr. Ethics, Os sete hábitos de pessoas altamente éticas — e as lições de vida que elas podem ensinar a você já se encontrava no estágio final de edição. Infelizmente, algumas semanas antes mr. Ethics fora pego pela Receita Federal sob a acusação de sonegação fiscal e agora podia cumprir uma pena de oito a dez anos de prisão, mesmo com um acordo para a redução da sentença. Toda a linha de livros de auto-ajuda de mr. Ethics fora suspensa. O que isso tinha a ver com Edwin não estava claro.

“Estamos todos esperando”, disse mr. Mead, com o sorriso ainda ali.

“Esperando, chefe?”

“A sua proposta.”

“Minha proposta?”

“Isso mesmo, a sua proposta. Lembra-se da conversinha que tivemos na semana passada, um pouco antes de eu viajar? Eu perguntei como ia a sua tia. Você disse que ela ia muito bem. Falamos sobre a suspensão do próximo livro de mr. Ethics. Eu disse: ‘Puxa, como é que vamos preencher a lacuna no nosso catálogo?’. E você disse: ‘Não se preocupe, eu tenho uma idéia brilhante para um livro de auto-ajuda para o outono’. E eu disse: ‘Ótimo, vamos ouvir os detalhes quando eu voltar’. E você disse: ‘Claro!’. Você não se lembra de nada disso?”

“Mas eu não tenho tia.”

“Pelo amor de Deus, homem, isto não tem nada a ver com a sua tia! O que é que você tem para nos mostrar?” A expressão de mr. Mead ia ficando mais carrancuda. Era evidente que ele estava perdendo a paciência.

Edwin engoliu em seco, sentiu o sangue palpitar nas têmporas e disse, em voz trêmula: “Bem, eu estou trabalhando numa coisa no momento”.

“No quê?”

“Num, ahn, livro. Um livro muito interessante. É nisso que estou trabalhando. Num livro.”

“Continue”, disse mr. Mead.

Nigel sorria sadicamente. “Sim, continue, por favor. Estamos muito interessados no que você tem a dizer.”

Edwin pigarreou, tentou permanecer calmo e disse: “É um livro sobre como emagrecer”.

“Já há muitos desses”, disse mr. Mead. “Qual é a abordagem?”

“Bom, também ensina os leitores a parar de fumar.”

“Literatura barata de caixa de supermercado. Precisamos de uma brochura de qualidade. Alguma coisa que tenha conteúdo de verdade. Dieta? Cigarro? Eu viajo por quase duas semanas e isso é o melhor que tem a sugerir?”

“Bem, não. O livro também ensina os leitores a melhorar a vida sexual. Uma coisa chamada, ahn, Técnica de Li Pok — ou talvez seja Li Bok. É revolucionária. Muito sexy.”

Mr. Mead franziu o cenho, mas de modo aprovador. “Sexo”, disse. “Bom.” E Edwin, antes que se desse conta, viu-se dominado pelo impulso do momento. Foi pego num circuito de realimentação positiva: quanto mais ele exagerava, mais entusiasmado ficava mr. Mead, mais pensativo o franzir do cenho e mais vigorosos os gestos de aprovação com a cabeça.

“O livro também ensina as pessoas a ganhar dinheiro.”

“Excelente.”

“E a liberar a criatividade. E alcançar equilíbrio interior.”

“Bom, bom. Continue.”

“E como ganhar poder pessoal, autoconfiança e mais compaixão, e também há, ahn, algumas receitas e dicas sobre a bolsa de valores. É tudo o que se poderia querer. Dinheiro. Sexo. Emagrecimento. Felicidade.”

“Ei, gostei”, disse mr. Mead. “É o livro de auto-ajuda definitivo.”

Do outro lado da mesa, o sorriso de Nigel era mais do que maldoso; a cara dele, agora, era o próprio semblante de Lúcifer. Mr. Mead, porém, sorria de satisfação. May parecia perturbadíssima. Edwin tinha a impressão de que ia desmaiar.

“Ótimo”, disse mr. Mead. “Providencie para que esteja na minha mesa quando eu voltar na segunda-feira.” (Mr. Mead estava sempre a caminho de algum lugar, fosse o Simpósio dos Subsídios às Editoras, fosse a Feira do Livro de Frankfurt.) “Ah, e qual é o título do livro?”

“O título?”

“Sim, homem, o título. Qual é?”

“O senhor quer dizer... o título do livro?”

“Não seja tão obtuso. Claro que é o título do livro. Qual é o nome que você vai dar?”

“Chama-se, ahn, O que aprendi na montanha.”

“Montanha? Não entendi. Que montanha?”

“Uma montanha. Uma montanha muito alta. No Nepal. Ou talvez no Tibete. O autor aprendeu muitas coisas nessa montanha. Daí o, ahn, título.”

“O que aprendi na montanha.” Mr. Mead esfregou o queixo. “Não. Não gosto. Não gosto nem um pouco. Não tem vida.”

“Poderíamos expandir o tema no subtítulo. Talvez algo como Sexo melhor. Emagreça. Ganhe dinheiro. Com alguns pontos de exclamação gratuitos para dar ênfase, talvez até...”

“Não, não, tem palavra demais. Título longo não vende no mercado atual. Tem que ser curto, preciso. Talvez uma palavra só, forte. Ou uma alusão a um filme popular. Alguma coisa que indique ao leitor o tipo de ‘Viagem mágica’ que ele está prestes a iniciar. O mágico de Oz, talvez.”

“Ou A invasão dos homens-vagens”, sussurrou Edwin.

“Quanto ao comprimento específico do título”, disse mr. Mead, “na edição do mês passado da Publishers Weekly saiu uma pesquisa sobre títulos de não-ficção. Diz que o comprimento médio do título de um livro é — o que é que a pesquisa dizia, Nigel?”

“Dizia que é de 4,6 palavras.”

“É isso, 4,6. Esse é o número ideal de palavras para um título de não-ficção de sucesso. Portanto, vamos trabalhar dentro desses parâmetros, está bem?”

“É o que é, exatamente, zero vírgula seis de uma palavra, seu imbecil de cabelo grisalho, sem cabeça, fracassado e

decadente?”, disse Edwin.

Mas não foi bem assim que Edwin formulou a pergunta. O que disse na verdade foi: “Vírgula seis, chefe?”.

“Isso mesmo. Isso seria algo como —” Mr. Mead pensou um instante. “Bom, como uma contração. Ou talvez uma preposição: o, a, um. Ou, espere, uma palavra com hífen! Seria 1,6 palavras, vocês não acham?”

Seguiu-se uma longa e sinuosa discussão sobre “um” e “o”, se contavam como palavras inteiras ou só como zero vírgula seis de uma palavra.

“Talvez devêssemos fazer a nossa própria pesquisa aqui na casa”, disse Mr. Mead. “Pegar o número médio de palavras dos nossos títulos dos últimos dez catálogos, dividir por zero vírgula seis e partir daí.”

“Providencio agora mesmo, Mr. Mead”, disse Nigel, rabiscando furiosamente um palavrório vazio no seu bloco de anotações. (Até o fim do dia, Mr. Mead teria esquecido completamente o pedido.)

“Ótimo, ótimo. E não esqueça os prefixos, Nigel. Acho que não podemos excluir os prefixos. Eles poderiam muito bem contar como zero vírgula seis de uma palavra.”

“Vou fazer uma anotação especial sobre isso”, disse Nigel.

“E vamos manter o tamanho total do livro em trezentas e noventa e duas páginas exatas. Essa é a média para os best-sellers no momento. Portanto, faça com que fique exatamente com — quanto foi que eu disse? Trezentas e noventa e duas páginas. Está bem, Edwin?”

Mas, nessa altura, Edwin já tinha se engasgado com aquilo tudo e pendia, sem vida, sobre a mesa.

Mr. Mead virou-se para May. “O que é que você acha? Seja honesta.”

“Não acho que seja algo em que precisemos gastar muito tempo”, disse ela.

“Exatamente. Você tem razão. Estamos apenas desperdiçando energia nesta discussão sobre detalhes.” E depois,

com um aceno de desdém na direção de Edwin: “Nem sei por que ele tocou no assunto. Concentração, Eddie. É isso que falta à sua geração. Concentração. Faz-me lembrar de um analecto de Confúcio, que estava muito em moda quando eu era mais novo. Foi quando estive em Woodstock, ou talvez tenha sido em Selma. Mas, para mim, ressoa até hoje. Claro que é melhor no mandarim original, mas o essencial, se me permitem, era que em toda hierarquia — ah, esperem, talvez seja no Princípio de Peter que eu estou pensando, não em Confúcio.”

“Chefe?” Era May, tentando novamente trazer a conversa de volta à realidade. “Nós íamos examinar as mudanças no catálogo de outono?”

“Ah, sim, o catálogo de outono. Isso mesmo. Bem lembrado, May. Bom que você tenha tocado no assunto. Então, como vocês todos sabem, com a linha de mr. Ethics suspensa por prazo indeterminado, vamos ter que arregaçar as mangas e nos esforçar e blá, blá, blá, blá, blá, pênis de chihuahua.”

Edwin já tinha desligado a tagarelice com a mesma eficácia com que um giro no botão de um rádio pode abafar com estática um pregador fundamentalista. Embora aparentasse calma pelo resto da reunião, tinha o coração invadido pelo pânico. Estava acuado. Ele próprio se encurralara, lacrara todas as saídas, trancara a porta e engolira a chave. Só um homem poderia salvá-lo agora: Tupak Soiree.

“... e foi então que decidi dedicar a vida a algo que tivesse mais significado, algo num plano moral mais elevado.” Mr. Mead estava concluindo alguma história paralela. “E nunca me arrependi. Nunca.”

Por pouco Edwin não se levantou de um salto, para aplaudir entusiasmado e gritar: “Bravo! Bravo!”

A pilha de manuscritos que agora estava na bandeja de saída. “Então me conte. O que aprendi na montanha? De que cartola você tirou isso? Nunca ouvir falar nesse livro e sou eu quem distribui as tarefas. Não vá me dizer que você inventou tudo ali na hora. Por favor, não me diga isso.”

“May, você não entende. Eu estava encurralado.”

“Edwin, temos que ir falar com mr. Mead agora mesmo, neste instante, e explicar que num momento de fraqueza, por causa da fadiga de uma manhã de segunda-feira, você...”

“May, ouça. Eu me safo desta. Lembra de quando me contratou? Lembra da minha primeiríssima tarefa? Editar a linha de livros de auto-ajuda de maior sucesso da Panderic: Caldo de galinha para o seu coração dolorido e carente. E lembra do que você me disse? ‘Não se preocupe, os livros se escrevem quase sozinhos. As pessoas enviam suas historinhas edificantes e os tais autores simplesmente reúnem os vários relatos lacrimosos e põem uma variante inteligente no título. A única coisa que o editor tem que fazer é conferir a pontuação e a ortografia.’ Fácil, lembra? E aí o que foi que aconteceu? Na minha segunda semana cuidando do Caldo de Galinha — minha segunda semana — aparecem os autores, um bronzeado só, muito pesaroso, com ouro brilhando em tudo quanto era acessório. E o que é que eles me dizem? ‘Estamos com um problema.’ Era para o Caldo de Galinha 217: Caldo de galinha para seus pés chatos. O que foi que eles disseram? Disseram: ‘Não dá para fazer. Não temos mais histórias comoventes sobre criancinhas morrendo de câncer nos ossos. Não sobrou nenhum caso edificante. Esgotamos o suprimento’. E o que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz, May?”

“Sabe, eu odeio quando um escritor tenta ganhar tempo com retórica”, disse May.

“Fui correndo bater na sua porta? Desisti? Admiti a derrota? Não. Assimilei a informação e disse: ‘Muito bem, senhores. Há só uma coisa a fazer numa situação dessas: simulem’. Fomos aos arquivos e selecionamos os dois casos menos memoráveis de cada um dos livros Caldo de Galinha 216, reembalamos como uma grande porção de sobras requentadas para a sua alma carente. E você lembra o que aconteceu?”

“Sim. Lembro.”

“Dezessete semanas na lista de best-sellers do Times. Dezessete malditas semanas. Duas semanas mais do que o Águia dos Bálcãs. Dezessete semanas e ninguém, nem um único leitor, nem um único crítico, nem um único livreiro percebeu.

Absolutamente ninguém percebeu que tínhamos apenas reciclado material antigo. Portanto não me diga que eu não vou conseguir. Um livro que promete saúde, felicidade e uma ótima vida sexual? Não é problema. Brincadeira. Eu faço, May. Eu saio desta.”

“Mas, Edwin, você tem só uma semana. Mr. Mead vai querer encontrar um manuscrito à espera dele quando voltar de viagem e você não tem nada para mostrar para ele. Nada.”

“Ah, mas é aí que você se engana. Porque eu sei uma coisa que você não sabe. Eu tenho esse manuscrito!” Edwin saiu de trás da mesa e, com um floreio, mergulhou a mão na cesta de papéis para, triunfantemente, pegar o manuscrito rejeitado.

A cesta estava vazia.

4.

“Merda. Foi a única palavra que Edwin conseguiu evocar, a única palavra que formou na mente, a única a lhe vir à boca, a lhe fazer vibrar o palato. Dois milhões de anos de evolução humana, quinhentos mil anos de linguagem, quatrocentos e cinqüenta anos de inglês moderno. Com todo o rico legado de Shakespeare e Wordsworth à sua disposição, tudo o que Edwin conseguiu articular foi “merda”.

Sua cesta de papéis estava vazia. O grosso manuscrito exalando auto-ajuda e falsas promessas tinha sumido, assim como toda esperança de Edwin de manobrar uma escapatória, depois da hiperbólica promoção de venda que acabara de fazer a mr. Mead.

“Merda”, disse ele.

Como se pode ter imaginado, merda era uma das palavras favoritas de Edwin. Quando mr. Mead, em lugar de um bônus de Natal, distribuiu cupons para sessões de terapia com desconto, Edwin preencheu de maneira previsível a frase “A vida é um campo de “. Parece que a resposta correta era algo na linha de “flores”. Mas, conforme Edwin se apressou a salientar, “flores crescem em merda”, assim, ípso fato, a palavra merda precede “flores” tanto lógica quanto temporalmente. Nesse ponto a terapeuta se queixou de dor de cabeça e encerrou a sessão mais cedo. Agora, diante da cesta de papéis vazia, diante das horríveis implicações que isso sugeria, Edwin valeu-se do padrão.

“Merda”.

“Qual é o problema?”, perguntou May.

“A cesta de papéis está vazia. Enfiei a mão dentro dela e estava vazia, e agora... continua vazia.”

“Sim”, disse May, levantando-se para sair. “Bom, esse foi, com certeza, o truque de mágica menos convincente que eu já vi.”

“Não, você não entendeu. O manuscrito estava aqui. Estava bem aqui.”

E foi quando Edwin o ouviu, um som único, distante, fraco, sob o zunido da fluorescência e as vozes em surdina das múmias encolhidas por trás das paredes dos cubículos: um guincho. Um guincho tênue e queixoso, uma nota leve. Ed conhecia o som, compreendia muito bem o seu significado. Era o som da lata de lixo, a que tinha o pneu frouxo que o deixava maluco e irritadíssimo toda vez que — como é que ele se chamava? Rory! —, toda vez que Rory, o zelador, passava com ela, duas vezes por dia, esvaziando cestas de papéis e varrendo o chão, indolente.

Rory era de fato um homem indolente, e era exatamente essa indolência que ainda poderia ser a salvação de Edwin. Se conseguisse alcançar Rory, se conseguisse recuperar o grosso envelope com o...

Ah, mas nessa altura, Edwin já estava numa disparada enlouquecida.

“Aonde é que você vai?”, gritou May.

“Á caça!”, gritou ele em resposta, correndo através do labirinto de cubículos e trançando caminho por entre as pessoas. “A caça!”

Edwin passou pelo ronco da sala da copiadora, saiu pelo saguão lateral, passou pela sala dos funcionários, correndo por entre fragmentos de mexericos, ondas de perfume e um prolongado tédio editorial. Edwin era um corisco, uma explosão de energia, um dardo de velocidade desesperada, um relâmpago desencadeado. “Mais devagar”, berravam os extras na cena ao ceder a passagem. “Mais devagar!”

Edwin ouvia o guincho cada vez mais forte, à medida que se aproximava de Rory, e então, ao dobrar no fim do corredor, viu... um calcanhar. Era o calcanhar de Rory, bem na hora em que desaparecia num elevador de serviço. E nesse momento, a velocidade competindo com a distância que diminuía criou uma estranha ilusão de óptica: enquanto as portas do elevador se fechavam lentas, Edwin atingiu impulso máximo. Ele voava, seus pés mal tocavam o chão. Tudo o que tinha a fazer era chegar ao elevador, enfiar a mão dramaticamente entre as portas, vê-las recuar e dizer, em voz igualmente dramática, com os punhos nos quadris:

“Dê-me o manuscrito”. Mas não. Num perfeito paradoxo de Zenão de tempo e distância, as lentíssimas portas do elevador se fecharam e Edwin quase deu de cabeça contra elas (as marcas dos seus sapatos derrapando ainda estão lá nas lajotas do piso).

“Merda”, disse Edwin.

Não tinha importância. Embora fosse basicamente um homem de letras e uma autêntica alma literária, Edwin ia ao cinema (muito) e sabia muito bem o que fazer em seguida.

Descer a escada e virar no patamar, descer a escada e virar no patamar... Quando chegou ao oitavo andar, tinha a cabeça girando, os joelhos bambos, e percebeu, com certo desalento, que a vida real não era como os filmes. Nenhuma elipse editorial o salvaria, não haveria uma arremetida escada abaixo, seguida, momentos depois, de uma cena de Ed arremetendo andar térreo afora, bem a tempo de topar com as portas do elevador de serviço se abrindo. Não. Edwin teria que descer correndo cada maldito degrau de cada maldito lance de cada maldita escada. Foi uma leve surpresa. Ele sabia muito bem que os livros mentem, em especial os livros de auto-ajuda, mas de certa forma sempre tinha meio que imaginado que os filmes contavam a verdade. (Nos seus tempos de estudante de literatura inglesa, escapava freqüentemente das aulas para assistir aos filmes de Schwarzenegger, em que não havia temas ocultos a discutir, nenhuma profundidade de motivação do ser humano a ser sondada. O seu favorito era Conan, o bárbaro, ainda que Arnie citasse Nietzsche, o que estragava um pouco a atmosfera.) Se seus amigos literatos soubessem que, em vez de refletir sobre T. S. Eliot e Ezra Pound, ele na verdade passara repetidas matinês vendo Conan, ele teria sido proscrito do grupo. Ou, no mínimo, recebido o equivalente intelectual a uma cabeçada. Ao longo de todos os seus dias de universidade, Edwin levava essa vergonhosa vida dupla: erudita e aristocrática na superfície, grosseira e popularesca no âmago. E agora, numa heróica perseguição a Rory, o zelador, numa sucessão de escadas que parecia interminável, Edwin de Valu encarava uma verdade

perturbadora: os filmes de Conan, o bárbaro, talvez não refletissem integralmente a realidade.

Assim, fez o que qualquer protagonista autêntico faria em tais circunstâncias: desistiu. Saiu cambaleando no sétimo andar — "O sete da sorte", arquejou ele — e surpreendeu uma recepcionista sentada de guarda a uma mesa.

"De onde foi que você veio?", quis saber ela, em tom melindrado, enquanto Edwin coxeava até os elevadores e apertava um botão.

"Do décimo terceiro andar", respondeu ele, débil.

"Não existe décimo terceiro andar."

"Exatamente. Exatamente."

Enquanto o elevador descia lentamente, Edwin ouvia o rangido medieval da corrente e da roldana. Desceu e continuou descendo até os subsolos mais escuros do prédio. Se encontrasse Rory, daria tudo certo, disse Edwin tinha certeza. Sabia que Rory gostava dele. Embora fosse um editor muito respeitado numa editora poderosa, Edwin tomava cuidado para que isso não lhe subisse à cabeça. Sempre fazia aquele esforço extra no sentido de "manter o contato" com o trabalhador. Toda vez que Rory passava pela Panderic Inc. com o carrinho que guinchava, Edwin fazia questão de travar uma conversinha edificante. "E aí, Jimbo!", dizia. "Como é que vão as coisas?" (Pensando bem, talvez o nome fosse Jimbo e não Rory. Não. Rory, definitivamente. Devia haver outro zelador, em algum lugar, chamado Jimbo.) Algumas vezes Edwin fingia que dava um soco no ombro de Rory e dizia: "E então, meu chapa?" ou perguntava sobre o hóquei no gelo. Rory gostava muito de hóquei no gelo. Edwin sabia disso porque certa vez Rory lhe dissera: "Eu gosto muito de hóquei no gelo". Então Edwin dizia: "Como é que vão os Raiders?", e Rory dizia... alguma coisa. Edwin não lembrava. Provavelmente alguma coisa como "os Raiders vão indo bem, cara". Sabe como é, papo sobre esporte. Esse tipo de coisa. Edwin notava que Rory gostava dele.

Assim, quando o elevador atingiu o finzinho da corrente, Edwin estava muito animado. Daria tudo certo. Edwin daria um tapinha no ombro de Rory, perguntaria sobre os Raiders e

de- 5º pois mencionaria, de passagem, que, por acidente, tinha jogado no lixo um pacote muito importante. Rory iria buscá-lo para ele e, a título de agradecimento, Edwin diria: “Vamos tomar uma cerveja uma hora dessas” — coisa que não fariam nunca. Daria tudo certíssimo.

Mas primeiro tinha que achar Rory. Ou talvez Jimbo.

Edwin viu-se vagando de um andar escuro para o outro, como a personagem de uma peça minimalista. Almojarifados levavam a estacionamentos subterrâneos abandonados, e os estacionamentos, por sua vez, levavam de volta a corredores repletos de papéis velhos e saguões vazios. Era tudo úmido, escuro e gotejante, cheio do eco de água pingando. O cheiro de enxofre e monóxido de carbono parecia haver se impregnado nas próprias paredes. Em determinado momento Edwin começou a assobiar.

De maneira muito semelhante ao modo como um rato se safa de um labirinto com tentativas casuais para sair, Edwin acabou descobrindo o Almojarifado da Zeladoria e Tratamento de Detritos nº 3. Já tentara em vão os números 1 e 2, e não parecia haver um 4, portanto...

“E aí, e aí, Rory, meu chapa! Como é que andam as coisas com você?”

Rory, um sujeito desganhado, de meia-idade e traços suaves, virou-se e disse: “Edwin? Da Panderic?”

“Isso mesmo!” Grande sorriso.

“E acertou o meu nome. Geralmente você me chama de Jimbo.”

“É verdade!”, exclamou Edwin, descartando a observação. É que você me lembra um sujeito — um cara que a gente chamava de Jim. Daí o apelido. Loucura minha, sabe como é, brincadeira, bobagem.

“Acho que sei.” Rory estava esvaziando uma pá de lixo num grande saco de pano. “O que é que traz você até as minhas profundezas?”

“Ah, bom. Sabe o que é, por acidente eu joguei no lixo um envelope muito importante, assim grosso, de um cara chamado

Soiree. Você esvaziou o meu cesto de papéis e eu preciso desse pacote, então...”

“Iiiiiih. Acho que já joguei no compressor. Espere um pouco.” Rory foi até um surrado painel de controle, apertou um grande botão vermelho e um ruído que Edwin nem sequer notara cessou de repente. “A gente embala e depois leva para o cais de carregamento, para ser levado embora. Por que você não dá uma olhada lá dentro? Enquanto isso eu olho numas latas que ainda não foram esvaziadas.”

“Lá dentro?”

Edwin revirou o lixo por mais de vinte minutos, na profunda confiança de que Rory não ligaria o compressor enquanto ele estivesse lá dentro. Não teve jeito. Quando enfim se arrastou para fora do contêiner, estava coberto de restos úmidos de pó de café e cascas de ovos.

“isso deve ser da cafeteria”, disse Rory. “Segundo andar. Você podia tentar o contêiner de lixo maior, lá atrás.”

Edwin tomou fôlego novamente e mergulhou mais uma vez. Mas agora, em vez de lixo úmido e pó de café, foi a Morte por Mil Cortes de Papel. Era lixo da Panderic, definitivamente: resmas de papel e pilhas de recipientes de tinta vazios que lhe mancharam os dedos de azul. Estava tudo encharcado com o fluido de fotocopiadoras (um cheiro que não era desagradável, mas que talvez tivesse um efeito tóxico cumulativo, concluiu Edwin).

“Mas será possível que vocês não separam o lixo aqui? Não reciclam?”

“Acho que sim”, disse Rory.

Depois de examinar o lixo matinal da Panderic, envelope por envelope, manuscrito por manuscrito, afundado até os joelhos em palavras e tinta, Edwin admitiu a derrota.

“Eu olhei todos os pacotes lá dentro”, disse. “Nada. Nada, nada, nada.”

“E esse pacote que você está procurando é importante, não é?”

“É.”

“Muito importante?”

“É, é”, respondeu Edwin, impaciente. “Importantíssimo. Achei que isso já tivesse ficado claro. Eu tenho que achar, Rory. Toda a minha carreira depende dele.”

“Não sei se posso ajudar. Saio daqui à uma hora, mais ou menos. Estou no turno da manhã. Talvez o Dave ou o Marty possam dar uma mão. Eles começam ao meio-dia.”

“Droga! Eu não posso esperar até o meio-dia.”

E aí, de repente, baixinho, Rory disse: “Espere aí. Esse seu pacote era bem grosso, não era? Tinha adesivos de margaridas na primeira página?”

“Isso!” Os olhos de Edwin se iluminaram. “Margaridas! Onde é que ele está?”

“Já era. Estava na primeira lata, e sobrou espaço no carregamento da manhã, então eu despachei com a primeira remessa.”

“Ou seja?”

“Já deve estar na barcaça.”

Edwin sentiu que a vida se lhe esvaía em espirais. “Na barcaça? Na barcaça? Que barcaça?” Definitivamente do rio do inferno. E era.

A barcaça do lixo. Sai todo dia, mais ou menos...” Rory deu uma olhada no relógio de pulso “... a esta hora.”

E foi por isso que Edwin Vincent de Valu se viu na ilha Belfry, por entre montanhas de lixo, engatinhando em cima de amontoados desordenados de sacos de lixo, cambaleando por entre avalanches de plástico, procurando em vão um saco de papéis específico numa vasta paisagem de papéis velhos. Buldôzers empurravam pilhas fumegantes de lixo para dentro de valas profundas, achatando e rearrajando aqueles montes em contínua transformação. Gaivotas bicavam, guinchavam e rodopiavam no céu, enquanto o sol erguia véus tremeluzentes de calor e umidade. O mau cheiro era quase transcendental.

Edwin, com um mau humor indescritível, estava coberto de pedaços de cascas de ovos, pó de café, tinta de impressoras e agora isto: cocô de gaivota. Pingos de fezes brancas como iogurte.

“Bem quando eu achava que a minha vida não poderia piorar. Bem quando eu achava que não seria possível eu afundar mais ainda...”

Ligou para May de um telefone público no cais, entre a trompa de rebocadores e os guinchos e gritos constantes das gaivotas.

“Estou no monturo municipal”, disse.

“Pelo amor de Deus, volte para cá. Mr. Mead passou a tarde procurando você. Disse que queria conversar sobre aquele seu conceito ‘esplêndido’ para um título de outono.”

“Diga a ele que eu telefonei dizendo que estou doente. Peste bubônica. Excremento de gaivotas. Espírito alquebrado. Qualquer coisa. Tanto faz.”

“Edwin, eu não posso continuar acobertando você desse jeito.”

“Eu sei, eu sei.” De repente se sentiu exausto, uma exaustão que não havia como exprimir em palavras. Pela manhã, era feliz. Irritado, amargo e vergando sob o peso da vida, mas, tirando isso, feliz, de um modo geral. Estava numa trilha batida ou, no mínimo, numa rotina muito confortável. Sua vida, com todos os poréns, se encaixava. Mas desde aquela manhã, desde auê aquele manuscrito pousara sobre a sua mesa, era como se tudo tivesse começado a desfiar. A beira do cais e as águas profundas acenavam convidativas...

“Edwin? Você ainda está aí?”

“Hum?”

“Tudo bem com você?”

“Acho que agora eu vou para casa.” Sua voz soou desanimada e distante. “Diga a mr. Mead que ela vai bem.”

“Ela quem?”

“Minha tia. Está ótima. Teve só uma gripe leve.”

5.

Edwin morava no bulevar Upper South Central, numa seqüência de casas geminadas, de arenito pardo, construídas ao longo de um gramado mirrado e uma fileira irregular de árvores tumorosas, cheias de esquilos raquíticos e passarinhos catarrentos de raça indefinível. E mesmo assim, mesmo aqui, Edwin vivia acima de suas posses. Somando rendimentos, Edwin e a mulher mal conseguiam pagar as prestações do financiamento, mal-e-mal conseguiam continuar nesse endereço no bulevar Upper South Central — um endereço que era ao mesmo tempo elegante e elegíaco.

O Grande Boom da Potassa, que ajudara a construir na Avenida Grand os bonitos prédios eduardianos, também ajudara a criar o bairro de Ed: uma sucessão de solares majestosos, agora subdivididos em várias casas. Era como morar num castelo muito tempo depois de o castelão ter morrido.

Edwin tinha tomado um táxi no cais até a estação de metrô mais próxima, tinha pegado a linha Grey na direção norte até a rua 47, e trocado primeiro para o LRT, depois para o CTR e ABC e o XYZ. Sua vida era uma sopa diária de baldeações entre casa e o trabalho, um alfabeto de repetição. às vezes ele pensava em escapar, flutuar para além das palavras, para além da cidade para o imaginário país dos sonhos. Para algum lugar que ficasse além da consciência e do fardo que ela inevitavelmente acarreta.

O arenito pardo de Edwin se distinguiu do resto do quarteirão apenas por duas coisas: o número (668, “o vizinho da besta” como ele gostava de dizer) e as venezianas amarelo-sol da janela da frente.

Jenni — a mulher de Edwin, mais jovem, mais inteligente, mais elegante — trabalhava como consultora on-line de uma corretora de valores localizada fora da cidade e passava a maior parte do tempo no quarto de hóspedes (agora um equipadíssimo escritório virtual), transferindo pacotes de informação eletrônica de

um lado para o outro. Edwin e a mulher passavam o tempo submersos em palavras, mas a diferença era ao mesmo tempo profunda e sutil. Edwin lidava com papel, com o preto no branco, onde as letras eram como furos abertos na superfície, revelando a escuridão do outro lado. Essas eram as palavras em que Edwin patinhava todos os dias. As palavras de Jenni eram verde-luminescentes. Brilhavam com um fulgor lúgubre, como informações numa tela de radar; emitiam luz; tremulavam e rolavam na superfície do monitor, deslizavam por linhas telefônicas, filtravam-se para dentro de sistemas de computador, viviam dentro de cabos de fibra óptica. “Sabe, você pode mudar as configurações”, dissera Edwin certa vez. “Não precisa ter letras verde-lu-minescentes; elas podem ser pretas sobre fundo branco, se você quiser.” Mas Jenni apenas sorria e retrucara: “Gosto que minhas palavras brilhem”.

Jenni trabalhava em casa, o que significa que tinha muito tempo livre. Daí a caixa para o gato, mr. Muggins, fazer as suas necessidades estar sempre limpa. Daí o desodorizador de ambiente trocado regularmente no lavabo do hall de entrada (que eles nunca usavam, reservado para o cocô das visitas). Daí as bugigangas, daí os hobbies, daí as intermináveis dietas da moda e as sessões de terapia com metavitamíνας. A metade dos charlatões da região era financiada pelas generosas doações da mulher de Edwin.

Jenni acreditava. Em quê, não tinha importância; só importava o fato de que acreditava. Via finalidade cósmica no acaso; via portentos de uma causa maior em coincidências do cotidiano. Quando iam jantar num restaurante chinês, deixava a mão pairar acima dos biscoitinhos da sorte, captando vibrações, sentindo o fluxo do universo a orientar-lhe a escolha. “Mas são só biscoitos!”, Edwin tinha vontade de berrar. “São produzidos em massa numa fábrica em Newark. Vêm embrulhados em plástico, pelo amor de Deus!” Mas nunca berrava. Bem no fundo, mas bem no fundo mesmo, tinha medo de Jenni. Ela enganava a todo mundo, mas a ele nunca enganara completamente. Ele sabia que dentro dela se ocultava uma lâmina de aço finíssima. Ela era uma maçã coberta de açúcar cristalizado, do tipo de que a gente ouve falar em lendas

urbanas e em histórias de dia das bruxas — o tipo que esconde uma lâmina de barbear no seu interior. E Edwin sabia que era só uma questão de tempo para que ele mordesse a lâmina.

E agora ali estava ele, novamente em casa. Ultrapassados os quatro degraus, chave enfiada na porta, ombros derreados, Edwin parecia uma versão mais jovem e menos nobre de Willy Loman. (Em geral Loman não entrava normalmente no palco adornado com cocô de aves e cascas de ovos. Pelo menos, não na versão da peça que Edwin e Jenni tinham visto. “Esse sou eu”, dissera Edwin depois. “Eu daqui a vinte anos.” “Não seja bobo”, replicara a mulher. “Esse ator é muito mais baixo do que você.”).

Edwin tirou o sobretudo. Tirou a gravata. Olhou-se no espelho do corredor de entrada, o rosto macilenta, os olhos dois buracos abertos como brasas em linóleo barato. “Eu devia mesmo era ser escritor”, pensou. “Tenho jeito para comparações.”

Estava tão concentrado em suas feições abatidas, tão fascinado numa inversão de narcisismo, que por pouco não viu o quadrado de papel amarelo preso no canto inferior do espelho. Era um post-it e dizia: “Ânimo! Você está melhor do que imagina”.

Que po...

“Olá, meu bem! Chegou mais cedo!” A esposa atravessou o saguão aos pulos, vindo da cozinha e voltando para a sala, um lampejo de lycra púrpura e rosa. Ao fundo, baixinho, ouvia-se uma toada mesmerizadora: “E um e dois e três. Vamos queimar isso, vamos queimar isso”.

O gato deles — o gato de Jenni —, ronronando e contorcendo o rabo, veio esfregar-se contra as canelas de Edwin, intrigado com o cheiro de peixe e comida podre ainda agarrado às bainhas da calça. “Você não aprende mesmo, hein?”, disse Edwin, dando um pontapé no gato, que soltou um guincho e desapareceu, disparando por entre os móveis numa única ondulação fluida.

Avançando pelo corredor, Edwin foi vendo mais e mais quadrados de papel amarelo, um desfile de mensagens motivadoras. “Lembre: você é tão bom quanto diz que é! Melhor até!” “Saber viver é o primeiro passo para saber amar.” “Sim, você pode! Sim, você vai conseguir!”.

Que po...

Agarrou um pedaço de papel, onde, numa letra jovial, estava escrito: "Você se lembrou de se abraçar hoje?"

Hun!^, chamou, entrando na sala. (Ela sempre supôs que esse apelido que ele lhe deu fosse uma abreviação de "honey". Não era. "Hun, por que é que — "Eu pareço gorda?" Ela estava no meio de uma série de flexões dos joelhos e tinha feito uma pausa para olhar para ele. Seu cabelo, castanho reluzente e preso numa faixa, continuou balançando muito depois de ela haver parado. Claro que ela não estava gorda. Jenni era enxuta. Em forma. Precisava fazer um esforço para achar celulite suficiente com que se preocupar, o que não a tornava especialmente popular entre as amigas.

"Eu estou tão gorda." Algumas pessoas estão sempre lançando a rede para pescar elogios. Jenni não lançava rede: despachava frotas inteiras de traineiras para varrer o fundo do oceano.

Você não vai perguntar por que eu estou cheirando a lixo e com cocô de gaivota na cabeça? Não quer saber por que cheguei cedo em casa? Nem como foi que eu consegui afundar sozinho a minha carreira na Panderic?

"Você não está gorda", disse Edwin pela tricentésima trigésima quarta vez desde que tinham se casado. "Você não está gorda."

"E de xadrez? Acha que eu pareço gorda quando uso xadrez?"

"Xadrez?"

"Isso, xadrez. Seja honesto. O que é que você acha, de verdade, sobre xadrez?"

"O que é que eu acho? O que é que eu acho? Eu não estou nem aí, é isso o que eu acho. Você arruinou a minha vida. Eu nunca devia ter me casado com você, essa pessoa horrível que você é." Mas é claro que não foi isso o que ele disse. Edwin tinha medo de Jenni, e disse: "Você fica ótima de xadrez".

"Verdade? Você não está dizendo só por dizer, está? Porque hoje estou me sentindo gorda. Não sei por quê, mas estou.

Tem certeza de que não engordei?”

Edwin suspirou. “Uma escritora chamada Betty Jane Wylie disse certa vez que muitas pessoas acham que a vida estaria completa se elas conseguissem emagrecer somente cinco quilos.”

“E é verdade.”

“O que é verdade?”, perguntou Edwin, com mais irritação do que pretendia. “A sua sintaxe foi imprecisa. Você quer dizer que muitas pessoas pensam mesmo assim ou que isso é de fato verdade? Que a vida delas seria completa se elas conseguissem emagrecer somente cinco quilos.”

“Não sei. As duas coisas acho. Ei, olhe, post-its!” Ela pegou um bloquinho e ergueu-o.

“E, eu ia perguntar o que...”

“Swirl”, disse ela, como se isso explicasse tudo. Claro, a edição daquele mês da revista Swirl tinha chegado e estava orgulhosamente exposta sobre a mesinha de centro. E, claro, um dos artigos de capa era “Vivendo melhor com post-its!”. “A gente escreve princípios para se motivar e depois espalha pela casa, como lembretes.”

“Lembretes?”

“Para ser feliz! Tome, quer experimentar?”

Ela lhe deu o bloco e uma caneta, mas ele só conseguiu pensar em coisas como “Tente atravessar o dia sem matar alguém”, o que não devia ser exatamente o que Jenni tinha em mente.

Edwin saiu vagando pelos corredores de sua casa como um estranho na vida de outra pessoa. Com frequência, sentado em silêncio e sozinho na sala, olhava ao redor e tentava encontrar alguma coisa — qualquer coisa — que pudesse ser identificada com ele. Toda a decoração cheirava a Jenni, das cores ensolaradas e dos motivos de flores silvestres ao lustroso e intacto piano de armário num canto. Não havia nada de Edwin na sala. Ele era apenas um inquilino.

Havia post-its amarelos por toda parte: na cozinha, na sala de jantar, até, evidentemente, no banheiro. Estavam no abajur (“Consumo de energia! Pense no planeta, grande e azul!”), acima da máquina de lavar louça (“Pratos limpos! Mente limpa!”) e

na porta da geladeira (“Mais saúde e um corpo mais bonito” — e não era reveladora a escolha de palavras que Jenni fizera? Não “um corpo bonito”, mas “um corpo mais bonito”). Edwin abriu a porta da geladeira e enfiou a mão para pegar uma lata de cerveja. Na lata — em cada lata — havia um lembretezinho de Jenni: “Tem certeza de que precisa desta cerveja? Tem certeza mesmo? Parece que alguém tem bebido muito ultimamente”.

Com uma profunda sensação de alívio, Edwin sabia, enfim, a resposta a uma das perguntas de Jenni nos post-its. Ele tinha mesmo certeza de que precisava de uma cerveja? “Certeza absoluta.” Puxou a argola e esvaziou a lata, goela abaixo. “Estou deprimido”, disse consigo, melancólico.

Ele já fora do tipo que toma licor sueco e conhaque cor de mogno, alguém que se demorava nas nuances, sorvia e massageava a língua com elas. Mas depois de ingressar no turbulento mundo editorial, depois de decidir arrumar “um emprego”, entendeu que tinha que endurecer, firmar-se mais na realidade cotidiana. Assim, tomou a decisão consciente e, para ele, corajosa, de só beber cerveja nacional. Direto da lata. Da maneira como os americanos de verdade bebiam. (Embora, verdade seja dita, gostasse de cerveja. Preferia cerveja a conhaque ou a schnapps de hortelã. E de toda forma, aquela não era uma cerveja qualquer. Nada disso. Era “autêntica cerveja de barril, filtrada a frio e envelhecida em tonéis de faia”. Não que Edwin soubesse o que isso significava. Não que alguém soubesse o que isso significava.)

Jenni entrou de supetão, na cozinha, no momento em que Edwin terminava a cerveja. “E o seu dia?”, perguntou ela. “Como foi?”

“O meu dia? Vejamos...” Abriu outra lata. “Fiz promessas imprudentes que não pude cumprir, vasculhei o lixo, levei cagadas de ratazanas emplumadas e voadoras e — ah, sim — destruí a minha carreira na Panderic.”

“O quê, de novo?” Era a terceira vez naquele mês que Edwin destruí a carreira na Panderic.

“Mas desta vez foi para valer. Vamos ter que vender a casa pelo preço que quiserem pagar, morar em caixotes de papelão,

viver de queijo frio e restos de pizza jogados no lixo, empurrar os nossos pertences em carrinhos de supermercado. Esse tipo de coisa." Ele engoliu em seco e fez uma careta. "E como foi o seu dia?"

"Ótimo! Escrevi os post-its."

Edwin virou a segunda lata de cerveja com tanta rapidez que ela quase espumou no nariz dele. "Ah, é. Post-its." Encostou a lata fria na têmpora, pensou em fugir.

"Meu bem", disse ela. "Você tem bebido muita cerveja ultimamente, e eu estou começando a ficar preocupada. Olha, uma amiga de uma amiga minha conhece um hipnotizador no Village que..."

"Hun, ouça. Eu estou ótimo. A minha carreira está em ruínas. Estou prestes a ser despedido. Devo ter contraído uns quinze tipos de doenças infecciosas. Mas, tirando isso, está tudo uma maravilha. A minha vida é uma sucessão de limerícks e alegres canções para pular corda. Está tudo ótimo. A cerveja está ótima. Eu estou ótimo. Estamos todos ótimos. E de toda forma, Hun, ninguém vira um completo degenerado bebendo só cerveja. Pode acreditar em mim, a gente tem que mudar para coisas mais fortes. Se você me vir tomando Lonesome Charlie ou Southern Comfort, direto de uma garrafa enfiada num saco de papel, então você poderá se preocupar. Mas só então."

"Está bem. Se você insiste, mas..." e pregou um post-it no peito dele, com mais força do que era realmente necessário. Dizia: "Alguém precisa de um abraço".

"Vem cá", disse ele, puxando-a para os seus braços. "Huuuum. Por que é que você está cheirando tão mal?" "É uma longa história. Uma história longuíssima."

6.

Naquela noite Edwin sonhou com margaridas. Um campo interminável de margaridas, estendendo-se até o horizonte. Mas não eram margaridas de verdade, eram margaridas do tipo “raspe e cheire”, na forma de post-its, que uma voz alta e risonha tinha espalhado em abundância. Quando se inclinou para cheirá-las, Edwin acordou, com ânsia de vômito.

“As margaridas”, disse. Havia alguma coisa com as margaridas. Alguma coisa importante. Alguma coisa que ele estava esquecendo.

Permaneceu acordado, ouvindo os roncos suaves e angelicais de Jenni (até os roncos dela eram cativantes — mais para um ronronar do que para um guincho de gaivota), e depois, incapaz de retomar o sono, levantou e arrastou-se, nu, até a cozinha, chutando o gato para longe do caminho ao passar por ele. (Para dizer a verdade, o gato não estava realmente no caminho, Edwin teve que fazer um ligeiro desvio para chegar a mr. Muggins.).

Mais cedo, depois de Edwin tomar um banho e fazer a barba, Jenni o convidara para (a) fazer amor; (b) fazer sexo; ou (c) ter relações conjugais. Como sempre, fora previsível, sem inspiração e levemente decepcionante. O que equivale a dizer que a resposta correta foi (c). Em determinado ponto dos procedimentos, no auge da paixão morna (casais casados podem muito bem fazer amor sem nem sequer prestar atenção), com o rosto enfiado entre as pernas dela, ele encontrou, preso do lado de dentro das coxas, um post-it que dizia: “Lembre, círculos pequenos e não muita pressão direta!”.

Que diabo é isso? Aulas de sexo oral?

Assim, lá se viu ele, fazendo pequenos círculos com a língua, cuidadosamente evitando pressão direta, pensando em algum outro lugar... em alguma outra pessoa.

E agora, com as nádegas nuas grudando na cadeira da cozinha por causa do resíduo de radiação do amor e suor, Edwin folheava a pilha de Swírls de Jenni. Sem prestar atenção, apenas um

tanto admirado com o interminável suprimento de “conselhos” e “dicas”, de repente foi invadido por uma onda de energia e exclamou: “Ei, espere aí! Eu posso fazer isto. Isto é pura enrolação”. Folheou mais revistas, com rapidez e entusiasmo cada vez maiores. Aparentemente os questionários eram obrigatórios (“Quão sexy você é?”, “Você casou com o homem certo?”, “O homem errado?”, “Você leva questionários de revistas a sério demais? Responda mais este da Swirl e descubra!”). Havia vários artigos úteis sobre “como deixar os homens loucos”, um sobre “como se tornar irresistível para os homens”, outro sobre como “você não precisa de um homem para ser feliz”. As revistas eram obcecadas por homens e os motivos pelos quais as mulheres não precisam deles.

Edwin ficou animadíssimo com o baixo nível do texto, as idéias ralas, o estilo primário do lero. “Ah! Isto é fácil. Praticamente se escreve por si. Tupak Soiree que vá para o inferno. Eu vou escrever o meu livro de auto-ajuda.”

Pegou uma pilha de revistas, um caderno e um punhado de lápis. Sentiu-se cheio de determinação. Eram duas da manhã as ruas dormiam e Edwin sentia-se bem. Esticou os braços, estalou os nós dos dedos e se dispôs a enfrentar a tarefa.

“Muito bem. Aqui vamos nós. Sejam lógicos, Edwin. Normalmente um romance tem noventa mil palavras, ou mais. Mas, para auto-ajuda, sessenta mil bastam. Dá até para ficar com cinqüenta mil, aumentando as margens, o espaçamento, usando um tipo maior.” Os livros de mr. Ethics, por exemplo, tinham ficado mais finos a cada ano. No último, a Panderic fora obrigada a ampliar as margens a tal ponto que quase havia mais espaço em branco do que texto (“Simples e ousado”, era como o pessoal de vendas descrevia o layout para os livreiros.) E funcionava. O público em geral nunca perde o interesse pelo fato de ter que ler menos. As pontes de Madison e O caderno de Noah eram uma prova permanente disso. O mesmo princípio se aplicava à auto-ajuda: prometer o máximo, exigindo o mínimo dos leitores. Era quase axiomático no setor.

“Bom”, disse Edwin. “O que foi que eu prometi? Parar de fumar, emagrecer, sexo melhor, felicidade, significado, finalidade...” Escreveu uma lista dos muitos tópicos mencionados na

reunião. Eram vinte e quatro. Perfeito. Dava um capítulo por insight (embora a introdução talvez pudesse abranger “felicidade”). “Vamos passar a felicidade para a introdução e dividir o resto. Dá vinte e três capítulos, a sessenta mil palavras, o que dá — vejamos — umas duas mil e seiscentas palavras por capítulo. Tudo bem.” (Se não fosse capaz de produzir duas mil e seiscentas palavras sobre “como atingir o equilíbrio interior” ou “como descobrir o objetivo da sua vida”, não mereceria ser chamado de um editor profissional.).

“Vamos começar com o mais simples: deixar de fumar.” Quão difícil podia ser isso? Edwin tinha parado de fumar no mínimo doze vezes. Escreveu o título do capítulo no alto da página e sublinhou com força: “Como parar de fumar: primeiro passo”. Encostou-se na cadeira. Ruminou um pouco. Pensativo, coçou o saco por um momento. Cheirou as pontas dos dedos. Tamborilou com o lápis na mesa. Pensou mais um pouco, mascou a ponta da borracha, e depois riscou “Como parar de fumar” e escreveu acima “Como emagrecer com facilidade: um avanço moderno e miraculoso!”. Perda de peso era um começo melhor. Mais tarde cuidaria do cigarro. Dieta era mais fácil. Afinal de contas, durante o casamento com Jenni tivera cadeira permanente na primeira fila para assistir ao desfile de, no mínimo, doze regimes pouco confiáveis. Se ao menos tivesse prestado mais atenção...

Após mais alguns momentos infrutíferos franzindo a testa, coçando e cheirando o dedo, Edwin resolveu “ajudar”, por assim dizer, o processo de escrever.

“E muito difícil distinguir plágio de paráfrase”, lembrou-se. “E ninguém pode registrar direitos autorais de uma idéia.” Esses eram os dois primeiros mandamentos da Escola Derivativa de Publicação de Livros, e Edwin começou a abrir as revistas de Jenni ao acaso, à procura de indicadores para roubar. Ou melhor, “reembalar”. Depois de umas dez incursões, estava mais confuso do que outra coisa. Colesterol parecia um fator importante em muitos dos artigos, mas Edwin não sabia exatamente o que era colesterol. Calcular a relação adequada entre peso e altura também parecia importante, mas Edwin nunca tinha sido muito bom em matemática. (Foi por isso, aliás, que se especializou em inglês. Não havia fatos

em literatura inglesa, só interpretações.) Não. A informação concreta e saturada de números teria que esperar. Edwin começaria com algo mais abstrato. Algo mais efêmero, menos nítido, em que poderia usar melhor os seus verdadeiros talentos.

Ahá! Um artigo de capa numa das edições mais antigas de Swirl intitulava-se "Motivação: a chave para emagrecer". Perfeito. Motivação era um conceito vago e abstrato o suficiente para que Edwin pudesse tecer considerações a respeito, sem medo de ser solicitado a fornecer evidência empírica. Era exatamente como estar de volta ao curso de literatura inglesa.

"Muito bem, aqui vamos nós. Ao trabalho. 'Perder peso: primeiro passo.'" E, com um floreio, escreveu: "A chave é a motivação. Se você tiver motivação para perder peso, será essa a chave. Há até quem diga que, no que diz respeito a chaves para emagrecer, a motivação é uma das mais importantes, se não a mais importante. Mas como é que nos motivamos?" Edwin parou um instante, olhou para o teto. Franziu a testa um pouco mais. "Muito boa pergunta", escreveu. "Na verdade, muita gente acha que essa pergunta é a chave mais importante que existe (em relação à motivação)." Aí, num surto repentino de inspiração, tão ofuscantemente brilhante que ele quase riu alto quando lhe veio, escreveu: "Post-its! Post-its são um modo ótimo de criar a motivação necessária. Por exemplo, você pode deixar mensagens motivadoras na porta da geladeira. Mensagens como: 'Não coma tanto, sua orca, a baleia porca'".

Edwin parou. Releu a última sentença e, percebendo que o sentimento ali expresso poderia ser interpretado como pouco sensível, riscou a palavra "porca".

Nesse ponto, levantou-se, espreguiçou-se e pensou brevemente em fazer um bule de café. Mas tudo o que eles tinham era uma máquina de latte pressurizado a vapor que acordaria Hun e a metade da vizinhança. Então, fez uma contagem rápida do que escrevera até ali. Cerca de quatrocentas e cinco palavras. Incluiu "porca" de novo: quatrocentas e seis. Fez um cálculo por escrito: sessenta mil palavras menos quatrocentas e seis. Faltavam cinqüenta e nove mil, quinhentas e noventa e quatro. Mr. Mead

voltaria dali a sete dias. Portanto, até lá, Edwin teria que produzir umas oito mil e quinhentas palavras por dia. Fez os cálculos três vezes, a cada vez chegou a um total diferente, então tirou a média. Fosse qual fosse o malabarismo que fizesse com os números, a perspectiva era sombria. Até agora ele precisara — deu uma olhada no relógio da cozinha — de mais de duas horas para escrever quatrocentas e seis palavras. O que significava que estava escrevendo a uma velocidade de duzentas e três palavras por hora, portanto — e fez a conta num bloco — teria que passar a próxima semana escrevendo quarenta e duas horas por dia, todos os dias, o que, graças à teoria da relatividade de Einstein, era cientificamente impossível.

Afastou o bloco de papel e pousou o lápis delicadamente.

“Estou ferrado”, disse.

“O preparador de texto enlouqueceu”, disse May.

7.

Estavam sentados no O'Malley's, na rua Donovan, entre madeira e latão polidos, sorvendo cerveja preta e uma atmosfera irlandesa artificial. Edwin não tinha ido ao escritório. Telefonara, dizendo que estava "trabalhando em casa hoje", mas era mentira. Trabalhar em casa significaria passar o dia com Jenni, o que, na lista que Edwin mantinha de Coisas que Tendo Evitar, uma lista continuamente revista e sempre em expansão, se classificaria logo abaixo de passar o dia na cadeira de um dentista que estivesse com soluço. Em vez disso, fizera uma extensa ronda de bares, começando pelo O'Callaghan, passando para o O'Toole, depois para o O'Reilly e enfim para o O'Feldman, antes de acabar aqui, no — onde é que eles estavam, mesmo? — no O'Malley's. Na rua Donovan. Edwin tinha ligado para May, meio bêbado, implorando que ela viesse encontrá-lo. "Venha tomar um drinque com um cadáver", disse, arrastando as palavras. "Venha fazer companhia a um morto."

"Puxa", disse May, seca. "Como uma garota poderia resistir a um convite desses?" Mas foi mesmo assim.

Edwin saudou-a como a um general de regresso. "May! May! Aqui!" Estava amarrotado, mas barbeado, e May interpretou isso como um bom presságio. Ainda não tinha afundado tanto, ainda não tinha atingido o nível de completa caricatura. Ainda não. Mas ela notou que ele estava fumando de novo. E não apenas fumando, mas fumando furiosamente. Estava envolto numa névoa azul e o cinzeiro à sua frente estava cheio de pontas de suicídio lento, ainda fumegante.

Então, sentaram-se e beberam, e Edwin fumou e May contou alguns casos, e Edwin fez um sinal com a mão, pedindo mais cerveja, e riu um pouquinho demais das piadas de May.

"Eu entendo que preparador de texto é pago para ter retenção anal, para ser minucioso, niquento", disse ela. "Tem que ser. Tem que conferir gramática, pontuação e uso do idioma. Mas esse sujeito passou das medidas. Passou mesmo. Ele assinalou a

frase 'manuscrito escrito à mão', disse que era redundância, que a raiz em latim é manus, que significa 'mão'."

"Ah!", fez Edwin. "Latim! E pluribus unum. Carpe diem. Dum spiro, spero. Preparadores de texto, ah! Todos malucos. Malucos, estou te dizendo!"

Era verdade. A única coisa pior do que um preparador de texto com ouvidos moucos e uma vara enfiada no rabo (falando de redundâncias) eram os advogados que a Panderic contratava para examinar os livros, página por página, linha por linha, e sugar a vida deles todos, um a um. Certa vez, um advogado cujo problema de retenção anal era particularmente grave — e isso é verdade — assinalou a frase "os políticos de hoje usam e abusam de viagens", observando que isso "sugere uso de drogas".

"Usam e abusam de viagens!", vociferou Edwin. "Lembra dessa, May? Lembra do, qual era o nome dele? O escritor. Qual era o nome?"

"Berenson."

"Isso, Berenson. Ficou furioso quando viu que tinham assinalado 'usam e abusam de viagens'. Lembra dele, invadindo o nosso escritório, derrubando cadeiras, ameaçando matar o advogado e quem aparecesse pela frente — o que foi que ele disse?"

"Qualquer pessoa que Violasse a santidade da prosa dele'."

"Isso mesmo. Santidade. Ah!"

May inclinou-se para a frente, para mais perto dele. "Ouça Edwin. O que você está fazendo não é bom. Eu sei que você está sob muita pressão, mas..."

"Eu prometi um livro e depois o joguei no lixo. Ou talvez tenha sido ao contrário. Não interessa. E não um livro qualquer, mas o melhor livro de auto-ajuda da história do universo. Um livro que caiu do céu."

"Então a gente diz a mr. Mead que o negócio furou. Dizemos que o autor pediu um adiantamento absurdo, ou começou a fazer um montão de exigências, ou que tivemos um desentendimento, ele pegou o manuscrito e levou para a Random House — você sabe como mr. Mead é paranóico em relação à

Random House, sempre achando que eles estão querendo nos pegar. Se a Random House negar que roubou o nosso autor, isso só vai confirmar as suspeitas mais profundas dele. E você se safá, Edwin. E lembre-se, é só um livro.”

“Não, não. Não é só o livro. É tudo. Outro estrago, outro... Não sei.” De cabeça baixa, murmurou alguma coisa para o próprio peito. Mas ergueu o rosto, focalizou a vista em May e disse, de repente e com uma ternura tão sincera que quase partiu o coração dela: “Meu Deus, como você é bonita”.

“Pare com isso.

“É verdade.”

“Pare com isso já.”

“É, sim. Você é muito, muito bonita.”

“E você”, disse ela, cortante, “está muito, muito bêbado. Vamos. Vou levar você para casa.”

“A minha mulher”, disse ele, pendendo o corpo para um lado e respirando no pescoço de May, “a minha mulher é uma vaca.”

May enrijeceu. “Edwin, deixe lhe dar um conselho. Se você é um homem casado tentando ganhar uma garota solteira, não insulte a sua mulher, está bem? Não impressiona ninguém.”

“Mas é verdade. Ela é uma vaca. Ela é horrível.” E começou a fazer ruídos altos, a mugir, ao mesmo tempo que se inclinava mais para a frente e pousava a mão no joelho de May.

May afastou o corpo e levantou-se. “Vamos. Eu vou levar você para casa.”

“Eu não quero ir para casa. A minha mulher é louca. É como em As esposas de Stepford, lembra? A minha mulher é tão louca que parece sã. Mas não é. Eu tenho medo dela, May. Tenho medo da sanidade dela.”

“Bom”, e a voz dela agora estava dura e afiada como uma serra, “então por que é que você não se separa?”

“Não posso”, disse ele, desconsolado.

“E por que não?”

“Porque eu a amo muito.”

“Pegue o paletó. Nós vamos embora.”

Jenni estava pulando ao som de velhos sucessos (Van Halen e Bon Jovi) quando o táxi parou diante da casa. Foi até a porta e girou a chave na fechadura ainda enxugando o rosto com uma toalhinha.

“Ah, é você!”, disse.

Edwin estava apoiado no umbral e May o mantinha de pé.

“Ele bebeu demais”, disse May desnecessariamente.

“É mesmo, meu bem? Verdade?”

Mas Edwin não disse nada. Limitou-se a mugir baixinho enquanto Jenni o fazia entrar. “Muito obrigada, May. Você é ótima.”

Ao contrário de Edwin, May não odiava muita gente. Mas odiava Jenni. Odiava-a não com paixão, mas com um desprendimento frio, clínico. “Se um dia o mundo acabar, se a sociedade desmoronar e as ruas passarem a ser governadas por lei marcial”, pensou, “a primeira coisa que vou fazer é achar Jenni e matá-la.”

Edwin continuava a mugir expressivamente, de olhos fechados, chutando em vão os próprios sapatos.

“Fomos a um bar”, disse May. “Juntos. Só nós dois. Ele bebeu muito — comigo —, então eu chamei um táxi.” Estava escuro e May estava devolvendo um marido amarrotado à esposa.

Jenni, desamarrando os sapatos de Edwin, ergueu os olhos para ela. “Fico lhe devendo um favor, May”, disse, alegre. “Agora, vamos pôr você na cama, não é, meu bem?”

“Muuu”, fez Edwin. “Muuuuuuuu.”

“Não sei o que me incomoda mais”, disse May, parada na soleira da porta. “O fato de que fui para a cama com o marido dela uma vez ou o fato de que ela não me vê nem como uma ameaça. Nem mesmo uma ameaça longínqua.”

O motorista do táxi esperava, com um sorriso de quem está com o taxímetro girando. “Então”, disse, “para onde agora?”

A noite estendia-se diante dela como a cidade, cheia de luzes e possibilidades. “Para casa.”

“Tão cedo? Uma moça bonita como você? “Ora, vamos, a noite é uma criança e você é jovem.”

“Nãõ. Nãõ sou.”

8.

Nos dias que se seguiram, Edwin foi invadido por uma calma estranha. A calma de um homem que aceitou seu destino, fosse a morte por pelotão de fuzilamento, fosse por injeção letal, fosse, ainda, ter que enfrentar um chefe tirânico com nada além de desculpas vazias e justificativas fracas. Era uma calma profunda, existencial. Uma calma que lhe permitia planar com a maior impassibilidade acima da superfície de ondas encrespadas por uma tempestade. Com elegância, até. Impassibilidade e elegância, eis as qualidades que Edwin queria cultivar agora.

Quando Nigel o censurou por causa do livro de auto-ajuda que tinha desaparecido — “o que teria mudado a própria humanidade”, como Nigel o descreveu com escárnio — e lhe perguntou se o autor também estava se preparando para andar sobre a água, talvez restaurar a visão dos cegos e curar os coxos, Edwin virou-se e disse, com a maior dignidade: “Foda-se e morra, Nigel”. Exatamente assim, com impassibilidade e elegância: “Foda-se e morra”.

“Ora, Edwin, você conhece o ditado. Paus e pedras...” Nigel estava parado diante da mesa de Edwin, com o rosto contraído em algo que pretendia assemelhar-se a um sorriso.

“Ah, palavras ferem, sim, Nigel. Já tomou um dicionário em versão integral bem no meio da cabeça? Quer conhecer a sensação?”

“Vamos, Edwin. Se eu não puder sentir alegria com a sua autodestruição iminente, com o que é que vou me alegrar?”

“Schadenfreude”, disse Edwin. Era um dos intraduzíveis de May: “O prazer que se sente ao testemunhar o infortúnio de outrem”. Uma palavra alemã (óbvio). Virando-se para Nigel, Edwin disse, amável: “Por que é que você não pega a sua solidariedade schadenfreude e não enfia no...?”

“Sabe qual é o seu problema, Edwin?”

Edwin apontou um dedo indignado para o peito de Nigel. "Sei. Eu não faço o jogo."

"Ah, não. Você faz o jogo, sim. Só que joga muito mal. Quero dizer, por que você teve que prometer uma coisa tão exótica? No que é que você estava pensando? É como aquele livro que você defendeu da última vez. Como é que se chamava?"

Edwin lhe deu as costas. "Me deixe em paz."

"Morram, baby boomers, morram! Era esse o nome, não era? Uma geração às vésperas da morte enfrenta velhice, pêlos púbicos embranquecendo, impotência sexual e câncer de próstata. A geração que se acreditava jovem para sempre mergulha agora no patético e na decrepitude. Está ficando careca, flatulenta, gorda e flácida.' Era isso, não era? Foi esse o seu discurso de promoção do livro. Em que diabos você estava pensando? E apresentou como se fosse um livro humorístico, pelo amor de Deus!"

"Bom, eu achei engraçado."

"Ouça..." Nigel inclinou-se e chegou tão perto de Edwin que sua gravata ficou balançando sobre a mesa. "O que foi que eu tentei lhe dizer quando você veio com aquela proposta? Eu disse: 'Os baby boomers sabem bater, mas não sabem levar. E odeiam ser alvo de zombaria'. Eu disse isso, e você ouviu? Não. Você mandou que eu fosse me f. Eufemisticamente, foram as suas palavras. F-se. Você é sempre muito grosseiro, Edwin."

"O livro sobre os baby boomers teria vendido. Teria vendido aos montões."

"Edwin, os baby boomers norte-americanos se sentem superiores a todo mundo. Superiores aos pais, superiores a nós. E quando se trata do lugar que ocupam na história, não têm absolutamente nenhum senso de humor. Você sabe disso, eu sei disso, todo mundo sabe disso."

"É, está bem. Achei que pudéssemos resistir à tendência. Achei que podíamos demonstrar certa firmeza de caráter, para variar."

Mas o que Nigel não sabia, o que nem mesmo May sabia, era que o nome do autor de "Morram, baby boomers, morram!", Douglas C. Upland, na verdade era um pseudônimo de

Edwin Vincent de Valu. Fora o seu próprio livro que ele defendera na reunião, fora o seu próprio manuscrito que mr. Mead denunciara como "pueril, infantil e qualquer outro adjetivo que signifique 'jovem'". E mesmo agora, enquanto Nigel o atacava, aquele manuscrito estava secretamente guardado na gaveta de Edwin, respirando, palpitando de vida, recusando-se a morrer. (E quem é que sabe quantos outros editores tinham manuscritos secretos semelhantes escondidos em gavetas, respirando suavemente, esperando pelo momento certo para aparecer... Talvez até mr. Mead tivesse um ou dois escondidos nos recantos mais escuros de seu escritório.).

"Nigel, não sei se você já percebeu, mas eu sinto desprezo por você. Você me dá arrepios."

Nigel inclinou-se para a frente, a gravata pendendo, a voz ainda mais condescendente do que de costume. "Você não odeia a mim, Edwin. Odeia o que eu represento. Odeia os sucessos que eu acumulei, mesmo quando nadávamos contra a maré. (Por "nós", ele se referia, é claro, à Geração X. Nigel falava dela como se fosse alguma nobre fraternidade, e não apenas um amontoado demográfico de jovens adultos sem rumo.) "Não é a mim que você odeia, Edwin."

"Ah, é, sim", disse Edwin, sorrindo enquanto enfiava a gravata de Nigel no apontador de lápis. "É você, definitivamente."

"Ouça, se você quiser que eu dê uma palavrinha a mr. Mead quando ele voltar, posso... — ei! Que po..." Ele começava a sufocar. "Merda, Edwin!" Arquejando por causa do nó que se apertava, Nigel puxou a gravata, agora retorcida e meio retalhada, para soltá-la do apontador de lápis, cuja manivela começou a girar para trás aos poucos. "Merda! Vá para o inferno!"

"Ah, ah, ah", disse Edwin, balançando um dedo. "Cuidado com a linguagem."

Quando conseguiu arrancar o que restava de sua gravata do apontador de lápis de Edwin, Nigel estava vermelho, gaguejando e cuspidando-se todo. "Era de seda pura!"

"Bom, agora é de merda pura."

“Você vai receber uma conta”, disse Nigel, furioso, arremetendo para fora do cubículo de Edwin. “Pode ter certeza.”

“Venha mais vezes! A porta está sempre aberta!”

Edwin encostou-se na cadeira, com os braços por trás da cabeça, e admirou-se novamente com a calma profunda que sentia. Sua úlcera estava se comportando; a cabeça estava desanuviada; ele estava se divertindo. Divertindo-se como um pára-quedista cujo pára-quedas não abre aprecia a brisa. Estou em queda livre, pensou. E acabei de retalhar a gravata de Nigel.

Não conseguia parar de rir baixinho.

E assim passou-se a semana. Edwin sentia-se mais calmo e impassível do que nunca, tão calmo que quase atingiu um estado de satori. Ou estase. Às vezes era difícil dizer. Sabia que estava prestes a se estatelar, sabia muito bem que o plano de May (“o negócio furou”) jamais daria certo. Qualquer outra pessoa na Panderic talvez conseguisse se esquivar, mas não Edwin. Haveria perguntas. Telefonemas à Random House. Ameaças, acusações, respostas fustigantes, e depois — lentamente — o laço se apertaria e assunto encerrado. Mr. Mead nunca confiara plenamente nele, e tinha bons motivos. Afinal de contas, Edwin, certa vez, matara um escritor particularmente maçante. Não literalmente, é claro. Apenas cortou o relacionamento com o homem e depois, ao ser confrontado de surpresa pelo departamento de marketing, disse: “Ele, ahn, morreu”. Não. Edwin jamais pensaria em de fato matar um dos seus autores. Tinha a esperança de que, um dia, seu caminho cruzasse com o do misterioso mr. Soiree, de modo a poder agradecer-lhe adequadamente. Agradecer por haver enviado aquele enorme manuscrito datilografado. Agradecer por haver desencadeado a crise que o forçou a deixar o mundo editorial, a mergulhar na pobreza, a viver num caixote de papelão, a raspar para comer queijo frio de caixas de pizza jogadas no lixo. A sair da trilha batida.

Enquanto as horas e os dias se sucediam em contagem regressiva para o retorno de mr. Mead, Edwin passava o tempo colocando a própria vida em caixas. Limpou a mesa, surruiu alguns disquetes de computador e despediu-se dos colegas a quem conseguia suportar — e vice-versa. (A lista era muito curta. Apenas

May.) Nigel lhe apresentou uma conta de cento e trinta e seis dólares pela gravata que ele havia arruinado e Edwin, conscienciosamente, enfiou a conta dentro da cueca e passou o resto do dia sentado em cima dela. Foi um período maravilhoso, prazeroso. Edwin até conseguiu fazer um pedido de desculpas atrasado e desajeitado a May. “Desculpe”, disse. “Você sabe, por ficar passando a mão em você no táxi, naquele dia em que eu telefonei dizendo que estava doente. Sinto muitíssimo, e só quero que você saiba de uma coisa: eu jamais teria feito isso se não estivesse tão bêbado. De verdade. Em outras circunstâncias eu nunca teria avançado em você.”

Curiosamente, isso não pareceu fazer com que ela se sentisse melhor. “Eu sei que não teria”, disse ela. Eu sei.

Edwin convidou-a para um drinque depois do trabalho na sexta-feira, mas May não falou muito. Limitou-se a brincar com a sua água mineral, a responder movendo a cabeça e encolhendo os ombros, a ferir a borda do copo com tons atenuados do seu batom vermelho.

9.

Manhã cedo. Segunda-feira.

Edwin sentou-se na cama com um pulo, muito ereto, como num corte de cena num filme de terror de má qualidade. Claro! As margaridas! Num estalo, compreendeu tudo, compreendeu o significado das margaridas, por que eram tão importantes, por que vinha sonhando com elas noite após noite, desde que perdera o manuscrito.

Eram 5h47. O néon líquido do relógio no criado-mudo reluzia em verde suave. A mulher estava deitada a seu lado, ronronando e roncando, roncando e ronronando, e as cortinas do quarto se moviam a um leve sopro de vento, inspirando e expirando, inspirando e expirando: inspirações lentas, expirações longas. Eram 5h47 da manhã e Edwin teve vontade de dar um salto no ar e gritar "Eureca!" a plenos pulmões. Juntou a roupa, enfiou a calça de qualquer jeito e saiu tropeçando pelo corredor. As margaridas. É claro! Exultante, saiu correndo pela porta da frente. Parou. Voltou, deu um pontapé no gato e saiu correndo novamente. Descia uma névoa úmida, suave como orvalho, mas Edwin não se importou. Investiu pelo meio das ruas banhadas pelo alvorecer até a estação de metrô mais próxima.

Na altura da Faust com a Broadview, estava feliz. Subiu saltando a escadaria do metrô, saiu no cânion eduardiano da Avenida Grand e disparou pela calçada, com o sobretudo esvoaçando como uma capa.

"Me dá um dinheiro, seu filho-da-mãe!" Era um dos assaltantes residentes da Avenida Grand, demonstrando certa iniciativa matinal e tentando pegar a primeira leva de passageiros.

"Desculpe", berrou Edwin, sempre na corrida. "Hoje não. Fica para a próxima."

E continuou correndo, Avenida Grand abaixo, até a porta do número 813. Pôs-se a bater, com as palmas abertas, até que o guarda lá dentro despertasse o suficiente para ir ver o que

estava acontecendo. Edwin mostra a carteira de identificação na direção do guarda e avançou aos pulos pela entrada de teto alto, onde pegou um elevador de serviço e desceu.

Almoxarifado da Zeladoria e Tratamento de Detritos nº 3: Rory estava lá, de costas, enfiando papéis no incinerador. O vapor e o cheiro de enxofre já pairavam fortes no ar viciado e estagnado do porão.

“Jimbo!”, gritou Edwin, correndo na direção dele. “As margaridas! Como é que você sabe que havia margaridas na página de rosto? Eu pus o manuscrito no envelope antes de...”

Mas não era Rory. Era outra pessoa com o uniforme de Rory, um moleirão de cabelo ruivo e barba pontuda que se virou e disse, com olhos sonolentos: “Rory. Foi”.

Edwin estacou com uma derrapada. “Foi?”, disse, mais em referência ao péssimo nível de linguagem do homem do que ao que acabara de ser dito. “Foi?”

“É.”

“É? Foi? Que raio de dialeto de analfabeto é esse que você fala? Onde ir Rory?”

“Ele ir para casa.”

“Para casa? O quê, ele não trabalha hoje?”

“Não hoje. Não amanhã. Não nunca. Pediu demissão.”

“Pediu demissão? Que raio de...”, começou Edwin, mas parou, ao se dar conta de que “pediu demissão” estava correto. “Ele pediu demissão?”

“É. Ele telefonou dizendo: ‘Tenho que reavaliar as possibilidades de quem eu sou’.”

“Assim?”

O moleirão assentiu com a cabeça. “Assim.”

Edwin virou-se para ir embora, sem saber direito o que fazer em seguida. “Bom, isso não me ajuda muito.”

“Mr. Edwin, do lugar dos livros, certo?”

“Certo. Por quê?”

O homem riu. “Ah, o senhor é bem como o Rory disse que era.”

Edwin conseguiu subornar o diabólico zelador com promessas de exemplares gratuitos da próxima série O poder da literatura erótica feminina, da Panderic (ou “livros para acariciar”, conforme eram conhecidos no setor) e o homem rabiscou o endereço de Rory numa tira de papel pardo. Era um quarto alugado que não ficava longe da Avenida Grand. “O senhor corre, leva uns dez minutos.”

E Edward correu. Correu como o vento (embora a essa altura já começasse a perder velocidade e tivesse que parar várias vezes, com uma pontada no lado do corpo). O prédio de Rory era uma construção com a pintura descascando, na frente de um terreno baldio fechado por cercas de placas de metal enferrujadas. O Grande Boom da Potassa tinha passado bem longe daquele bairro, que tentara, e não conseguira, tornar-se uma espécie de reduto boêmio de um nível mais baixo, onde artistas, dramaturgos e outros destroços sociais do tipo poderiam reunir-se para viver as cenas de suas fantasias à Jack Kerouac. Em vez disso mergulhara numa miséria operária, onde os inquilinos trocavam aluguéis baratos por alta criminalidade, vivendo dia após dia, de pagamento em pagamento. Pelos muros havia grafites raivosos e símbolos de gangues, demarcando território como urina de cachorro. Sabe-se lá que fronteiras invisíveis de autoridade Edwin estava atravessando agora. Sabe-se lá que protocolo secreto de gueto urbano ele estava violando naquele exato momento.

As janelas lá em cima estavam às escuras. A porta da frente abriu-se girando numa dobradiça seca, não com um rangido, mas com um gemido. Nos corredores, as lâmpadas pendiam quebradas dos soquetes, cacos de vidro que era impossível remover, impossível substituir. Escuridão e cheiro de mofo — mais nada. Chegando ao apartamento de Rory, Edwin bateu, primeiro com hesitação, depois com urgência crescente. Nada. Quando aos poucos seus olhos se adaptaram à escuridão e os detalhes emergiram, Edwin notou um bilhete num pedaço de papelão pendurado na maçaneta. Dizia, simplesmente: “Fui pescar”.

Nisso, uma figura avançou das sombras atrás dele. “Mr. Edwin?”

“Sim?” Edwin virou-se lentamente, esperando pelo pior.

O rosto continuava encoberto pela escuridão. A voz era grave e ressonante. “Suponho que esteja procurando Rory.”

A voz de Edwin, quando saiu, veio esganiçada, quase cheia de hélio, de tão alta. “Sim. Supôs corretamente.”

“Ele disse que o senhor talvez aparecesse.”

“Ele vai voltar logo? Será que é melhor eu voltar outra hora?”

Ouviu-se uma gargalhada gutural, profunda. “Ah, mr. Edwin. Ele se foi.”

“Ele se foi? Quer dizer, ele foi pescar?”

“Não. Ele se foi. Mudou-se na semana passada.”

Edwin pigarreou, nervoso, e forçou-se a eliminar o tremor da voz. “E como eu faço para encontrá-lo?”

“Ah, não vai dar.” Outra gargalhada profunda. “Não vai encontrá-lo, mr. Edwin. Ele o encontrará.” A voz deslizou de volta para a escuridão e a figura desapareceu.

Abalado, mas ainda na onda da adrenalina, Edwin saiu do prédio num passo que mal conseguia controlar. Na verdade, ia a passo tão acelerado que talvez fosse mais exato descrevê-lo como “de fuga”.

Com o sangue martelando-lhe as veias, Edwin passou por um grande cartaz, recém-pintado com letras grandes e nítidas. Anunciava um projeto qualquer, mas Edwin passou rápido, sem se deter. Uma pena, porque, se tivesse parado para ler, certamente teria achado interessante:

EM BREVE! A FUNDAÇÃO RORY P. WILHACKER APRESENTA “UMA RESTAURAÇÃO DO ORGULHO NO GUETO URBANO”. OS INQUILINOS DESTA PRÉDIO ESTÃO LANÇANDO UMA ABORDAGEM NOVA, INOVADORA E LUCRATIVA DO CONCEITO DE COOPERATIVA COM DIREITO DE USO COMPARTILHADO E UM RETORNO DE 500% SOBRE O INVESTIMENTO. NINGUÉM DESALOJADO. NINGUÉM DESPEJADO. “SURGE UM NOVO ALVORECER!”

Quando Edwin chegou à Avenida Grand, o rush matinal ia a toda. O eco do tráfego já ricocheteava entre os prédios, e ondas

de passantes iam e vinham, respeitando a autoridade dos sinais de trânsito. Ao atravessar, na altura da rua 41, ele pensou, como fazia todo dia, precisamente naquele local e precisamente naquele momento: Odeio esta porra desta cidade.

Hoje era o dia D. O último ato. Mr. Mead retornava do evento oficial de que havia participado e Edwin tinha uma reunião logo cedo com ele, para apresentar o seu “interessante livro de auto-ajuda”. Edwin iria, no mínimo, enfrentar pistolas fumegando. Andara inventando e ensaiando várias cenas de saída, que iam do sublime (“Mr. Mead, o senhor me decepcionou profundamente. O senhor administra esta companhia como se fosse um panfleto estudantil de segunda classe e creio que está na hora de eu seguir em frente”) ao franco (“Seu escroto! Seu escroto! Eu não estou nem aí, eu vou embora! Está me ouvindo? Eu vou embora!”). Tinha até cogitado de uma sucinta mensagem não-verbal — um puxão bem dado no ridículo rabo-de-cavalo de mr. Mead — mas, bem lá no fundo, sabia que o desenlace não seria assim. Haveria auto-recriminações, tristes apelos por clemência, o prazer tripudiante de Nigel. Ter que dizer adeus a May para sempre.

Parou para um último café no Louie’s Hot Dog and Pickle Stand. “Dois cafés”, disse com um suspiro e puxando a carteira. “Um comum e um...” Mas antes que pudesse concluir, Louie falou, com o charuto úmido ainda preso entre os dentes:

“O de sempre?”

“Sim”, disse Edwin, quase lacrimejando de alegria. “Sim, o de sempre. Vou querer o de sempre. É o que eu vou querer. Eu venho aqui todas as manhãs e é isso o que eu vou querer. O de sempre.”

E Louie acertou. “Vamos ver: espuma extra, noz-moscada, canela e uma pitada de açafreão. Seco ao sol, é claro.”

“Obrigado, Louie”, disse Edwin, com a mais profunda sinceridade. “Muitíssimo obrigado.”

“O meu nome não é Louie, garoto. É Thad. Louie é só a marca registrada. Pertencemos à Coca-Cola.”

“Obrigado da mesma forma, Thad. Vou sentir saudade de você. Vou mesmo.”

“Se você está dizendo, garoto...”

E Edwin sentiu-se ótimo. Era ótimo que ele trabalhasse naquela cidade caótica, que um cara chamado Louie (ou Thad) o tivesse tratado de “garoto”, que ele tivesse alguém como May a quem aborrecer. Alguém como Nigel a quem detestar. Odiou que tudo aquilo estivesse para acabar.

Pagou o café e virou-se para ir embora. E foi aí que a limusine apareceu.

Cintilante, comprida, de um preto de obsidiana. Surgiu do nada, como um tubarão, deslizando silenciosamente, acompanhando o passo de Edwin na calçada. Aos poucos Edwin se deu conta de que o espreitavam. Virou-se. A limusine parou. Uma janela de vidro fumê desceu e apareceu uma mão, uma mão cheia de ouro. Acenou para Edwin.

“Rory?”

“Olá, mr. de Valu.”

Edwin espiou dentro do carro. Era Rory quem estava lá, vestido no que parecia um terno de seda italiana feito sob medida. Ao lado dele havia uma mulher radiosa, sorrindo beatificamente para Edwin.

“Edwin, lembra-se da minha mulher, Sarah?”

Sarah inclinou-se para a frente, sorrindo. “Oi, Eddie.”

“Sarah? Desculpe, mas nós fomos apresentados?”

“Na festa dos funcionários”, disse Rory. “Você pensou que fosse a faxineira. Pedi a ela que esvaziasse os cinzeiros.”

“Ah, é mesmo? Desculpe, eu não lembro.”

“Claro que não”, disse Rory, numa voz calorosa e calmante. Exibia um sorriso, um sorriso de serenidade tão profunda, que fez Edwin pensar em esculturas budistas. Era um sorriso de contentamento absoluto, de satisfação absoluta.

“O manuscrito está com você”, disse Edwin. “Estava com você o tempo todo.”

“Ah, Edwin, eu me perguntava quanto tempo você levaria para chegar a essa conclusão. Eu me perguntava quanto tempo você levaria para examinar a programação daquela manhã e descobrir que não havia coleta de lixo logo cedo.”

“Foram as margaridas que me deram a dica. Você as mencionou, mas elas estavam dentro do envelope. Você não podia saber, a menos que tivesse aberto o pacote e olhado. Foi enquanto eu vasculhava no compressor de lixo, não foi?”

“Ah, não. Foi antes disso. Quando vi você correndo para o elevador — aliás, eu estava apertando o botão ‘fechar’ o tempo todo —, percebi que você devia ter jogado no lixo alguma coisa de grande valor.” Rory riu, um riso suave, enervante, um riso totalmente despido de maldade (se tal coisa era possível). Um riso em sintonia com o fluxo e a insensatez do universo. “Ah, eu lancei mesmo você numa perseguição desvairada, não foi? A sua imagem revirando uma pilha imensa de lixo aqueceu-me o coração.” Outro sorriso, calmo como antes.

“Mas por quê?”

“Por quê? Porque não gosto de você, Edwin. Jamais gostei. E jamais gostarei. A minha mulher também. Não é, querida?”

“Ah, sim”, disse ela, ainda desmanchando-se num sorriso. “Nós não o suportamos, Edwin.” Eles falavam como se recitassem a constatação de um fato simples e óbvio, em tom muito semelhante ao que se poderia usar para dizer “o céu é azul” ou “chuva cai, balões sobem”.

“Vocês me odeiam?”, disse Edwin, perplexo.

“Nós o desprezamos.” Um compartimento secreto se abriu num armário na limusine e Rory enfiou as duas mãos lá dentro. “Imagino que você vá precisar disto”, e passou o grosso manuscrito pela janela aberta.

Edwin largou o café que acabara de comprar e aceitou o manuscrito com um misto de descrença e espanto. Fora tirado do envelope e agora estava preso com elásticos, mas era tão volumoso como antes. Os adesivos de margaridas continuavam adornando a primeira página, e a carta de apresentação estava dobrada e enfiada em cima delas. Ah, mr. Soiree, nós nos encontramos de novo...

“E acredite em mim”, disse Rory. “Li Bok realmente funciona. Não funciona, meu bem?”

A esposa soltou uma risadinha abafada e deu-lhe um tapa no braço. “Ah, pára com isso”, disse.

Edwin voltou a atenção para o ex-zelador e sua mulher. "A limusine, a roupa. Como?"

"Ah, isso", fez Rory, com ar de desdém. "É só dinheiro, acredite. Basta reconhecer que o dinheiro não é uma criação matemática, mas sim uma entidade orgânica e tudo começa a fazer sentido."

"Mas..."

"Eu investi em títulos de curto prazo e em ações conversíveis de primeira linha a 4,85% e depois reapliquei antes que entrassem em vigor os requisitos de divulgação com vinte e quatro horas de antecedência. Em seguida investi sucessivamente o retorno em vários fundos mútuos, reinvesti o principal e converti os juros na metade do ciclo. Com as diferenças de fuso horário de três e quatro horas entre a Costa Leste e a Costa Oeste, consegui multiplicar o meu dinheiro várias vezes ao dia. Depois recebi juros capitalizados sobre a diferença, e, bom, foi isso, aqui estou eu."

"Você fez tudo isso em uma semana?"

"Oh, não. Levou só alguns dias. Fusos horários, Edwin. Os fusos horários são a chave. Imagine os seus investimentos como uma bola de neve gigantesca, descendo por uma vertente e subindo por outra. A distância vai ficando cada vez menor à medida que a velocidade aumenta e a bola de neve cresce. Quando atinge massa máxima, ela pára. Dinheiro faz dinheiro, Edwin. O momentum alimenta a massa. Ah, mas estou apenas citando o livro." E o modo como disse "o livro" soou positivamente espiritual.

"E... é inacreditável", disse Edwin.

"Ah, não. E apenas economia orgânica elementar", disse Rory. "Claro que as coisas vão mudar depois que as pessoas ficarem sabendo. O sistema todo se auto-anula, da mesma forma como a bola de neve, que cresce até virar uma rocha que não pode mais se mover. Mas até lá, toda a base da nossa economia terá passado para ciclos econômicos microcooperativos. O passo seguinte, o verdadeiro desafio, será 'fazer o dinheiro cantar'."

"Cantar?"

"Sim. Fazê-lo obedecer, em lugar de nos dar ordens. Usar o dinheiro como um catalisador para a satisfação pessoal e não

como um mero fim em si mesmo. Ah, mas eu só estou, mais uma vez, repetindo o que um homem muito mais sábio escreveu. O livro. Você tem que publicar o livro.”

“Com toda a certeza. Vou começar a trabalhar nele agora mesmo.”

“Da maneira como está”, disse Rory. “Publique exatamente como está. Não mude uma única palavra. Nem uma única palavra. Todas elas se encaixam, Edwin. Se remover uma parte do conjunto, você perde tudo.”

Bom, não posso prometer que não vamos mexer. Quero dizer, ele é enorme. Deve ter umas mil páginas.”

“Nem uma palavra. Nem uma palavra. Ah, sim. Outra coisa, antes que me esqueça. É Rangers, não Raiders, seu imbecil.” Disse isso com a mesma serenidade, o mesmo desprendimento com que dissera todo o resto. “Adeus, Edwin. Nunca mais quero vê-lo na vida.”

E assim a janela subiu silenciosamente e a longa e reluzente limusine deslizou de volta para o fluxo do tráfego na Avenida Grand.

“Mas quem diria...”, disse Edwin.

10.

Edwin de Valu subiu aos pulos os degraus diante do número 813 da Avenida Grand, e passou pela porta giratória com tanta rapidez que fez voar vários passantes mais lentos. Disparou pela mesa do segurança e pelo saguão até os elevadores. Levava o pesado manuscrito junto ao peito, como se abraçasse um bebê ou uma idéia.

Tinha conseguido! Tinha conseguido se safar. Tinha sido vendado, fumara o último cigarro, tinham dado a ordem de apontar, mas... Edwin, o Magnífico, o Houdini dos Cubículos, escapara. Não há prisão que me detenha. tinha vontade de gritar. Eu rio na cara do destino.

Quando chegou ao décimo quarto/décimo terceiro andar, sorria tanto que dava a impressão de que ia distender um músculo facial. Assim que as portas do elevador se abriram, ele pulou para fora a toda a velocidade.

"Mr. Mead está no escritório dele!", berrou May. "Você está atrasado."

Eu amo você, May!", gritou ele ao passar. Nigel apareceu à porta do seu escritório e deu uns tapinhas no relógio de pulso quando Edwin passou correndo. "Parece que você está em apuros..."

"Poupe-me! Estou com o manuscrito!" E ergueu-o acima da cabeça, orgulhoso, com as duas mãos, pesado como uma bomba desativada, como a cabeça de um inimigo levantada bem alto numa celebração de vitória. Sempre correndo, foi atravessando portas envernizadas até chegar ao escritório grande com a vista ampla.

"Você está atrasado", disse Mr. Mead, sem se dar ao trabalho de levantar os olhos. Estava trabalhando à sua mesa, uma ampla extensão de mogno que separava Sua Alteza de Edwin. "Eu já estava de saída. Estou indo ao Seminário dos Escritores de Wacom."

Sou o orador principal e não posso perder o meu vôo. E então?" Olhou por cima dos óculos octogonais.

Edwin largou o manuscrito ruidosamente sobre a mesa.

"Está aqui, chefe. O livro de auto-ajuda, do jeito que prometi. É tudo o que eu disse que era."

"Caramba, homem. Isso tem trinta centímetros de grossura. Quantas páginas?"

"Hum." Freneticamente, Edwin deu uma olhada no canto superior da última página. "São mil, cento e sessenta e cinco páginas, chefe."

"Meu Deus! Não é um manuscrito, é uma minissérie!"

"Bom, é claro que eu vou editar. Deixando só os trechos interessantes."

"Está bem, Edwin." Mr. Mead empurrou a cadeira para trás, pôs as mãos atrás da cabeça. "Venda-o para mim."

"Como?"

"O manuscrito. Faça o seu melhor discurso de venda. Como é que começa? Como é que pega o leitor? Qual é o ângulo principal? O público-alvo? O índice? O estilo?"

Nesse ponto, Edwin atravessou lentamente a sala, abriu a janela e saltou para a morte.

"Bom, chefe, eu ainda estou trabalhando nos aspectos mais específicos. Estive conversando com o pessoal de marketing, tentando decidir a melhor maneira de posicioná-lo através de outros livros, ipso facto, do gênero. Por assim dizer." (Em caso de dúvida, use latim.).

"Sei. Você esteve conversando com o pessoal de marketing."

"Isso mesmo."

"Não. Não esteve. O nosso pessoal de marketing nunca ouviu falar desse livro. Eu não estive sentado à toa esperando que você desse a graça da sua presença. Liguei para marketing, falei com Sasha. Ela não sabe de nada a respeito. E ninguém sabe de nada na distribuição. Nem na divulgação. Ou no departamento de arte. Com exceção de May, ninguém na diretoria editorial inteira seria capaz de dizer se esse manuscrito sequer existe. E até que

ocê aparecesse com ele, também eu começava a ter as minhas dúvidas. Achei que você talvez estivesse tentando levar o velho tio Léon na conversa. Na verdade, Nigel me disse que você praticamente nem veio ao trabalho na semana passada.”

“Sim, bom, isso é porque Nigel é um sapo venenoso que tem fel nas veias.”

“Sim, bom, isso é porque Nigel não sabe que estive dando duro em casa, dedicando todo o meu tempo e recursos a este projeto que é muito, muito interessante.”

“Tempo e recursos, é? Então me diga quais são os temas Principais do livro.”

“Temas?”

“Como é a estrutura? Anedótica? Estatística? Faz apelo a uma faixa etária específica ou é um daqueles livros horríveis, do tipo ‘um pouco de tudo para todos’?”

“Bom, chefe, é difícil explicar assim em poucas palavras.”

“Você não leu, leu?”

“Não, chefe. Não exatamente. Não per se.”

Mr. Mead suspirou, empurrou mais a cadeira e levantou-se. Enquanto vestia o paletó, inclinou-se e apertou o interfone. “Steve, mande o carro me esperar na saída de trás. Tenho um vôo ao meio-dia que não posso perder.”

Edwin endireitou os ombros, decidiu adotar a abordagem “Seu escroto! Seu escroto!” e, avançando, disse: “Chefe, se eu posso dizer alguma coisa antes de o senhor sair...”

“Ofereça cinco mil dólares de adiantamento e sete por cento sobre os primeiros dez mil exemplares, com os reajustes-padrão a partir disso. Você pode chegar a até quinze mil dólares para o adiantamento, mas não ceda os direitos de publicação na Grã-Bretanha nem sobre a primeira serialização. A Buckingham Press anda choramingando por causa de uns contratos antigos para distribuição no exterior e nós precisamos atirar um osso para eles.” “Chefe?”

“Não se sinta tão mal, filho”, disse mr. Mead, juntando alguns papéis e colocando-os na pasta. “Eu não li a metade dos

livros que comprei para a Panderic quando estava na triagem dos originais. Mas trate de estar com tudo pronto para impressão até meados de agosto. Você pode usar o espaço de mr. Ethics na programação da gráfica. E não se esqueça de informar o departamento de arte. Diga que eu preciso de uma capa prévia daqui a duas ou três semanas. Vamos ter que republicar o nosso catálogo, ou talvez baste incluir um anexo. Sem mr. Ethics teremos que batalhar.” Mr. Mead fechou a pasta, passou um cachecol pelos ombros. “Você soube que negaram liberdade sob fiança a ele?”

“Soube, chefe. E estamos todos muito tristes. Eu sei que falo em nome de todos no departamento editorial ao dizer que mr. Ethics era uma parte vital de nosso...”

“Ah, ele que vá para o inferno. O homem era um idiota. Todo mundo sabe que a gente não deixa uma trilha de documentos quando transfere fundos para as ilhas Cayman. É o primeiro lugar onde vão procurar. Seja como for, toda a nossa série de mr. Ethics foi para o buraco. Estamos sendo inundados com devoluções dos seis últimos livros dele. A Barnes and Noble, a Borders, até a Amazon.com — estão todas devolvendo. A imprensa vem fazendo piadinhas e está sendo um prato cheio para os programas de bate-papo na televisão. ‘Mr. Ethics? Na cadeia? Puxa.’ Não dá para aproveitar nada. Vamos ter que cancelar a série inteira. Portanto, Edwin, seja o que for esse seu manuscrito, é melhor que seja bom.”

Edwin engoliu em seco. “Darei o melhor de mim.”

“O seu melhor? O seu melhor não é bom o suficiente. Dê o melhor de Nigel. Ou de May.” Deu um murro de leve no ombro de Edwin. “Estou só brincando, Eddie. Não fique tão tenso. Ah, e falando de Nigel — mandei a contabilidade deduzir do seu próximo salário o dinheiro que você deve a ele pela gravata. Eu gosto de piadas e gracinhas tanto quanto qualquer outra pessoa, mas, Edwin, convenhamos, não se toca na gravata de um homem.”

E, com um largo gesto de despedida, saiu, deixando Edwin sozinho no escritório com a vista ampla e a mesa de mogno. Edwin pegou o manuscrito, deu uma folheada. Mr. Mead nem se dera ao trabalho de olhar direito ou sequer tirar os elásticos. “Eu podia ter blefado”, disse Edwin. “Podia simplesmente ter chegado

com uma capa e uma pilha de folhas em branco amarradas com um barbante." Apagou a luz e saiu. "Bom, quanto mais se vive, mais se aprende."

11.

“Mr. Soiree? É o senhor? Alô, meu nome é Edwin de Valu. Estou ligando para falar do...”

“Soiree não está. Está no deserto ou coisa assim.” Havia muita interferência na linha, como se Edwin estivesse telefonando para outro século. Outra época. Outro lugar. A face oculta da lua, talvez. Ou, mais remotamente ainda, para a cidade de Paradise Flats, no condado de Dacob. A princípio, a cidade se chamou Salt Flats, em homenagem às minas de sal banhadas pelo sol que haviam atraído investidores para a área. Mas os fundadores logo mudaram o nome para Paradise — melhor para atrair linhas ferroviárias e colonos crédulos. (“Paradise Flats! Que nome legal. É o lugar para mim.”) O que equivale a dizer que Paradise Flats fora colonizada, em larga medida, por otários. Povoado perdido no meio de lugar nenhum, Paradise Flats derretia no calor e no anonimato. Ali, o deserto era o único e todo-poderoso fato da vida, e fora no deserto que Tupak Soiree desaparecera. Edwin não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

“Deserto?”

“Isso mesmo. Lugar seco, árido. Já ouviu falar? Mr. Soiree passa o tempo lá, meditando e fazendo coisas místicas. Diz que está em sintonia com a inter-relação do universo. Para mim, o sujeito é completamente maluco.”

“E com quem eu estaria falando?”

“Com quem você estaria falando? Isso é jeito de falar? Deixa de ser besta, cara! Você está falando com Jack McGreary, o senhorio dele. Mr. Soiree me deve dois meses de aluguel, portanto, se você é algum credor, pode entrar na fila, companheiro.”

“Não, não. Estou ligando da Panderic Incorporated. Mr. Soiree nos enviou um manuscrito que estamos interessados em publicar. Agora no outono, na verdade.”

Uma pausa longa, cheia de interferência. Por um momento Edwin achou que a ligação tivesse caído, mas não, a voz

reapareceu. “Você está oferecendo um contrato ou coisa assim?”

“Isso. Ouça, por que é que eu não mando por fax uma cópia do nosso contrato-padrão? Mr. Soiree poderia dar uma olhada e entrar em contato conosco. Ele tem um número de fax?”

“Claro. Mande para a Biblioteca Municipal de Paradise Flats. Se ele não estiver no deserto, deve estar lá pela biblioteca. Nunca vi um cara que lesse tanto livro. Para mim, ele é completamente maluco. Enfim, eu tenho o número do fax da biblioteca em algum lugar aqui. Espere um instante.”

Assim, Edwin mandou para mr. Soiree as doze páginas de intricado legalês e minas explosivas ocultas nas entrelinhas, junto com uma oferta inicial de três mil dólares e royalties de cinco por cento sobre o preço de capa. Para surpresa de Edwin, poucas horas depois chegou uma resposta. Era uma única página, dizendo apenas: “Aceito os termos da forma como estão”. Edwin estacou. Da forma como estão? Inaudito. Nenhuma alteração num contrato-padrão? Um contrato-padrão destinava-se a ser modificado. Era essa a idéia. Continha várias cláusulas ultrajantes, inseridas especificamente para serem removidas, de modo que agentes e escritores pudessem ter alguma coisa para exigir e as editoras, algo para “ceder”. Coisas como a infame cláusula de opção da Panderic, que exigia que os autores lhe entregassem os dois próximos livros, completos e acabados, e depois esperassem seis meses até que a Panderic decidisse comprar ou não. Ou a cláusula de término, que tornava quase impossível para um autor recuperar os direitos sobre a obra, mesmo depois de estar esgotada ou de o saldo da edição ter sido liquidado. Ou a cláusula que dava à Panderic o direito de reter “um montante razoável” dos royalties contra possíveis devoluções do livro no futuro. (No mundo editorial, quando o produto não vende, os livreiros o devolvem e são reembolsados na íntegra. Não existe praticamente nenhuma outra indústria no mundo que opere dessa maneira.) Claro que nunca se definia o “montante razoável contra devoluções”, e em alguns casos a Panderic conseguia reter cinquenta por cento dos rendimentos de um autor, por conta da mera possibilidade de devoluções. E o que dizer da cláusula que exigia que o autor devolvesse, no prazo de seis (6) meses, todo o

adiantamento de direitos autorais, se a obra fosse considerada, “depois de aprovada, editorialmente inadequada”? Em princípio, os adiantamentos pagos aos autores não eram restituíveis, mas isso não impedia a Panderic de tentar. E aquela cláusula inofensiva que tratava de “direitos eletrônicos e quaisquer tecnologias que existam hoje ou que possam vir a existir em qualquer momento no futuro”?

Edwin estava atônito. Mr. Soiree estava disposto a ceder tudo à Panderic — tudo — e em troca de quê? De um adiantamento miserável e royalties medíocres. Edwin ainda balançava a cabeça, incrédulo, quando notou, abaixo da mensagem inicial, uma nota breve: “Todas as alterações no contrato devem ser feitas pelo senhor, mr. Edwin. O senhor conhece muito bem as ciladas que ele oculta. Um adiantamento em dinheiro a ser prontamente restituído mediante solicitação? Ora, vamos, mr. Edwin, o senhor certamente não me toma por um imbecil. Faça as alterações — e o senhor sabe quais são elas — e assinarei com todo o prazer. Seja, sinta e saiba. Tupak Soiree”.

Lá estava ela de novo. Aquela sensação. A sensação de que alguém o espiava por cima do ombro, de que alguém estava o tempo todo a apenas dois passos de distância. Edwin precisou de um momento para organizar as idéias e, respirando fundo, começou...

Pela primeira vez na história do mundo editorial, pela primeiríssima vez, um editor se pôs a modificar um contrato, em favor do autor, sem ser forçado a fazer isso. Edwin riscou a segunda metade da cláusula de término, devolveu o copyright ao autor, removeu o anexo referente ao adiantamento — fez tudo o que um agente teria feito. Até aumentou as porcentagens de royalties e, a lápis, acrescentou um número 1 diante dos três mil dólares. Apesar de toda a conversa sobre “parceria” e “trabalho em conjunto”, na hora de negociar um contrato escritores e editores são adversários mortais, e o processo sempre pende pesadamente em favor do editor. Ainda assim, ali estava Edwin de Valu, editor júnior, fazendo o impensável: pondo o autor em primeiro lugar. Foi uma experiência estranha e um tanto irritante. Era como se tudo se deslocasse ligeiramente, como se o alicerce de toda a indústria editorial e a

hierarquia tácita nele arraigada (a saber, que o autor está sempre na base absoluta da pilha) tivessem de repente se tornado maleáveis.

Edwin levou mais de uma hora repassando o contrato, retirando as armadilhas ocultas e inserindo as proteções adequadas. Quando terminou, Tupak Soiree tinha um dos contratos mais justos que a Panderic já oferecera. “O que é que eu posso dizer?” disse Edwin com certo respeito relutante. “O homem é duro de negociação.”

Lá fora o céu se encobria de nuvens escuras.

12.

“Todo mundo fala da banalidade do mal”, disse May, tomando água mineral e comendo salada de espinafre. “Mas ninguém nunca escreve sobre a banalidade do talento.”

Edwin e May tinham trabalhado até tarde e agora jantavam e conversavam no O’Tanner’s Irish Pub and Old Towne Restaurant®. Edwin tragava grandes quantidades de cerveja e comia rodelas de cebola e espetinhos de queijo frito. May, porém, estava enfrentando mais um plano de emagrecimento, um que lera em O: uma dieta à base de toda-a-salada-de-espinafre-e-água-mineral-que-você-conseguir-agüentar.

“A banalidade do talento?”, disse Edwin.

“Você sabe como é. Como quando a gente realmente gosta de um livro e depois fica conhecendo o autor. Lembra de Por que odeio ucranianos?”

“Ah, sim. ‘Uma cáustica denúncia da mentalidade pysanka.’”

“Isso mesmo. E aí você fica conhecendo o autor e ele é só um garoto com um cavanhaque desgrenhado e uma tendência ao humor que faça referência a ele próprio. É sempre uma decepção enorme. Por exemplo, hoje de manhã recebi um telefonema do marketing. Os nossos assessores de imprensa estavam ocupadíssimos, estava todo mundo com excesso de trabalho, então acabei saindo com Nilös Javonich.”

“Sério? Javonich, o Grande Poeta da Eslováquia?”

“O próprio. Acho que, na verdade, ‘Grande’ é o primeiro nome dele. Acho que ele mudou legalmente para ‘o Grande Javonich’. Nunca o ouvi sendo chamado de nenhuma outra maneira. Enfim, levei o Grande Javonich a entrevistas, sessões de foto e até a um evento de assinaturas de livros na Strand. A verdade é que me deu vontade de fazer isso. Adorei os livros dele. Adorei Insignificância, Humildade e Sou apenas uma partícula, e quando soube que o nosso pessoal da divulgação estava em dificuldades, eu

me ofereci prontamente. Ia ser um pretexto para sair do escritório e, puxa, uma oportunidade de privar com o Grande Nilös Janovich. Mas aí, conheço o homem e ele é um horror. Ruidoso. Devasso. Petulante. Cheio de si. Arrogante. Banal. É disso que estou falando: da banalidade do talento. Alguém devia escrever um livro sobre isso.” (Essa, naturalmente, era uma das frases mais comuns numa editora: “Alguém devia escrever um livro sobre isso”.)

“A propósito, qual é a do pessoal da divulgação, hein?”, perguntou Edwin. “Todos eles têm nome que termina em y ou i? Estou falando sério. Nós temos uma Kelly e uma Lucy. A MacMillan tem uma Jamie e uma Marnie. Na Doubleday há uma Gathy e uma Holly. A assessora sênior da M&R é Lindsey, e a Hornblower tem uma Terri.”

“Terrilee.”

“Duplamente pernicioso. O que é? Algum tipo de profecia que se cumpre devido aos esforços do indivíduo? Os pais dão a eles esses nomes cheios de auto-afirmação e eles não têm escolha senão seguir uma carreira igualmente cheia de auto-afirmação? Porque, convenhamos, é preciso um bocado de auto-afirmação para fazer sucesso na divulgação.”

“Eu sei. Olhe o Jerri.”

“Ou o Larry. Lembra dele?”

Os dois riram. Larry era o divulgador mais sorridente, mais alegre de toda a história da divulgação. Aí, um dia, ele pirou e começou a jogar o carro da ponte Maynard Gate, com autores no carro. Em mais de uma ocasião foi preciso pescar das águas Larry e alguns autores completamente encharcados. Ele acabou por agredir um jovem escritor durante uma entrevista, ao vivo, no ar. O autor tinha se virado para Larry e estalado os dedos para pedir mais água, como se se dirigisse a um garçom.

“Bom sujeito, o Larry”, disse Edwin. “Quando é que ele sai?”

May ainda estava rindo. “Acho que daqui a dois anos, com bom comportamento. Talvez o ponham na mesma cela que mr. Ethics. Isso ia ser engraçado.”

“Ei, talvez eles até escrevam juntos uma história sobre a vida na prisão. Livros sobre prisões sempre vendem razoavelmente bem, numa linha voyeurística do tipo ‘graças a Deus que não sou eu’. Ou talvez Ethics e Larry encenem a Grande Fuga. Escavam um túnel e escapam para a liberdade.”

“Duvido que os dois fiquem no mesmo prédio. Você não soube? Mr. Ethics foi condenado a três sentenças consecutivas de prisão perpétua.”

“O quê? Por evasão fiscal?”

“Não. É que encontraram no quintal dele os corpos dos últimos três auditores da Receita Federal que tinham ido procurá-lo.”

“E ele vai pegar prisão perpétua por causa disso?”

May estava igualmente desconcertada. “Pois é. Quem iria imaginar que matar um auditor fiscal fosse crime doloso? Uma contravenção penal, talvez, mas não um crime doloso. Seja como for, o nosso Mr. Ethics vai passar o resto da vida atrás das grades.”

“Ah bem feito. O homem foi um idiota. Todo mundo sabe que a gente não enterra os cadáveres no quintal de casa. É o primeiro lugar onde vão procurar.”

May estava na terceira salada de espinafre, com tempero extra queijo parmesão extra, pedacinhos de bacon extras. Edwin não quis chamar a atenção para isso, mas estava praticamente certo de que a dieta de Oprah se baseava em apenas uma salada por refeição. Mas tudo bem. A vida estava boa. Edwin sentia-se de bem com o mundo. Verdade que a Avenida Grand ainda era um cânion de desespero, Mr. Mead continuava atrapalhando todo mundo, Nigel ainda era uma fuinha de esgoto disfarçada de ser humano e Jenni ainda era... bem, Jenni. Mas não tinha importância. Edwin conseguira arranjar um original, quase que do nada, e mais uma vez, para sua enorme surpresa, conseguira conservar o emprego.

“Então como é que é?”, perguntou May. “O seu livro, O que aprendi na montanha. Cumpre mesmo tudo o que promete?”

“Ah, sim. E muito mais. Mande um contrato por fax para Mr. Soiree, ele assinou e comecei uma leitura preliminar agora à tarde. É um manuscrito muito estranho. É longo, complexo e, pelo

que parece, não tem uma forma ou uma estrutura clara. Eu tinha imaginado que seria disposto da maneira habitual, dividido em capítulos — você sabe, um sobre cigarro, um sobre planejamento financeiro, outro sobre alcançar felicidade interior etc. etc. —, mas na verdade é um longo monólogo divagante, os elementos separados vão se entrelaçando para formar um todo. E o mais esquisito é que, embora não tenha estrutura alguma, não no sentido clássico, o livro tem um fluxo definido, Tudo se relaciona com todo o resto. Soiree passa de um argumento para o seguinte sem que a gente nunca saiba realmente quando termina uma seção e começa a outra. E o texto? Às vezes é terrível: corriqueiro, ralo e cheio de chavões. Outras vezes é uma prosa linda, quase profunda. Há seções inteiras que parecem saídas direto de um manual básico de auto-ajuda, felizes e oh, tão sinceras, e aí, de repente, ele envereda por uma metafísica abstrata e o dilema da identidade do ser humano. É uma miscelânea. Um naco de Norman Vincent Peale, uma pitada de Chopra, uma pontinha de Dale Carnegie. Há uma passagem inteira baseada no conceito hindu de moksha — se é que estou pronunciando direito —, que representa a libertação do desejo errado.”

“‘Libertação do desejo errado.’ Parece um dos meus ‘intraduzíveis’.”

“Parece mesmo, não é? Moksha. Baseia-se na idéia de que a vida é uma viagem de um estágio para outro. Primeiro, desejamos o prazer sexual, que é a fase hedonística da nossa vida. Depois buscamos o sucesso material, e essa é a fase da riqueza e dos penduricalhos. Em seguida queremos fama ou, na falta disso, algo de importância duradoura, um legado de algum tipo. Algo para deixar aos nossos filhos ou mesmo aos nossos netos. Isso poderia parecer nobre na superfície, mas, pelo menos segundo Tupak Soiree, é simplesmente o medo da morte sublimado. E...” Edwin calou-se de repente.

“O que foi?”

“É que, quando li esse trecho, tive a sensação de que foi o momento em que Soiree baixou a guarda. Medo da morte e o desejo de permanecer vivo, de alguma forma, ainda que somente

através dos nossos filhos. Ou dos netos. Uma busca quixotesca da imortalidade. Há tristeza, heroísmo e condenação — tudo ao mesmo tempo. E olhe que Soiree não pára aí. A fase final, que poucas pessoas atingem, é a da absoluta calma interior. A iluminação. A maioria de nós se enrosca em um ou mais dos 'falsos desejos' ao longo do trajeto. O objetivo de Tupak Soiree é ajudar todo mundo a atingir esse quarto nível, o último. Um bocado presunçoso, não acha? Tudo muito profundo e espiritual e de repente, ele se sai com um questionário engraçadinho no estilo da Cosmo, para ver em que ponto estamos da Grande Jornada Hindu da Vida. É como estar numa montanha-russa. É como...”, e aqui Edwin hesitou, porque não gostou das implicações do que estava dizendo “... é como ler os desvarios de um lunático. Alguém trancado numa cela acolchoada, alguém que leu livros demais. Ou talvez os desvarios de um...”, e Edwin hesitou de novo, porque também não tinha certeza de gostar das implicações disto, “... de um gênio.”.

“Louco. Gênio. Os termos não se excluem mutuamente”, disse May.

“Ou talvez tenha sido um grupo de autores. Talvez o livro tenha sido escrito por mais de uma pessoa. A voz e o estilo mudam abruptamente às vezes. É como uma colagem. Uma espécie de pastiche feito às pressas, meio de qualquer jeito. Em dado momento, Soiree mistura filosofia moral budista com capitalismo em estilo libertário. E o estranho é que funciona. Os princípios subjacentes dele parecem vir em larga medida de Carl Rogers. Rogers foi um pioneiro da terapia não-direcional, que se baseia na premissa de que o comportamento é produto do eu, e não vice-versa, como diria Skinner. Skinner achava que somos máquinas programáveis: ratos num labirinto, por assim dizer. Rogers discordava disso. Achava que se muda o comportamento quando se muda o eu. Em lugar de ser um processo longo, lento e laborioso, a melhora do ser humano pode ocorrer rapidamente porque o próprio eu é dinâmico. As pessoas querem viver uma vida mais rica, mais plena. Elas querem transformar em ato o próprio potencial. Querem ser felizes, e essa motivação, latente ou não, é uma força motriz poderosa. Essa é a base do livro de Soiree. Ele ignora Freud

completamente. Em vez de ser um caldeirão fervilhante de sombrios desejos reprimidos, a psique humana, segundo Soiree, é um pássaro que anseia por se libertar. Os nossos desejos mais profundos não são sombrios; são puros e bons. É só questão de liberá-los. Há um ponto em que Soiree escreve — deixe ver, eu anotei aqui, em algum lugar — 'A natureza humana existe de fato. É real. E moral. E boa. Não é que precisemos mudar quem somos. Precisamos descobrir quem somos e quem somos capazes de nos tornar'. Esse cara, obviamente, foi influenciado pelo trabalho de Carl Rogers. Mas isso é só a plataforma de lançamento. Soiree leva Rogers para um plano completamente diferente."

"Hummmm. Parece mais filosofia do que auto-ajuda", disse May, franzindo a testa. (Não há nada pior do que um livro que se recusa a ser rotulado.).

"É, é sim. É filosofia. E psicologia. E física. E dicas para dieta. Nunca vi tamanha mixórdia de idéias — intelectuais e simplórias, tolas e sublimes —, reunidas como num balaio. Ele toma emprestado de uma grande diversidade de fontes, mas também dá as contribuições esquisitas dele. Por exemplo, há um provérbio hindu que diz 'O dedo que aponta para a lua não é a lua'. Isso quer dizer que não devemos confundir os símbolos da fé com a realidade subjacente que eles representam. Estátuas, ícones. Dedos. Não devem ser tomados pelo objeto numinoso propriamente dito, que está além das palavras, além das representações. Mas Tupak Soiree leva isso adiante e escreve: 'Com o mesmo dedo que apontamos para a lua, cutucamos o nariz'."

May deu risada. "É bem terra-a-terra, parece."

"Ah, é terra-a-terra. E pretensioso. E banal. É tudo isso e muito mais. Há um trecho onde ele diz que não há problema em romper temporariamente com o passado e pendurar um aviso para o mundo dizendo: 'Fui pescar'."

"Fui pescar?"

"Isso mesmo: Fui pescar. Você consegue imaginar uma coisa tão banal? Mas aí, já no parágrafo seguinte, ele sai por uma tangente sobre a física que se encontra por trás do carma e do equilíbrio eterno entre as forças energéticas no universo. Ele até

apresenta uma 'teoria do campo unificado' espiritual. Dá para imaginar? Uma teoria do campo unificado. Se fosse verdade, seria um avanço no nível da teoria da relatividade de Einstein. Num momento ele está dando uma abordagem prática, em três etapas, para você organizar a sua programação diária de trabalho e no momento seguinte está argumentando que o conceito de tempo é uma ilusão. Cita Espinosa numa página, desconstrói a teoria econômica keynesiana na página seguinte, e depois fala da importância de dar 'beijos beijáveis' e 'abraços abraçáveis'. Põe tudo junto: idéias, conselhos, conceitos filosóficos. Ainda assim, às vezes pode ser eletrizante. Faz a cabeça girar. Eu nunca tinha lido nada assim."

"O que é que você quer dizer com isso?" "Temos um problema. Um problema muito grande. Se publicarmos este livro da forma como está, vai ser um fracasso. Teremos sorte se conseguirmos recuperar os custos iniciais. E simplesmente estranho demais. Quem compraria? Não há nicho de mercado para ele, a menos que consideremos como mercado viável 'as pessoas que sentem que falta alguma coisa na sua vida'. E quem são elas? Metade da população?"

Ah, mais do que isso. Todo mundo tem alguma coisa que gostaria de mudar, alguma coisa que gostaria de capturar. Ou recapturar. Juventude. Uma recordação. Um momento. Uma peça do quebra-cabeça. Mas você tem razão. "Parece que o apelo desse livro é amplo demais para vendas segmentadas..."

"Excêntrico para vendas genéricas. Ainda assim, acho que podemos salvá-lo. Se eu mantiver os trechos de auto-ajuda-padrão, retirar o misticismo e a metafísica, dividir em capítulos, cortar pela metade o número de páginas e arrumar um título inteligente e uma capa que chame a atenção, pode dar certo. O que não nos mata nos torna mais fortes. Pode até ser que venha a ser um sucesso de vendas. O verdadeiro problema é o tempo. Tenho só uma semana, mais ou menos, para editar o texto e mandar para o autor aprovar. Mas sabe de uma coisa, May? Acho que posso fazer. Acho que consigo." E sorriu ante a própria resolução.

May retribuiu o sorriso e ergueu o copo. "Saúde!"

“A mim!”, disse Edwin ao brindarem. Depois, como uma reflexão tardia, mas que ganharia um significado mais profundo à medida que se desenrolassem os acontecimentos dos próximos meses, continuou: “É estranho, mas várias partes do manuscrito soaram muito familiares, sabe? Eu disse que se lê como um longo pastiche e é verdade. É como se todos os livros de auto-ajuda que existem tivessem sido postos num liquidificador e depois coados, para capturar a própria essência do gênero. Ele até tem uma seção chamada ‘As leis essenciais que governam o dinheiro’ que me pareceu um pouco familiar demais. Aí lembrei. Foi um livro que li na faculdade. Li por causa de um curso que eu fiz. Chamava-se As sete leis do dinheiro. E comecei a pensar se Soiree não estaria apenas roubando material de outros livros”.

“Plágio, paráfrase — é muito difícil provar que um não é o outro”, disse May, citando o Segundo Mandamento.

“Oh, eu sei. E não se pode registrar direito autoral de uma idéia. Ainda assim, havia alguma coisa no que Tupak escreveu que me deixou pouco à vontade. Quero dizer, era quase exatamente o que eu lembrava de As sete leis do dinheiro. Então, na hora do almoço, fui até aquela grande loja de livros de segunda mão na rua 5. Você sabe qual é.”

“Bryant’s Books?”

“Não, a outra, mais adiante. Em frente à mercearia. Enfim, As sete leis do dinheiro estão esgotadas, mas consegui achar um exemplar. Foi escrito por alguém chamado Phillips. E a verdade é que Tupak Soiree de fato baseou aquela seção do livro dele diretamente no que Phillips escreveu. E óbvio.”

Ouvindo isso, May endireitou-se na cadeira. “Plágio?”
“Não. Não plágio. Mas aí é que está: ele também não fez uma paráfrase. Entendeu mal umas coisas, misturou outras e alterou o resto. Sabe no que me fez pensar, May? Era como se ele estivesse escrevendo de memória. A versão de Tupak Soiree era mais semelhante ao que eu me lembrava de As sete leis do dinheiro. A nossa memória sempre muda as coisas: alguns detalhes se apagam, outros se tornam mais fortes, outros passam por uma transformação sutil. Foi o que aconteceu aqui. Foi como se Soiree tivesse,

intencionalmente, resumido não o livro original, mas a nossa recordação dele. E perturbador. E quem compra livro de auto-ajuda não quer ser perturbado. Quer uma reafirmação do seu amor-próprio. Quer ser acariciado, nutrido e aplacado com platitudes...”

“Aplacado com platitudes”? Gostei.” (May não conseguia resistir a aliterações. Era uma de suas fraquezas como editora. Desse-lhe alguém um copo de vinho e umas tiradas inteligentes que aliterassem, e ela ficava caidinha. Tinha até contratado Edwin em parte porque gostou da idéia de um ed. chamado Ed.) Estou preocupado. Faz anos que a Panderic não tem um grande sucesso. Desde o Águia dos Bálcãs. Verdade que a franquia do Caldo de galinha continua dando certo, mas faz muito tempo que não temos um grande estouro de vendas. Precisamos de um gerador de caixa.”

“Aquele último livro de auto-ajuda que você editou, qual foi mesmo?”

“Seja quem você não é.” “Esse vendeu bem.”

Até Edwin tinha que admitir que Seja quem você não é tinha vendido razoavelmente bem. “Ainda assim...”

“Não se preocupe. Vou lhe contar um segredinho. O nosso departamento de biografias está prestes a fazer negócio com uma faxineira que diz que fez sexo com o vice-presidente da república e com o presidente da Câmara” — May fez uma pausa para maior efeito dramático — “ao mesmo tempo.”

“Ah, meu Deus. O vice-presidente é democrata e o presidente da Câmara é republicano.”

“Eu sei. Chocante, não é? Só o escândalo vai cobrir o custo de todo o nosso catálogo de outono. Por isso, não se preocupe demais com o seu livro de auto-ajuda. Contanto que recuperemos os custos e tenhamos um pequeno lucro, você não terá problemas. Com o nosso inacreditável Sexo no Capitólio, a sair em breve, a Panderic vai ganhar milhões.”

“Uau. Um republicano e um democrata.”

“Ao mesmo tempo.”

“Inacreditável.” Edwin riscou um fósforo, acendeu apenas o segundo cigarro da noite (estava tentando diminuir) e tragou fundo. “Bom”, disse, citando o Primeiro Mandamento, “sexo

vende, não há dúvida. As pessoas nunca ficam saciadas. E um tipo de fome.” E o conceito, ou melhor, a imagem de sexo pairou entre eles, como uma promessa úmida e pesada. Levou um longo tempo para se dissipar.

“Mokíta”, disse May por entre dentes, mas alto o suficiente para que Edwin ouvisse. Mokita.

13.

Ao chegar em casa, Edwin viu que as mensagens em post-it tinham desaparecido, como se tivessem migrado para o sul, como borboletas. Jenni agora estava enfiada em feng shui, e passara o dia redistribuindo os móveis para se adequarem melhor ao mundo espiritual. Os objetos azuis da casa estavam amontoados no canto leste. O amarelo fora exilado para oeste e o cor-de-rosa, para norte. A televisão e a geladeira tinham sido colocadas em ângulos esquisitos e arbitrários — “para facilitar o fluxo de energia” —, e as argolas da cortina do chuveiro tinham sido pintadas de um estranho alaranjado. Supostamente isso tornaria Edwin e Jenni ricos e bem-sucedidos. (Parece que os deuses são loucos por argolas de cortina de banheiro laranja-cintilante.).

Enquanto vagava por entre a mais recente orgia de auto-ajuda de Jenni, Edwin pensava em algo que May lhe dissera certa vez. Algo que ela chamava de Teste Bruce Springsteen de Compatibilidade na Escola.

“Eu li, numa revista, um artigo sobre Springsteen quando ele casou pela primeira vez”, dissera May. “A mulher era modelo, do jet set, e se chamava Julianne não-sei-quê. Os editores da revista foram desenterrar umas fotos do noivo e da noiva, tiradas de álbuns de recordação do segundo grau, e publicaram com o artigo, um ao lado do outro. E sabe de uma coisa? Na escola, Julianne jamais teria olhado duas vezes para Bruce. Foi rainha do baile de formatura, era rica, morava num bairro elegante. Era chefe de torcida, foi Miss Popularidade, fazia parte do grupo in. Já a foto de Bruce é a de um pária social, tímido, desajeitado. Julianne era de Lake Oswego, um bairro de classe alta na Costa Oeste. Coisa muito distante das fábricas e dos bares sórdidos de Nova Jersey. Bruce e Julianne vieram de mundos diferentes. Se tivessem freqüentado a mesma escola, Julianne teria olhado de cima para ele. E casaram. Na hora em que vi aquelas fotos do álbum de recordação, eu disse que o casamento não tinha futuro. E acertei. Ele acabou deixando

Julianne pela cantora de apoio da banda, Patti Scialfa, uma garota de Jersey. Patti e Bruce teriam se dado muito bem na escola.”

May chamava de teste de compatibilidade: pessoas que jamais teriam se relacionado na escola, jamais deveriam casar umas com as outras. “Na verdade a gente nunca vai além dos nossos dias de escola”, disse. “Só os suprimimos. Aquilo que nós somos nunca muda de fato. A rainha do baile de formatura do colegial será sempre a rainha do baile. E um desajustado será sempre um desajustado.”

May falara em termos genéricos, mas os comentários tinham uma ponta de segunda intenção. Edwin fingiu que não estava prestando muita atenção — “Teoria interessante. Você já escolheu? o prato do dia parece bom” —, mas ficou remoendo as palavras dela. Ele tinha visto o álbum de escola de Jenni, sabia que ela tinha sido a garota mais popular de uma escola de muito status. Sabia que, se tivesse conhecido Jenni naquela época, com sua acne, seus óculos grossos e sua Norton Anthology enfiada em baixo do braço, uma figura magricela, conhecida basicamente por fazer citações em latim e observações secas e sarcásticas, ela jamais se teria dignado a falar com ele. E isso o teria arrasado. (Embora desprezasse os colegas, Edwin ansiava pela aprovação deles assim mesmo.) Edwin de Valu passara grande parte dos anos do colegial tentando cair nas graças de pessoas muito mais imbecis do que ele. E embora lhe tivesse dado um ego saudável e um certo quê arrogante, isso também havia enfatizado a sua condição de intruso permanente. Quando Jenni, miraculosamente, aceitou o seu primeiro convite para sair, pouco depois de ele haver entrado na Panderic, foi como se ele, enfim, tivesse sido aprovado como pessoa. Quando ela riu pela primeira vez do seu senso de humor fácil (um senso de humor que ele praticara diante do espelho na noite anterior), quando ela concordou na hora em sair com ele de novo, Edwin soube que se casaria com ela. Soube disso antes mesmo do segundo encontro. Casaria com ela para apaziguar o seu antigo eu. Casaria com ela para poder apagar a sua foto no álbum de recordação da escola, para poder dizer a si mesmo: “Viu? Você conseguiu!”.

Agora, isto. As argolas de metal estavam ficando verdes. A casa fora arrumada de acordo com um esquema arbitrário de cores, sua televisão formava um ângulo com linhas imaginárias de energia, e ele tinha a sensação de estar compartilhando sua vida com uma dublê de Jenni. Ela quase não parecia real. Parecia mais uma foto de álbum de recordação. Um recorte em tamanho natural. Uma permanente rainha do baile.

Talvez May tivesse razão. Talvez a teoria dela contivesse um núcleo de verdade. Talvez nenhum de nós vá realmente além do colegial. Mas servira no mínimo para dar a Edwin certa afinidade e uma relutante solidariedade com Bruce Springsteen.

14.

Naquela noite aconteceu uma coisa estranha.

Edwin estava em casa, com o manuscrito espalhado à sua frente, esforçando-se por dar uma forma mais viável à enormidade que Tupak Soiree escrevera. Já tinha identificado e separado vários temas básicos, cortado muitos dos menos importantes, riscado as reflexões mais abstratas, condensado a passagem longa e sinuosa sobre o amor a um resumo enxuto com sete itens, e estava atacando uma seção muito densa sobre “a dissonância cognitiva do eu”, quando topou com as instruções de Tupak Soiree para parar de fumar, bem na hora — e essa foi uma misteriosa coincidência — em que estendia a mão para pegar mais um cigarro.

“Ouça-me!”, escrevera Tupak. “Ouça. Pegue, neste exato momento, todos os cigarros que você tem e encha um copo com um quarto de água quente. Agora pegue um — e apenas um — cigarro. Será o último cigarro que você vai fumar. Neste momento. Agora. Você está prestes a parar de fumar para sempre. Vá até o banheiro e jogue os outros cigarros no vaso sanitário, mas não puxe a descarga. Olhe os cigarros flutuando lá dentro. Agora olhe-se no espelho. Acenda aquele último cigarro. O último cigarro que você vai fumar na vida. Mas não o saboreie. Ah não. Não fume lentamente. Não o aprecie. Não sinta prazer fumando. Você não deve fumar lentamente o seu último cigarro. Se fizer isso, com certeza não será o seu último cigarro. Não. Eu quero que você fume esse cigarro o mais depressa possível o mais rápido que conseguir, sufoque com a fumaça, não pare para respirar. Fume! Fume! Rápido! Faça isso agora!”

Edwin tossiu, tragando o mais depressa que conseguia, enquanto o papel estalava e a brasa vermelho-alaranjada se tornava um ferrão ardente.

“Agora, jogue-o rapidamente no copo. Jogue-o no copo e deixe ficar. Olhe para ele flutuando ali, encharcado, lento,

escurecendo a água. Aí está. O último cigarro que você fumou. O ultimíssimo. Agora leve o copo aos lábios...”

E Edwin se levantou, com a boca cheia de água imunda, a ponta de cigarro flutuando na sua boca, enquanto ele se olhava intensamente no espelho. Lutou para conter a ânsia de vômito, o impulso de engolir, de cuspir e vomitar. Ficou parado, olhando, e iniciou o que Tupak Soiree chamou de “a separação de traços de identidade”.

Vai além de fumar ou não fumar. Vai além de jogar ou comer demais ou comer de menos. Esses são meramente os sintomas de uma alma desequilibrada. São apenas traços desalinhados. Concentre a mente em realinhar esses traços. Permita que flutuem para o lugar certo, um a um.”

E alguma coisa se deslocou. Alguma coisa logo abaixo da superfície, como uma veia sob a pele. Foi como se as várias camadas da personalidade de Edwin — os vários defeitos e peculiaridades, os tiques e características que se combinavam para torná-lo quem ele era — aos poucos comesçassem a se separar.

Ele quase conseguia enxergar isso no espelho, bem diante de seus olhos. Se ele simplesmente soltasse a mente, o processo iria...

Edwin tossiu e cuspiu a água, cuspiu a ponta de cigarro no vaso, e puxou várias vezes a descarga. Estava com a cabeça rodando. Era como se tivesse roçado em algo escuro, quente e poderoso. Lavou a boca, jogou água fria no rosto, olhou-se no espelho.

“Eu sou Edwin de Valu”, disse. “Sou Edwin Vincent de Valu e fumo demais. Eis quem eu sou.”

Sentiu o pânico no peito ceder aos poucos. Tinha quase perdido o controle sobre a própria identidade, quase a deixara desintegrar-se, impelida para as partes que a constituíam, quase perdera o todo.

“Hun! Vou sair para comprar cigarro!” E vestiu o sobretudo.

Jenni desceu até o corredor, de roupão e descalça, com uma toalha enrolada na cabeça. “Você precisa mesmo de um

cigarro? A esta hora da noite?”

“Não. Não preciso. Honestamente não preciso. É por isso que eu vou.”

Saiu andando pesadamente na noite chuvosa e escura, à procura de um lugar que ainda estivesse aberto, em busca de nicotina, em busca de maus hábitos.

Enquanto isso, lá no número 668, Jenni sentou-se à mesa da cozinha. Olhou o manuscrito, arrumou a pilha de papéis aqui e ali, e depois, sem de fato pensar no que fazia, pegou uma ou duas folhas e começou a ler.

15.

O que aprendi na montanha continuava frustrando a necessidade de coerência editorial de Edwin. Partes do manuscrito vinham de fontes tão antigas quanto O livro tibetano dos mortos. Outras seções pareciam extraídas diretamente dos jornais do dia.

Bem no meio de sua reinterpretação tântrica dos Kama Sutra, entre uma prosa erótica e floreada, bem ao estilo Nova Era, Soiree se punha, de repente, a citar um recente estudo científico que apresentara provas de que sexo praticado com regularidade reforça os níveis de imunidade. “Um relatório na revista Natural Health citou uma pesquisa segundo a qual as pessoas que fazem sexo uma ou duas vezes por semana têm 29% mais imunoglobulina (IgA), uma substância que ajuda a combater as doenças.” Esse trecho científico e seco estava encravado no meio de uma discussão sobre “o tremor da haste de jade no lago tépido do lírio”. Era espantoso. Era como tentar ler um palimpsesto, pergaminho que tivesse sido escrito e apagado, inúmeras vezes até deixar apenas sombras de imagens. É isso, pensou Edwin, isto é um palimpsesto. (E, conforme os acontecimentos provariam mais tarde, Edwin estava certo. Era mesmo um palimpsesto, embora não, talvez, do tipo que ele imaginara.) Ler O que aprendi na montanha era como ler doze livros sobrepostos, um em cima do outro. Era como tentar editar uma biblioteca inteira de uma vez só. Era... era extremamente irritante, isso sim. Para um cérebro editorial, O que aprendi na montanha era uma afronta aos códigos básicos de redação e clareza. Não se limitava a violar as regras — reescrevia-as.

Não havia nem sequer divisão em capítulos. Soiree mal parava para tomar fôlego antes de mergulhar de cabeça no tópico seguinte. Não havia trégua. O texto se derramava, descontrolado, pela página. Cada idéia era entrelaçada com a próxima, numa longa guirlanda de margaridas de conceitos interligados. Um roseiral que crescera demais, com mais espinhos do que flores. O que aprendi na montanha exigia um machado e boa pontaria.

Edwin começou a fazer círculos em torno de certas frases feitas para usá-las como possíveis títulos de capítulos, mas logo se atrapalhou com a lista:

1. O tempo de ontem
2. Fui pescar
3. A ilusão das dietas (e a dieta da ilusão)
4. O dedo que aponta para a lua
5. Capturando a sua serenidade
6. A arte de beijar
7. O beijo da arte
8. Fazendo o dinheiro cantar
9. Uma introdução à economia orgânica
10. A receita de nabos refogados favorita da minha

mãe

E isso eram apenas as primeiras cem páginas. O quinto item da lista ("capturando a sua serenidade") era particularmente irritante. Soiree usava a palavra "serenidade" do modo como alguns escritores usam a pontuação, e a mensagem era ao mesmo tempo confusa e forte, como ler um poema num idioma que a gente só entende parcialmente. "Capture a sua serenidade". A sua serenidade é tudo o que você tem. Siga-a aonde ela o levar e leve-a para onde quiser. Siga-a mesmo enquanto ela o leva, e você a leva." Ao que o único comentário editorial de Edwin foi: "??". O que mais ele poderia dizer? A coisa não fazia sentido algum. E à medida que se aprofundava naquele matagal, à medida que as sentenças se amontoavam e a sintaxe se tornava mais e mais intrincada e os argumentos mais e mais circulares, Edwin sentia quase como se estivesse sendo hipnotizado. Entorpecido até a morte por palavras. Talvez o nosso misterioso Tupak Soiree fosse um mestre em hipnotismo, um adepto do mentalismo, que tecia uma rede fina e desconcertante de... Edwin clareou a mente, respirou bem fundo e disse consigo: "É só um livro, Edwin. É só um livro".

Na manhã seguinte, ele começou a cortar sem dó nem piedade.

O tempo estava se esgotando. Hora de tirar de cena o Cara Bonzinho. (Frequentemente, nesse estágio da edição, Edwin

amarrava uma faixa de banzai na testa e pendurava acima de sua mesa um aviso dizendo: “Nada de clemência!”.) Ele seguiu em frente, girando sua lâmina. Retalhou seções inteiras do manuscrito, quase ao acaso. Salvou apenas as partes mais carregadas de chavões (ou seja, as mais vendáveis) e descartou o resto. Reduziu o trecho sobre cigarro a um único trecho num box: “Esta é uma dica útil e prática! Na hora de parar, não saboreie seu último cigarro. Fume depressa, acabe logo com ele. Você não quer guardar recordações positivas do ‘seu último cigarro’”. Foram embora as seções sobre “desmontar a sua personalidade”, assim como os exercícios semi-hipnóticos para “realinhar os seus traços de caráter”.

Do ataque editorial de Edwin, lentamente começou a surgir um livro feliz, alegre — transbordando de lugares-comuns — e Edwin sentiu uma onda de entusiasmo, semelhante à que sente o artista cuja obra começa a tomar forma. A não ser pelo fato de que, sendo ele um editor, o seu ofício seria sempre negativo — um trabalho de remoção, não de criação. Não tinha importância. Ele estava se sentindo bem. Sabe-se lá se o livro de Tupak Soiree não acabaria sendo o próximo Caldo de galinha da Panderic. “Estejam sempre preparados para o sucesso”, dizia mr. Mead. Razão pela qual iriam precisar de um título novo, melhor. Um título que pudesse ser utilizado com facilidade numa série, caso as vendas a justificassem. Claro que poderiam chamar o livro seguinte de O que aprendi no céu, e depois O que aprendi no mar, e O que aprendi na floresta, e assim por diante, mas Edwin estava procurando algo mais atraente, mais fácil de lembrar. Além disso, as paisagens naturais logo se esgotariam como inspiração, e aí eles fariam o quê? O que aprendi no istmo, O que aprendi na tundra, O que aprendi nos bosques semiboreais?

“Que tal alguma coisa com flores?”, sugeriu May.

Embora estivesse trabalhando em casa, Edwin tinha combinado com May de se encontrarem a meio caminho entre o escritório e a casa dele.

“Coma, coma”, disse Edwin. “O O’Connor’s serve um sanduíche Reuben bem decente. Vem com pickles kosher.”

“Não posso. Estou num regime severo de coalhada e água tônica.” May tinha lido o último número de O e Edwin teve que se conter para não dizer: “Você não precisa perder peso, May, você é linda”. Não podia dizer isso. Não podia dizer porque teria causado um silêncio embaraçoso, teria trazido de volta para o mundo deles, na mesma hora, o Sheraton Timberland Lodge. O que disse, então, foi: “Flores?”.

“No título. Algo como Um buquê de rosas para ajudar você a crescer. Existe uma relação de nomes de flores quase interminável Edwin. Um vaso cheio de tulipas, Um punhado de margaridas, Um ramo de campânulas azuis. Você poderia continuar indefinidamente.”

“Não é mau. Não mesmo. Eu estava pensando mais em algo com ‘pot-pourri’ no título. Para enfatizar o caráter misto do livro. Afinal, aborda uma grande variedade de tópicos. Uma coisa mais abrangente, por assim dizer.”

“Já sei! Bombons. Bombons sortidos. Usamos texto em letra cursiva na capa, talvez até uma fita de seda com o título, a imagem de uma caixa em formato de coração na frente, e cada bombom com um rótulo diferente: amor, felicidade, trabalho, dinheiro.”

“Bombons. Gostei. Gostei muito.” Pegou o maço de cigarros, forçou-se a acender um, tragou a fumaça amarga, tentou não ter ânsia de vômito. O gosto era péssimo, mas ele se obrigou a fumar assim mesmo. Acabou admitindo a derrota e apagou o cigarro na metade. Ficou com uma sensação oleosa e nauseante nas veias. “Bombons”, disse, enchendo a boca de Guinness para tentar eliminar o gosto do tabaco e o punhado de associações que fazia agora com o cigarro. “Brilhante, May. Absolutamente brilhante. Está me dando arrepios só de pensar.”

“Bombons”, disse May, depois de um longo silêncio. “Bombons para a alma. É disso que eles precisam e é isso que vamos dar a eles.”

16.

Depois da última maratona de carnificina editorial, depois de cortar, podar e rabiscar comentários editoriais cada vez mais incoerentes, a vista de Edwin começou a fraquejar. Os olhos passaram a latejar e a visão ficou turva e desfocada. Se os escritores sofrem de lesão por esforço repetitivo, a cãibra dos escritores, os editores sofrem de "lesão dos olhos exaustos". Pôs cubos de gelo sobre as pálpebras fechadas, borrifou repetidamente o rosto com água, tentou até improvisar um pouco de aeróbica com os globos oculares, mas nada funcionou. Estava na hora de dar a noite por encerrada.

Bocejou, espreguiçou-se e disse, alto: "A vida glamourosa de um editor. Não tem igual".

A sessão não fora totalmente monótona. Pouco depois da meia-noite, enquanto investia contra o manuscrito com seu poderoso lápis azul, matando palavras sem nenhuma inibição, Edwin por acaso virou uma página e vislumbrou, com o rabo do olho, alguma coisa escrita no verso. Era uma mensagem, numa caligrafia que poderia ser qualificada de letra de bêbado: "Oliver Reed morreu e eu também não me sinto muito bem".

Edwin foi pego de surpresa.

Oliver Reed? Quem, diabos, era Oliver Reed? O nome parecia familiar, de um modo meio irritante. Um cantor? Um músico? Talvez um ator? Mas o que é que Oliver Reed tinha a ver com qualquer coisa? O que é que ele tinha a ver com Tupak Soiree e a busca da felicidade humana?

A cabeça de Edwin agora estava latejando. Doíam-lhe as cavidades oculares e doía-lhe o cerebelo, em resultado do esforço (mental e outros). Apagou a lâmpada de mesa e cambaleou na direção da cama. Oliver Reed? Quem, diabos, era Oliver Reed?

Algo o esperava quando ele se enfiou, exausto, entre as cobertas, algo selvagem e bravo. Uma tigresa. Uma sedutora. Sua

mulher. Ela deslizou para cima dele, por debaixo dele, à sua volta, como uma lambida longa e molhada.

“Hun? Não, não mesmo, eu...”

“Grrrrr”, fez ela.

“Não. Não estou a fim. Eu estou morto de cansado. Verdade, estou mesmo.”

Ela correu os dedos pela caixa torácica dele, quase como se contasse as costelas. Parou num ponto específico, deslizou o polegar da outra mão por dentro da coxa dele e fez pressão. Um choque elétrico, uma descarga. De repente ela resvalou para cima dele, e ele, antes de conseguir compreender o que estava acontecendo, estava dentro dela, levado pelo ritmo dela, tremendo como uma mosca pega numa teia de aranha. Jenni estava fazendo alguma coisa bem lá no fundo, uma espécie de contra-arremetida com a virilha pressionada contra ele, que fazia os poros dele faiscar e as suas sinapses disparar fogos de artifício. Era como se ela tivesse derramado conhaque em cima do corpo dele e ateado fogo. Ele ouvia a respiração dela, suave, enquanto o ritmo de ambos se acelerava, suspiros alternando-se com soluços, soluços alternando-se com gemidos. Ele sabia que

ela estava prestes a gozar, sentia que ela estava quase lá, e aí, no mesmo momento — exatamente no mesmo momento cósmico — ele gozou também, explosão após explosão, um depois do outro, um final quase musical.

Depois, Jenni deslizou para o lado, enroscou-se e adormeceu quase que no mesmo instante, ronronando e roncando, roncando e ronronando. Edwin ficou ali deitado, o corpo quente e suado entre os lençóis, agitado com o que acabara de acontecer. Sentia a coxa tremer em pequenos espasmos e não havia como fazê-la parar. Afinal, Edwin de Valu nunca tinha tido um orgasmo múltiplo. A cabeça girava, suas emoções rodopiavam como um pião. De certa forma, era aterrorizante.

E enquanto ouvia o coração martelar e sentia a perna tremer, notou, com uma estranha sensação de mau presságio, que a cama continuava perfeitamente arrumada. Os lençóis e os

cobertores não tinham saído do lugar durante o ocorrido. Não estavam nem mesmo amarrotados.

Edwin levou muito tempo para pegar no sono.

Na noite seguinte, Jenni deslizou para o lado de Edwin e lançou o mesmo ataque erótico da véspera. E na outra noite. E também na outra. Cada ataque era tão exaltado e eletrizante quanto o anterior. E era sempre absolutamente o mesmo. Edwin jamais teria imaginado que fosse possível: êxtase sexual de rotina.

Foi só bem mais tarde que ele chegou à parte do manuscrito que descrevia a Técnica de Li Bok, com a sua esquisita combinação de informação ginecológica sobre “ângulo de penetração” e “contrapressão” e “bordas de tecidos macios” e passagens românticas e poéticas sobre a Canção de Salomão e a união mística dos opostos. Era suficiente para dar dor no cérebro. Edwin tinha dito que ler o manuscrito lhe fazia a cabeça girar, e era verdade. Como abelhas num vidro de compota vazio, as idéias de Tupak Soiree eram de enlouquecer. Atormentavam a pessoa até enlouquecê-la, até forçá-la a desistir e aceitá-las como verdadeiras ou fugir.

Como editor, Edwin não podia fazer uma coisa nem outra. Assim, seus olhos continuaram a embaçar e doer, sua cabeça continuou a girar e suas noites continuaram cheias de explosões em staccato de intenso prazer sexual.

“Você devia estudar a parte sobre Li Bok”, arrulhava Jenni. “Diz que funciona melhor em tandem. Mulher. Homem. Em conjunto.”

“Eu sei, eu sei. Os homens são de Marte. As mulheres são de Vênus.”

“Exatamente”, disse Jenni, de olhos brilhando. “Mas, juntos, eles vivem em Júpiter. Você não entende?”

Claro que Edwin não entendia. Não fazia sentido. Nunca. Nada daquilo. Para ele, O que aprendi na montanha era um atoleiro de contradições.

“É como uma daquelas imagens de Magic Eye 3-D”, dissera Rory, o zelador. “Aqueles em que no começo a gente só enxerga um monte de pontinhos e, de repente, clique, aparece uma

figura. É como mágica. Num momento você não distingue nada, tudo é caos, e no momento seguinte aparece uma forma, com massa e dimensão reais. É assim com Tupak Soiree e com o texto dele. Quando faz sentido, acontece de repente. Num flash.”

Infelizmente, algumas pessoas podem olhar para uma imagem de Magic Eye 3-D durante horas, podem olhar até sentir dor nos olhos e nunca ver nada aparecer. E era assim que Edwin se sentia enquanto peneirava a verborragia de Soiree, tentando moldá-la em algo mais simples. Algo mais seguro.

17.

Nos quatro dias que se seguiram, Edwin de Valu trabalhou mais do que durante os seis meses precedentes. Cortou, podou, desbastou. O manuscrito, como um monstro mitológico, tinha que ser derrotado ou, no mínimo, subjugado, e Edwin não podia vacilar. Agora, não. Assim, depois de avançar com dificuldade e deixar o caminho cheio de fragmentos salpicados de sangue, ele, finalmente, contra todas as probabilidades, conseguiu reduzir O que aprendi na montanha a pouco mais de trezentas páginas. O que antes fora um atoleiro de palavras, tornara-se uma leitura rápida e leve. Quebrou o texto em "indicações práticas", "truques úteis" e "pequenos lembretes". Acrescentou umas notas para o departamento de arte e sugestões para possíveis adornos: uma rosa aqui, o desenho de um coração de chocolate ali. As páginas estavam cobertas de comentários rabiscados em garranchos, mas Edwin tinha vencido a batalha. A primeira leva de Bombons estava quase pronta. Embalou o manuscrito editado, despachou-o por Fedex para Tupak Soiree, aos cuidados do Parque de Trailers de Paradise Flats, e soltou um suspiro cansado mas triunfante. Não tinha energia para dar vivas nem para erguer os braços acima da cabeça, mas queria celebrar. Fazia quase uma semana que não sabia o que era uma noite inteira de sono e sentia o corpo esgotado (em todos os sentidos da palavra), mas dane-se. Deu uma ligada para May.

Um drinque rápido virou um almoço leve e um almoço leve virou um longo bate-papo noite adentro. Edwin sentia como se lhe tivessem removido um grande fardo dos ombros. Tinha a sensação de que podia sair flutuando a qualquer momento, como se tivesse o peito cheio de hélio. E May sorria para ele, uma calorosa zona lilás do outro lado do copo de vinho dela. (Tinha mudado a cor do batom, passado para um tom mais suave, mas ainda da linha de cosméticos Crayola.) Edwin, o Cabide Humano, e May dos Lábios Lilases faziam um par improvável, sentados na penumbra, pedindo

vinho e cerveja, e rindo de nada. Bom, não era bem verdade. Estavam rindo de mr. Mead, o que dava mais ou menos na mesma.

“Ora, Edwin, você tem que dar crédito ao homem. Quero dizer, ele mereceu as cicatrizes dele. Mr. Mead pagou o que devia, subiu na vida trabalhando duro. Nossa, o homem passou seis anos conferindo fatos para Tom Clancy. Seis anos! É um recorde que talvez nunca seja quebrado. O único que chegou perto foi aquele outro cara, que passou quatro anos e meio fazendo a mesma coisa para Clancy. E acabou num hospício, repetindo uma ladainha técnica e dizendo palavras de meio metro de comprimento. Mr. Mead escapou com vida.”

Edwin conhecia a história, ouvira-a muitas vezes. Era repetida aos cochichos quando mr. Mead passava, sussurrada em tons de admiração e deferência. “Esse é o homem que passou seis anos conferindo fatos para Tom Clancy.” Na indústria editorial, mr. Mead suscitava o tipo de respeito geralmente reservado a veteranos do Vietnã endurecidos pelo combate. “Seis anos, imagine só. Seis anos.”

“Ei”, disse Edwin, “você já ouviu falar de uma coisa chamada Técnica de Li Bok?”.

“Hum?” May estava com a boca cheia de torta de chocolate. Ela se dera um “dia de folga” na dieta, uma dieta de salsão e soda sem gás, e estava aproveitando ao máximo.

“Li Bok”, disse Edwin. “É uma técnica de fazer amor. A mulher começa, mas como o ângulo acompanha o, ahn, ritmo, o homem e a mulher em geral acabam, você sabe, atingindo o clímax ao mesmo tempo. Está no livro de Soiree. É espantoso. Vai substituir o ponto G, juro.”

“Não!”, disse May, fingindo-se horrorizada. “Não o ponto G!”

“É verdade. Esse Li Bok funciona. Funciona mesmo.”

“Bem”, disse Mary, seca, “isso pressupõe que se tenha um parceiro com quem trabalhar.”

“Não, não”, disse Edwin, um tanto rápido demais. “Quero dizer, você não precisa de um parceiro. Gente sozinha

também pode fazer. Há uma seção inteira sobre amor solitário. Você sabe” — e ele baixou a voz — “masturbação.”

“E por que é que isso seria de algum interesse especial para mim?”, perguntou May, num tom nitidamente gelado.

“É só que, bom...”.

“Edwin, para o seu governo, eu tenho uma dúzia de amantes enlouquecidos, escrevendo poemas para mim. Para o seu governo, eu tenho homens passando de carro embaixo da minha janela, tarde da noite, definhando de paixão. Para o seu governo, eu tenho mulheres passando de carro embaixo da minha janela, tarde da noite. Para o seu governo, a cada dia da semana, quando eu volto para casa, é para participar de uma orgia.”

“Está bem, está bem. Eu acredito. Não precisa entrar nos detalhes. E em todo caso eu sei que você, na qualidade de executiva poderosa que é, nunca, jamais se masturba.”

“Au contraire”, disse May, com ar casual. “Fiz isso ainda outra noite. E pensei em você o tempo todo.”

Ele riu. “Touché.” Mas o que Edwin não sabia, o que não podia saber, era que May estava dizendo a verdade.

“E o que dizer de parceiros do mesmo sexo?”, continuou May. “Parece que o seu mr. Soiree não pensou em tudo.”

“Na verdade, pensou. Há uma variação de Li Bok para gays. Admito que é um pouco superficial.”

May sorriu mais lilás para ele. “Então”, disse, “você vai ter que testar, não vai? Para garantir que também funciona com gays.”

“Tudo bem. Peço ao Nigel que me ajude. Por que não? Faz anos que ele me fode.”

May riu e Edwin pediu outra bebida.

“Oliver Reed”, disse Edwin. “O ator. O que é que você sabe sobre ele?”

“O Super-Homem?”

“Não, não Reeve. Reed. Oliver. Um ator britânico, nascido em Wimbledon, em 13 de fevereiro de 1938. Procurei o nome dele nas biografias de celebridades da Panderic. Lembra daquele filme, Gladiador? Oliver Reed trabalhou nele. Foi o último

filme que ele fez, morreu durante a filmagem. Na Itália, ou coisa assim. Parece que ainda não tinha filmado todas as cenas, então usaram uma técnica digital para pôr o rosto dele no corpo de outra pessoa.”

“Hum, dá um pouco de arrepio, não?”

“Oliver Reed começou a carreira em filmes de terror baratos”. Era um anti-super-homem, para dizer o mínimo. Os filmes que ele fez parecem absolutamente medonhos, sem nada de nobre ou heróico. Eu tenho a lista aqui, em algum lugar... Aqui.

O primeiro papel principal dele foi em A maldição do lobisomem. Também fez As duas faces do Dr. Jekyll. O que mais? Criaturas da noite, Sangue nas ruas, O poço e o pêndulo. Também fez uns de capa e espada: Os piratas do rio Blood, A espada da floresta de Sherwood, Os três mosqueteiros, Os quatro mosqueteiros, e assim por diante. Fez um vilão no musical Oliver e um bailarino em A liga de cavalheiros. Mas, de modo geral, era uma espécie de machão de aluguel de segunda classe. Olhos azuis, bonitão, do tipo carrancudo, cheio de raiva contida. Uma série de romances escandalosos com estrelas, várias brigas em bares — esse tipo de coisa. Durante um tempo Reed lutou boxe, chegou a ser premiado, e também era um beberrão notório. Fez mais de sessenta filmes, mas duvido que me lembre de um único. E muito esquisito. Pelo que sei, Oliver Reed nunca leu sequer um livro de auto-ajuda. “Ele dizia que a única coisa que lamentava na vida era não ter bebido todo o estoque de cada bar e dormido com cada mulher do planeta.”

“Que simpático.”

Edwin assentiu com a cabeça. “Ele não era exatamente do tipo delicado e sentimental.”

“É?”

Edwin encolheu os ombros. “É nada. É só que... bom, é só que Tupak Soiree rabiscou uma nota sobre Oliver Reed nas costas de uma das páginas do manuscrito, acho que por acidente, e não consigo entender de jeito nenhum. O que é que Oliver Reed tem a ver com a história? O que é que ele tem a ver com buscar iluminação espiritual ou atingir calma interior?”

“Talvez Soiree estivesse falando ao telefone. Você sabe como a gente anota coisas em qualquer pedaço de papel que esteja à mão. Devia estar conversando com um amigo, que por acaso era fã de cinema, o amigo mencionou Oliver Reed — e Soiree anotou, distraído. Não acho que você precise procurar um significado oculto em algo que um autor rabisca nas costas de um manuscrito.”

“Você tem razão. Deve ter sido isso. Ele só anotou. Quero dizer o que é que um lobisomem e Dr. Jekyll têm em comum com Tupak Soiree, não é? Não é? Ainda assim...” Os pensamentos de Edwin seguiram outra pista. Intuitivamente, ele sabia que havia mais do que isso, sabia que a morte de Oliver Reed talvez fosse a chave para se compreender a verdadeira intenção de Tupak Soiree. Mas qual era a ligação? E por que o adendo: “... e eu também não me sinto muito bem”? O que é que Tupak Soiree estava tentando dizer? E por que um suposto guru, que se abstém ostensivamente de álcool, teria escrito essa nota aparentemente alcoolizado?

“Alô?”, disse May. “Controle de terra chamando o major Tom.”

“Desculpe”, disse Edwin. “Eu estava com a cabeça longe.”

“Eu percebi. Entendo que não sou o papo mais brilhante do mundo, mas gostaria de pensar que você e eu podemos passar uma noite juntos sem que você mergulhe em silêncio a cada cinco minutos.

“Humm?” Edwin começava a ir à deriva de novo.

May riu. “Eu só estava dizendo que nós nos comunicamos muito bem, você e eu. Os japoneses chamam isso de ah-un, a comunicação não-verbal de velhos amigos e...” Ela parou. A frase referia-se a amantes também.

Edwin ia responder, quando alguma coisa lhe chamou a atenção. Alguma coisa lá fora. Pela janela, viu luzes piscando e ouviu sirenas apitando, enquanto um grupo de homens erguia um outdoor. Era enorme, e quando foi fixado no lugar, Edwin leu: Em breve, mais um projeto da Fundação Rory P. Wilhacker. E se esqueceu completamente de Oliver Reed.

“Eu estava pensando”, disse, mais consigo mesmo do que

para May. “Você acha que há algum banco aberto a esta hora da noite?”

Ela olhou o relógio. “Acho que sim. Acho que ficam abertos até as onze. Mas só para depósitos e transferências.”

“Perfeito!”, disse Edwin, engolindo de um trago o resto da cerveja. “Eu tenho que correr. A gente se vê. Tchau.” E saiu, sem nem mesmo se dar ao trabalho de vestir o casaco ao atravessar a porta correndo, já de mão levantada e acenando para um táxi.

May o viu sair em silêncio, perplexa, desnorteada. A noite tinha terminado numa nota dissonante e ela não sabia bem o que pensar. Sentia-se insultada. E o pior era que a nuvem da culpa provocada pelo excesso de torta já estava se abatendo sobre ela.

“Bom, e com isso se encerram as minhas artimanhas femininas para enredar um homem casado. Claro que” — e agora estava sendo apenas maldosa — “eu digo ‘homem’ no sentido mais vago da palavra.”

E mais uma vez May se perguntou o que era, exatamente, que via num homem irritável, inconstante, magricela, sarcástico e compulsivo como o nosso Edwin. E mais uma vez não encontrou resposta. (Ninguém jamais encontra. Não mesmo.)

“Mais torta!”, disse, acenando para o garçom como um soldado ferido que pede um médico. “Mais torta!”

18.

Quando saltou do táxi diante do First National, Edwin sabia exatamente o que tinha que fazer. No trajeto, vasculhara a pasta e pegara as páginas do manuscrito que tratavam de economia orgânica.

Transferiu as poucas economias que tinha — menos de dois mil dólares — para uma nova conta e depois investiu o dinheiro em títulos de curto prazo (agora a 3,94%) e em ações conversíveis de primeira linha.

“Isto só vai cair amanhã”, disse a funcionária, entrincheirada atrás do seu vidro à prova de balas.

“Ótimo. Eu tenho vinte e quatro horas para reaplicar.”

A primeira coisa que Edwin fez na manhã seguinte foi abrir uma conta cascata. Depois reinvestiu o capital e converteu os juros na metade do ciclo. Jogando cuidadosamente com a diferença de horário entre a Costa Leste e a Costa Oeste, conseguiu mover o dinheiro de um lado para outro do país cinco vezes antes de a semana terminar. Na segunda-feira seguinte, o seu investimento inicial valia dezoito mil dólares. Na terça, valia mil dólares. Na quarta, 680 mil. E na quinta, os agentes federais apareceram.

Estavam à espera de Edwin quando ele, devagar, chegou ao trabalho naquele dia. Eram dois, de óculos escuro-padrão, terno escuro e severo, e uma expressão adequadamente lúgubre. Eram agentes do FBI, cujo lema era: “Não achamos muita graça nisso”.

“Mr. de Valu”, disse o primeiro homem. “Sou o agente Bla-blá e este é o agente Fulano de Tal.” (Não há motivo para lembrar os nomes deles.).

Edwin atirou o paletó em cima da mesa. Depois, com um sorriso, disse: “Vão ao mesmo alfaiate, certo?”. Infelizmente essa tentativa de fazer graça não os cativou. (Ver o lema acima.).

“Este ambiente de trabalho é pequeno e bastante humilde”, disse um dos agentes, correndo os olhos pelo cubículo de

Edwin, "para um milionário. Não acha?"

"E mesmo?", disse Edwin. "Um milhão? Ainda não tinha chegado a isso quando fui para a cama ontem à noite, e eu não tinha certeza se ia ou não bater em um milhão hoje. Quero dizer, matemática nunca foi o meu forte, mas achei que com..."

"Dois milhões e meio, para ser exato", disse o agente Blablá.

"Rá, rá! Excelente! Agora, senhores, se me dão licença um instante, há um rabo-de-cavalo que eu tenho que puxar e um colega de trabalho que eu vou esmurrar até deixar desacordado. Volto daqui a pouquinho para limpar a minha mesa e continuarmos esta conversa em algum outro lugar — num jato particular para o Pacífico Sul, talvez."

"Eu não faria isso, se fosse o senhor."

"Sente-se, mr. de Valu." O agente estava sentado na única cadeira no cubículo.

"Acho que vou ficar em pé." .

"Como quiser, mas fique avisado de que, se decidir fugir, seremos forçados a atirar no senhor."

Houve uma pausa. "É brincadeira, não é?"

"Nós nunca brincamos, mr. de Valu."

"Atirariam em mim?"

"Atiraríamos no senhor."

"Danem-se os observadores inocentes?"

"Danem-se os observadores inocentes."

"Uau", disse Edwin. "Eles são só editores, são descartáveis, mas ainda assim..." E pela primeira vez, desde o momento em que encontrara os dois homens do FBI no seu cubículo, Edwin de Valu se deu conta de que talvez estivesse mesmo em apuros. Apuros sérios. O roteiro todo talvez não terminasse com ele deitado numa praia em Bali, comendo morangos gelados enquanto um lacaio o abanava lentamente com uma grande folha de palmeira, e Nigel, de cabeça para baixo, pendia sobre uma fossa de esgoto. Podia muito bem terminar de maneira inteiramente diferente.

“A sua conta foi congelada, mr. de Valu. As transações estão bloqueadas e há uma investigação em andamento.”

“O que eu fiz é crime?”

“Não temos certeza.”

Assim, Edwin assinou uma renúncia de direitos e foi levado para ser interrogado. Não acenderam uma lâmpada forte nos seus olhos, não o espancaram com um cassetete de borracha nem nada, mas fizeram-no esperar por um tempo insensatamente longo, sozinho numa sala de interrogatório, ao som de uma versão instrumental e açucarada de Cats. Edwin não achou que aquilo fizesse parte do interrogatório, mas não dava para ter certeza. Quem sabe? Talvez um grupo de homens com fones nos ouvidos e em mangas de camisa estivesse espiando por trás do espelho naquele exato momento, esperando que ele fraquejasse. “Nenhum sinal ainda? Aumentem o volume, aumentem os efeitos dramáticos. A gente entra com a letra toda se for preciso!”

A riqueza repentina de Edwin estava no limbo agora. A investigação podia levar anos; ele talvez nunca mais visse o seu dinheiro. Parece que recentemente surgira toda uma leva de milionários, quase que da noite para o dia, todos num raio de quinze quilômetros da cidade e todos com o mesmo modus operandi. Tinham se insinuado pelos portões, feito fortunas em uma semana e sugado milhões — se não bilhões — através de brechas inócuas nas leis bancárias. E algumas dessas brechas eram extremamente estreitas; foi como sugar um búfalo por um canudinho. A investigação foi avançando e os círculos concêntricos dos investigadores foram se fechando em torno de um homem: Rory Patrice Wilhacker. Todos os envolvidos na fraude (se é que se podia chamar assim) eram amigos de Wilhacker, ou parentes, ou um ex-vizinho ou o amigo de um ex-vizinho ou o vizinho de um amigo. Era toda uma rede de riqueza repentina e sorradeira. Infelizmente, quando o governo interveio, a maior parte do dinheiro tinha desaparecido em contas no exterior e em entidades filantrópicas registradas recentemente. Só nos últimos sete dias tinham surgido mais de duzentas fundações não-lucrativas. Todas alegavam se dedicar a boas obras por boas causas — “fazendo o dinheiro cantar”,

diziam —, mas era evidente que o FBI e a Receita Federal não acreditavam nisso.

“Era como um esquema de pirâmide invertido”, explicou um dos agentes. “Em vez de diminuir, ia ficando cada vez maior. A riqueza da base continuou se expandindo, contrariando todas as leis conhecidas da matemática exponencial. Foi como se eles tivessem virado a teoria econômica de cabeça para baixo. E eles ganharam uma fortuna, explorando o sistema.”

“É mesmo? Houve gente perdendo dinheiro por causa do que eles fizeram?”, perguntou Edwin.

A pergunta revelou-se embaraçosa.

“Não, não exatamente. Como eu disse, vai contra as expectativas. Eles não estavam injetando recursos no sistema. Não estavam contribuindo com nada, não estavam produzindo nada. E não eles não sacaram o dinheiro de outras contas. O dinheiro não foi roubado; simplesmente cresceu. A matemática não faz sentido algum, mas parece que...”

E Edwin pensou numa coisa que Rory dissera: “O dinheiro não é uma criação matemática. É orgânico. Tem vida. Respira. Cresce”. Começou a rir.

“Você acha engraçado? Acha mesmo, espertinho?”

“Não, senhor.”

“Porque nós não achamos.”

“Eu sei”, disse Edwin, em tom de desculpas. “Eu vi o lema na entrada. Desculpe. A sério. Mas eu ainda não entendo o crime que foi cometido. Que leis, exatamente, foram violadas?”

“Ainda não decidimos. Mas eu o aconselharia a não deixar os limites do estado até segunda ordem.”

Ninguém jamais foi preso ou formalmente acusado no caso Rory P. Wilhacker e, com a única exceção de Edwin de Valu, ninguém perdeu um centavo para o governo. Só o coitado do Edwin, retardatário e azarado, foi pego. Só Edwin teve o seu dinheiro apanhado numa rede de regulamentos ad hoc. Desde o começo ele achava que era bom demais para ser verdade. A ascensão e a queda da fortuna de Edwin de Valu ocorrera no período de uma semana. Fora demais e rápido demais. E embora tivesse sido uma cavalgada

desenfreada e inebriante, semelhante a um súbito golpe de sorte na roleta, ele sempre desconfiara que terminaria num tombo fragoroso. E terminara.

Logo depois o governo começou a emitir normas complexas acerca do uso de contas cascata e regulamentos destinados a impedir “o surfe nos fusos horários”, conforme ficou conhecido, mas a essa altura tinham sido criados mais de mil milionários e multimilionários. E foi no boca a boca que todos aprenderam a agir.

Para Edwin, foi como acordar de um sonho especialmente agradável, um sonho de riqueza fácil e possibilidades ilimitadas, e cair de volta na terra, de volta ao ramerrão cotidiano da vida na Avenida Grand. Não tinha importância. Por um momento, um momento breve e resplandecente, Edwin de Valu tivera tudo. Por um momento, fora obscenamente rico. Por um breve momento, fora algo mais do que um editor.

19.

A vida continuou. O trabalho continuou. As rodas e engrenagens continuaram a girar. Tupak Soiree enviou um fax para Edwin, informando que tinha recebido o manuscrito editado. "Vou dar uma olhada e mandar de volta o mais breve possível. Seja, sinta e saiba. Tupak Soiree."

O pessoal de marketing já estava pensando nos nichos de mercado e nas abordagens. O departamento de arte estava esboçando uma capa ("Bombons e cetim", frisara Edwin), e May contratara um novo estagiário, o que significava que já não haveria pilhas enormes de manuscritos não-solicitados a examinar; eram todos despejados em cima de Mario, o Estagiário. (Edwin desconfiava que May o contratara só por causa do apelo da aliteração.) Mario não começara exatamente com o pé direito. Sua primeira grande gafe ocorreu quando, ao ser apresentado a Edwin, comentou que os dois tinham atividades semelhantes.

"Os nossos trabalhos não são parecidos", estrilara Edwin. "Não são parecidos em absoluto. Você passa o tempo remexendo em pilhas de manuscritos não solicitados. Eu passo o tempo depurando e aperfeiçoando obras de arte. Remexer versus depurar. As duas coisas não estão sequer na mesma categoria de atividades. Agora, vá me comprar um sanduíche, Mario."

Mario tentou o melhor que pôde, tentou mesmo, mas simplesmente não estava nem um pouco sintonizado com o que se esperava dele. Não estava abatido o suficiente (ainda). Seu espírito não fora adequadamente esmagado (ainda). "Dê mais uma semana a ele", dizia May. "Ele vai dar certo." Mas quase não se passava um dia sem que Mario viesse correndo com uma ou outra "grande descoberta" que tinha feito na pilha de baboseiras. Ele até procurou Myers, no departamento de ficção científica, para dizer, sem fôlego: "Acabei de ler uma proposta para um romance que se passa no futuro e achei fantástica. O final é uma grande surpresa, entende? O mundo foi destruído, entende? Aniquilação nuclear total. Mas nem

todo mundo morre. Um homem e uma mulher conseguem sobreviver. E, na ultimíssima página, o homem se vira para a mulher e diz...”

“Olá, meu nome é Adão”, disse Myers, com desânimo, como se recitasse de memória.

“Hum, é. Como é que você sabia?”

“E aí ela se vira e diz: ‘O meu nome é Eva’. Eles se dão as mãos e contemplam o nascer do sol.”

“Isso. Você já leu?”

“Ah, sim. Muitas vezes. Muitas e muitas vezes.”

Mesmo assim, Mario, o Estagiário, era um bom garoto. Ainda que fosse um tanto diligente demais e um tanto, sabe como é, simpático demais.

Estava tudo indo bem. O escritório fervilhava. As coisas davam certo, as peças se encaixavam. E então o chefe apareceu e estragou tudo. Mr. Mead tinha acabado de voltar de quatro dias num seminário de editores em Antígua. (“Quatro dias de discussões intensivas e ininterruptas”, disse ele.) Quando Edwin chegou ao trabalho, encontrou um bilhete de Mr. Mead preso com fita adesiva na sua cadeira. Dizia: “Dê uma olhada nos seus e-mails Edwin”. Ele fez isso e, claro, havia uma mensagem de Mr. Mead à sua espera. Dizia: “Vá até a recepção, Edwin. Há um memorando para você lá”. Edwin arrastou-se até a recepção e pegou o memorando. Dizia: “Edwin, venha à minha sala imediatamente. Assinado: Mr. Mead”.

“Graças a Deus que vivemos na era da informação”, disse Edwin. (Por mais absurda que pareça, essa cadeia de eventos tinha a sua própria lógica interna. Mr. Mead primeiro mandara o memorando para a recepção. Depois, achando que Edwin talvez não o pegasse, mandara um aviso por e-mail. Depois, pensou: “E se Edwin não der uma olhada nos e-mails logo que chegar?”. Mr. Mead fora até o cubículo e escrevera um bilhete rápido, dizendo a ele que não esquecesse de conferir os e-mails. Daí a cadeia de eventos. Era esse o tipo de companhia bem organizada que Mr. Mead dirigia.)

Edwin cruzou com May no saguão. “Indo para a sala de Mr. Mead?”, perguntou ela.

Edwin fez que sim com a cabeça. “Estou fazendo o trajeto pitoresco, passando pelos e-mails e pela recepção.”

“Se você vai ver mr. Mead, fique prevenido: ele andou lendo o Financial Times.”

“Ah, não”, disse Edwin, diminuindo o passo consideravelmente. “De novo, não.” De novo, não.

Pense nisso como se fosse teatro do absurdo”, disse May, sorrindo.

Edwin entrou na sala de mr. Mead de ombros arqueados, já em atitude de antecipação da derrota.

“O senhor queria falar comigo, chefe?” Às vezes a criatividade precisa de um pequeno incentivo. Às vezes o gênio precisa de uma mãozinha solícita. Em dias assim, Leon Mead gostava de preparar um coquetel inspirador de drogas ilegais — estimulantes, calmantes, bombas — que tomava com uma mistura de AZD seguida de trimetil, talvez com uma carreira rápida de cocaína para arrematar. E então, quando a flor de lótus da consciência estimulada desabrochava, ele... bem, ele geralmente caía no chão, mas não sem antes conseguir um ou dois insights. Hoje ele estava num dos seus melhores dias. Tinha conseguido ajustar a inspiração na corrente sangüínea em níveis ótimos, mas sem mergulhar de cabeça na inconsciência. A espontaneidade crepitava pelas suas veias, saltava em arcos de luz através do seu cérebro, zumbia com um calor intenso que...

“Edwin! Entre, entre. Rápido, feche a porta. Temos coisas importantes a discutir.”

“Como foi em Antígua, chefe?”

O sol tinha clareado o cabelo ralo e o minúsculo rabo-de-cavalo de mr. Mead, e ele estava com o rosto tão bronzeado que os lábios pareciam brancos. “Foi bem duro. Trabalhamos dia e noite, noite e dia, garanto. Dizem que as editoras funcionam sozinhas se ficarem por conta própria. Pois isso não é bem verdade. Olhe para mim, Edwin. Eu não acredito em editoração sem interferência.”

“Não, chefe, não acredita mesmo.” Infelizmente.

“Ah, sim, eu gosto de vir logo para cá e enfiar a mão na massa, sujar de fato as mãos na massa.”

“Eu sei disso, chefe. A gente costuma chamar o senhor de Mãos Sujas Mead.”

“Verdade? Ótimo. Vamos, sente-se. Posso lhe oferecer alguma coisa? Uma bebida? Um charuto?”

“Um aumento seria bom.”

“Rá, rá.” Mr. Mead não riu; disse “rá, rá”, num arremedo de risada dolorosamente insincero. “Você tem um bom senso de humor, Edwin. Eu gosto disso num” — quase disse “peão” — “numa pessoa. Bom, em primeiro lugar, achei excelente o trabalho que você fez com Bombons para a alma. E verdade que estou um pouco preocupado, os livreiros podem classificar o livro de modo errado. Você sabe como eles costumam ser irritantes. Vão acabar pondo na prateleira de ‘Sobremesas’ ou outro absurdo do tipo. Lembra o que aconteceu com o Caldo de galinha? Deixaram o livro na seção de culinária durante anos.”

“Eu sei, chefe. Mas acho que com a campanha de marketing certa, com a publicidade e a promoção certas, podemos posicionar os Bombons de tal maneira que...”

“Promoção? Marketing? Não, não. Não vai haver nada disso.”

“Como?”

“Ah, não. Nesta estação, vamos ignorar toda a nossa linha de auto-ajuda. incluí o seu projeto para podermos preencher a lacuna no catálogo e manter os nossos distribuidores contentes. Esqueça Bombons para a alma”.

“Esquecer, chefe?”

“Tenho uma coisa muito maior. Uma coisa em que eu quero que você trabalhe pessoalmente como nosso carro-chefe para a primavera.”

Edwin sentiu sua úlcera começar a arder. Sentiu sua raiva impotente começar a se avolumar. “Esquecer Bombons para a alma?”

“Isso mesmo, Edwin. Eu estive lendo o Financial Times no vôo de volta e Antígua...”

Ah, meu Deus. Lá vamos nós.

... “e topei com um artigo e acho que você vai ficar tão animado como eu: o mercado de futuros de barriga de porco está em alta.”

“Barriga de porco, chefe?”

“Ah, sim, barriga de porco está vendendo como pão quente. E no mesmo jornal, no mesmíssimo jornal, li outro artigo — acho que na seção de ‘Tendências’ — dizendo que hoje em dia as mulheres se preocupam mais do que nunca em comer corretamente e emagrecer. Em especial as de meia-idade. Bem, se você coloca as duas tendências juntas, o que é que você tem?”

“Não sou capaz de imaginar, chefe.”

Mr. Mead suspirou. “Esse é o problema com as pessoas da sua idade, não é? Esse é o problema com toda a sua geração. Vocês não enxergam o padrão completo, não enxergam o quadro geral. Pensamento lateral, Edwin, é nisso que você precisa trabalhar. Mulheres, carne de porco. É óbvio, Edwin. Eu quero que você prepare um livro de auto-ajuda para mulheres com excesso de peso, dizendo a elas como comer carne de porco e emagrecer. Será uma teoria nova. Podemos chamar de ‘o paradoxo do porco’.”

Houve uma pausa. Uma pausa muito longa. Tão longa que foi mais uma era do que uma pausa. Continentes se deslocaram. Geleiras deslizaram do alto de montanhas.

“Bom?”, disse mr. Mead. “O que é que você acha?”

“Deixe ver se entendi. Deixe ver se entendi direito o que o senhor está dizendo. O senhor quer que eu, diplomado em literatura comparada, cuja tese ‘Compreendendo Proust de uma perspectiva pós-moderna’ foi qualificada pela banca como, e estou citando, ‘bem fundamentada’, o senhor quer que eu prepare um livro para donas-de-casa gordas, dizendo a elas que comam mais carne de porco. É isso o que o senhor está pedindo? É isso, seu filho-da-puta imbecil, nascido na hora certa, que não distingue o próprio rabo de um buraco no chão, seu baby boomer cheio de si? É isso o que está pedindo?”

Mas, claro, Edwin não disse exatamente isso. O que disse foi: “Começo agora mesmo, chefe”.

“Ótimo. Ah, sim, antes de você sair: o mesmo relatório sobre barrigas de porco dizia — e estou confiando no Financial Times até poder confirmar em outras fontes — que também houve uma safra excepcional de canola no sul de Saskatchewan no ano passado.”

“Canola, chefe?”

“Você talvez conheça pelo nome em latim, Brassica campestris. É uma cultura comercial, Edwin. Faz parte da família das Cruciferae, acredita-se que tenha se originado na região do Mediterrâneo há uns quatro mil anos, embora algumas fontes citem os contrafortes dos Himalaias. Misturada com os ingredientes certos, pode ser usada para criar um explosivo letal. Mas geralmente se usa canola para fazer óleo. Óleo comestível. Tome nota disso, Edwin: produtos de óleo comestível. Especialmente óleo comestível para cozinhar!” Deu a Edwin uma olhada matreira. “Bom, acho que você percebe o significado disso.”

“Que é?”

“É melhor que o livro seja sobre uma dieta de carne de porco frita”

Nesse momento Edwin deu um pulo da cadeira, agarrou o cortador de papel de cima da mesa e começou a cravá-lo repetidamente no peito de mr. Mead, procurando, em vão, por um coração.

“Vou ver o que posso fazer, chefe.”

“Obrigado. Eu sabia que podia contar com você. Diga uma coisa: o Nigel reembolsou você por aquela sua gravata que ele destruiu? Tenho a impressão de que ele lhe deve algum dinheiro ou coisa assim.”

“Não, chefe. Infelizmente Nigel ainda não me pagou. Talvez o senhor pudesse lembrá-lo.”

“Ah, pode deixar, não se preocupe. Ele não vai se safar dessa.”

“Obrigado, chefe.”

Quando Edwin saiu da sala de mr. Mead, May o esperava com uma expressão de júbilo no rosto. Era a expressão de

alguém que há muito tempo coleciona casos curiosos sobre o chefe e que mal pode esperar para acrescentar mais uma à lista.

“Você não quer saber”, disse Edwin, pisando duro ao passar por ela.

“Ora, vamos, você tem que me contar. Estou morrendo de vontade de saber. Qual foi a última dele?” Emparelhou o passo com Edwin, seguindo pelo corredor.

“Ele quer que eu prepare um livro dizendo a donas-de-casa com excesso de peso que elas devem comer mais carne de porco.”

May estacou. “Não”, riu. “Não acredito.”

Edwin virou-se e encarou-a. “Pode acreditar. E não só carne de porco, como carne de porco frita. Ele quer um relatório completo na mesa dele até a próxima quarta-feira.”

“E os Bombons para a alma?”

Edwin chegou mais perto e sua voz soou tão baixa que foi quase um rosnado. “Mr. Mead já desistiu deles. Ele só queria manter os distribuidores contentes. Jamais teve a intenção de promover o livro nem de tentar transformá-lo numa série. O que quer dizer que remexi em cocô de gaivota e passei quatro dias sem dormir para nada. Enquanto isso, o Cabeça Galopante já disparou enlouquecido numa nova direção.” Edwin se virou e olhou para o mar de cubículos. “Isto não é um escritório. É o inferno com iluminação fluorescente.”

“Encontro você na sua mesa. Não é tão mau quando você está pensando.”

“Ah, é, sim. Você está esquecendo que eu já fui um milionário” E arrastou-se pelo labirinto, passou por grupos de trabalhadores e colegas, intercambiáveis no anonimato que compartilhavam, tão descartáveis quanto ele. “Odeio o meu trabalho”, murmurou. “Odeio o meu chefe. Odeio este lugar.” Passou por Nigel - “E odeio você.”

“Ei, Edwin!”, berrou Nigel. “Como é que está indo o seu livro de auto-ajuda? O do chocolate? Quanto tempo vai levar para derreter e lambuzar tudo?”

Edwin virou-se e, sem pensar, disse: "O livro de Tupak Soiree vai vender cem mil exemplares e fazer muito dinheiro para nós".

"Se você está dizendo... Não foi exatamente essa a sua previsão para aquele seu livro sobre os baby boomers? Lembra? Morram, baby boomers, morram!"

"Bonita gravata, Nigel. Por que é que você não chega mais perto?"

"Cuidado, cara." Nigel levantou um dedo zangado — mas não chegou mais perto. "Você ainda me deve pela outra."

"Senhores! Por favor!" Era May. Trazia uma pilha de pastas e papéis. "Edwin, eu trouxe um material para ajudar no seu novo projeto. Nigel, você volta para o seu lado do lago. Está bem?"

"O que é que esse sujeito tem?", perguntou Nigel, ao mesmo tempo indignado e realmente intrigado. "Por que é que você sempre o protege, May? Ele está acabando com o departamento inteiro. Por que é que você sempre dá um desconto para ele?"

"Nigel, nós estamos todos juntos nisto, oquei?" Ela se referia a Panderic, mas Nigel entendeu mal, como se fosse uma referência à geração deles, à solidariedade da Geração X.

"Eu sei, eu sei. Temos que demonstrar solidariedade. É só que o Edwin faz todo mundo aqui causar má impressão." E foi embora, carrancudo, para remoer sua raiva por algum tempo.

"Edwin", disse May depois que Nigel se afastou, "por que é que eu sempre dou um desconto para você?"

"Não sei. Porque você está caída por mim? Porque você admira a maneira como eu me porto, minha dignidade serena?"

"Claro. A sua serena dignidade. Deve ser isso."

20.

Edwin tinha protestado contra a tarefa — dizendo que nunca tinha escrito um livro de culinária, sua área era auto-ajuda, não culinária —, mas mr. Mead tinha descartado as objeções dele.

“Você vai se sair bem, Edwin. Não seja tão rígido nos seus processos mentais. Auto-ajuda. Culinária. Quem é capaz de dizer onde termina um e começa o outro? As fronteiras são vagas, Edwin. Os conceitos coincidem em parte. E, de toda forma, esse livro será mais de auto-ajuda do que qualquer outra coisa. Já tenho até um título: Coma carne de porco, seja feliz!” “A carne de porco não tem que ser frita, chefe?” “É, eu sei. Mas a gente tem que ter cuidado com frases declarativas num título. Não se pode exagerar. Os leitores de hoje estão sempre com pressa. Não têm tempo para títulos longos. Melhor que sejam curtos e grossos.”

Enquanto isso, May tinha empilhado na mesa de Edwin pastas, listas de contatos, gráficos nutricionais, currículos de escritores e relatórios de vendas da linha anterior da Panderic de livros de culinária, Comendo com saúde. (Tiveram que suspender a linha quando descobriram que uma das receitas fazia a palma das mãos das pessoas adquirir um forte amarelo-caroteno. E outra receita teria causado palpitações cardíacas. Ainda assim, a Panderic tinha vendido bem o Comendo com saúde, que agora era considerado praticamente um modelo para obras futuras. Com exceção da parte que amarelava a pele e causava palpitações.)

“O que foi que aconteceu com os bons e velhos tempos?”, disse Edwin, melancólico.

“Como aqueles em que ainda éramos jovens e livres?”, retrucou May.

“Não. Como a sexta-feira passada, antes de eu receber esta tarefa imbecil.”

“Olhe, esta é uma relação de médicos que escreveram livros de auto-ajuda e dietas. Comece de cima e vá descendo.”

Edwin concordou e pegou a lista.

Os problemas começaram em seguida.

“Alô, Dr. Aaron? Edwin de Valu, da Panderic Books. Eu só queria agradecer novamente por aquele livro de culinária macrobiótica que o senhor escreveu para nós no ano passado. E estive pensando se o senhor estaria interessado num novo projeto em que estamos trabalhando. E muito estimulante... Está interessado? Ótimo... É um livro de dieta com carne de porco... Não, não como evitar... Não, não. Não como encontrar substitutos para a carne de porco. Seria para, hummm, incentivar pessoas gordas a comerem mais carne de porco, especialmente frita — alô? Alô?”

“Dr. Betcherman? Edwin de Valu, da Panderic Books...”

Edwin ligou para a lista inteira, de alto a baixo. Bateram tantas vezes o telefone que o seu crânio começou a vibrar como um diapásão. Um médico perguntou se estava no programa Câmera indiscreta. “Não?” Plaft!

May tinha trazido uma cadeira para o cubículo de Edwin e estava examinando pastas de laboratórios de pesquisa particulares tentando encontrar um que concordasse em falsificar alguns resultados. (Para que Coma carne de porco e seja feliz! tivesse sucesso, eles iriam precisar respaldar as afirmações com algum relatório médico, ainda que fosse só para ter um mínimo de credibilidade.).

“Isso não vai dar certo”, disse Edwin, depois de o último nutricionista da lista, Dr. Zeimer, ter desligado o telefone de modo especialmente dramático. “Vamos ter que escrever nós mesmos e depois arrumar um autor fantasma. O Dr. Yaz me deu a impressão de que talvez fizesse — hesitou um pouco, antes de bater o telefone —, mas ele não assinaria o livro de maneira alguma. A gente tem alguma lista de pessoas com doutorados falsos? Alguns especialistas?”

“Claro. Uma pasta inteira. Está aí atrás de você.”

Edwin começou a ler os perfis. Estava procurando alguém que tivesse depois do nome uma série de iniciais que impressionassem, indicando cursos de pós-graduação, que depois poderiam ser exibidas com destaque na capa. “Uau. Olhe quanta letra depois do nome deste cara: M. Sc, B. A., QED, NbR. Ei, ele

também tem um doutorado. Um Ph.D. da Escola por Correspondência e Instituto de Encanadores de Wisconsin.”

May levantou os olhos das suas pastas. “Doutorado em quê?”

“Criptozoologia. O que é isso?”

“Hmmmmm. Acho que é o estudo de monstros. Você sabe, o Abominável Homem das Neves, Ogopogo, Nessie. Esse tipo de coisa.”

E vinha uma foto do bom médico, mostrando um enorme molde de gesso de uma pegada do Abominável Homem das Neves. “Ótima foto”, disse Edwin. “O homem passa uma impressão de autoridade. Quero dizer, a gente vai ter que cortar o pé de gesso do macaco gigante, claro. Mas acho que este talvez seja o cara que a gente quer. O nome também é ótimo: Dr. Richard Geoffrey III. Se alguém com um nome desses lhe diz para comer mais carne de porco, você come.”

“Ahá!”, exclamou May. “Acho que encontrei. Este talvez seja o laboratório que vai testar as nossas receitas de carne de porco frita e dar um selo de aprovação: o Centro Irmãos Carlos de Testes com Desconto de Medicamentos e Alimentos, cujo lema é Ei! Afinal, o que é que alguns pontos decimais significam entre amigos?”

Foi nesse meio-tempo, enquanto Edwin se encontrava submerso em papel e May estava na sala da fotocopidora, copiando listas de telefones para contato, que ligaram da recepção.

“Mr. de Valu? Eu tenho um recado da sua mulher. Ela pediu que lhe dissesse que está ‘disposta a fazer um pouco de Li Bok hoje à noite’. Não sei bem o que quer dizer, mas ela me pediu que desse o recado. E também disse que é para o senhor não se esquecer de tomar as suas vitaminas antes de voltar para casa.”

Edwin estremeceu, apavorado. Não ia conseguir encarar outra noite de sexo excelente. Não ia mesmo. A coisa tinha se tornado opressiva.

“Ah, sim. E há um mensageiro lá embaixo, no saguão. Trouxe um pacote para o senhor. Disse que as instruções dele são

para `entregar pessoalmente nas mãos radiantes do próprio mr. de Valu'."

Essas instruções só poderiam ter vindo de uma pessoa: Tupak Soiree. Era o manuscrito com as alterações, bem na hora certa. Edwin daria uma olhada rápida nos comentários do autor, encaminharia o texto para o preparador, avisaria a gráfica e confirmaria a ordem de impressão.

"Claro", disse. "Pode mandar subir. As minhas mãos radiantes estão esperando."

Edwin estava ao telefone com o Centro Irmãos Carlos quando o mensageiro chegou. "Sim, sim. É um livro sobre saúde. Somos uma editora estabelecida, mas, por uma questão de credibilidade, precisamos de uma firma de fora que teste as nossas receitas e confirme — espere um segundo. Aqui!"

O mensageiro, obviamente um fanático por bicicleta com calças justas e óculos escuros de assassino, virou-se, aproximou-se arrastando os pés e entregou um pacote a Edwin. "Tem que assinar."

Edwin rabiscou uma assinatura e apoiou o fone no ombro, enquanto desembulhava o manuscrito. "Vamos precisar dos testes de praxe: análise nutricional, gráficos, resultados de laboratório. É uma dieta baseada apenas em — merda! Não, desculpe. Não o senhor. Não, o estudo não é sobre — meu Deus! Ouça, posso lhe telefonar mais tarde?"

Edwin desligou lentamente o telefone e olhou em silêncio estarrecido para o que havia desembulhado. Era o manuscrito, sim. Uma nova fotocópia do original. Folheou a papelada: nada. O heróico trabalho editorial que ele havia realizado, a gigantesca cirurgia de reconstrução que havia executado — tinha tudo desaparecido. Tupak Soiree tinha simplesmente jogado fora o manuscrito editado e mandado uma nova cópia do original. Todas aquelas mudanças, todas aquelas sugestões em lápis azul, todas aquelas alterações estruturais. Nem sinal. Nada. Edwin estava de volta ao ponto de partida.

Havia uma carta anexada:

Ah, mr. de Valu, a sua presunçosa conclusão de que o meu manuscrito precisava ser editado foi, de fato, uma decisão infeliz de sua parte. Ouça-me, Edwin, e preste muita atenção: você não pode mudar uma palavra do meu manuscrito, nem uma única palavra. O que aprendi na montanha é um todo holístico completo. Não se pode mexer nele. Não pode ser alterado. E certamente não pode ser melhorado. O título, o conteúdo, o estilo — nada. Publique exatamente como está. Não mude nem mesmo os erros ou excentricidades de gramática e ortografia. Até isso é parte essencial do meu livro — do meu presente, se você preferir, à humanidade. Seja, sinta e saiba. Tupak Soiree. P.S.: Se você fizer qualquer mudança, eu vou processá-lo, e tão rápido, que a sua cabeça vai dar um nó.

Edwin sentiu-se tonto. O rosto esbraseou. Virou-se, hesitou e saiu correndo. May. Tinha que falar com May. May saberia o que fazer. Ele correu primeiro até a sala da fotocopidora, mas ela tinha acabado de sair de lá. Então, disparou para a sala dela. “Depressa! A gente pode editar um livro contra os desejos do autor?” Estava ofegante. “Preciso saber, May. Nós podemos ignorar as instruções de um autor?”

May hesitou. “A praxe é obter a aprovação do autor. Mas, especialmente em não-ficção, pequenas mudanças editoriais não requerem, necessariamente...”

“Não. Não estou me referindo a pequenas mudanças. Estou falando de uma revisão total. Uma reestruturação completa. Se for preciso, podemos fazer isso sem a aprovação do autor?”

“Claro. Cláusula 12(a) do nosso contrato-padrão. Dá à gente o direito de ignorar qualquer objeção que nos pareça ‘irrazoável’.”

Edwin sentiu um nó se formando no estômago. “E se essa cláusula tiver sido riscada do contrato?”

“Ah, bom, aí teríamos um problema. Mas lembre que, de acordo com a cláusula 6(b), se o autor se recusar a aceitar mudanças editoriais, terá que restituir na íntegra o adiantamento que tiver recebido — mais uma multa.”

A essa altura a voz de Edwin já estava fraquejando. “E se a cláusula 6(b) também tiver sido riscada? O que acontece se as duas cláusulas tiverem sido riscadas? O autor poderia nos processar se fizermos as mudanças?”

“A cláusula 6(b) também? Ele precisaria negociar duro para nos fazer remover essas duas cláusulas. Em geral abrimos mão de uma ou de outra, dependendo do poder do autor. Mas se ambas tiverem sido removidas e ainda assim quisermos fazer grandes mudanças editoriais? Claro que o autor poderia nos processar. E provavelmente ganharia.”

Edwin voltou para seu cubículo com as pernas bambas, anêmicas. Ali, sobre a sua mesa, estava a cópia limpa, recém-desembrulhada de O que aprendi na montanha. A sua volta, espalhados em todas as direções, empilhados e transbordando de caixas de papelão estavam os inúmeros componentes do livro sobre carne de porco que Edwin, desesperado, tentava coordenar. No meio disso tudo, o pacote de Tupak Soiree tinha aterrissado como uma piada de Deus.

Eu não tenho tempo para isto, droga!

Edwin respirou fundo, ergueu o corpo e endireitou os ombros. Suas prioridades eram claras: o próprio mr. Mead dissera isso. Coma carne de porco e seja feliz! seria o carro-chefe da Panderic no catálogo de primavera. O livro de Soiree era apenas para preencher espaço. Edwin não podia se permitir desperdiçar mais tempo com ele.

E assim, Edwin de Valu tomou uma decisão grave, que teria serias conseqüências e da qual ele se arrependeria durante muitos anos...

Depois da deixa, entra: música agourenta.

21.

“Mario, venha cá. Imediatamente.” Edwin estava andando de um lado para o outro — pelo menos da maneira como isso era possível num cubículo minúsculo atulhado de papéis soltos e pilhas de pastas. Era mais dar um passo, parar e virar, como um urso-polar no zoológico, aflito por movimento.

“Mr. de Valu?” Era Mario. “O senhor chamou?”

“Venha cá. Temos o que fazer.”

“É que eu estava indo almoçar. Eu tenho hipoglicemia e preciso...”

“Agora não, Mario. Todos nós temos que fazer um sacrifício de vez em quando. Trouxe uma caneta e um bloco? Ótimo. Você vai precisar tomar nota, porque vou ser rápido. O manuscrito de O que aprendi na montanha, que está aqui na minha mesa, vai para o digitador da maneira como está. Diga que é para escanear com programa de reconhecimento de caracteres e depois mandarem diretamente para a composição. Vamos reduzir as margens ao mínimo, usar o menor corpo de fonte que tivermos, espremer o texto e tentar ficar com oitocentas páginas. Cancele a encomenda de capa dura. Vamos direto para a edição em brochura, em papel barato, ao preço mais baixo. Reduza a tiragem de sete mil e quinhentos para mil exemplares — não espere, acho que a tiragem mínima é de três mil exemplares. Seja qual for, vamos imprimir o mínimo. E mesmo assim, avise o depósito para ficar de prontidão, para vender o estoque a preço mais baixo assim que o prazo de seis meses se esgotar. Este livro será devorado pelas chamas, Mario, e temos que reduzir o nosso prejuízo de todas as maneiras que pudermos. Ligue para Gunter Braun, na empresa alemã Edelweiss Inc., ou seja lá como se chame. Eles reembalam e reimprimem. Talvez a gente consiga passar para eles o saldo dessa edição e recuperar parte dos custos iniciais. Ligue para o pessoal de publicidade na Costa Oeste e diga...”

Bem nessa hora, Christopher Smith, do departamento de arte, apareceu. "Tudo bem, Edwin? Eu trouxe a capa para aquele livro sobre bombons. A que você queria com urgência." Como de costume, Christopher estava inteiramente vestido de castanho-avermelhado. Achava que estava usando preto, mas era daltônico e ninguém jamais tivera a coragem de lhe dizer a verdade. Christopher usava um farto cavanhaque e óculos de lentes escuras. Fazia questão de se assinar X-opher e estava sempre querendo exibir seu mamilo perfurado. "Não doeu", dizia. "Não tanto quanto você imagina."

Christopher parou diante de Edwin e, com certa ostentação de escola de arte, ergueu um cartão com a imagem de bombons. Estavam dispostos contra um fundo de seda, com o título escrito numa fita, do jeito que May havia sugerido. "Isto foi o que você pediu originalmente", disse.

"Está ótimo. Mas, infelizmente...".

Mas aí eu comecei a pensar: seda, cetim, meias. O que é que essas coisas sugerem?"

"Christopher, desculpe, mas houve uma mudança nos planos."

"Sexo. Certo? É isso que elas sugerem. A sensação da seda em contato com o corpo. O sabor do chocolate. São apenas substitutos sensoriais de sexo. E aonde é que sexo nos leva? Isso: à morte. Aí, eu pensei: em vez de seguir em frente com o conceito original, por que não fazer uma coisa um pouco mais criativa, um pouco mais arriscada, um pouco mais — como dizer — intrigante? ("Intrigante" era a palavra favorita de Christopher. Pegara do professor de desenho, no segundo ano da Universidade de York. Desde então, tornara-se a sua marca registrada.) E, com um floreio ainda maior, desvendou o outro desenho. Era uma pilha de crânios apodrecendo, em cima de uma almofada de seda, com uma cobra saindo de uma das cavidades oculares. Não se via um único bombom.

"Christopher, ouça..."

"Chris, por favor. Chris, para abreviar."

"Está bem. Ouça, Chris. Mudou tudo. Não vamos usar esse título nem esse desenho de capa. Tudo de que preciso são

maiúsculas sem serifa contra um fundo chapado: O que aprendi na montanha, de Tupak Soiree. Só. Nada de crânios. Nada de cobras. Nada de lençóis de seda. Somente maiúsculas sem serifa e uma capa em dois tons, está bem? Não quero que você gaste muita energia nisso. Qual é o período mais curto pelo qual você cobra?"

"Temporal ou espiritualmente?"

"Temporal. Tempo de verdade. Como o tempo em que as pessoas vivem a vida."

"Cobro por blocos de quinze minutos."

"Ótimo. Excelente. Não quero que você nos cobre por mais do que quinze minutos. Esse é o tempo máximo que eu quero que você gaste com essa capa. Entendeu?"

"Acho que sim."

"Ótimo, porque vem aí um projeto muito mais importante, um livro de culinária especial, sobre carne de porco frita, e vou precisar de toda a sua energia criativa para ele."

Christopher assentiu, alisou o cavanhaque da maneira como se poderia alisar a vulva da amada, e disse: "Carne de porco, é? Bem, você sabe o que isso sugere."

"Mr. de Valu?" Era Mario. Estava pálido e sua voz começava a tremer. "Desculpe, não quero incomodar, mas estou começando a ficar um pouco tonto. O senhor, por acaso, não teria aí um biscoito ou um sanduíche, teria?"

E com isso, virou os olhos para trás, seus joelhos cederam e ele caiu no chão.

O que aprendi na montanha foi para o prelo na segunda-feira seguinte, sem alarde nem publicidade. Num "lançamento de livro/festa de celebração" com muita ironia, Edwin e May pararam para um drinque depois do trabalho. Estavam bem-dispostos, com o que os alemães chamam de Feierabend, um intraduzível que significa "o estado de espírito festivo que domina as pessoas ao final de um dia de trabalho". Uma espécie de euforia descontraída, calorosa. Esses alemães têm palavra para tudo.

"A Tupak Soiree", disse Edwin, quando ambos ergueram os copos num brinde. "Adeus e já vai tarde."

"A Tupak Soiree!", disse May.

“Sabe de uma coisa? Se algum dia a Receita Federal liberar os meus milhões, a primeira coisa que vou fazer é levar você para tirar umas férias. Algum lugar bem longe, onde ninguém leia livros e onde o vento seja sempre quente.”

“Ora, obrigada, Edwin, por um gesto maravilhoso que não lhe custa nada.”

Ele riu. “Tudo bem. Quando se trata de presentes imaginários, sou um homem generoso. Você pode ter a coisa inexistente que quiser, May.”

“Essa é a história da minha vida.”

“Mas vou lhe dizer uma coisa. Se algum dia eu conseguir receber os meus milhões de volta, não vou me dar ao trabalho de puxar o rabo-de-cavalo de mr. Mead.”

“Não?”

“Não. Acho que em vez disso vou mergulhá-lo em álcool e atear fogo. Manter aquela minha dignidade serena que você acha tão atraente.”

“Edwin, vamos dar uma caminhada.”

“Uma caminhada? Por onde?”

“Qualquer lugar.”

E assim, enquanto O que aprendi na montanha era impresso, empilhado e embalado, enquanto as palavras de Tupak Soiree eram copiadas e recopiadas, Edwin e May foram dar um longo passeio no parque ao crepúsculo.

Não tinham idéia — absolutamente nenhuma — de que acabavam de desencadear a Peste.

PARTE II

O fim do mundo (conforme o conhecemos)

22.

O fim do mundo começou com uma notinha na terceira página do Times-Herald.

As agências distribuíram a notícia no final do dia e muitos jornais nem se deram ao trabalho de publicá-la. O Times-Herald tratou-a como coisa secundária, um tapa-buraco entre comerciais e editoriais. Era fácil passar despercebida. O título dizia: “Companhias de tabaco informam queda inesperada nas vendas”.

Foi poucos meses depois de O que aprendi na montanha ter sido publicado, e embora não houvesse uma correlação direta entre os dois eventos — os prejuízos das companhias de tabaco e a publicação do livro de Tupak Soiree —, o artigo gelou o sangue de Edwin de Valu. Ele lia em pé, no rush de toda noite, esmagado na baldeação interminável que era a sua vida. Estava com o jornal dobrado e lia outro editorial imbecil sobre — o quê? O ambiente? A economia? O número cada vez maior de deserções das forças armadas norte-americanas? Sua mente já começava a vazar informação, como uma peneira, quando deu com o artigo no canto esquerdo inferior.

Porta-vozes do Instituto do Tabaco confirmaram hoje os rumores de uma queda repentina e inesperada nas vendas de cigarros na semana passada. “Trata-se apenas de uma anomalia de curto prazo que vai se corrigir por si mesma”, afirmou Ms. Grey, do Instituto, em comunicado divulgado na tarde de terça-feira. “Um fenômeno isolado, mais nada.” Ms. Grey referia-se às notícias de que as vendas de cigarros despencaram repentinamente, baixando quarenta e dois pontos no índice Marshall em apenas uma semana. Os fabricantes de bebidas informaram queda semelhante, alimentando as especulações de que os dois setores estão enfrentando uma grande alteração nos padrões de compra dos consumidores. “Simplesmente não é verdade”, afirmou Ms. Grey. “Não houve mudança no paradigma. Não há motivo para pânico. Isto é um mero ajuste inesperado e isolado, e temos certeza de que

dentro de uma semana as vendas estarão de volta aos níveis projetados, se não estiverem mais altas. Um pequeno desvio, mais nada. Com certeza, nada que justifique alarme.”

Em si mesma, era o tipo da notícia que não merecia muita atenção nem consideração. Mas Edwin leu o artigo até o final e, de repente, ergueu a cabeça, como se sofresse um solavanco forte.

O presidente da Philip Morris não se encontrava disponível para fazer comentários, em meio aos boatos de que se demitiu inesperadamente. Segundo fontes na empresa, a única notificação foi um aviso escrito à mão e pendurado com fita adesiva na porta do escritório dele, dizendo: “Fui pescar”. Esse interesse do presidente da Philip Morris pela pesca não era de conhecimento do público, e continua havendo especulação sobre o seu paradeiro.

“Ah, meu Deus”, disse Edwin. “Começou.”

Ele vinha esperando sinais e augúrios da ruína iminente. Fazia semanas que esperava, desde que May mencionou, de passagem, logo depois da primeira remessa de O que aprendi na montanha, que “a Barnes and Noble ligou. Para falar do livro do Soiree”.

“Uggmgkl”, disse Edwin, com a boca cheia no momento. “Pode esquecer!”, gritou depois de conseguir engolir tanto a rosca que comia quanto a informação. “De jeito nenhum nós vamos aceitar devoluções assim tão rápido. Faz só uma semana, se tanto, que enviamos o livro. O acordo foi que...”

“Não são devoluções. São pedidos. Eles querem fazer outro pedido.”

“Já?” Edwin ficou adequadamente impressionado. “Mas eles já levaram oitocentos exemplares.”

“Pediram mais trinta e cinco mil. só temos algumas centenas em estoque, de modo que vamos ter que fazer uma reimpressão correndo.”

“Deve ter sido um erro de digitação. Eles mandaram a encomenda por fax? Devem querer três mil e quinhentos.”

May inclinou-se um pouco mais, chegou mais perto, e sua voz se tornou muito calma e muito, muito séria. “Eu telefonei e

perguntei três vezes para ter certeza. Eles querem trinta e cinco mil exemplares. Disseram que estão com uma lista de espera de doze mil clientes. E que a gente fique de prontidão para novos pedidos. Edwin, alguma coisa está acontecendo.”

A remessa foi despachada e duas semanas depois chegou outro fax: “Prioridade: 50000 exemplares a serem enviados imediatamente: O que aprendi na montanha. Soiree, Tupak. ISBN: 176661313. Encomenda urgente. Rápido!”

No fim da semana, o livro tinha subido para o primeiro lugar nas listas locais de best-sellers. No fim da semana seguinte, estava nas listas nacionais. De repente a Panderic inteira não falava de outra coisa. Pelos corredores ecoavam os gritos de “Temos um campeão!” e “A Random House se ferrou!”. Edwin era saudado como um gênio de marketing, mr. Mead falava às claras em promovê-lo, e até Nigel, sem nenhum entusiasmo, teve que lhe dar crédito.

“Nenhum de nós previu isso”, disse.

“Ei, Nigel, o que foi que eu lhe disse? Cem mil exemplares. Vamos fazer uma fortuna.”

E, realmente, naquele mesmo mês as vendas chegaram a cem mil exemplares, sem que a demanda desse sinal de diminuir. O livro foi para o topo da lista de best-sellers do Times e lá permaneceu, no primeiro lugar, semana após semana após semana. E foi aí que Edwin começou a ficar inquieto.

“Isso não está certo”, disse baixinho a May, num momento em que estavam ambos sentados num canto escuro do O’Connor’s. “Simplesmente não está certo.”

“Do que é que você está falando? Anime-se, Edwin. O seu livro de auto-ajuda não divulgado é As pontes de Madison deste ano. Aproveite enquanto dura, porque tem que acabar em algum momento, e aí você volta para a rotina. No momento você é o prodígio de mr. Mead, que já está assumindo o crédito de ter lhe ensinado tudo o que você sabe. Ele pode até transferir você para uma sala de verdade no outono. Imagine só: nada de cubículo, nada de gente enfiando a cabeça pela porta a toda hora. E imagine como você vai poder se vangloriar com Nigel. O que aprendi na montanha

é o nosso livro de maior vendagem muitos anos, e pode acreditar que não temos mais nada previsto para um futuro próximo.”

“Mas e aquele seu livro sobre sexo e escândalo?”

“Ah, o da mulher que fez sexo com o vice-presidente da República e com o presidente da Câmara? Parece que ela também fez sexo com Elvis Presley. A bordo de um OVNI.”

“Então vamos tirar o livro do catálogo?”

“Não. Apenas passar de biografia para Nova Era. Mas não vai vender tão bem. Hoje escândalo político é muito mais quente do que OVNI. O principal, Edwin, é que o seu livro está se saindo maravilhosamente bem e você está prestes a colher todos os benefícios, suplementares e outros. O que aprendi na montanha transformou você numa estrela da Panderic. Aproveite enquanto durar, porque um dia acaba. Não dá outra.”

“Mas e se não acabar?”, disse Edwin, com um pânico irracional insinuando-se na sua voz. “E se isso continuar, para todo o sempre? Como um Energizer Bunny vindo do inferno?”

May encostou-se no assento, olhou com atenção para Edwin, franziu os lábios e, lentamente, disse: “Estamos falando de um livro, não estamos? Um livro de auto-ajuda. Um livro que pretende ajudar as pessoas a melhorar a vida. E disso que estamos falando, não é? só de um livro”.

“É? Tem certeza de que é só isso?”

“Eu acho um pouco desconcertante quando os seus olhos ficam arregalados e enlouquecidos desse jeito. Você tem trabalhado demais, Edwin. Como é que está indo o livro sobre a dieta de carne de porco frita? Você experimentou alguma das receitas? Vi uma delas, de torresmos encharcados em Slim Fast. Parece um pouco de enganação, não acha?”

E se não for só um livro, May? E se for o livro? O livro que todo mundo estava esperando. O que vai resolver todos os nossos problemas, as nossas fragilidades, resolver os nossos conflitos interiores. E se for esse? E se Tupak Soiree tiver acertado na fórmula mestra? Há sempre um germe da verdade em vários livros, mas nenhum consegue captá-la completamente. Ou mesmo chegar perto dela. A razão de termos tantos livros de auto-ajuda é

que eles não funcionam! Se alguém escrevesse um que realmente funcionasse, eu perderia o emprego, droga!”

“Edwin! A sua voz. Calma. Você está começando a gritar. Olhe, por que é que você não vai para casa? Descanse um pouco, talvez.. ‘ “Não posso”, disse ele, com os olhos faiscando. “Não posso ir para casa. A minha mulher está tentando me matar.”

“A sua mulher está tentando matar você?”

“Isso mesmo. Está tentando me matar com sexo. E horrível. Toda noite a mesma coisa. A mesma técnica perfeita, os mesmos orgasmos inacreditáveis. Isso está me matando, May! Pode rir, se quiser. Mas é verdade. Ela está tentando me matar. Não fosse pelo ciclo menstrual dela, eu nunca teria uma oportunidade de me recuperar. E ela não pára de dizer: ‘Leia o livro, Edwin. Você tem que ler o livro. Afinal de contas, foi você quem editou. Leia o trecho sobre Li Bok. A coisa funciona melhor se os dois parceiros usam os mesmos pontos de contrapressão’. E como um culto. E como se ela tivesse entrado para a Amway ou coisa assim. E toda noite, toda maldita noite. E como se eu estivesse encurralado. Encurralado num... num... não sei, numa coisa. Numa coisa horrível. Nem consigo pensar direito. Você não notou como ando macilenta?”

“Você é macilento, Edwin. Sempre foi macilento.”

“Ah, sou? E isto, então?” Chegou mais perto dela e disse, num sussurro: “Eu agora tenho uma ereção o tempo todo. Estou com uma ereção bem agora”.

“E o que é, exatamente, que você gostaria que eu fizesse a respeito?”, sussurrou May de volta.

A contragosto, Edwin riu. “Bem”, disse, sempre aos sussurros “faça você o que fizer, não ponha a mão.”.

“Está bem, Edwin. Não ponho. Prometo.” E depois, em tom normal: “Está vendo? O que foi isso? Um sorriso? Isso, esse é o velho Edwin de Valu que eu conheço e odeio. Vamos pedir, estou com fome. Essa dieta de salsão e soda sem gás que estou fazendo não me tira a fome”.

“Mas e se esse for o livro, May? Aquele livro?”

“Ah, meu Deus, Edwin. Olhe, você tem que parar de ficar tão...”

“E se Tupak Soiree tiver acertado na mosca? E se todos os números, todas as partes, todas as palavras tiverem sido colocados na ordem certa, no momento certo? Como mil macacos datilografando durante mil anos. Você sabe. E se, de algum jeito, Tupak Soiree tiver batido nas teclas certas na ordem certa?”

“Edwin, em primeiro lugar, não são mil macacos datilografando durante mil anos. São mil macacos datilografando pela eternidade. A teoria é que, com tempo suficiente, eles acabariam produzindo Hamlet ou... E o vento levou”.

“Ou O que aprendi na montanha.”

“Você está insinuando que esse livro foi escrito por macacos?”

“Não, não, claro que não. O que estou dizendo é que, teoricamente, se alguém escrevesse um livro com cada coisa disposta da maneira correta...”.

“Edwin, esses macacos teriam que datilografar para sempre. Estamos falando do infinito.”

“Ah, sim! Mas o infinito inclui todos os números. Um evento que ocorra — e estou citando — `em algum momento do infinito tem a mesma chance de ocorrer daqui a dois segundos ou daqui a um milhão de anos. As probabilidades são exatamente as mesmas. Falando em termos matemáticos, esses macacos têm tanta chance de datilografar Hamlet na primeiríssima vez quanto na milésima. Por quê? Porque não existe limite externo para o infinito, portanto também não existe diferença nas probabilidades. Tupak Soiree poderia acertar na mosca agora ou em qualquer momento no próximo trilhão de anos, com a mesma facilidade.”

“Como é que você sabe disso tudo? Eu achava que fosse péssimo em matemática.”

“E sou. Eu vi Stargate ontem à noite. Mas a física envolvida está correta mesmo assim. E o que dizer do nome dele? Tupak de trás para a frente. O que é que isso lhe diz? E de fazer pensar, May. É realmente de fazer pensar.”

“Não, Edwin. A mim não faz pensar. Não me faz pensar mesmo. Excesso de trabalho, sono de menos, e ficção científica de má qualidade. E isso o que vejo em ação por aqui.”

“Está bem. E a teoria do caos? Você sabe, a borboleta batendo as asas na China que causa ventos fortes em, sei lá, em algum lugar bem distante. A derrocada da sociedade poderia ser precipitada tão facilmente por um evento pequeno e inofensivo quanto por uma grande convulsão. Por exemplo, a publicação de um livro aparentemente inocente. Uma borboleta bate as asas e provoca um furacão do outro lado do globo. Está vendo aonde quero chegar?”

“Eu penso”, disse May, filosoficamente, “que alguém devia matar essa maldita borboleta. Faz tempo demais que ela causa tufões, naufrágios e terremotos. Para resolver os problemas do mundo, primeiro é preciso encontrar essa borboleta e esmagá-la. Esqueça El Nino — é essa maldita borboleta que a gente tem que deter.”

“Estou falando sério, May. Como saber que forças destrutivas, que cadeia de eventos de longo alcance podem ser desencadeados involuntariamente pelo menor e mais insignificante dos incidentes?”

“E por que é sempre uma borboleta? Você não acha que está na hora de arrumarmos outra metáfora? Tem sempre que ser uma borboleta? Por que não um escaravelho em Aberdeen causando um aumento repentino de artrite em criadores de ovelhas na Nova Zelândia? Acho que toda essa história de borboleta batendo as asas está ficando um pouco passada. Que tal uma mosca, em Arkansas, virando um petroleiro no Mediterrâneo? Que tal...”

“Nem sei por que me dou ao trabalho de tentar”, disse ele, visivelmente irritado. “Falando sério, May. Não estou brincando. Estou com uma sensação ruim. Não gastamos nada na promoção de O que aprendi na montanha. Nem um centavo. Não enviamos um único exemplar para os críticos e, por isso, o livro não recebeu uma única crítica. Ainda assim, em poucas semanas, ele simplesmente decolou. Como é que você explica isso, May?”

“Edwin, você sabe tão bem quanto eu que o nosso maior instrumento de vendas é o boca a boca. Vende mais livros do que qualquer outra coisa. Você pode ter o maior e melhor plano de marketing do mundo, mas se os comentários das pessoas forem

negativos, matam os melhores planos das editoras. E isso que está acontecendo, só que ao contrário. E como A profecia celestina. Lembra? O autor não conseguia encontrar uma editora de jeito nenhum, aí acabou pagando ele mesmo a publicação, encheu o porta-malas do carro com exemplares e saiu de livraria em livraria...”

“E isso levou anos, May. Anos de persistência. O que aprendi na montanha levou apenas algumas semanas. E ninguém saiu dirigindo por aí, com exemplares no porta-malas no carro. Foi puro boca a boca. E sabe de uma coisa? O Paul, do departamento de marketing, fez uma pesquisa com os leitores quando as vendas começaram a disparar, para tentar entender o que estava acontecendo. Você sabe como o pessoal de marketing é, sempre tentando se pôr em dia com a última tendência e depois assumir o crédito por ela. Bom, o Paul testou a satisfação dos leitores com O que aprendi na montanha e sabe qual foi o resultado? Cem por cento de satisfação. Isso mesmo. Cem por cento, May.” “Ora, Edwin, e você leva a sério alguma coisa que o departamento de marketing diga?”

“Eu perguntei ao Paul: ‘Cem por cento de satisfação? Estatisticamente impossível. Quantas pessoas vocês testaram? Uma dúzia?’. E ele disse: ‘Não, centenas. Milhares. Inserimos um questionário na última edição’. Bom, normalmente ficaríamos satisfeitos com uma taxa de retorno de dez por cento dos questionários. Sabe quantos questionários foram respondidos e mandados de volta? Todos. Cada um deles. E aí o Paul disse: ‘Bem, não foi realmente cem por cento, claro. Nós arredondamos. O resultado foi 99,7% de satisfação’. E sabe de uma coisa, May? Fico mais assustado com 99,7% do que com cem por cento. “Não sei por quê, mas fico.”

“E daí, Edwin? Quer dizer que as pessoas estão contentes com o livro. Não sei por que isso incomoda tanto você. Qual é o pior que poderia acontecer? As pessoas se sentem bem consigo mesmas. Sentem-se felizes. Onde está o problema?”

“Isso, eu não sei. Mas eu lhe digo que simplesmente não está certo. Não é normal.”

“Ser feliz não é normal?”

“Não, não é. Eu edito livros de auto-ajuda. Pode acreditar em mim, eu sei. Todo mundo está procurando alguma coisa e a questão é que essa coisa nunca é encontrada. Todo mundo precisa de ajuda. Ou no mínimo pensa que precisa. Eu sei que preciso.”

“Bem”, disse ela, estendendo as mãos por debaixo da mesa e baixando a voz, “talvez eu pudesse ajudar com essa sua ereção?”.

E deu-lhe um apertão, por baixo da mesa, surpreendendo a ambos.

Acabaram no apartamento de May num turbilhão de hormônios. Assim como May, o quarto era um experimento de desordem excêntrica. Havia livros, gatos de brinquedo e cortinas de miçangas por toda parte. Havia até uma velha máquina de escrever manual enfiada num canto.

Edwin e May caíram um em cima do outro, um emaranhado frenético de membros e lábios, sob o olhar de desaprovação do gato. As coisas foram tão confusas e apressadas que ficou tudo misturado e fora de ordem. Mal tinham começado a se beijar quando os seios de May, macios e cheios, fizeram uma aparição súbita e inesperada. May já estava agarrada a Edwin, movendo o punho para cima e para baixo, antes mesmo de ele ter tempo de tirar os dois sapatos. E lá se viu ele, com um pé calçado e o outro descalço, tentando se firmar sobre um tapete que escorregava toda vez que ele se empinava, em nada parecido com a glória de um ganhão. O sobretudo dele ficou preso em sua cabeça, a correia do relógio enganchou no cabelo dela, e a meia-calça de May embolou nos tornozelos. Tudo formava uma péssima coreografia. Certamente não foi a cópula mais graciosa e cinematográfica que já se viu. Os dois rolaram do futon dela, consagraram sua paixão sobre uma pilha de revistas, rolaram de volta para o futon, ajoelhando-se sobre as pernas um do outro, pondo-se um no caminho do outro, mudando de posição com a maior falta de jeito. Em dado momento Edwin se pôs a lambar

longamente um naco de carne exposta, descobrindo depois que era o seu próprio antebraço.

Chegou ao fim por pura exaustão, mais do que por qualquer outro motivo. May gozou em tremores; Edwin ficou encharcado de suor.

Ficaram lá deitados, metade no futon, metade fora dele, os sentidos dando voltas, arquejando em espasmos irregulares. O gato de May tinha fugido da cena, supondo que se tratava de um estranho ritual humano de combate corpo a corpo, e em algum momento alguém derrubou uma samambaia com um pontapé.

Como sempre, momentos como esse tendem para a religiosidade.

“Ah, meu Deus. Ah, meu Deus.”

“Meu Deus. Oh, meu Deus.”

“Preciso de água”, disse May. Levantou-se vacilante, envolveu-se num lençol e foi descalça até a cozinha. Edwin chutou o segundo sapato. Espreguiçou-se. Pensou em Jenni e se admirou com a ausência de culpa que sentia. E, com a mesma rapidez, sentiu-se culpado por não se sentir culpado.

Edwin baixou os olhos, sorriu e gritou: “May! A minha ereção! Foi-se!”.

“Seria de esperar que sim”, disse ela, voltando com um copo de água gelada. “Tome isto. Você parece desidratado.”

“Você não entendeu. Ela se foi. Estou exausto. Estou absolutamente exausto. E assim que sexo deve ser! Estou sentado aqui, sentindo-me agitado, um pouco sem jeito, com uma vaga sensação de culpa. Isto — isto é sexo. Sexo não é para fazer a gente se sentir unificado com o Universo. Uma coisa íntima como sexo não deve causar isso no sujeito. Com a minha mulher, sexo é simplesmente perfeito demais.”

“Perfeito”, disse May, numa voz que esfriara. Mas Edwin continuou, sem perceber.

“Isso mesmo: perfeito. É tudo arrumado demais. Limpo, preciso. Sexo com a minha mulher é simplesmente bom demais, entende? Sexo não é para ser limpo e saudável. E para dar um pouco a sensação de sujeira, de coisa errada. Ambivalente. E

essa a palavra que estou procurando — ambivalente. É para ser ambivalente.” Com calma, bebeu a sua água. “Estou me sentindo ótimo!”

Houve uma pausa gelada.

“Edwin, acho que você devia ir embora.”

Ele ficou sinceramente surpreso. “Por quê? Eu disse alguma coisa?”

“Simplesmente vá embora. Agora.”

“Mas, May...”

“Você se lembra do Sheraton Timberland Lodge? Lembra?” O rosto dela estava vermelho de raiva e tristeza. “Lembra?”

“Claro, May. Penso nisso o tempo todo. Todo dia no trabalho, toda vez que passamos um pelo outro no saguão.”

Ouvindo isso, a determinação dela fraquejou um pouco. “Pensa? Eu não imaginava... Quero dizer, nunca pensei que tivesse significado tanto para você. Não sabia que tinha sido tão importante.”

“Não, não. Eu me senti péssimo, me arrependi muitíssimo. Uma sensação de ‘ah, como é que eu pude fazer uma bobagem dessas?’. As minhas emoções ficaram completamente embaralhadas. Uma ambivalência.”

“Ambivalência.” Ela disse a palavra com desânimo.

Edwin foi posto porta afora, de paletó e sapatos na mão, calça vestida pela metade, gravata pendendo frouxa do pescoço, expressão de coelhinho assustado no rosto. “O que foi que eu fiz?”, perguntou, no momento mesmo em que ela lhe batia a porta na cara. Ouviu a chave na fechadura, ouviu-a trancando-se lá dentro, erguendo a ponte levadiça, girando os ferrolhos.

“May?”, chamou, mais suave dessa vez. “May?” Esperou em silêncio por uma resposta que não veio.

E atrás das muralhas da sua fortaleza, enroscada no sofá com Charley, o gato, no colo, May balançava-se para a frente e para trás, para a frente e para trás, deixando que as lágrimas lhe enchessem os olhos e transbordassem. De novo e de novo. Não pelo que ele dissera; mas pelo que não dissera.

Estava chorando porque sabia que nunca mais se sentiria próxima dele novamente, nunca mais se permitiria sentir-se próxima dele. Edwin de Valu: um editor de livros nervoso, negligente e insensível, com uma esposa de Stepford e uma tendência a se enfurecer. No que é que May estava pensando? Como pudera se apaixonar por alguém como ele? Onde ela estava com a cabeça?

Ah, mas ela não estava com a cabeça em nenhum lugar. Esse era o problema. (Sempre é.)

23.

“Batom”, disse Jenni, e Edwin estacou.

“Como?”

“No seu colarinho. Está vendo? Aqui, aqui e aqui. E quase um clichê, o marido chegando em casa com batom no colarinho.” Ela chegou mais perto, olhou com mais cuidado. “Uma cor nova, mas da mesma linha. Eu reconheceria em qualquer lugar. E da — como é que ela se chama? A gordinha.”

“Steve?”

“Não, não Steve. May. E esse o nome dela, não é? Então, o que aconteceu?”

Edwin engoliu em seco. Não tinha álibi. Não tinha plano de fuga. Na verdade estava sufocando em silêncio. Pensou no outro batom: o batom no seu peito, pelas costas, entre os dedos dos pés. Ele era um mapa ambulante da infidelidade. “Bom”, disse, “sabe, é que, hum...”

Mas Jenni continuou, sem dar a Edwin uma chance de gaguejar a sua não-resposta. “E então, o que foi que aconteceu? vocês estavam brincando de cavalinho no escritório e May caiu em cima de você? Ou talvez ela tenha recebido uma má notícia, você sentiu pena dela e lhe deu um abraço, assim, para consolá-la?”

Edwin pigarreou. “Isso que você disse. A primeira coisa.”

“Fazendo estripulias?”

“E. Fazendo estripulias. Estávamos fazendo estripulias. No trabalho. Quero dizer, foi definitivamente no trabalho. Era lá que estávamos. Quando estávamos fazendo estripulias — ei, por que a gente não pede alguma coisa para jantar hoje? Quem sabe tailandês? Não sei de você, mas eu estou morrendo de fome.”

“Claro”, disse Jenni, com um familiar sorriso malicioso reaparecendo. “Mas poupe um pouco da sua energia.”

Edwin sabia o que isso significava, e seu coração mergulhou num lago de desespero. “Energia?”

“Você sabe, para o Li Bok.” Correu um dedo pelo peito dele. Tor que é que não vamos para o quarto para abrir o apetite primeiro?”

Como um prisioneiro sendo levado para a forca, Edwin a seguiu, de cabeça baixa — e aí, com um sobressalto, lembraram das marcas de batom que May lhe deixara no corpo, aquelas tatuagens temporárias em pontos íntimos e pessoais. Seriam um pouco mais difíceis de explicar.

“Antes me dá um minuto”, disse. “Eu tive um longo dia. Preciso mesmo tomar um banho.”

“Está bem. Mas seja rápido. Porque eu vou esperar.” A última frase foi dita sem inflexão, monocórdia, e lançou um arrepio de pavor pela espinha de Edwin.

24.

"May, ouça. Sobre ontem."

"Não. Não existe um ontem. Não temos nada a conversar. Nada."

"Ouça. Estou me sentindo péssimo. A verdade é que...".

"A verdade, Edwin? A verdade é que eu usei você. Estava um pouco animada, me sentindo um pouco sexy, e aconteceu de você ser o homem mais ou menos decente mais próximo." Deu de ombros. "Não significou nada." A elocução foi excelente: espontânea, desdenhosa, indiferente. Como devia ser. Ela passara a noite ensaiando esse momento, deitada, incapaz de dormir. "Não significou nada. Você não me usou, fui eu que usei você". Esse era o seu mantra, o comunicado que preparara para a imprensa, para o espelho. Repetira-o tantas vezes que até começara a acreditar nele.

"Verdade?"

"Verdade. Desculpe, mas é assim."

"Sei". Edwin não soube o que dizer. "Bom, ahn, aqui está o seu café. Eu estava...".

"Ali", disse ela, fazendo um gesto com a mão. "Deixe ali. Agora, se me dá licença, eu tenho o que fazer." E voltou a atenção para uma pilha de papéis, fingindo um interesse profundo e insólito no conteúdo deles.

Edwin seguiu a instrução. Pôs o café sobre a mesa lateral e à porta, quase saindo, virou-se: "May, só quero que você saiba que, aconteça o que acontecer, eu vou sempre...".

"Pare. Não há nenhuma necessidade disso. Simplesmente vá embora." E, baixinho, disse uma única palavra, que pairou como um ponto de interrogação entre eles: "Razbliuto". só isso: razbliuto.

Em vez de voltar para seu cubículo, Edwin foi à sala onde ficavam guardados os livros publicados pela Panderic nas últimas estações, encontrou Os intraduzíveis na fileira inferior esquerda e procurou a palavra que May tinha dito. Folheou até

encontrar o verbete. Razbliuto: uma palavra russa que significa “os sentimentos que se tem por alguém a quem se amou um dia mas a quem já não se ama”.

Edwin olhou demoradamente para a definição, para a palavra e toda a cascata de subtexto que continha, e sentiu o peito murchar. Razbliuto. Amou um dia, já não ama...

Poderia ter voltado naquele mesmo momento. Poderia ter ido até May e dito “Desculpe”, poderia ter dito “Eu não sabia, nunca percebi”. Poderia tê-la tomado nos braços, beijado seus lábios cheios e profundos. Poderia ter envolvido a cálida maciez dela no seu abraço esquelético. Poderia ter feito isso e mais, mas os detalhes da vida o interceptaram.

“Mr. Mead quer você na sala dele! O mais rápido possível!” Era Nigel, parado à porta com as mãos nos quadris. “Estivemos à sua procura. Você não estava no seu cubículo, onde deveria estar.”

Edwin recolocou Os intraduzíveis na prateleira. Não conseguiu nem mesmo encontrar o rancor para lançar uma farpa gratuita em Nigel. “Diga a Mr. Mead que vou daqui a pouco.”

“Daqui a pouco, não, Edwin. Já faz cinco minutos que ele está esperando.”

“Ele pode esperar mais cinco. Preciso ficar sozinho um momento.”

“Se não fosse O que aprendi na montanha, você não vinha com essa”, resmungou Nigel.

Edwin ficou ali um longo tempo, fitando a vasta parede de livros, todos da Panderic, muitos editados por ele, e pensou em May. Pensou em May. Em palavras. E no significado de May e das palavras.

25.

“Esse Tupak Soiree... Não gosto dele. É recluso demais.” Mr. Mead tinha esperado mais cinco minutos, sem reclamar, e agora estava diante da janela, olhando para a cidade. Virou-se, com determinação na postura, firmeza no queixo e no olhar. “Droga, Edwin. Temos que fazer alguma coisa. Não podemos nos permitir o luxo de ter um eremita. Esse tipo de truque pode ter dado certo com Salinger, mas com o setor de auto-ajuda não funciona. Temos que fazer o Soiree sair promovendo o livro dele. Já vendemos quase duzentos mil exemplares. E você sabe o que isso quer dizer: as vendas estão atingindo o pico. Temos que começar uma turnê de promoção em escala máxima.”

Era uma típica teoria inversa, do tipo que abundava no mundo editorial — ou seja, quanto mais sucesso faz um livro, mais se gasta na sua divulgação. Minai de contas, se o livro não é best-seller, por que desperdiçar dinheiro promovendo-o? O resultado disso era que os livros que menos precisavam recebiam mais dinheiro de publicidade.

Edwin suspirou. “Já mandei vários faxes para mr. Soiree”.

“Ele continua em Paradise Flats, lá nos limites do deserto. Disse que se enviarmos um único repórter para entrevistá-lo, se dermos o endereço dele a um único jornalista, ele vai, nas suas próprias palavras, nos ‘abrir um novo buraco do eu’.”

“Ah”, disse mr. Mead. “Não é muito holístico da parte dele.”

“Mr. Soiree passa dezoito horas por dia meditando sob um sol muito quente, sem comida nem água. Acho que isso afeta a capacidade de julgamento dele, tende a torná-lo um pouco excêntrico.”

Mr. Mead assentiu. “O deserto faz isso. Lembro de uma vez, num ashram na Índia, ou talvez tenha sido no Sri Lanka, em que jejei durante quarenta e oito horas e só consumi cogumelos

alucinógenos, fornecidos por monges que entoavam sutras. Conforme você pode imaginar, a experiência toda foi...”.

“Chefe? Estávamos falando do autor?”

“Ah, sim, claro. Tupak Soiree. Nem sei por que você tocou no assunto de cogumelos. Não tinha nada a ver com a conversa. Às vezes você me deixa preocupado, Edwin. Bom, em relação ao nosso recluso, nosso autor. Temos que encontrar um jeito de atraí-lo para fora do esconderijo.”

“Ele é um homem espiritual. Talvez pudéssemos jogar com o senso de altruísmo dele, frisar que ele poderia atingir mais pessoas, causar um impacto maior.”

“E você acha mesmo que isso funcionaria?”

“Para dizer a verdade, Tupak Soiree não me causa uma impressão muito boa. Eu acho toda a cadeia de acontecimentos perturbadora. Esse livro tem alguma coisa, alguma coisa... bem, alguma coisa ruim.”

“Ruim? Ha. Lá vem você com o melodrama. Eu devia mesmo é transferi-lo para nosso departamento de românticos e góticos.” (Entre os editores, isso era considerado pior do que a morte, pior até do que auto-ajuda — se é que tal coisa era possível.) “Preciso de idéias, Edwin. Idéias. Não de vagas premonições.”

“Bem, eu poderia mandar um fax a mr. Soiree, com um apelo sincero de uma menina com leucemia. Já deu certo antes, lembra?”

Mr. Mead sorriu com a recordação. “Ah, sim. ‘A menina que adorava Wayne Gretzky’. Foi um golpe e tanto. Mas acho que os nossos advogados recomendaram que não usássemos esse truque de novo. Ainda assim, foi genial. Absolutamente genial.”

“Obrigado”, disse Edwin, assumindo crédito por algo em que não tivera participação alguma.

“Foi sua aquela idéia da leucemia? Eu tinha esquecido completamente.”

“O sucesso da Panderic é a única recompensa de que eu preciso, mr. Mead.”

“Ótimo, porque se está pensando que vai receber algum dinheiro extra, infelizmente está enganado. Quanto a Soiree,

esqueça da abordagem altruísta. Altruísmo está muito fora de moda. Vamos apelar para os instintos mais torpes dele. Dinheiro. Edwin. Dinheiro, duro e frio. Lucro imundo. Vamos oferecer um adicional por entrevista que ele conceder. Vamos pagar ao sujeito.”

Edwin ficou desconcertado. Uma das regras tácitas do mundo editorial era que jamais se pagava a alguém para dar entrevista. “Chefe, não acho mesmo que as revistas e as emissoras de televisão vão gostar disso. Se começarmos a cobrar por entrevistas de autores, podemos provocar uma reação feia contra nós, que, no mundo pequeno e incestuoso das editoras, poderia ter sérias...”

“Não a mídia, Edwin. Nós. Que tal nós pagarmos a mr. Soiree, digamos, cinco mil por entrevista? Por baixo do pano, claro. Acha que ele concordaria?”

A resposta de Tupak Soiree chegou com uma rapidez notável. O autor recluso continuava usando a máquina de fax da Biblioteca Municipal de Paradise Flats, o que tendia a retardar as comunicações. Mas não dessa vez. Nada disso.

Caro mr. Edwin: Que a luz divina da compreensão brilhe para sempre sobre as suas nádegas voltadas para cima enquanto o senhor beija a Mãe Terra em profunda gratidão. (Uma antiga bênção nepalesa.) Espero que esteja tudo bem na Avenida Grand. A resposta à sua pergunta é sim. Sim. Eu adoraria dar entrevistas. Eu prosperaria com elas. Cumpre-nos a todos buscar meios mais diretos de divulgar nossa sabedoria temporal e nossa consciência cósmica. (Nota: os dados sobre a minha conta bancária se encontram abaixo. Faça os pagamentos diretamente na conta móvel número 32114.) Sinta-se à vontade para marcar tantas entrevistas quantas desejar. Serei pago por transmissão, correto? Preciso apenas de alguns dias para me preparar, para entrar em sintonia adequada com as Cordas da Grande Lira do Universo.

E assim, três dias depois, inesperadamente e pela primeiríssima vez, Edwin de Valu se viu conversando com o grande e misterioso Tupak Soiree.

“Alô, mr. de Valu! Sou eu, Tupak Soiree, telefonando-lhe hoje.” A voz, com uma espécie de sotaque genérico do Sudeste

Asiático, veio cadenciada e melódica pelas linhas telefônicas.

“Uau. Que surpresa.” Edwin esforçou-se por manter a compostura. Sem querer, sentiu-se invadido por uma ponta de admiração reverente. “Obrigado, muitíssimo obrigado por ligar, mr. Soiree. Fico contente que tenha tido tempo para telefonar. O seu senhorio disse que o senhor estava no deserto.”

“O meu senhorio? Ah, sim, McGreary. Um homem muito desagradável, não? Com ele as minhas lições de amor caíram em ouvidos moucos. Mas, ainda assim, devemos amar a todas as criaturas, grandes e pequenas. Até insetos. Bom, talvez não os realmente repugnantes. O senhor sabe, os que vivem em esterco e coisas assim. Mas quase todas as criaturas. Elas precisam de amor, cada uma delas. Love, love, love. All we need is love. Love is all we need. Foi isso o que aprendi enquanto meditava esta manhã: cada um de nós precisa ser amado. Pois o amor é como a água. Precisamos que cresça. E quando estamos com sede. Ah, sim, puxa! Eu passei três dias no deserto e pensei muito em água. Como estava quente! Quente e seco. Mas quando recebi a notícia de que o senhor queria falar comigo, voltei logo.”

“Obrigado. É sobre a Oprah. Ela gostaria que o senhor comparecesse ao programa dela. Está pensando em incluir O que aprendi na montanha no clube do livro dela e o senhor sabe que mina de dinheiro esse clube é. Espiritualmente falando, é claro. Agora, eu sei que o senhor não gosta de dar entrevistas...”

“Ah. não. Eu adoro dar entrevistas. Sobretudo para a Oprah. Uma mulher tão especial. E tão famosa também. Ah, sim, eu assisto ao programa dela todos os dias. Viu o programa da semana passada em que Will Smith foi o convidado especial? Puxa, foi tão...”

“Mas... mas eu achava que o senhor passasse os dias no deserto.”

Houve uma pausa. “Claro. O que quis dizer foi que assisto aos programas da Oprah quando volto do deserto. Depois de cuidar da meditação e coisas assim; sabe, eu gravo os programas e vejo quando volto. Do deserto. Quando é que o senhor disse que devo receber o meu primeiro cheque de royalties?”

No dia seguinte Tupak Soiree mandou por mensageiro uma foto oito por dez para o departamento de publicidade da Panderic. A foto foi rapidamente impressa em folhetos promocionais, despachados para todos os cantos do país. Soiree chamava a atenção. Não era bonito, nem mesmo atraente. Mas tinha uma aparência muito suave; quase bovina. Calmo e com um plácido ar de guru. Poucos dias depois da remessa dos folhetos, os telefones não paravam de tocar.

O programa da Oprah seria a grande festa de apresentação de Tupak Soiree, seria a sua primeira aparição em público, mas de modo algum seria a última.

“De fato”, disse mr. Mead. “Acredito que temos mesmo um número um aqui.” E escreveu de próprio punho o primeiro cheque de cinco mil dólares, sob o título de “Custos promocionais”. Não era nada disso, claro. Era suborno, puro e simples. E pago a um homem que alegava haver descoberto os padrões imanentes do tempo e do espaço. O dinheiro, ao que parecia, ainda tinha lugar no quadro cósmico — e provavelmente sempre teria.

26.

A reação foi sem precedentes. Sem termos de comparação com a beatlemania; esta tinha se limitado a adolescentes impressionáveis, um grupo notoriamente fácil de manipular e deixar frenético. Não. A loucura de Tupak Soiree foi menos específica, mais generalizada, e atravessou faixas demográficas. Quando ele apareceu no Oprah, cidades inteiras pararam. Com o bombardeio publicitário que precedeu o debut do autor recluso, Chicago virou o centro de uma hiperatividade da mídia. Jornais e programas de rádio com a participação dos ouvintes não falavam de outra coisa. Foi como se o Dalai Lama tivesse aparecido junto com o próprio Cristo.

Jenni gravou para Edwin a entrevista no Oprah, e assistiram juntos quando ele chegou em casa.

“Ele é tão cativante”, disse ela. “É perfeito.”

Mr. Soiree estava vestido com uma túnica simples de algodão branco, do tipo favorito entre charlatões e gurus desde tempos imemoriais, e irradiava magnificência — irradiava — para a platéia, Oprah e os milhões de fãs que assistiam de casa. Tupak parecia surpreendentemente jovem para alguém que havia desvendado os segredos do Universo. Tinha o cabelo cacheado e revoltado, e feições suaves e gorduchas, como se o rosto tivesse sido meio inflado. Seus olhos cintilavam e ele tinha um sorriso fácil, de uma simpatia profunda e sedutora.

Enquanto Tupak, inocente, flertava com Oprah, arrancando risos e “ohs” da platéia, e os Estados Unidos se apaixonavam por ele, caindo de cabeça em adoração aturdida, Edwin olhava horrorizado. Lembrou-se do que May havia dito sobre a banalidade do mal e a banalidade do talento. Ali estava uma combinação de ambos, pensou Edwin. Tupak Soiree era maligno. Mal puro. Disso Edwin estava convencido agora. Não tinha nenhuma evidência empírica, mas não precisava. Sentia o mal em seus próprios ossos.

“Ah, Edwin”, disse Jenni, sem fôlego e com o rosto brilhando já visivelmente à maneira de Tupak Soiree. “Ele é absolutamente perfeito.”

“Sim. Ele é perfeito.” Perfeitamente maléfico.

27.

Oprah convidou Tupak a voltar na semana seguinte, e na outra também. Ele logo se tornou uma presença quase regular, e suas aparições sempre faziam os índices de audiência disparar. Os fã-clubes e as linhas de bate-papo dedicados à “mensagem de Soiree” multiplicaram-se na internet, as vendas do livro dispararam. A Panderic teve que contratar meia dúzia de gráficas para dar conta das reimpressões. Seguiram-se outras aparições na televisão, mais efusões e derramamentos, mais magnificência irradiada. Depois de algum tempo, Edwin parou de assistir. Era sempre o mesmo: Soiree repetia rotineiramente o seu absurdo lero pseudomístico, e a platéia espojava-se de prazer. Ele apenas citava trechos ao acaso de O que aprendi na montanha, coisas que as pessoas tinham ouvido inúmeras vezes, e ainda assim elas não se fartavam.

Enquanto isso a Panderic ganhava rapidamente uma fortuna, licenciando a imagem de Tupak (com uma vultosa comissão para o próprio Tupak, é claro), que depois foi reproduzida em canecas de café, camisetas inspiradoras e pôsteres pelo país inteiro. A People publicou um perfil como matéria de capa; a Time fez o mesmo, assim como a Newsweek. E continuavam se referindo a ele como “o recluso mr. Soiree”. Edwin estava ficando furioso. “Recluso?”, gritava para as bancas de jornais e para as telas de televisão que o bombardeavam todos os dias com a imagem de Tupak. “Recluso? O homem é uma puta da mídia, isso sim!”

E aí, um dia, aconteceu o inimaginável. Um dia, a pilha de baboseiras simplesmente... desapareceu.

Tinha chovido torrencialmente a manhã inteira e Edwin voltou do almoço como um cachorro vadio e ranzinza, com o jornal úmido, o paletó encharcado, o guarda-chuva virado do avesso. Bateu a água dos pés e se encaminhou, com uma nuvem negra pairando acima da cabeça, para o santuário do seu cubículo.

Mas parou na metade do caminho.

“Mario?”, disse.

Mario, o Estagiário, tinha uma mesa logo do outro lado do corredor, e em geral não dava para vê-lo. Tudo o que se costumava ver de Mario era o tufo de cabelo espetado por trás de uma montanha de originais. Na verdade fazia tanto tempo que lidava com as baboseiras que ninguém se lembrava mais da cara dele. Hoje, porém, estava bem visível. As pilhas de originais não solicitados tinham desaparecido e a mesa de Mario estava limpa e lustrosa. Os blocos de anotações encontravam-se arrumados de acordo com o tamanho, e as canetas e cliques de papel, dispostos numa fileira certinha.

“Onde está a pilha de baboseiras, Mario? O boy ainda não trouxe a correspondência?”

“Trouxe. Mas hoje não chegou nenhum original.”

“Nenhum manuscrito? Nenhuma proposta? Nada?”

“Não.”

“Não”, disse Edwin, com uma sensação gélida a lhe percorrer a pele já fria. “Não. Isso não é bom. Não é bom mesmo.”

“Na verdade eu achei que foi uma boa pausa”, disse Mario. “Foram diminuindo a semana toda. Ontem chegaram só alguns, e hoje — nada.”

“Você não entende. A pilha de baboseiras é a linha de advertência da sociedade. Pense, homem! Os aspirantes a escritor são os precursores de todo modismo motivador que existe. São a ovelha-guia do rebanho, o teste de tornassol, os canários na mina de carvão. Os escritores da pilha de baboseiras são a nossa vanguarda, Mario. Precisamos deles. Precisamos dos nossos desconhecidos. Precisamos das nossas massas de almas insatisfeitas, esforçando-se por se erguerem acima dos limites de suas próprias capacidades. Precisamos dos nossos romances de ficção e de nossas trilogias em três volumes. Precisamos do nosso cabelo loiro como azeviche e das nossas mãos nuas. A sociedade precisa da sua pilha de baboseiras, você não entende? Se a pilha de baboseiras desaparece, o resto desaparece também. Isso não é bom. Não é bom mesmo.”

Edwin não se deu ao trabalho de se enxugar. Ainda molhado de chuva, seguiu enfurecido para a sala de May, encontrou

a porta aberta e entrou sem bater. “Tupak Soiree é uma fraude”, gritou.

May ergueu os olhos, com o rosto demonstrando total desinteresse. “Edwin, vá embora. Estou ocupada.”

“A pilha de baboseiras desapareceu, May. Desapareceu! Você não entende? E o começo do fim. Hoje a pilha de baboseiras, amanhã a vida como nós a conhecemos.” Sua voz soava encolerizada, até para ele.

“Edwin, saia da minha sala. Eu não tenho tempo para isso.”

“Não foram macacos que escreveram aquele livro, May. Foi um computador. Tupak Soiree é uma fraude. Ele não é escritor, é programador de computador. Ele apenas digitou os números. Ele digitou cada maldito livro de auto-ajuda que já foi escrito e depois deixou o computador fazer o resto.”

A contragosto, May sentiu seu interesse despertar. “Computador?”

“Ouça, eu estava numa lanchonete em Lancaster, comendo um sanduíche, quando ouvi o nosso estimado autor sendo entrevistado num programa de rádio da hora do almoço. Foi aquela bobagem de sempre, sentimentalóide e, puxa, quantos insights o senhor teve. Mas aí, num momento de distração, Tupak escorregou. Um pequeno deslize, mas revelador. Estavam falando de como a gente pode encontrar beleza em tudo — e garanto que me senti tentado a telefonar e perguntar: ‘E a feiúra? Dá para ver beleza na feiúra também?’. Mas, enfim, um cara ligou e disse: ‘Eu acho que os números são a coisa mais bonita na natureza’. Na natureza, veja só. E Tupak respondeu: ‘Ah, sim. Os números têm o seu próprio encanto interior. De minha parte, eu acho que o código binário é a dança cósmica da beleza. Quando eu programava o código para o Unix, freqüentemente achava que...’. E o entrevistador disse: ‘Mas eu achava que o senhor tivesse nascido e sido criado numa aldeia no norte de Bangladesh, onde não havia eletricidade nem água encanada.... E Tupak disse: ‘Sim, mas estudei computação depois que vim para os Estados Unidos’. E o entrevistador: ‘Mas não foi só no ano passado que o senhor veio para os Estados Unidos? Estava

vivendo numa montanha no Tibete antes disso, não estava?'. E aí Tupak disse — e dava para ouvir o pânico se avolumando, dava para perceber que ele estava ficando perturbado —: 'É verdade. Eu estava no alto de uma montanha. Estive em muitos e muitos lugares. Pois a vida é uma viagem. Todos nós somos meros viajantes. Todo mundo se fere. Todo mundo se cura. Devemos amar a todas as criaturas vivas'. E lá foram eles, de volta ao roteiro, arengando platitudes. Ninguém notou o escorregão, mas eu notei'. Houve uma longa pausa. "Você não está vendo, May"? Não vê aonde quero chegar? Tupak Soiree é um louco especialista em computadores. Criou algum tipo de sistema mestre. Um programa. Que lhe permitiu escrever o livro de auto-ajuda definitivo. Ele não precisou de um milhão de anos, só precisou de um milhão de bytes, ou seja lá qual for o raio do termo correto. Entendeu? Foi por isso que ele não quis que eu mudasse uma única palavra. Por isso era tão importante não alterar o conteúdo de maneira alguma. Era um programa, May. Foi isso o que produziu o livro. "Não foi iluminação cósmica, foi um programa de computador."

"Edwin, o manuscrito foi datilografado manualmente."

"Isso mesmo! Aí é que está o gênio da coisa. Ele provavelmente programou um computador para datilografar o texto! E as margaridas? O toque piegas. Mas, em retrospectiva, perfeito".

"Quero dizer, quem imaginaria um computador pondo pequenos adesivos de margaridas na página de rosto? Foi brilhante!"

"Edwin, não quero que você venha mais à minha sala. Você toma muito do meu tempo e da minha energia. Você se enfurece por qualquer coisa. E o pior é que não me traz mais café."

"O quê?"

"Você ouviu o que eu disse. Você não me traz mais café."

"Está citando Neil Diamond agora? Isto é mais do que café, May. Tupak Soiree alega ter desencadeado o paraíso na Terra. Mas eu sei que não é verdade."

"E se você estiver errado, Edwin?" May levantou-se, fitou-o com um olhar frio e duro. "E se Tupak tiver desencadeado o

paraíso na Terra? E daí? E se, neste exato momento, nós estivermos vivendo no inferno? Esta cidade, este prédio, este escritório. Talvez o inferno seja bem aqui. Talvez o sonho americano seja simplesmente o inferno na Terra, uma busca sem fim, incessante, sem sentido. Talvez estejamos encurralados num carrossel do inferno, Edwin. Já pensou nisso alguma vez? Talvez Tupak Soiree esteja apenas nos oferecendo um meio de pararmos o carrossel e descer. Ouça uma coisa, Edwin. Tupak Soiree não é o Anticristo. Não é o criador de um software demoníaco. Não é um programador de computador maléfico. E também não é um santo. E apenas o novo modismo mais recente do mês. Logo, logo a mensagem dele vai começar a perder o interesse, igual como todas as anteriores. E só um livro, Edwin. E a felicidade não se encontra em livros. Pode acreditar em mim, eu sei. Agora, talvez eu esteja errada, talvez Tupak Soiree tenha de fato conseguido o impossível, talvez ele tenha 'desencadeado o paraíso'. Pois eu, de minha parte, não vou lamentar a perda da tristeza."

"Ah, é? Ouça isto!" Edwin remexeu nos bolsos. Tirou uma fotocópia amarrotada, desdobrou e começou a ler: 'Isto é uma panacéia para todos os males humanos. E o segredo da felicidade, durante eras procurado pelos filósofos, finalmente descoberto'. O segredo da felicidade. Ouviu, May? O segredo da felicidade!' May ficou desconcertada. "Então alguém gostou do livro? E daí? Por que é que isso é mau? O que há de errado em produzir uma 'panacéia para todos os males humanos' ou 'o segredo da felicidade humana'?"

"Você sabe de onde veio esta citação? Sabe quem escreveu? Foi um inglês chamado Thomas De Quincey, E não estava falando sobre O que aprendi na montanha — estava falando sobre o ópio. É de um livro de 1821, Confissões de um comedor de ópio. O autor acabou destruindo a vida com essa 'panacéia celestial', emocional, física e intelectualmente. A auto-ajuda é o ópio da nossa era, May. E nós controlamos o mercado. Isto não é uma editora. Não estamos vendendo livros, estamos vendendo ópio."

"Ah pelo amor de Deus, Edwin. Pare de ser tão..."

"Um antro de ópio, May! E nisso que este nosso mundo está se transformando rapidamente. Um grande e vasto antro de

ópio. Um antro de ópio da mente, que deixa as pessoas apáticas, letárgicas — e cheias de serenidade.”

“E mesmo?” A voz dela agora veio cortante. “Ou será que é algo melhor? Algo maior. Talvez o que estejamos presenciando não seja um modismo. Talvez seja o alvorecer de uma unidade coletiva. Os javaneses têm uma palavra, *tjotjog*, uma convergência única e harmoniosa dos assuntos humanos’. Descreve os momentos, sempre fugazes, em que as pessoas acertam o passo umas com as outras, em que tudo se encaixa, em que a sociedade se move em conjunto e não com objetivos divergentes. Harmonia coletiva, quando objetivos e desejos divergentes se unem num só: *tjotjog*. Talvez seja isso o que estamos presenciando. Talvez seja isso o que Tupak Soiree conseguiu. Um alinhamento dos pontos da nossa bússola coletiva. Harmonia coletiva.”

“Ah. vamos, May! Isso é ridículo.”

“E um Vasto antro de ópio da mente’ é racional, é?”

“May. ouça...”

“Acho que já ouvi o bastante desta história. Quero que você vá embora.”

“May, ouça...”

“Agora.”

28.

“Não sei. Acho que ele morreu.”

“Morreu?” De novo, Edwin estava ao telefone com Jack McGreary, o senhorio intratável e implacavelmente grosseiro de Tupak Soiree. “Morreu?”

“Faz dias que eu não o vejo. Depois que apareceu pela última vez no Oprah, ele saiu andando pelo deserto, sozinho. Sem comida, sem água. Ontem vi uns abutres voando em círculos. Acho que o Soiree esticou as canelas. E estava na hora. Eu estava ficando farto desse sujeito.”

“Mas... mas eu preciso falar com ele. Tenho umas perguntas sobre o livro. Tem certeza? Ele morreu?”

“Talvez sim. Talvez não. Que diferença faz? Eu lhe disse, o sujeito é doido.”

“Acho que não fui claro o bastante. Isto é urgente. Eu estou com uma sensação ruim sobre o que está acontecendo. Eu estou com medo... estou com medo de que esse livro dele tenha posto em movimento uma cadeia de eventos tão terríveis, tão devastadores que...”

“Qual é! Você fala como se fosse o fim do mundo ou coisa assim!”

“E é disso mesmo que estou falando. Ouça, se encontrar mr. Soiree, pode lhe dar um recado?”

Jack rosou um suspiro e disse: “Acho que sim. O que é que você quer que eu diga a ele?”

“Diga a mr. Soiree que preciso falar com ele.”

A indústria de tabaco foi a primeira a cair. Tombou como uma sequóia enorme: impressionante e magnífica, mas morta por dentro. Estava sofrendo de podridão, seca e terminal, e tombou no chão da floresta como um precursor de coisas por vir. O consumo de cigarros diminuiu em mais de setenta por cento. Fortunas inteiras se arruinaram. A “anomalia de curto prazo que vai se corrigir por si

mesma” noticiada pelo Times-Herald transformou-se em manchete, a manchete gerou pânico e o pânico provocou corre-corre na Bolsa. Venda! Venda! Venda! Os executivos do tabaco que não saltaram da janela do escritório, deixando manchas oleosas com cheiro de nicotina na calçada, simplesmente... foram embora. Pelo país inteiro aumentava o número de executivos poderosos que abandonavam o cargo, como que acometidos de um mal de Alzheimer contagioso. “Fui pescar”, diziam os avisos. Fui pescar.

Os semanários de notícias mal conseguiam acompanhar a tendência. Colunistas de direita e cheios de si (sem citar nomes, mas um deles foi George Will) começaram a produzir rotineiramente ensaios pontificantes, dizendo que, do jeito que eles sempre haviam previsto, os Estados Unidos tinham se libertado do tabaco quase da noite para o dia, não por causa de impostos ou regulamentos do governo, mas por causa de pura e exclusiva força de vontade humana. A direita insistia que os acontecimentos respaldavam as suas opiniões sobre a santidade da escolha individual. À esquerda (ou melhor, o centro, já que não existe de fato esquerda nos Estados Unidos) era igualmente categórica: anos de intervenção governamental enfim tinham compensado — e da maneira mais espetacular. Todo mundo assumia crédito pelo fenômeno.

Equipes extras de limpeza foram contratadas para raspar as manchas de nicotina deixadas pelos executivos do tabaco que se atiraram, e as companhias que fabricavam avisos de PROIBIDO FUMAR foram rapidamente à falência. Na maior parte, porém, os efeitos não foram tão generalizados quanto os analistas previram. Ou temeram.

Então foram as indústrias do álcool e das drogas ilegais que vieram abaixo. Cocaína. Haxixe. Ácido. A demanda se esgotou, assim como ocorreu com produtos menos respeitáveis. E o pânico recomeçou. Os jornais agora falavam de “uma mudança enorme no padrão de gastos”, mas nem mesmo aí os comentaristas fizeram uma relação direta entre a convulsão e o livro de Tupak Soiree. Em vez disso falavam de O que aprendi na montanha como “parte” da tendência, não como causa. Alguns chegaram ao ponto de afirmar que o livro tinha ajudado a “provocar” a mudança repentina, servira

de “catalisador da mudança”, mas diziam terminantemente que as condições já existiam muito antes da publicação do livro. (E, afoitos, se puseram a vasculhar os arquivos, à procura de evidência de condições passadas.) Começaram a falar de Novos Estados Unidos, Nova Ordem Mundial, Novo Consumismo.

Mas, enquanto o país mergulhava na incerteza econômica — “temos pela frente um período de grandes ajustes”, disse um presidente solene e de testa franzida, quando as indústrias do tabaco e a do álcool foram à bancarrota —, a criminalidade de rua começou a diminuir. Ainda se podia comprar bebida, é claro, e ainda se podia matar um ou outro passante a tiros de revólver, mas a tendência era de baixa — e acentuadamente baixa. Toxicômanos receberam exemplares do livro de Tupak Soiree. Os Alcoólicos Anônimos faliram. Centros de desintoxicação começaram a fechar.

“Este é um dia triste, muito triste”, declarou o porta-voz de uma das maiores cadeias nacionais de centros de reabilitação de drogas. “Fomos obrigados a encerrar quase toda a nossa operação devido à falta de clientes. Um dia realmente sombrio.”

Foi só uma questão de tempo para que certos grupos começassem a pensar em vingança.

29.

Edwin Vincent de Valu estava fazendo o carro de sua mulher avançar principalmente na base do desaforo. Xingava e praguejava, mudava de marcha, enquanto o pequeno duas portas de pouca potência arrancava e afogava pelo bulevar South Central. Logo ampliou seu leque de rancores e, arbitrário, começou a amaldiçoar pedestres, animais de estimação e até uma ou outra moita. Edwin odiava o carro de Jenni, tanto quanto odiava a sua presunçosa satisfação, tanto quanto odiava o gato. Era metido a besta demais (o carro, não o gato; o gato era uma grande massa de preguiça felina, que comia demais e era bem tratado demais). O carrinho amarelo de Jenni não tinha energia. Apenas se arrastava para a frente; nem roncava. Edwin queria um carro que roncasse. Tudo no carro de Jenni era idiota, até a buzina. Especialmente a buzina. Quando ele metia a mão, soltava um "tut-tut" alegrinho, que não capturava as emoções que a pessoa sentia quando alguém dava uma fechada e se esperava que ela explodisse. "Seu filho-da-puta!" Tut-tut. Estragava todo o clima.

Não que houvesse muito tráfego onde ficar entalado. Muito pelo contrário. Geralmente uma ida ao supermercado envolvia cerca de seis ameaças de morte, quatro colisões quase fatais e a possibilidade de, no mínimo, um soco na cara. Hoje as ruas estavam calmas. Em parte alguma havia sinais de raiva. Os pássaros cantavam. O sol brilhava. Mais e mais pessoas pareciam preferir andar a pé, o que era uma pena, porque, quando a sua mulher manda você comprar feno-grego às quatro da tarde de um domingo, bem quando você está assistindo a uma reapresentação ótima de Who's the boss, ora, o que você quer mesmo é ter que brigar com o trânsito, no mínimo para justificar a sua irritação. Mas as ruas estavam tranqüilas como num comercial de televisão. O sol filtrava-se pelas folhas das árvores; casais caminhavam de braços dados pelas calçadas. Edwin parou diante do Empório Holístico e Luminoso de Alimentos Saudáveis e Felizes (o antigo Safeway). Não havia

nenhum carro no estacionamento, mas o supermercado estava lotado. Ninguém parecia ter pressa, todo mundo fazia as compras languidamente, recebia lentamente o troco, deixava calmamente a loja. Era extremamente irritante.

“Seja! Sinta! Saiba!”, disse o funcionário de barbicha rala quando Edwin saiu, enraivecido, com o saco de feno-grego natural e colhido à mão.

Lá fora, um carro tinha parado ao lado do de Edwin, e estava com o motor ligado.

“Que esquisito”, disse ele. “Com o estacionamento vazio, por que é que foram parar bem ao meu lado?”

Três homens de terno de seda saíram do carro e estacaram, de braços cruzados, enquanto Edwin se aproximava.

“Ei, vocês estão encostados no meu carro!”

Apareceu outro homem, jovem, sorridente e sardento, vestido em tons pastel e com um suéter enrolado com descuidada perfeição em torno dos ombros.

“Ora, olá!”, disse, avançando, o rosto um sorriso só. “Edwin de Valu, certo? Como é que vai? Dia lindo, não acha? Faz a gente ficar contente por estar vivo.”

Edwin começou a sentir formigamentos. “Nós nos conhecemos?”

“Meu nome é Jay.” Uma mão estendida. Até o aperto era bem-humorado. “Eu sou o que você chamaria de um solucionador de problemas freelance.”

“E isso quer dizer...?”

O sorriso do homem endureceu. “Quer dizer que eu sou o que você chamaria de um solucionador de problemas freelance.” Houve uma pausa desconfortável enquanto o homem olhava fixo nos olhos de Edwin. “Mas chega de falar de mim”, retomou o sardento afinal. “Vamos falar de você, está bem? Edwin de Valu. Casado. Sem filhos. Trabalha na Panderic Inc. — que é quentíssima no momento. Mora no South Central, 668.”

“O que é isso? Como é que você sabe quem eu sou?”

O homem sorridente com rosto sardento e olhos de atirador de elite olhou além de Edwin, para o estacionamento atrás

dele. “Ouça, Ed — posso chamá-lo de Ed? Por que não vamos a algum lugar menos público? Digamos, até um armazém abandonado no cais, onde ninguém possa ouvir os seus gritos de socorro.” Deu um tapa no ombro de Edwin. “Não se preocupe, Edwin, eu provavelmente estou brincando.” Baixou a voz. “Agora entre nessa porra desse carro.”

Estavam segurando a porta para ele.

Edwin recuou, mas um dos facínoras tinha deslizado por trás dele e Edwin se descobriu recuando até uma gigantesca massa humana, um refrigerador enfiado num terno de seda. O homem pôs uma mão no ombro de Edwin, uma mão pesada, carregada de ameaça. “Você não vai a lugar algum, meu amigo”.

Edwin agachou-se de repente, escapou do abraço iminente e correu, às cegas, direto para um beco sem saída. Maldição! A passagem ao lado do mercado terminava numa grade de arame. Era como o fim de uma piada particularmente ruim.

Os homens vieram pela passagem na sua direção, em silêncio, sem pressa, como se o resultado fosse inevitável e eles estivessem apenas encenando o ato.

“Estou avisando”, disse Edwin, quando eles chegaram perto. “Eu me machuco com muita facilidade”.

30.

Edwin voltou a si no escuro.

Estava com o rosto quente e suado por causa da própria respiração; tinham-lhe enfiado na cabeça um pesado saco de pano. Virou-se de um lado para o outro, tentando tirá-lo. Não conseguiu. A sensação era ao mesmo tempo claustrofóbica e aterrorizante.

Passos. Vozes sussurradas. Um puxão repentino no seu pescoço e o saco de pano foi arrancado. Edwin piscou, apertou os olhos, confuso. A sua frente, viu uma fileira de luzes fortes e, adiante delas, figuras nas sombras. Ouvia o mar e sentia o seu cheiro. A sua volta havia pilhas de engradados e, ao fazer força, constatou que estava com os braços amarrados às costas. Tentou falar, mas tinha a garganta seca e áspera.

“Onde estou?”

Houve uma explosão de gargalhadas do outro lado. “Estão vendo? Eu disse. Essa é sempre a primeira pergunta. ‘Onde estou?’ Lembra de quando lidamos com o Colóné? A gente amarrando os blocos de concreto no peito dele e enfiando o saco de plástico pela cabeça, e ele não parava de dizer ‘Onde estou? Onde estou?’. Como se fizesse diferença.” Mais risos.

Das trevas, o sardento avançou alguns passos. Tinha um ar de piedade abjeta e totalmente fingida no rosto. “Mr. de Valu, tenho que pedir desculpas pelo procedimento um tanto estereotipado dos meus rapazes aqui. Pessoalmente, prefiro uma abordagem mais sutil, mas os tempos são de desespero. E está ficando muito difícil encontrar bons assistentes. Sobretudo com toda esta moda de delicadeza que existe no momento. Cigarro?”

“Eu... eu estou tentando parar de fumar.”

“Boa idéia. Cigarro mata.” O sardento acendeu um, puxou uma tragada longa, quase transcendental, e jogou o cigarro no chão. Exalou uma calmante nuvem de morte azul. Depois, com a casualidade de alguém que vai pegar uma caneta, enfiou uma mão

no paletó e tirou o inevitável acessório. Apertou o cano do revólver contra a têmpora de Edwin. "Diga uma coisa, Edwin. Você gosta de apostas?"

"Não, não para valer", respondeu Edwin, com voz apertada. "Compro uma raspadinha de vez em quando, mas...", Sua voz sumiu.

O sardento assentiu. "Ótimo. Porque eu diria que as suas chances de sair daqui com vida e com todos os membros ainda ligados ao corpo são praticamente nulas." Afastou a arma, tornou a enfiá-la no coldre e disse: "Quer aquele cigarro agora?"

Edwin fez que sim com a cabeça, mudo de desespero.

O homem colocou o cigarro entre os lábios de Edwin, quase com ternura, e acendeu um fósforo com a unha do polegar.

"Quer que eu afrouxe a corda?", disse alguém.

"Edwin, eu gostaria que você conhecesse meu sócio júnior: Sam 'o Cobra' Serpent. Ele é jovem, ávido e o pior tipo de rapaz que existe: o que tem algo a provar. Por isso, faça você o que fizer, procure não irritá-lo."

Sam se aproximou, um garoto cheio de tiques e bravata. "Quer que eu o mate devagar ou rápido, o de sempre ou com algum extra?"

O sardento suspirou. "Por enquanto só desamarre a corda, está bem, Sam? Mais tarde a gente discute a logística da morte dele. Uma coisa por vez." Balançou a cabeça e deu um sorriso a Edwin, como se dissesse "esses garotos, hein?"

Depois que Sam desatou a corda, Edwin esfregou os pulsos e olhou ao redor, tentando orientar-se. Conseguiu enxergar outras figuras ao fundo, parcialmente iluminadas e envoltas em fumaça. Diante delas, num semicírculo de cadeiras, estavam sentados quatro homens, em silêncio, com os rostos iluminados por trás e invisíveis na escuridão.

O sardento inclinou-se e falou ao ouvido de Edwin. Chegou tão perto que Edwin sentiu o cheiro de tabaco e Brut. "Mr. de Valu, o senhor é ou não é a estrela por trás de um livro chamado O que aprendi na montanha? Não minta, porque já sabemos a resposta."

“Eu fui o editor, sim. Mas só isso. Você devia falar com o autor diretamente. Eu teria todo o prazer em lhe dar as informações para chegar à casa dele, talvez pudesse até desenhar um mapa. Ele mora em Paradise Flats, logo na borda do — não, espere, ele mudou. Está construindo uma casa perto de Boulder, em algum lugar nas montanhas. Tenho certeza de que é nele que você quer dar uma surra, não em mim.”

“É uma pena, mas mr. Soiree tem uma brigada de guarda-costas treinados protegendo-o vinte e quatro horas por dia. O senhor...” e o homem riu “... o senhor dirige um Chevette amarelo.”

“Na verdade, é da minha mulher.”

“Mr. de Valu, esse seu livro causou muito prejuízo a certas pessoas. As vendas de cigarros caíram. O consumo de álcool baixou. O uso de drogas diminuiu de maneira chocante. Cada um dos cavalheiros à sua frente foi pessoalmente atingido pelos seus atos. Permita-me apresentá-los. Da esquerda para a direita: mr. Davies, do Instituto do Tabaco, mr. Brothman, da Comissão de Bebidas Alcoólicas, e mr. Ortega, do Cartel de Drogas e Programa de Intercâmbio Cultural da Colômbia.”

“E o... o último cavalheiro?”

“Ah, esse é mr. Wentworth. Ele dirige uma cadeia de centros de reabilitação de álcool e drogas. Como o senhor pode imaginar, ele depende do consumo contínuo tanto quanto qualquer outro. Mr. de Vau, o senhor fez estes cavalheiros perderem milhões e milhões de dólares de seus rendimentos.”

“Será que é tarde demais para dizer que eu realmente sinto muitíssimo?”

Sam interveio. “Ei! Não se faça de esperto com a gente. Você sabe com quem está falando, tem alguma idéia? Eu sou Sam ‘o Cobra’ Serpent. Vou comer esse seu coração de merda.”

Houve uma pausa longa e excruciante. Edwin contorceu-se; sabia que não devia dizer nada, mas não conseguiu se conter. “Hum, eu sei que não vem ao caso, mas é que — é o editor em mim... Se o seu sobrenome é Serpent, por que é que você precisa do apelido Cobra? E meio redundante, não acha?”

Quando recobrou a consciência, Edwin estava deitado em cima de uma mesa, amarrado e olhando para uma luz branca e forte acima dele. "Onde é que eu estou?", perguntou.

"Mr. de Valu", disse o sardento, "se não começar a me dar respostas claras, Sam vai arrancar seus dedos da mão um a um. E depois Lewis vai trabalhar nos dedos do pé."

"Ora", ouviu-se a voz de Lewis a um lado, "por que é que eu sempre fico com os dedos do pé?"

"Ouça", disse Edwin. "Vocês têm que acreditar em mim".

"Eu não tenho influência alguma no trabalho. Sou completamente insignificante. Sou apenas um dente de engrenagem sem significado, numa máquina muito maior. Não posso parar o prelo e não posso retirar o livro das livrarias. O cara que vocês querem é Leon Mead. Os dedos dele é que vocês deviam arrancar, não os meus. E mr. Mead que está no comando, é ele quem toma as decisões. E vocês podiam aproveitar para também seqüestrar e aterrorizar um sujeito chamado Nigel. Ele é editor como eu, mas é mais sênior."

Suspiro. "Acho tristes e estarecedoras as suas tentativas de incriminar os amigos."

"Eu também acho", disse Edwin. "Mas você tem que admitir que valia a pena tentar. Por favor. Tenho certeza de que você pode encontrar alguma..."

"Hora de dizer boa-noite, mr. de Valu."

"Não, não, não, não, não, meu Deus, não." (só que, quando Edwin disse isso, foi sem vírgulas, numa rajada histérica: Não-nãonãonãonãomeuDeusnão!) "Não vai resolver nada me matar! Mas se me deixarem viver, eu posso consertar as coisas. Eu sei que posso. Vou convencer mr. Mead a recolher o livro. Recolhemos tudo, mandamos empastelar as remessas atuais e suspendemos as próximas edições. Eu posso reverter a tendência, juro que posso. Ouça, morto eu não tenho utilidade alguma para vocês. Mas, vivo, e com uma ameaça de morte pairando sobre a minha cabeça, eu posso ajudar. Eu vou ajudar. Por favor, me deixem ajudar."

O sardento interrompeu o interrogatório para uma rápida confabulação com o pessoal do tabaco e do álcool. Edwin ouviu murmurarem algum acordo, algumas hesitações, e depois: Mr. de Valu, estamos dispostos a lhe dar uma semana. É tudo. O senhor tem uma semana para convencer mr. Mead a suspender as impressões desse... desse livro. Uma semana para dar um jeito na situação. E fique avisado: sabemos onde o senhor mora. Sabemos o nome da sua mulher. "Sabemos até o nome do seu gato."

"Ah, não. Não o gato. Não mr. Muggins. Por favor, façam o que fizerem, não matem o gato — nem mesmo como advertência ou só para me assustar. Não, por favor, não matem o gato, ainda que isso certamente fosse me servir de recado e fosse me obrigar a levar vocês muito mais a sério. Não o gato, qualquer coisa, menos o gato".

"He, he, he, he", disse Sam. (Ou coisa assim.)

31.

“Edwin, por que foi que demorou tanto? Você desapareceu por dois dias inteiros. Pelo menos lembrou de comprar o feno-grego”.

Edwin entrou trôpego, combalido e ainda atordoado. Tinham-no atirado do carro em algum lugar do outro lado da divisa estadual e ele passara os últimos dois dias pegando caronas e acampando em bueiros.

Jenni o olhou de alto a baixo. “O que foi que aconteceu com você?”

“Fui seqüestrado, espancado e depois atirado de um veículo em movimento.”

“Upa, parece que foi duro. Mas, antes que me esqueça, Alice e Dave, da casa ao lado, vêm jantar conosco. Então, corra e fique apresentável antes que eles cheguem.”

Edwin ficou ali parado, embasbacado com a falta de sensibilidade dela, com a sua férrea determinação de não permitir que nada perturbasse a superfície de sua vida. Embasbacado com aquela pessoa, aquela pessoa com quem se casara.

“Hun, eu contei que a máfia está querendo me matar? Bom, não a máfia per se. E mais um cartel de executivos do tabaco, álcool e reabilitação de drogas. só tenho uma semana de vida. Puseram-me no porta-malas de um carro, bateram na minha cabeça várias vezes com objetos muito duros e me levaram para o outro lado da divisa do estado.”

“Meu beeeeemmmm?”, disse ela, no tom que se usaria com uma criança excepcionalmente lenta. “Você já me contou essa parte, lembra? Agora, me diga...”, fez uma pequena pirueta e uma careta para o próprio traseiro no espelho do hall, “... eu estou gorda?”

32.

Se, em determinado trecho de determinada rodovia em determinada área do condado de Bayou, na madrugada de uma melancólica segunda-feira, você parasse e prestasse atenção — realmente prestasse atenção —, teria ouvido, sob o som das rãs e do vento que varria as árvores, um arranhar. Um arranhar muito, muito leve. Talvez nem notasse, tão baixo era o som. Mas se caminhasse por entre as videiras e o matagal, se apertasse o ouvido contra a turfa úmida, se fechasse os olhos e prestasse bastante atenção, ouviria, bem fundo na terra, um som de arranhar. Raspar.

Ninguém sabe quem foi que mandou um exemplar de *O que aprendi na montanha* para o Dr. Alastar; ninguém sabe se foi um gesto de zombaria ou se foi mesmo sincero. Seja como for, não deu certo. O Dr. Alastar (você talvez o conheça melhor como Mr. Ethics”) enfureceu-se. Primeiro, atirou o livro contra a parede da sua cela na prisão. Pegou o livro e atirou-o de novo. Em seguida, chutou-o. Aí, urinou em cima dele. E depois pôs fogo nele. (A verdade é que, depois de ter feito xixi em cima dele, o livro não acendeu muito bem. Mas o Dr. Alastar conseguiu chamuscar a capa ligeiramente.) Por último, num final grandioso e simbólico, o bom médico dobrou a lombada do livro grossíssimo, jogou-o no vaso sanitário e puxou a descarga, fazendo-o descer. Ou melhor, tentando fazê-lo descer. O livro ficou preso na metade do caminho e, quando o médico puxou a descarga de novo, o sistema todo entupiu. Isso não foi bom, porque um guarda teve que vir limpar a cela e foi preciso chamar um encanador para arrancar o encanamento da parede, reinstalá-lo e tornar a vedá-lo.

O guarda não ficou especialmente contente e, sendo homem de poucas palavras, optou por expressar o seu desprazer por meio de gestos. Enfiou o esfregão encharcado na cara de mr. Ethics e esfregou bem. “Que tal isto?”, perguntou. “Que tal? Não é muito bom, é?”

Naquela noite o coitado do médico, deitado em seu catre, fervia de ódio por entre fantasias de vingança e revanche, enquanto a lua se erguia pálida e azul por sobre o condado de Bayou. O dia seguinte era segunda-feira, o que significava dez horas de trabalho ao ar livre, num grupo de presos acorrentados uns aos outros, seguidas de um programa de macramê e artes e ofícios diversos. Mr. Ethics odiava a prisão. Odiava o trabalho forçado. Odiava os banhos de mangueira. Odiava as intermináveis palestras de conscientização e os abraços nas sessões de terapia. E, deitado ali, mergulhado no próprio fel, enfurecido com o rumo que sua vida tomara, ouviu um pequeno plonk — como o som de um banjo quando se toca uma única corda. Virando-se para um lado, fitou a escuridão até que os detalhes emergiram. Embaixo do cano do vaso sanitário, formava-se um pingo de água — que depois caía. Plonk.

Mr. Ethics engatinhou até lá, abaixou-se e encontrou a fonte do vazamento. Passando o dedo em torno da vedação, no ponto onde o cano entrava na parede, viu que a massa ainda estava mole. Depois, examinou a base do vaso. A mesma coisa. O vedante não tinha endurecido, a argamassa em torno dos tijolos também não. A argamassa estava flexível como queijo camembert. E mr. Ethics começou a rir, baixinho, consigo mesmo. (Conforme a investigação judicial conduzida posteriormente revelaria, o encanador trazido para consertar os canos estourados e o vaso sanitário tinha usado o tipo errado de produto: não o de secagem rápida, mas um gesso mais antigo e mais barato, misturado com uma liga à base de borracha.)

Mr. Ethics é um homem baixo, quase franzino, mas de modo algum é fraco. Com as costas, empurrou o vaso até tirá-lo do lugar. O cano de água envergou, mas agüentou. (Se tivesse arreventado, a subsequente inundação poderia ter alertado os guardas, pois chapinhariam na poça durante a ronda. Mas, não, pela primeira vez em muito tempo, em muitíssimo tempo, mr. Ethics teve sorte.) Ele voltou até a cama, encheu-a com um amontoado de roupas, para o caso de alguém jogar alguma luz na cela, e, sem mais delongas, deslizou por debaixo do prédio e fugiu.

Abraçou-se ao encanamento e foi seguindo a rede de linhas de esgoto da prisão. A água corre para baixo, pensou ele, e os dejetos do presídio tinham que acabar sendo lançados num pântano ou talvez numa central de tratamento. De fato, o cano que ele acompanhava foi ficando maior à medida que descia, à medida que mais e mais linhas vinham desembocar nele. A única iluminação vinha do brilho alaranjado dos painéis de controle e da minúscula lâmpada de leitura que mr. Ethics segurava entre os dentes. O guarda tinha autorizado isso: uma única lâmpada pequena. Era de plástico e emitia uma luz fraca, mas nas profundezas dos túneis úmidos e frios da Prisão Filoxum 901, era uma dádiva divina, o dedo de um anjo apontando o caminho.

E foi assim que o Dr. Robert Alastar, também conhecido como mr. Ethics, um criminoso que cumpria três sentenças, deslizando e rastejando escapou para a liberdade. O último trecho ele teve que escavar com a mão. Os canos desapareciam num lago nojento de água verde e salgada e mr. Ethics decidiu sair pelo lado. A terra soltou-se facilmente em grandes torrões úmidos quando ele se contorceu e se espremeu, até desembocar na escuridão que precede o alvorecer, como um bezerro nascendo ao luar.

Cuspindo e tossindo, o médico limpou a terra preta dos olhos e do rosto. Ouvia água batendo ao longe. Acompanhou o som e entrou no rio. Num batismo primordial, sob um céu que o sol aos poucos tingia de tons de pêssego, mr. Ethics jogou água no corpo todo, lavando a lama, lavando a terra, lavando a própria prisão de sua pele.

“Ora, ora, ora, se não é o bom doutor em pessoa.”

Mr. Ethics imobilizou-se. Virou-se e viu, pela primeira vez, que não estava sozinho. Havia alguém sentado na margem, observando-o. Havia uma vara de pescar fincada no chão, com a linha pendendo frouxamente na água.

“Bubba?”, perguntou mr. Ethics.

Era um dos guardas mais agressivos que a prisão já produzira, e encarava mr. Ethics com firmeza. “Bela visão”, disse Bubba.

Por um momento, por um momento terrível e de dar nó no estômago, mr. Ethics ficou ali parado, enfiado na água até os joelhos, olhos postos em Bubba na margem e tentando freneticamente decidir o que fazer em seguida. Era óbvio que tinha que matar Bubba, mas como? O homem era um guarda de prisão treinado, com o dobro do seu tamanho. Com os auditores fiscais tinha sido fácil. Mr. Ethics os havia espancado até a morte com as próprias pastas deles. E os vizinhos ainda tinham ajudado a esconder os corpos. "Você disse que ele era um auditor fiscal? Tudo bem. Vou só buscar a minha pá".

Com Bubba, seria mais difícil. Talvez o médico conseguisse apoderar-se da vara de pescar e usá-la como uma lança para empalar o guarda...

"E então", disse, para ganhar tempo, "teve sorte?"

"Nada. Estou só olhando os vaga-lumes dançarem e os bagres pularem."

"Faz um bom tempo que não vejo você na prisão."

Bubba assentiu. "É verdade. Eu não trabalho mais lá. Um belo dia, levantei e decidi ir pescar."

"É, estou vendo."

"Não, não pescar. Mas pescar. Aqui dentro." Tocou no próprio peito. "Pescar no meu coração."

"Sei. Bem, foi bom conversar com você. Acho que vou andando agora. Fui posto em liberdade condicional, sabe, agora recentemente."

"É mesmo? Porque eu vi o senhor saindo daquele buraco na margem ali adiante. Não tive mesmo impressão de liberdade condicional. Poderia até pensar que o senhor estava tentando fugir."

"Não, não. Não estava fugindo, Bubba. Eu estava só, sabe como é, fazendo uma pausa. Indo pescar."

Bubba assentiu, pensativo. Brincou algum tempo com a linha. "Doutor, o senhor me promete uma coisa?"

"Qualquer coisa."

"Promete que depois de passar um tempo aqui fora, depois de realinhar as coisas na sua vida, o senhor volta para a

prisão, que vai se entregar? Promete? Dá a sua palavra?"

"Claro. Tudo bem."

"Verdade?" Ei, eu mentiria para você? Ora, vamos, eu sou mr. Ethics."

Um grande sorriso de Bubba. "A verdade é o que damos, não o que ganhamos. Página quarenta e sete. E essa é a verdade, tenha certeza de que é. Verdade com V maiúsculo. Diga uma coisa, está precisando de dinheiro? Ou de uma carona até algum lugar?"

Mr. Ethics hesitou, perguntando-se se não estaria abusando da sorte. "Algum dinheiro não seria mau. E uma carona até a cidade. E talvez uma muda de roupa"

"Claro. Vou buscar o caminhão. E, sabe, desculpe por todas aquelas revistas corporais, aquelas inspeções de todas as cavidades do corpo, e pelas eventuais brutalidades. Espero que não tenham ficado ressentimentos/" "Ora", disse mr. Ethics, citando Espinosa, ou talvez Santo Tomás de Aquino, "isso é água embaixo da ponte."

"E então, para onde é que o senhor vai?", perguntou Bubba, enquanto os dois subiam pela margem do rio.

"Ah, digamos apenas que eu tenho um encontro", respondeu mr. Ethics. Um encontro na Avenida Grand — com determinado editor, em determinado escritório, em determinada companhia que o deixara na mão. A vingança estava próxima.

33.

No final das contas, Edwin acabou se revelando um homem de apostas. Ainda que um homem de apostas não muito astuto. Prova disso foi a maneira como depositou todas as suas esperanças no que o pessoal de marketing estava dizendo. Apostou a própria vida na sabedoria que emanava do marketing, o que só destaca o nível de desespero que ele havia atingido. (Em termos de confiabilidade, marketing fica só um pouco acima do estudo das entranhas de uma galinha.) Edwin tinha apenas uma semana de vida, a menos que conseguisse convencer mr. Mead a retirar o livro das livrarias. Coisa que não conseguiria. Era tarde demais para isso. A Panderic já tinha concedido licença para mais de doze títulos e produtos derivados. (Curiosamente, mr. Soiree revelou uma distinta e, para Edwin, suspeita falta de interesse em escrever mais livros: "Ah, não. Deixe que as palavras radiosas de outros buscadores preencham a grande visão. Deixe que outros continuem a cruzada. Vou continuar recebendo quinze por cento sobre as vendas, não vou? E isso sobre a receita bruta, certo?".)

O que aprendi na montanha tinha gerado toda uma indústria que se propagava sozinha. Era como uma espécie de animal mítico, um monstro de mil cabeças impossível de abater. Mas se Edwin pudesse ir até mr. Serpent e os outros, armado com gráficos que impressionassem e dados de vendas complexos, se pudesse convencê-los de que O que aprendi na montanha tinha atingido o pico e, na verdade, as vendas já começavam a baixar, talvez conseguisse escapar com vida e com a maioria dos membros intactos. Teria que vender o conceito a seus assassinos em potencial: "A tendência já está em queda, senhores. A moda passou. Os dias felizes estão de volta!". Seria o discurso de promoção de vendas da vida de Edwin. E tudo dependia do que o pessoal de marketing lhe dizia.

Começou com um comentário casual na cafeteria ("Esse livro de Tupak Soiree tem que atingir o pico em algum momento!")

que logo se tornou uma hipótese operacional (“Pelo que estão dizendo, o livro de Soiree está para atingir o pico a qualquer momento”), para afinal passar ao pressuposto taxativo (“As vendas de O que aprendi na montanha atingiram o pico. Definitivamente”).

A única coisa de que ele precisava era um relatório formal, com muitos gráficos, tanto em formato de pizza em pedaços quanto do tipo gerado por eletrocardiograma, mostrando as vendas prestes a despencar. O departamento de marketing estava trabalhando neles bem naquele momento, e Edwin parou um instante, clareou a mente e disse consigo: “Talvez eu consiga me safar”. Já ensaiava o discurso que faria a mr. Serpent e aos outros quando o seqüestrassem de novo: “Senhores, se prestarem atenção no gráfico na tela...”. (Fez uma anotação mental: “Providenciar que haja uma tela de projeção para a apresentação”.)

Mas aí tudo passou a se desintegrar.

O problema começou, assim como ocorre com muitas coisas, com um pequeno beliscão na consciência, um detalhe aparentemente menor, aparentemente inconseqüente, que passa quase despercebido, mas que, uma vez que a gente se concentra nele, de repente emerge em todas as suas horríveis implicações. Com Edwin, começou quando um dia ele voltava para casa exausto (novamente), chutou o gato (novamente, visto que mr. Muggins conseguira se esquivar de pelotões inteiros de assassinos da Cosa Nostra), esvaziou uma cerveja (novamente) e entrou na sala, para ser recebido (novamente) com a saudação habitual da mulher — a saber: “Eu estou gorda?”.

“Não”, suspirou ele. “Você está ótima.”

Nisso, bem quando estava prestes a se encaminhar para o chuveiro, as conseqüências aterrorizantes da declaração dela o atingiram na íntegra. Virou-se. “Por que foi que você me perguntou isso? Por quê?” Sua voz traía o pânico.

Jenni piscou na direção dele. “Do que é que você está falando, seu resmungão?” Tentou o franzir de nariz habitual, o beicinho de derreter o coração, mas dessa vez não funcionou.

“Jenni, por que é que você não pára de me perguntar se está gorda? Por quê? Você leu o livro de Tupak Soiree. Você leu a

parte sobre a atuação do eu e a aceitação da própria aparência como uma afirmação do eu. Viver dentro do seu corpo, e não contra ele. Você leu que deve encontrar o peso saudável e confortável para você, não o que é ditado pela sociedade. Então, Jenni, pelo amor de Deus, por que é que você me faz essa pergunta? Por que é que faz diferença se você está gorda? Responda! A essa altura Edwin estava aos berros. Sabia muito bem qual seria a resposta e que teria um impacto terrível e de longo alcance. "Edwin, acalme-se. Eu ainda não cheguei a essa parte do livro. Eu quero, mas ainda não cheguei. Li primeiro a parte sobre Li Bok e a parte sobre organizar a agenda. E experimentei aquelas receitas de nabos refogados, mas ainda não cheguei à parte sobre dieta e emagrecimento. Chego lá, mas ainda não tive tempo."

"Tempo? Tempo? Você trabalha em casa, pelo amor de Deus. Tudo o que você tem é tempo! Você é paga para não fazer nada "Eu ia tirar uma folga amanhã". Ia terminar o livro. Não vejo por que você está ficando tão zangado."

Edwin cambaleou até o hall, sentindo que começava a suar frio. "Procrastinadores", disse. "Eu não tinha levado em conta os procrastinadores. Estou morto. Sou um homem morto. Vão me matar, me cortar em pedacinhos e vou virar comida de peixe, ou seja lá o que eles fazem hoje em dia. Acabou. Acabou tudo. Sou um homem morto."

E repetia sem parar, parte como mantra, parte como lamentação: "Sou um homem morto. Um homem morto".

"Quer parar de dizer isso?" Jenni estava apoiada na entrada do hall, observando o marido cabisbaixo. "Você está estragando o meu humor."

"May", disse ele. "Tenho que falar com May."

Edwin saiu correndo de casa como um homem que foge de um prédio em chamas. Correu sete quarteirões, até o hotel Devonian, onde havia uma fila de táxis esperando passageiros. Pulou para dentro do primeiro, gritou o endereço de May e disse: "Rápido!".

"Ah." O motorista se virou, sorrindo como um santo. "O fluxo do tempo não é ajudado nem prejudicado pelos nossos

próprios desejos. Existe independentemente, mas nos envolve em seu calor.”

Edwin arregalou os olhos, com ódio. “Você andou lendo Tupak Soiree.”

“Andei”. E o motorista ergueu o livro, com sua capa nauseantemente familiar, em dois tons da mesma cor de mau gosto e maiúsculas em fonte Verdana, e irradiou banalidade para Edwin. “Estou quase na metade. Tem sido uma revelação.”

“Ouça aqui. Se não quiser que eu lhe enfie esse livro pela goela, pare de fazer citações e meta o seu maldito pé nesse maldito acelerador.”

“Saia do meu táxi.”

“O quê? Você não pode fazer isso.”

“Saia do meu táxi. Quem insulta as palavras de Tupak Soiree não viaja no meu táxi. Caia fora, já!”

Edwin acabou encontrando um motorista que não tinha lido o livro (“Estou com vontade, mas ainda não tive tempo”) e chegou à porta do prédio de May depois do anoitecer. Tocou e tocou a campainha, apertando o botão com muito mais força do que a necessária.

May estava fazendo chá e a chaleira começava a apitar quando Edwin arremeteu porta adentro, sacudindo os braços, gesticulando para todos os lados. “E pior do que a gente imaginava! Muito pior!”

“Edwin, você não pode simplesmente aparecer aqui desse jeito”, disse May, com o gato nos braços, uma cálida bolsa de água quente ronronante e coberta de pêlo. “Eu podia estar com alguém.”

“Mas não está.”

“Sim, mas podia estar.”

Houve uma pausa constrangida. Ele simplesmente supusera que ela estaria sozinha. E estava. Sola et casta.

“Edwin, eu tenho muito trabalho para pôr em dia.” Fez um gesto na direção de umas palavras cruzadas por completar e um guia de programação de TV aberto sobre a mesa. “Por isso, acho que você devia ir embora.”

“May, ouça-me. Estamos à beira da destruição. Bem no limite. E como uma montanha-russa colocada no alto de um penhasco de suicidas. Se nós não a fizermos parar, vamos ter um problema enorme. Está me ouvindo? Um problema enorme!”

Nesse ponto a chaleira chiava e, basicamente, Edwin também. May jogou um saquinho de chá na sua xícara, encheu-a de água fervendo e olhou para o hóspede indesejado com uma expressão dura. “Você também queria uma xícara de chá?”

“O quê? Claro. Se você estiver fazendo.”

“Ótimo. Há um café na esquina. Por que não vai até lá, toma uma xícara e conversa consigo mesmo, como o louco de rua que você está virando — e me deixa fora disso?”

“Procrastinadores, May. Eu esqueci dos procrastinadores. Você não entende? Todas as pessoas que compraram o livro ou ganharam de presente e ainda não leram. Pense nos milhões de pessoas que estão com o livro na estante. E uma bomba-relógio, May, uma bomba-relógio fazendo tiquetaque e que vai explodir qualquer momento. Os transtornos que vimos até agora — a indústria do tabaco, a ruína das companhias de bebidas — não são nada, May. Foi só a primeira leva. Temos quase dez milhões de exemplares impressos, e isso é só a primeira leva. O pior ainda está por vir.”

“Edwin, qual é a parte de ‘foda-se’ que você não entende?”

“May, está tudo prestes a ruir à nossa volta. Tudo. Estou falando da sociedade, do país, da economia. E o fim da vida como a conhecemos. E por quê? Por causa de Tupak Soiree e da fórmula dele, produzida por computador, para a felicidade humana. Você disse ‘então as pessoas se tornam felizes, que mal há nisso?’. May, toda a nossa economia foi construída sobre as fraquezas humanas, sobre maus hábitos e inseguranças. Moda. Lanches rápidos. Carros esporte. Engenhocas tecnológicas. Acessórios para sexo. Centros de dieta. Clubes de homens carecas.

Pequenos anúncios. Seitas religiosas esquisitas. Times esportivos profissionais. Salões de cabeleireiro. Crises do homem na meia-idade. Extravagâncias de compras. Todo o nosso estilo de vida

é construído sobre falta de autoconfiança e insatisfação. Pense no que aconteceria se as pessoas fossem realmente felizes mesmo. Realmente satisfeitas com a própria vida. Seria uma catástrofe. O país inteiro pararia — e se os Estados Unidos pararem, você não acha que o resto do mundo ocidental pára também? Estamos falando de um efeito dominó em escala global. O fim da história.”

“Então Fukuvama estava certo. E daí? Tenho outras coisas com que me preocupar.”

“O quê?”, lançou Edwin, atabalhoadamente. “O que é que poderia ser mais importante do que isso?”

“Bem, por exemplo, pôr para fora do meu apartamento um ex-amante enlouquecido.”

Isso fez com que Edwin parasse bem no momento em que se preparava para iniciar outro discurso. “Ex?”, disse.

“Será que tenho que chamar a polícia? Será que preciso de uma ordem judicial? Será que tenho que...”

E ele a beijou nos lábios, com força, como se faria num filme, como se faria quando a música aumenta no fundo e as ondas quebram numa praia sem mácula num mundo sem mácula. Beijou-a, intensa e longamente, e depois deu um passo para trás, como Errol Flynn, para fitá-la nos olhos com ardor.

“Saia”, disse May. “já! E se fizer isso de novo, mando prender você.”

“Mas, mas...”

“Você me ouviu!”

E não é preciso dizer mais nada sobre filmes.

“Passamos a vida construindo mansões rebuscadas feitas de cartas — e depois passamos o resto da vida à espera de que alguém esbarre na mesa. Esperando que alguém dê um esbarrão na mesa. Vestimo-nos de acordo com o tempo de ontem. Prendemos a respiração. Confundimos as nossas recordações com aquilo que somos...”

May Weatherhill estava sozinha, sentada junto ao abajur, lendo o livro aos sussurros para uma sala vazia.

“Um poeta escreveu certa vez: ‘Se não pode existir afeto igual, que o mais apaixonado seja eu’. Ah, mas eu lhe digo que

esse poeta era um imbecil. Não existe 'mais' nem 'menos' em questões do coração. Existe apenas necessidade, desejo e mágoa. Por que sempre escolhemos sempre a pessoa errada? Por que escolhemos escolher o coração errado a que nos apegar? Será que é porque, em segredo, estamos apaixonados pela nossa própria tristeza, em segredo apaixonados pelos nossos próprios erros? Eu lhe dou serenidade. Não paixão, que se incendeia e extingue, mas serenidade. Serenidade pura. A serenidade da eternidade."

May olhou-se no espelho, viu-se pela primeira vez, pela primeiríssima vez, e deixou que as camadas de ilusão aos poucos se separassem e fossem à deriva.

Alguma coisa se deslocou. Alguma coisa logo abaixo da superfície, como uma veia sob a pele.

34.

Os centros de dieta e as academias de musculação foram os próximos a desaparecer, seguidos de perto pelo mercado de exercícios em casa e pelas curas miraculosas para a calvície. Da noite para o dia desapareceram das telas de televisão de todo o país, sem que ninguém desse pela falta, os comerciais de “exterminadores de protuberâncias abdominais”, “escultores de coxas” e “modeladores de nádegas”. Os carecas, depois de adotar o conselho de Tupak Soiree (“Não basta aceitar a calvície, deve-se abraçá-la”), pararam de esfregar no couro cabeludo loções que não passavam de placebo, pararam de pentear longos fios renitentes de cabelo por sobre os trechos calvos, pararam de afofar, de usar musses, de se preocupar com a calvície e de tentar negá-la. E pararam mais ou menos em massa. As vendas de O que aprendi na montanha chegaram a quarenta e cinco milhões de exemplares, e não havia fim à vista. Ultrapassaram moda ou mesmo fenômeno. O livro era um incêndio devastador, um terremoto, um tufão, arrasando indústrias inteiras da noite para o dia. E pouquíssimas foram poupadas.

A indústria de lanches rápidos foi seriamente atingida. Quando as pessoas aprenderam a separar sua necessidade infantil de amor da gratificação oral. instantânea fornecida por queijo processado e bolinhos só de “carne” (notar as aspas na palavra “carne”), as vendas despencaram. Por todo o país, lojas do McDonald’s e do KFC começaram a fechar. Alguns franqueados, que souberam agir com rapidez, passaram a vender só saladas naturais e pão árabe vegetariano de soja e tofu, e conseguiram sobreviver. A maioria não conseguiu.

Curiosamente, os americanos não perderam toneladas de repente. Pelo contrário. A própria noção do que era atraente e do que não era — nas palavras de Tupak Soiree — “realinou-se”. Como visava modificar a identidade fundamental das pessoas, o livro de Soiree conseguiu alterar as estruturas de valor subjacentes à

personalidade delas. O que aprendi na montanha concentrava-se nos hábitos, inseguranças, deficiências e fragilidades das pessoas não como problemas em si, mas como sintomas de algo mais profundo: uma auto-imagem e um amor-próprio fora de sintonia com o meio. Era, novamente nas palavras de Tupak Soiree, “uma abordagem da base para cima”. Uma vez que o indivíduo, por meio de imaginação criativa e outras técnicas pseudo-hipnóticas, aprendesse a “reconfigurar” a base de sua personalidade, tudo o mais se encaixava no lugar certo.

Os obesos perderam peso, é verdade. Mas a maioria das pessoas simplesmente adaptou seus processos mentais e pressupostos tácitos para se adequarem a seu corpo — em vez de fazerem o contrário. Tupak Soiree virou o processo todo de cabeça para baixo. As pessoas já não se sentiam alienadas do próprio corpo. Sentiam-se conectadas. Pela primeira vez, talvez pela primeiríssima vez, os americanos começaram a se sentir bem por serem quem eram. Já não se vendiam cosméticos; as lojas de departamentos andavam quase desertas. Reduzia-se o preço de perfumes caros e os frascos continuavam lá, juntando pó. A revista GO mudou a ênfase de moda masculina para artigos sobre “a promoção da felicidade”. Sorumbáticos modelos de Calvin Klein ficavam parados nas esquinas, com cartazes onde se lia: “Faço beicinho em troca de comida”.

A essa altura o momentum estava visivelmente do lado de Tupak Soiree. A classe dos emergentes urbanos foi a primeira a ser levada de roldão (o seu estilo de vida era todo construído sobre modismos; eliminados os modismos, não havia outra âncora para sustentá-la), ironicamente, devido à lentidão da distribuição do livro, as áreas rurais foram as que resistiram mais tempo. Centenas de cidadezinhas conservaram os hábitos antigos, só vagamente cientes da imensa convulsão que estava consumindo as grandes cidades. Quanto mais moderna e inovadora a cidade, mais depressa caía. Seattle tombou quase que de imediato. Toledo foi se agüentando, só com transtornos menores — no começo.

A moda morreu sem opor resistência. As pessoas começaram a relaxar. Os jornais — os que ainda saíam — diziam que era o “estilo qualquer coisa”, mas na verdade não era estilo nenhum.

Era o oposto de estilo. As pessoas apenas usavam qualquer coisa que tivessem no guarda-roupa, qualquer coisa que pegassem ao acaso. Qualquer cor, qualquer tecido, para qualquer hora, qualquer lugar. Todos os dias da semana se tornaram dia de se vestir à vontade. A abordagem do vestuário passou a ser o desleixo, roupas para ficar em casa numa tarde de domingo.

O centro da moda deslocou-se das cidades para as regiões menores e mais distantes. Localidades como Upper Rubber Boot, em Dakota do Norte, e Hog River, em Idaho, tornaram-se as mecas da moda nos Estados Unidos. Para ver homens usando meias que combinassem ou mulheres maquiadas e com spray no cabelo, era lá que se tinha que ir. Essas cidadezinhas atrasadas

eram agora os últimos redutos do instinto americano de cuidar da aparência.

O público que compra livros é um segmento muito pequeno de qualquer sociedade. Mas é altamente influente, e foi justamente essa a chave da catástrofe. Essa categoria de pessoas, que o autor Robertson Davies chamou de clerisy, literatos, compreende as que lêem livros por prazer. Não os críticos profissionais, os acadêmicos nem os estudantes, que lêem porque têm que ler. mas gente que lê livros como um fim em si mesmo. Os leitores autênticos. A clerisy é o elemento crucial em qualquer mudança na sociedade, coisa que todo déspota bem-sucedido sabe. A noção de turba camponesa sublevada subvertendo a ordem social é um mito; as verdadeiras revoluções começam com a clerisy. E só depois que a velha ordem começa a ruir que a turba aparece, de forçado na mão, pronta a assumir o crédito. A “turba enfurecida” é uma entidade reativa, em todos os sentidos da palavra. Não, são as pessoas que lêem livros que instigam as mudanças sociais — para melhor ou para pior. E, ao atingir primeiro essa classe, ao tomar a clerisy de assalto, O que aprendi na montanha atingiu o próprio coração da sociedade. Ou, mais precisamente, a cabeça.

Mas isso foi só o começo.

A Panderic havia desencadeado uma verdadeira enxurrada de produtos relacionados com Tupak Soiree: histórias em quadrinhos, blocos de papel com uma citação motivadora para cada

dia, calendários inspiradores, audiolivros. A mensagem, agora, atingia um público inteiramente novo e iletrado. Havia transmissões de rádio, leituras públicas, “grupos para compartilhar”, círculos de aprendizado, especiais de televisão, edições em multimídia virtual.

“Meu Deus”, disse Edwin, quando toda a extensão da catástrofe se tornou clara. “Agora é transmitida pelo ar.”

Nesse ponto já não havia como detê-la, mesmo se se quisesse. Não havia como enfiar o gênio de volta na lâmpada, a pasta de dente de volta no tubo. Não havia jeito de matar a fera, de arrancar do jardim as plantas assassinas. O que aprendi na montanha — e suas inúmeras ramificações ardilosas — tinha insinuado seus tentáculos por todos os cantos dos Estados Unidos. O país fazia Edwin pensar numa enorme mansão, antes um orgulhoso exemplo da vaidade humana e do consumo extravagante agora recoberta de trepadeiras que lentamente a asfixiavam.

Os Estados Unidos tinham se tornado — ou estavam prestes a se tornar — uma Terra Muito Feliz. O Valium das Nações. E nenhum canto do país estava a salvo. Nem mesmo a própria Panderic Press...

35.

“Nigel, onde é que está o raio da sua coleira, quero dizer, da sua gravata? Você sabe muito bem que temos normas para o vestuário.” Era mr. Mead, e parecia bastante irritado.

Estavam na habitual reunião da segunda-feira de manhã — aquela que seria a última reunião da vida de Edwin — e Nigel Simms comparecera com uma camiseta sem mangas, cinza-desbotado, e uma calça de ginástica verde-limão.

A sala de reuniões estava lúgubre e quase vazia. May tinha tirado o dia de folga, dizendo que queria ficar sozinha, e muitos dos outros funcionários tinham ido embora fazia muito tempo. Paul do marketing, fora o primeiro a pendurar um aviso de “Fui pescar”, mas não foi o último. A Panderic, agora, operava com uma tripulação mínima. O pessoal ficara tão reduzido que Mario, o Estagiário, fora promovido às pressas a chefe do departamento de ficção científica, onde logo aprovou um romance futurista chamado *Eu sou Adão, você é Eva* (o que de certa forma revelava o fim, não é?).

Não que isso tivesse importância. As vendas despencavam em queda livre. Gêneros inteiros tinham morrido, de repente e sem um único arquejo de agonia. A ficção romântica acabou junto com os centros de dieta e as clínicas de cirurgia plástica. (Assim como as dietas, as tendências da moda e a lipoaspiração, o romance — o próprio conceito de romance — dependia de um anseio não correspondido. Era exatamente esse anseio que se dissolvia agora.) Os livros sobre poder para os empresários não tinham saída. Os de viagens e aventuras mal se agüentavam. Os de culinária vendiam esporadicamente.

E os livros sobre esportes? A fantasia dos fãs (sobretudo homens) já não precisava ser satisfeita por atletas profissionais que ganhavam fortunas para jogar jogos de crianças em grama artificial. Os livros sobre esportes eram devolvidos aos montes. Por todo o país os times profissionais lutavam para

sobreviver, e a queda na arrecadação dos jogos se refletia nas vendas desoladoras de tornos volumosos como Os grandes do futebol, Heróis do golfe e Lendas do boliche. Verdade que as atividades esportivas propriamente ditas tinham se multiplicado em todo o país, mas não os esportes profissionais nem as ligas organizadas. Agora eram prazeres de bairro, locais, brincadeiras com bola. Jogos sem regras. Jogos sem estrutura. Sem objetivo. Sem confronto. O fanático por esportes, aquele que espumava e era obcecado por estatísticas para compensar suas próprias deficiências, tornara-se uma espécie quase extinta. Mal das pernas, os times foram obrigados a reduzir orçamentos e acabaram falindo um após o outro. Assim como as ligas profissionais, o gênero literatura esportiva, antes tão lucrativo, agora agonizava. A eutanásia era apenas uma questão de tempo.

Os livros sobre jardinagem, porém, vendiam mais. Assim como as biografias de celebridades, mas só as do “estilo Tupak Soiree”, nas quais ex-viciados em bajulação relatavam numa alegria irracional como suas carreiras de astros do cinema cheios de si fora oca e vazia — até “descobrirem” a receita de Soiree para a felicidade. Esses livros não eram exatamente biografias, mas testemunhos e, como tal, representavam apenas uma pequena parte da onipresente figura de Tupak Soiree. A Panderic Inc. ia colhendo os lucros, mas quase todo centavo da receita se relacionava, direta ou indiretamente, com O que aprendi na montanha.

Até o livro de receitas de carne de porco de mr. Mead, com lançamento precedido de muita publicidade, fora espertamente rebatizado de Coma carne de porco e seja feliz! A maneira de Tupak Soiree. A Panderic se transformara numa esteira transportadora de Tupak Soiree, reembalando vários “insights” e “princípios cósmicos” em livrinhos charmosos e fáceis de carregar. Mais de um concorrente mal-humorado tinha resmungado que a editora devia mudar o nome para Tupak Books. E na afirmação havia tanta verdade quanto veneno.

Só os direitos de merchandising de O que aprendi na montanha geravam mais dinheiro do que toda a linha de livros didáticos da Panderic. Os direitos do livro de Tupak Soiree tinham

sido comprados na Grã-Bretanha e as vendas disparavam no país. Os canadenses, tanto franceses quanto ingleses, afluíram para a mensagem de Tupak Soiree; já havia traduções para alemão, francês, italiano e espanhol; e as versões em japonês, mandarim e coreano estavam em preparação. Também os brasileiros entraram na onda.

O processo, no entanto, não era totalmente isento de problemas. Alguns tradutores tendiam a se desgarrarem na metade do livro, deixando crípticas mensagens multilíngües que, basicamente, significavam “Fui pescar” e “Capture a sua serenidade”. A Panderic passou por quatro tradutores parisienses consecutivos antes de a versão francesa ficar pronta. Ainda assim, a venda no exterior dos direitos de O que aprendi na montanha foi uma mina, um filão de ouro de dimensões sem precedentes. Entrava dinheiro de tudo quanto era lado. Os contadores da Panderic mal conseguiam se manter em dia com os cálculos.

Em vista disso, seria de supor que mr. Mead estivesse felicíssimo. Mas não estava. Na verdade, parecia mais irascível e agressivo do que nunca, apesar dos excelentes relatórios de vendas que não paravam de chegar.

E o que dizer de Edwin, sentado àquela mesa de reuniões, com um meio sorriso no rosto, uma expressão meio oblíqua e sardônica nos olhos? Por que é que ele parece tão auto-suficiente? Não deveria estar suando em bicas e se remexendo na cadeira? não deveria estar pelo menos irrequieto neste seu último dia de vida?”

O sociopata sardento tinha dado prazo até amanhã para que Edwin mudasse a situação, e não só Edwin não conseguiu (ou nem sequer fez um esforço simbólico nesse sentido) como as vendas de O que aprendi na montanha continuaram a aumentar, numa taxa exponencial sempre crescente, sempre alarmante. O departamento de marketing (que surpresa...) tinha se enganado completamente nas previsões. O que aprendi na montanha ainda não chegara nem perto do pico. Os livros agora saíam das esteiras transportadoras para os furgões das livrarias, estacionados diante das gráficas. Isso era apenas a ponta do iceberg, e de um iceberg

muito grande, à espera de que o Titanic da economia americana avançasse a toda a velocidade, com a banda tocando, indiferente à aproximação da catástrofe.

Então, mais uma vez, por que é que Edwin de Valu está sorrindo? Por que observa esta reunião — a última do tipo a que comparecerá — com esse espanto indulgente? Será, talvez, porque, como condenado que é, afinal está em paz com o próprio destino? Terá aprendido a aceitar, como uma personagem num romance de Camus, “a benévola indiferença do Universo”? Terá se preparado para enfrentar corajosamente a morte? Não. Não o nosso Edwin. Muito pelo contrário. Edwin está mais decidido do que nunca a ser o senhor do próprio destino. Por que está sorrindo? Porque sabe de alguma coisa. Alguma coisa de que ninguém — mr. Mead, o Cobra, Nigel ou qualquer outro — tem conhecimento. Esta manhã, depois de se arrastar, acabrunhado, para o trabalho, encontrou um envelope à sua espera sobre a mesa. Uma nota simples e sucinta informando que o Tesouro dos Estados Unidos estava prestes a liberar fundos retidos, pagando os juros na íntegra. Apesar de várias audiências judiciais, o Tesouro fora incapaz de detectar qualquer crime. O dinheiro era dele por direito. E depois da recomendação de um grupo independente de três juizes, a fortuna perdida de Edwin de Valu lhe seria devolvida.

Às oito horas da manhã de terça-feira, Edwin já seria um milionário. Verdade que a alta recente da inflação, resultante das abruptas flutuações do mercado causadas pelas “mudanças nos padrões de compra dos consumidores”, reduzira o valor real em quase trinta por cento em pouco menos de um mês, mas ainda assim era mais do que suficiente. Mais do que o suficiente para fugir. Mais do que o suficiente para ele se estabelecer em algum lugar distante com um nome novo e uma nova identidade. Mais do que o suficiente para mandar buscar May (depois de transferir o dinheiro para fora do país, apagar com cuidado as próprias pegadas, destruir a trilha de papéis, eliminar o rastro).

E por isso que Edwin de Valu está sorrindo. É por isso que não está irrequieto, não se remexe na cadeira. Está com os pensamentos em outro lugar; sua mente flutua livremente enquanto

ele evoca imagens de um encontro com May numa imensa praia branca, sob um cintilante céu azul. A liberdade lhe acenava. Mr. Mead, porém, não estava tão perdido em devaneios

quanto Edwin. Para um homem que agora dirigia a empresa editorial mais bem-sucedida da história dos Estados Unidos, ele parecia simplesmente intratável. E como não tinha nenhum alvo real ou razão válida, concentrou em Nigel sua fúria de ogro. Nigel, de camiseta sem mangas cinza-desbotado e calça de ginástica verde-limão. Para mr. Mead, era uma afronta: um editor sênior da maior editora do país vestido daquela maneira desgrehada e relaxada — e sem ao menos a distinção de uma gravata.

“Estou esperando. Você vai se explicar?”

Nigel sorriu, um sorriso suave, gracioso. “A roupa é apenas um fino véu, mr. Mead. Na vida, precisamos aprender a enxergar através dos véus.”

“Não me interessa véu ou não véu. A política da companhia exige gravata. Assim, a menos que você esteja com uma gravata amarrada no pinto...”

Foi mais ou menos nesse momento que Edwin caiu lá das suas fantasias e olhou para seu velho inimigo do outro lado da mesa. Era de dar nos nervos. Os olhos de Nigel estavam... esvaziados. Foi a única palavra que Edwin conseguiu encontrar. Esvaziados de raiva, rancor, astúcia. Esvaziados de personalidade. Era a mesma felicidade suave que ele vira refletida nos olhos de Rory, o zelador. O mesmo olhar inexpressivo e benevolente que vira na rua, inúmeras vezes. Fazia-o pensar em Ana Karênina, e acrescentava um aspecto revelador ao insight original de Tolstoi. Pessoas infelizes são infelizes à sua própria maneira, pensou Edwin. Pessoas felizes são felizes da mesma maneira.

Nigel era uma das Pessoas Felizes. E não era um mero momento transitório de alegria num mundo imprevisivelmente caótico. Não. A felicidade de Nigel era profunda, existencial. Era uma calmaria da tempestade no próprio centro da alma.

Nigel Simms tinha sumido. Tinha desaparecido como o gato de Cheshire, deixando apenas um vestígio de si. Em seu lugar ficara uma casca tranqüila e genérica. Normalmente a queda de

Nigel teria provocado em Edwin uma deliciosa sensação de Schadenfreude, mas Nigel, agora inerte e transbordando serenidade, não provocou essa reação em Edwin. Na verdade Edwin até sentiu uma ponta de anti-Schadenfreude: “uma sensação de tristeza ante a felicidade do outro”.

“Nigel? Eu lhe fiz uma pergunta.” Era mr. Mead, cuja paciência estava se esgotando. “Enquanto você trabalhar para mim, enquanto trabalhar na Panderic, há certos códigos específicos de conduta que devemos respeitar. Agora, se você acha que...”

“Ah”, disse Nigel, com o mesmo sorriso plácido e conciliador, “eu não trabalho mais aqui, mr. Mead. Estou indo embora. Para bem longe.”

E naquele momento Edwin viu em Nigel o próprio colapso da civilização ocidental. Quando se pensava nos inúmeros produtos e influências culturais que Nigel refletia e de que era um exemplo perfeito: o gel de cabelo, o branqueador de dentes, o aparador elétrico de pêlos do nariz, sua preocupação alquímica com a água-de-colônia, os ternos sob medida, as sobancelhas acertadas, a espuma de barbear, os cremes hidratantes, manicures, revistas de moda — o estilo de vida complexo, com camadas e referências múltiplas. Indústrias inteiras dependiam de Nigel para a sua sobrevivência. Vê-lo passar de GQ para isso, vê-lo transformado num sorriso e num olhar vazio, ver a sua presença, antes elegante, reduzida a uma camiseta sem mangas e a uma calça de ginástica velha... bem, era trágico. Porque, antes, abstraindo-se as críticas-padrão do consumismo moderno, da publicidade amoral, da embalagem da identidade etc. etc, eliminando-se isso tudo, ainda era possível ver em Nigel Simms o eterno desejo do ser humano. Um empenho. Uma busca vã (mas vital) de ação do eu; um anseio por ser algo mais, algo maior, mais rico, mais veloz, com melhor aparência. Era a Grande Quimera da Perfeição Pessoal, que, embora nunca alcançaria impulsionava a humanidade havia milhares de anos.

Longe de ser um bobão da Geração X, com um fraco por tendências e apresentação pessoal, Nigel representava um herói decaído, uma figura da mitologia grega. O Prometeu dos dias atuais.

Até Edwin sentiu pena de vê-lo ir embora. “Nigel, ouça. Aquele incidente com a gravata e o apontador de lápis...”

Nigel ergueu a mão num movimento breve e fluido, como um monge budista preparando-se para deter o tráfego, e disse, calmamente: “Tempo de ontem, Edwin. Não se preocupe com a gravata. Não precisa pedir desculpas”.

“Pedir desculpas? Você ainda me deve cento e quarenta paus. Não é verdade, mr. Mead?”

“Sim”, respondeu mr. Mead. “Tem razão. Nigel ainda lhe deve isso. Não se preocupe, Edwin. Vou providenciar para que o valor seja deduzido do pagamento de Nigel — do último pagamento de Nigel.”

“Obrigado”, disse Edwin. “Agradeço muito.” E deu uma risadinha para Nigel, esperando provocar alguma reação ou no mínimo obter algum indício de que o velho Nigel estava à espreita logo abaixo da superfície. Mas não houve indício e não houve reação. Não era Nigel; era um autômato ali diante deles. Um autômato feliz, é verdade, mas um autômato assim mesmo.

Lentamente, e com a mesma energia de Bodhisattva, Nigel recolheu seus papéis, correu os olhos pela sala de reuniões quase vazia, pelos presentes, tocou o coração, fez seus sentimentos extravasarem, olhou para Edwin e disse: “Que tal um abraço?”. Que tal eu jogar você no poço do elevador?”, disse Edwin. Mas a graça tinha sumido. Foi como tentar comprar briga com um cachorrinho — um cachorrinho especialmente meigo e peludo.

Nigel virou-se e, tranqüilo, deixou a sala. Seguiu-se um silêncio longo e triste.

“Ele que vá para o inferno”, disse mr. Mead. “Estaremos melhor sem ele.” E a reunião recomeçou, num remexer de papéis e discussões em voz baixa.

Edwin nunca mais tornou a ver Nigel.

36.

Depois que a reunião da manhã finalmente terminou, entre silêncios longos e constrangidos e as repetidas queixas de mr. Mead sobre o baixo comparecimento e a ausência de idéias novas, Edwin voltou a sua mesa para recolher seus pertences. Não tinha dito a mr. Mead que se demitia — não queria informar ninguém sobre as suas intenções — e quando olhou ao redor no pequeno cubículo, uma cela, onde trabalhara, maquinara e se enfurecera por mais de quatro anos, sentiu uma ponta, ainda que vaga, de melancolia. Havia muito pouca coisa que valia a pena conservar: Edwin não tinha pendurado quadros nas paredes, não trouxera vasos de plantas, não juntara recordações pessoais. Achou o isqueiro Zippo que mr. Mead dera a todo mundo no ano anterior, no Dia de Apreciação dos Trabalhadores, Quando Edwin o levou a uma loja para avaliar, descobriu que o isqueiro era uma falsificação feita em Hong Kong, e nem mesmo uma boa falsificação. Mas funcionava. Edwin enfiou o falso Zippo no bolso, olhou mais uma vez o cubículo e suspirou. Agarrou um grampeador e um punhado de canetas esferográficas — mais por princípio do que por qualquer outro motivo, já que roubar ao partir era uma espécie de tradição empresarial — e saiu. Os corredores ecoaram seus passos. E seus passos ecoaram no silêncio.

Edwin saiu da Avenida Grand, 813, e tomou o rumo da estação do Circuito mais próxima, mas parou de repente. Aguçou os ouvidos e prestou atenção. Algo que nunca tinha ouvido antes na Avenida Grand: silêncio. O trânsito ainda fluía, os táxis ainda se moviam em filas amarelas, e brigadas de pedestres, embora em número vastamente reduzido, ainda atravessavam nos cruzamentos, obedecendo às luzes do sinal. Mas havia menos carros, menos energia cinética, menos movimentos frenéticos. Ninguém xingava, nenhum carro buzina e o ruído de fundo, antes permanente, tinha desaparecido. Sumira com o próprio eco. Dissolvera-se em névoa e flutuara para o alto, para o éter. A Avenida Grand estava em surdina

agora, e o silêncio era aconchegante, um casulo, como um abraço aflanelado. Como um ataúde forrado de seda.

Edwin teve náusea. Sentia-se no mínimo agradecido — agradecido por estar prestes a escapar, agradecido por estar indo embora. Antes detestava a tortura da Avenida Grand, mas agora lamentava o seu fim. Até os grafites tinham mudado. Em vez de assinaturas de gangues e raiva incoerente, havia citações de Tupak Soiree pintadas nas fachadas de lojas: Seja! Sinta! Saiba... Capture a sua serenidade.

“Não me encaixo neste mundo”, disse ele.

Estava na hora de decolar. Hora de sacar seu dinheiro, abrir uma conta no exterior e mudar de identidade. Hora de fugir. Edwin não era nenhum mau-caráter: deixaria dinheiro suficiente para que Jenni pudesse viver confortavelmente. Até escreveria uma bilhete sincero, explicando por que tivera que partir. (Qualquer coisa, menos “Fui pescar”.) Depois iniciaria vida nova num país novo, bem distante. E mandaria uma mensagem para May. Encontraria um lugar em que Tupak Soiree ainda não tivesse penetrado, alguns lugares onde as pessoas ainda dissessem palavrão, ainda se queixassem, ainda se preocupassem e ainda rissem — rissem não com o coração, mas com a barriga. Um lugar onde as pessoas ainda tentavam, fracassavam, tornavam a tentar. Um lugar, no fim do arco-íris, onde as pessoas brigavam, trepavam, bebiam e fumavam com uma descuidada desenvoltura humana. Seria como num dos livros de má ficção científica de Mario. Ele se viraria e diria: “Meu nome é Edwin”. Ela diria: “Meu nome é May, e se tentar me beijar de novo, mando prender você”.

Edwin seguiu pelas calçadas agora tranqüilas da Avenida Grand, sentindo-se como Charlton Heston em A última esperança da Terra: sozinho, desperto, vivo. A barraca de cachorros-quentes e pickles do Louie já não vendia cachorro-quente nem pickles — nem caffe latte mochaccino. Louie (também conhecido como Thad) agora administrava uma barraca para terapia de abraços. Por vinte e cinco centavos e um sorriso, ele saía de trás da barraca e dava um grande abraço. E havia uma grande demanda pelos seus abraços. As pessoas faziam fila, de moedinha na mão. “Há outra

barraca de cachorros-quentes e abraços a alguns quarteirões daqui”, Edwin ouviu alguém dizer, “mas prefiro o Louie. Os abraços dele são os melhores!”

No fim, Edwin decidiu não pegar o metrô e ir tomar um drinque no O’Callaghan’s. Mas o bar estava fechado. Claro. Havia um aviso pendurado na porta, escrito à mão — ah, mas você já sabe o que estava escrito, não sabe?

“Merda”, disse Edwin, a ninguém em particular.

O O’Malley’s também estava fechado. O O’Shannon’s estava sendo transformado em centro informal de voluntários. E o O’Toole’s exibia um anúncio oferecendo “clínica de cura e terapia de felicidade — na linha de Tupak Soiree!”. Assim, até a estátua de Gerald P. Gerald, o pai do Grande Boom da Potassa de 1928, e nas imediações do Park Royale, Edwin vagou sem destino: um homem ultrapassado pelos acontecimentos, um homem que já não estava em harmonia com o mundo à sua volta. Tentou um bar após o outro, mas não havia salvação.

“Bar?”, disse uma garota, quando ele bateu na porta. “Não! Nós agora vendemos fibras macrobióticas orgânicas.”

Edwin olhou para a garota petulante mas agradável, e na mesma hora reconheceu o olhar vidrado e o sorriso cativante. “Então que raio você está fazendo aqui?”, perguntou. “Não deveria estar cuidando de uma plantação de alfafa em algum lugar?”

Um sorriso grande e radioso. “Como é que você sabe? O meu namorado e eu vamos embora amanhã. Não alfafa, mas milho. Estamos começando a nossa própria cooperativa de agricultores, não-lucrativa e microgerida, com o objetivo de dar poder aos jovens a...”

Mas nesse ponto na história, Edwin já tinha se afastado. L m estranho numa terra estranha. Não tinha importância. Naquela hora, amanhã, ele estaria num avião. Num avião para outro lugar.

“Psssst, garoto. Está procurando bebida, é?” Era um velho, meio escondido nas sombras de um beco. (É, sim, ele de fato fez psssst.)

“Que diabos você quer?”, disse Edwin, desnecessariamente rude. “Uns trocados? Um abraço? Pode esquecer. Dei no escritório.”

“Ah, eu não preciso de abraço. Não de um João-ninguém como você.”

Isso deixou Edwin bastante animado. Grosseria? Esse tipo de coisa ainda existia?

“Você bem que parece que está precisando de um drinque, garoto.”

E isso realmente chamou a atenção de Edwin. Ouviu o tilintar de garrafas e, quando passou pela entrada oculta do beco para investigar, encontrou todo um minibar estocado com garrafas de Johnnie Walker, Southern Comfort, Albino Rhino, Kokanee Gold. Havia até uma caixa de Lonesom Charley.

“Eu achava que a maioria das pessoas tinha parado de beber”, disse.

“A maioria parou. Mas a maioria das pessoas não são todas as pessoas, garoto. Há um estoque enorme disso aí nas docas, empilhado nos armazéns, juntando teia de aranha em pontos-de-venda por atacado que foram lacrados com tábuas. Vai levar anos para se consumir o nosso suprimento nacional de vício. Anos, estou dizendo. Também tenho charutos. E cigarros. E um pouco de crack e uns números atrasados de GQ e Maxim.”

“Fantástico!” Edwin começou a remexer na carteira. Abasteceu-se de cigarros, comprou umas garrafas de bebida e até umas revistas de moda masculina em edição esgotada, e ao se afastar, decididamente mais disposto, teve uma Visão. Uma Visão tão nítida e inspiradora que quase lhe arrancou lágrimas. Estendendo-se pelo país afora, vislumbrou uma rede de rebeldes, toda uma subcultura de pessoas não-felizes — a nova minoria, forçada a mergulhar na clandestinidade, num mundo tenebroso de transações no mercado negro e apertos de mãos secretos. Viu claramente: um mundo subterrâneo de pessoas que se recusavam a desistir de seus maus hábitos, que se recusavam, inflexíveis (e nobres), a “capturar a serenidade”. Alegrou-lhe a alma a perspectiva de esse grupo de contracultura manter bravamente a chama acesa

nos anos sombrios que se encontravam à frente. Aqueceu o coração de Edwin, estimulou-lhe os sentidos, e aí — e aí, ele foi seqüestrado. De novo.

“Mas o que é isso? Vocês disseram uma semana!”

Sam “o Cobra” Serpent sorriu para Edwin. Edwin retribuiu com um sorriso amarelo. Estava espremido no banco de trás do carro do Cobra, cujas janelas de vidro fumê ocultavam do resto do mundo o drama que ocorria ali dentro. A cada lado de Edwin estava sentado um capanga, e um deles apertava com força o cano de um revólver contra suas costelas.

“Ora, ora. O que é que temos aqui?”, disse o Cobra, confiscando os cigarros de contrabando e as garrafas compradas no mercado negro. “Engraçado, não é? Você fazendo estoque de bebida e cigarro.”

“Uma semana, droga. Vocês disseram que me davam uma semana.” Edwin estava realmente aborrecido. A máfia tinha quebrado um trato. Quais eram as probabilidades de isso acontecer?

“Você teve uma semana”, disse o Cobra. “Nós pegamos você num domingo. Retivemos você durante dois dias...”

“Isso mesmo! Vocês me soltaram numa terça-feira.”

“Isso. E hoje é segunda, portanto faz uma semana.”

Edwin estava agora mais do que indignado. “Uma semana, a partir da terça-feira, não é segunda-feira! É a terça-feira seguinte. Eu tenho mais um dia.”

“Não”, disse o Cobra, pensando em voz alta. “Isso seriam oito dias. Conte: terça, quarta, quinta...” E começou a contar nos dedos, mas foi difícil, porque ele começou um ou dois dedos depois do que deveria.

“A primeira terça-feira não conta!”

“Claro que conta. Por que não contaria?”

“Olhe”, disse Edwin. “Se você se encontra com alguém na, digamos, sexta-feira e diz ‘A gente se vê na próxima semana’, a pessoa vai aparecer na quinta? Claro que não! Para qualquer pessoa normal, ‘daqui a uma semana’ quer dizer ‘no mesmo dia, na próxima semana’. Eu tenho até amanhã.”

O Cobra franziu a testa, olhou para os capangas em busca de auxílio, mas não tinha sido exatamente pelo brilho intelectual que eles foram contratados, e não se chegou a acordo.

“Mais um dia!”, berrou Edwin. “Eu tenho mais um dia!”

“Está bem”, disse o Cobra, aceitando o argumento de Edwin. “Eu entendo a sua confusão. Vou soltar você e lhe dar mais vinte e quatro horas. Mas mesmo assim vou ter que quebrar o seu polegar ou coisa assim.”

“Por quê? Porque não quer admitir que cometeu um erro? Não quer admitir que, no final das contas, você também é humano? Ouça, Cobra, não há vergonha alguma em dizer ‘Ei, eu dei uma mancada, cometi um erro’. Ninguém é perfeito. Portanto, vamos deixar para amanhã, está bem? Novo dia, novo começo. O que é que você diz, grandão?”

O pronto-socorro do hospital San Sebastian engessou o polegar de Edwin e lhe deu um frasco de analgésicos extrafortes - embora o médico de plantão tivesse insistido com Edwin para primeiro pensar em usar a técnica de Tupak Soiree de bloqueio mental da dor, ao que Edwin explicou: “Trate de me dar esses malditos analgésicos senão eu pulo no seu pescoço!”

E assim, dopado e com um polegar quebrado, inchado, preto e roxo, e latejando — e completamente oposto aos outros dedos, depois do trabalho do Cobra —, Edwin se arrastou de volta para... uma casa vazia.

Não vazia no sentido de que não havia ninguém em casa, mas vazia no sentido de “com nada dentro”. Ele ficou parado, totalmente imóvel, por um longo tempo, boquiaberto com o que via. Tinha sumido. Tudo. A mobília. As cortinas. Até — ele foi espiar na cozinha — a maldita geladeira e o maldito fogão. Jenni tinha limpado a casa.

Mr. Muggins apareceu, miando e confuso, para se esfregar nas pernas dele. Edwin nem sequer teve energia para recuar e dar um pontapé decente no gato, tão esvaído de força vital se sentia de repente.

“Ela levou tudo”, disse, como se repetir o óbvio contribuísse para aliviar o impacto. “Tudo.”

\o centro do piso da sala de estar havia um bilhete, escrito em papel perfumado e brilhante. Edwin nem precisava ler. Já sabia. "Caro Edwin: Decidi deixá-lo..." Edwin correu os olhos pela sala vazia. "Obrigado, mas isso eu percebi por mim mesmo."

Estou prestes a iniciar uma viagem de felicidade e descoberta. Vendi todos os nossos chamados pertences para ajudar a financiar a minha viagem. (Mas, realmente. Edwin, são apenas coisas. Lembre: não possuímos nossas posses, nossas posses nos possuem.) Sim, Edwin, chegou a hora de eu realinhar a minha identidade de acordo com um princípio mais elevado. Não tenho muita certeza do que isso significa, mas vou fazer assim mesmo. Decidi me tornar concubina de Tupak Soiree. Telefonei para Ele ontem à noite (o número do telefone da casa dele estava nos seus arquivos de e-mail) e ofereci-Lhe meu coração e minha alma. Ele, por sua vez, disse que todos nós devemos abandonar o corpo e nos tornar Um com as texturas de nossa vida. Depois pediu minhas medidas, sabe, para poder banir adequadamente a minha casca externa superficial e buscar a minha verdadeira beleza interna. Ele ficou muito impressionado. Em seguida pediu que Lhe mandasse uma foto minha por fax. (Mande aquela em que estou de biquíni vermelho, da nossa viagem a Acapulco. Acho que mostra mesmo o meu "eu interior".) Fiquei muito preocupada que Ele me considerasse espiritualmente inadequada, mas não, para minha alegria e alívio, Ele graciosamente consentiu que eu ingressasse na Sua "orquestra sagrada de Deusas", conforme Ele poeticamente disse. Espero que você compreenda, Edwin. Tenho que estar com o Grande Mestre agora. Desculpe. E, de toda forma, nunca amei você de verdade. Não leve a mal, mas é verdade. Ah, e vendi todos os seus ternos a uma banda itinerante de trovadores que estão fazendo uma viagem de busca. (Consegui cinco dólares por terno, o que vai ser muito útil nos próximos dias. Obrigada.) É uma pena, mas não posso levar mr. Muggins na minha Grande Viagem da Vida, porque o Supremo Iluminado tem alergia a gatos. Mas eu sei que você tomará conta de mr. Muggins, Edwin. Vocês dois sempre foram muito próximos.

Sinceramente, Jennifer P. S.: Eu sei sobre a May. Sempre soube. Eu apenas não ligava.

Edwin desabou no chão, de bilhete na mão, polegar latejando. Embora devesse receber mais de um milhão de dólares na manhã seguinte, sabia que sua vida estava à deriva, que o centro não estava mais agüentando. Sua mulher tinha ingressado para o círculo íntimo de Tupak Soiree, a máfia o perseguia, seu polegar tinha sido quebrado, suas coisas tinham sido vendi-

das a uma banda de malucos, e ele estava prestes a fugir do país. Sozinho.

Apesar das fantasias que construía, sabia muito bem que talvez nunca mais visse May de novo. Mandaria uma mensagem cifrada para ela, pedindo-lhe que fosse ao seu encontro, mas não havia como garantir que ela faria isso. Talvez a tivesse perdido — para sempre. Na verdade, essa era a sensação predominante que Edwin tinha agora: a de perda. Poderia fazer uma lista inteira de perdas, se quisesse — isso se o Cobra não lhe tivesse quebrado o polegar direito, de que ele precisava para escrever. (“Não o polegar direito! Não o direito!”, seguido de um estalido seco, um guincho e um pedido insincero de desculpas: “Desculpe, mr. de Valu, mas são as regras”.) Edwin perdera quase tudo. Perdera a mulher. O lar. A melhor amiga (é grande a tentação de dizer “o único amigo”).

“Acho que agora somos só você e eu”, disse, tristonho, alisando o pêlo de mr. Muggins. “Só você e eu.” E perguntou-se o que mais poderia dar errado.

Naquela noite, enquanto Edwin jazia esparramado no chão da sala de estar, num estupor de barato e álcool, enquanto ofegava e se debatia nas convulsões do delírio, enquanto a cidade dormia e a lua subia no céu, mr. Muggins urinou nos sapatos de Edwin.

Dulce domum. “Lar doce lar.”

37.

Na divisa entre os condados de Beecher e Bower, numa rodovia semidesértica escondida entre os pântanos, onde o ar é pesado e cheio de mosquitos das águas do rio e onde as trepadeiras pendem bambas e verdes, uma tabuleta pintada à mão indica o caminho: "Loja de Munição e Centro de Diversões Familiares de Beecher/Bower".

Uma singularidade na demarcação dos condados transformou esse canto do banhado, bem inacessível, em um paraíso de contrabandistas de armas e entusiastas amadores. Depois de um recente incidente escolar, envolvendo cartuchos para perfuração de blindagem e rifles de assalto reforçados com titânio, o condado de Beecher proibiu a venda e a distribuição dos tais cartuchos, com base no raciocínio de que, não havendo cartuchos, não haveria sujeitos malvados. ("Crianças impressionáveis não matam gente; são os cartuchos para perfuração de blindagem que matam", fora o apelo na assembléia.) No condado de Bower, porém, adotou-se uma posição ligeiramente diferente. Proibiram as armas, mas não se deram ao trabalho de vetar nenhum tipo de munição específica, com base no raciocínio de que, não havendo armas de assalto, não haveria assaltos.

A lógica parecia impecável em ambos os lados, mas os negociantes de armas logo perceberam a brecha e aprenderam a explorá-la. Assim, nos ermos sombrios e úmidos onde os dois condados se encontravam, abriram uma loja de armas, bem em cima da divisa. Num lado da loja, compravam-se cartuchos para perfuração de blindagem (para "uso recreativo apenas"), e no outro, os correspondentes rifles de assalto, de alto impacto e fogo rápido ("perfeitos para a caça de esquilos").

Nesse fim de mundo, não se lê muito. Verdade que ultimamente a professora da escola local e a esposa do pastor têm tagarelado bastante sobre um sujeito chamado Tupak, mas o analfabetismo e o alto grau de consangüinidade conspiraram para

manter grande parte dos condados de Beecher e Bower relativamente livre de idéias e pensamentos. Razão pela qual o homenzinho de olhos dardejantes não foi reconhecido, quando entrou na loja de armas. Ninguém disse: "Ei, eu conheço você, da foto na capa do seu livro. Você é mr. Ethics!". Não. Ele passou despercebido.

"Em que posso servi-lo?", perguntou o grandalhão numa camiseta apertada demais. (Uma camiseta cor de carne morta. Era de um tom de laranja-vivo quando o homem a comprou na Feira de Armas do Condado, oito anos antes, mas a cor desbotou, ao mesmo tempo que a camiseta encolhia e a barriga do homem aumentava.)

"Preciso de uma arma", respondeu mr. Ethics. "Uma que dê para matar um homem."

"Ei, espere aí, moço", disse o homem (em estrita conformidade com as leis estaduais para a venda de armas). "É ilegal vender qualquer arma de fogo para fins recreativos, se eu desconfiar de que ela pode ser usada para cometer um crime."

"Muito bem. Preciso de um fuzil de mira para caçar esquilos".

"Ótimo. Estamos falando de esquilos de que tamanho?" "Ah, mais ou menos do tamanho de um homem..." O homem pegou da prateleira o seu grande orgulho: uma combinação de besta e lança-granadas. "Este é muito popular entre os nossos atiradores."

O homenzinho franziu a testa. "Parece caro." "Não necessariamente. O nosso distribuidor em Galveston foi à falência. O executivo-chefe apenas decidiu ir pescar um dia. Por isso, estamos dando quase de graça estas belezas, a um preço promocional de sete mil e quatrocentos dólares. Claro que você vai precisar comprar os cartuchos explosivos do outro lado da loja — do outro lado daquela faixa vermelha pintada no chão, ali."

"É uma pena, mas está um pouco fora do meu orçamento. Você não tem nada menos sofisticado, mas igualmente letal?"

"De que valor estamos falando?"

O homenzinho esvaziou os bolsos em cima do balcão. Havia algumas moedas, umas notas amarrotadas, cortesia de Bubba, o guarda presidiário renascido, e um punhado de centavos que ele tinha roubado de um garotinho que estava fazendo coleta para o Unicef. Mr. Ethics amaldiçoou em silêncio os avarentos do condado: era uma vergonha a miséria que doavam.

O homem atrás do balcão contou o dinheiro e disse: "Bom, você tem 42,81 dólares. Não é muito. Mas não se preocupe. Acho que tenho uma coisa que dá para você comprar".

Enfiou a mão embaixo do balcão e puxou um grande estojo de metal do exército, verde-oliva pardacento e coberto de poeira.

"Aqui está. Vendo por quarenta paus."

Estampadas sobre o estojo viam-se distintamente letras do alfabeto cirílico. Rs virados para trás e maiúsculas em caixa baixa. A arma era soviética.

38.

Edwin deixou a porta da frente aberta e um saco inteiro de comida de gato para mr. Muggins.

Era a manhã em que Edwin de Valu deixaria de existir. Era a manhã em que iria desaparecer. Edwin seguiu rápido pelas ruas banhadas com o sol de um amanhecer prematuro até o banco mais próximo, onde esperou que as portas abrissem. Tinha feito o plano com todo o cuidado, nos mínimos detalhes, e estava prestes a colocá-lo em prática. Primeiro, transferiria o seu milhão e tanto de dólares para várias contas separadas, como ardilosa tática para despistar. Logo depois, tomaria um táxi para o aeroporto e embarcaria no primeiríssimo avião para fora do país. Não interessava para que destino. Seria melhor se a decisão fosse inteiramente casual. Se fizesse uma escolha premeditada, alguém, mais tarde, talvez conseguisse refazer seus passos. Não, tinha que ser uma questão de puro acaso. Estaria a bordo do próximo vôo internacional, fosse para Istambul, fosse para Cingapura. Assim que chegasse lá, repetiria o processo e tomaria o primeiro avião para qualquer lugar. O lugar não tinha importância

- desde que fosse distante. Deixaria uma trilha de nomes e pistas falsos, e aí, quando estivesse convencido de que tinha mesmo escapado, com o dinheiro a reboque, escolheria um destino final E só então entraria em contato com May. (Já pensava nos detalhes da mensagem cifrada mas romântica que lhe enviaria.)

Quando as portas do banco se abriram, havia uma pequena fila atrás de Edwin, e ele, sentindo-se generoso e tendo acordado refeito da melancolia da madrugada, cedeu o lugar e segurou a porta para uma senhora idosa. "Por favor", disse. "A senhora primeiro." "Ora, obrigada", disse a senhora. "Você é muito gentil."

E com esse gesto único e gracioso, Edwin pôs tudo a perder...

Havia só um guichê (o número de funcionários do banco vinha diminuindo ultimamente), e a velhinha que ele deixou passar na frente tinha toda uma cadeia complicada de transações que precisaram ser desemaranhadas antes de a caixa poder atender Edwin e os demais. A coisa se arrastou sem fim. Edwin esperou e esperou.

Quando a simpática velhinha afinal fechou a bolsa e arrastou os pés para o lado, a atitude antes generosa de Edwin tinha azedado consideravelmente.

“Velha imbecil”, resmungou, ao se aproximar da caixa. “Eu quero abrir quatro contas flutuantes”, disse, “interligadas eletronicamente, com a mesma senha, mas em rotas de trânsito separadas. E rápido.”

A caixa, já exausta, suspirou com desânimo e digitou os números. As informações sobre a conta de Edwin apareceram na tela. “E como é, exatamente, que o senhor gostaria de dividir esse 1,4, dólar que o senhor tem na sua conta?”

Se Edwin não tivesse ficado tão atordoado ao ouvir isso, talvez tivesse notado o sarcasmo, talvez a tivesse elogiado por ser sardônica, talvez tivesse visto nela um espírito afim. “Mas... mas, é impossível. Eu tenho mais de um milhão de dólares nessa conta. Entrou hoje, logo cedo.”

“Um milhão, é?” Ela não acreditou, é claro, mas mesmo assim reviu as transações do dia. “Tem razão. Não havia nada na conta hoje de manhã, mas bem às 8h07 foram depositados 1800311,47 dólares.”

Edwin sentiu uma onda de euforia e alívio. “Graças a Deus”, disse. “Bom, então, eu gostaria de dividir esse montante em quatro...”

“E o dinheiro foi sacado exatamente às 8h22.”

“Sacado?”

“Cheque bancário, no valor total — arredondado nos últimos dez dólares.”

“O que é que você está dizendo?” Edwin sabia muito bem o que ela estava dizendo.

“Foi-se. Alguém deve ter tido acesso à sua conta. Limparam tudo. Tem alguma idéia de quem pode ter feito isso?”

“Tenho. Eu sei — eu sei direitinho quem foi. A minha mulher. A minha ex-mulher.”

A caixa lhe deu um sorriso de lábios apertados, mas solidário. “Elas sempre fazem isso.”

Edwin saiu cambaleando da fila, sentindo o ouvido interno girar como um giroscópio. Achou que ia desmaiar, que ia começar a ter ânsias de vômito descontroladas. Não tinha um plano de emergência, não tinha uma rota de fuga alternativa. A única coisa de valor que possuía eram seus cartões de crédito e já tinha estourado o limite. E, de toda forma, ele não teria como financiar uma mudança de continente para continente usando Diner’s Card e Visa. (Era ainda pior do que ele imaginava. Naquela mesma manhã, a Corporação Visa, alegando “uma mudança fundamental nos padrões de empréstimos dos consumidores”, entrara com pedido de falência.)

Edwin sentou numa poltrona colocada à disposição dos clientes e enfiou a cabeça entre os joelhos. “Você consegue”, disse. “Você ainda pode sair dessa.” Mas já não convencia, principalmente a ele próprio. Talvez pudesse entrar para uma cooperativa, mudar o nome para Raio de Luar, viver escondido, desenterrando nabos e colhendo linho. “Pense, homem, pense” E então, no momento em que ele achava que a situação não podia ficar pior, ficou. Edwin ergueu os olhos e, pela janela da frente, viu um carro preto familiar, à espera.

“Merda!” De rosto virado, chegou furtivamente até o guichê e interrompeu a caixa no meio de uma transação. “Desculpe”, sussurrou, “mas este banco tem uma porta dos fundos?”

Claro que não. Não para os clientes. Então Edwin recuou, correu e deu um salto. Pulou, por cima do balcão, numa única arremetida, fazendo papéis voarem e derrubando cadeiras. O velho guarda de serviço, atrapalhado, remexeu em vão no coldre. Edwin já disparava na direção da saída dos funcionários. Abriu a porta com um pontapé, num arremesso mais de espantinho do que de Van Damme, e saiu, correndo, pelo estacionamento nos fundos.

Procurava uma rota de fuga, quando, de repente, ouviu pneus guinchando no asfalto. O carro veio a toda por trás e lhe deu uma fechada abrupta. Edwin ficou encurralado, espremido contra o muro.

Uma janela de vidro fumê baixou lentamente. Era o chefe dos sociopatas em pessoa, o sardento de olhos frios e sorrisos falsos.

“Vinte e quatro horas!”, gritou Edwin, em pânico. “O Cobra disse vinte e quatro horas! Eu ainda tenho prazo até esta noite.”

“Venha cá, Edwin.”

“Nem pensar! O Cobra disse vinte e quatro horas! Não é justo!”

“Edwin, tenho uma coisa para dar a você.”

“Claro. Uma bala na nuca. Não, obrigado, eu passo. Vinte e quatro horas! Foi o que ele disse.”

Mas a mão continuava acenando, a voz continuava chamando, suave e melosa. Na última vez em que isso acontecera Edwin recebera um manuscrito desaparecido. Desta vez, quem sabia o que o esperava? Ele avançou, hesitante, da maneira como um menino de escola avança para ser castigado.

“Edwin, estenda a mão.”

Não, não outro dedo. “Por favor, não. Pelo amor de Deus, eu sou editor, preciso de todos os dedos. Será que não dá para você só me torcer um dedo do pé ou talvez me dar um puxão de cabelo bem forte?”

Mas o sardento não queria lhe quebrar outro osso. Em vez disso, estendeu a mão e, calmamente, pôs uma coisa na palma de Edwin. Depois, fechou os dedos de Edwin em torno da coisa e disse: “Adeus, Edwin. Tive prazer em atormentá-lo, mas estou prestes a iniciar uma viagem de busca. Adeus. Seja, sinta e saiba. Sinto muito pelo seu polegar”.

E foi embora, deixando Edwin sozinho, com o coração ainda disparado e as pernas trêmulas, no estacionamento de um banco, numa bela manhã azul, no bulevar South Central.

Edwin abriu a mão e olhou. Era uma única margaridinha.

39.

O prédio todo parecia vazio e abandonado. Edwin passou pelo amontoado de cubículos e corredores de rato de laboratório da Panderic Inc., outrora agitados e ruidosos, e foi como se atravessasse um cenário abandonado de cinema. Seria difícil imaginar que agora a Panderic era a maior e mais bem-sucedida editora do mundo, com uma receita superior à de muitos países de tamanho médio. As reservas financeiras da Panderic poderiam facilmente derrubar vários regimes latino-americanos. O lugar transbordava de dinheiro.

Mas não se via sinal algum disso. Edwin tinha ouvido falar em cidades fantasmas; este era um escritório fantasma. Cubículo após cubículo, estavam todos vazios. Os corredores, silenciosos. O zumbido das lâmpadas fluorescentes parecia absurdamente alto. A mesquinha cultura empresarial, os mexericos, a inveja, a raiva, as gargalhadas — tudo desaparecera.

Mr. Mead, o rei da Panderic, estava sentado em sua sala, de costas para a porta. Olhava para os telhados lá embaixo, com um drinque na mão, largado na cadeira. Quando Edwin entrou, ele nem se deu ao trabalho de se virar.

“O que foi agora?”, rosnou.

“Sou eu, Edwin. Vim entregar o meu pedido de demissão.”

Mr. Mead fez um vago aceno para um lado. “Ponha aí na pilha, junto com os outros.”

Edwin virou-se para sair, parou e disse: “Mais uma coisa, chefe. Vá se foder”.

Mr. Mead girou a cadeira. “O que foi que você disse?”, trovejou. “O que foi que você acabou de dizer?”

A determinação de Edwin começou a ceder. Não era bem esse o roteiro que ele esperava.

“Eu disse, hum, vá se foder, chefe. Estou indo embora.”

“Rá, rá! Que maravilha! Essa foi a melhor coisa que eu ouvi nos últimos dias. Vamos, Edwin. Puxe uma cadeira. Tome um drinque comigo.”

“O senhor ouviu mesmo o que eu disse?”

“Claro, claro. Então, o que vai beber? Eu tenho — o que é que eu tenho? Boodles Gin. Santiago Red. Um conhaque qualquer. Um pouco de Kaluha. E um vinho chinês horrível. Foi um presente dos nossos distribuidores de Taipé. Faz anos que tenho essa garrafa. Tem gosto de xarope para tosse, mas funciona.”

“Gim está ótimo.”

“O que foi que aconteceu com o seu polegar? Está enfaixado.”

“Uma longa história, chefe.”

“Não tem importância. Isto vai curar os seus males.” E passou um copo para Edwin. Mr. Mead não estava bêbado, nem mesmo tonto. Mas o dia ainda era uma criança. “Edwin, cuidado com o que você desejar, porque você pode conseguir. Saúde! Skoal!”

Esvaziaram os copos de um trago só e Mr. Mead imediatamente encheu de novo o de Edwin. “Os dias são sombrios, Edwin. Muito, muito sombrios.”

“Mas o senhor venceu, chefe. Transformou a Panderic na editora mais poderosa da face do planeta.”

“Não. Tupak Soiree transformou a Panderic na editora mais poderosa da face do planeta. Eu só supervisionei. Agi como a garota da chapelaria do teatro. Sorri e recolhi os tíquetes.”

“Mas, chefe, o senhor acabou com os seus inimigos. A Doubleday, a HarperCollins, a Random House, todas elas faliram. A Panderic está sozinha, inalcançável, no alto do monte de esterco. O senhor venceu, chefe.”

Mr. Mead jogou uma cópia do catálogo de primavera da Panderic na frente de Edwin. O volume pousou na mesa como uma bofetada. “Você viu o nosso catálogo? Viu?”

Edwin deu uma folheada. Tudo se relacionava com Tupak Soiree: livros de culinária, calendários, testemunhos. Vivendo corretamente: ao estilo de Tupak Soiree. Consertos domésticos e energia solar: ao estilo de Tupak Soiree. Tupak Soiree para cristãos.

Para judeus. Para céticos. Para ateus. Os temas contidos no livro original de Tupak Soiree tinham se comprovado totalmente versáteis, significando coisas radicalmente diferentes para pessoas radicalmente diferentes, mas gentilmente arrebanhando todo mundo na direção do mesmo ponto de desvanecimento total, um ponto de alegria e banalidade. Tentar definir Tupak Soiree era como enfiar gelatina num buraco na parede: por mais que se tentasse, alguma coisa essencial sempre conseguia escorregar e escapar.

A mensagem de Tupak se integrara verticalmente, atingindo o topo e a base da escala das gerações: Tupak Soiree para a terceira idade. Tupak Soiree para adolescentes. Tupak Soiree para colegiais grávidas e solteiras que ainda moram com os pais (com o subtítulo: A culpa não é sua — nada do que você faz é culpa sua!). Havia também um guia para pais, intitulado Tupak Soiree para bebês que já engatinham. A seção infantil, antes inofensiva, também fora infectada: Harry, o resmungão, e a surpresa de Tupak Soiree. Havia livros para colorir baseados nos princípios de O que aprendi na montanha. Havia “mistérios espirituais”, em que o calejado detetive tentava entender que “grande princípio cósmico da vida” fora violado e como, no final, todo mundo aprendia uma importante lição de vida.

“As livrarias viraram grandes centros de distribuição de Tupak Soiree”, disse mr. Mead. “Transformaram-se em provedores da felicidade.”

“Há uma coisa que não estou entendendo. Essa história toda de felicidade não joga a seu favor? O senhor não registrou a marca recentemente?”

Mr. Mead assentiu. “E verdade. Daqui em diante, o substantivo ‘felicidade’ e o adjetivo ‘feliz’ têm que ser seguidos de ® . e a Panderic recebe royalties toda vez que são usados. Claro que não podemos fazer nada se as pessoas usarem as palavras em suas conversas comuns, mas, quando forem usadas no sentido de Tupak Soiree, felicidade agora é marca registrada da Panderic. Nós controlamos o mercado de felicidade®. Não notou? Sobraram muito poucas livrarias, Edwin. Agora se chamam Centros de Felicidade® e estocam quase que apenas Tupak Soiree e derivados. E gozado. A

gente costumava fazer piada sobre a diferença entre 'livros' e 'objetos em forma de livro'. Pois praticamente já não se produzem livros de verdade. Aqui na Panderic, com certeza, só produzimos objetos em forma de livro. Todos se relacionam com felicidade®, todos são best-sellers instantâneos e todos rendem muito dinheiro. Os cofres da companhia estão cheios."

"Então por que é que o senhor está tão mal-humorado?"

Mr. Mead engoliu uma mistura de Kaluha e xarope chinês para tosse, estremeceu com uma careta, e disse: "Você leu o livro? O que aprendi na montanha? Leu?"

"Eu editei o livro, chefe. Lembra?"

"Eu sei disso, mas você leu? Leu mesmo?" (Era bem possível, e provavelmente muito comum, editar um livro inteiro sem o ter lido de fato e nem pensar no que ele tinha a dizer.)

"Sim, li. Li da frente para trás e de trás para a frente. Conheço o livro do avesso e de cabeça para baixo."

"Então por que é que você não está sereno e tranqüilo e em sintonia com o universo?"

Edwin não tinha de fato pensado nisso. "Para dizer a verdade, não tenho certeza. Talvez eu seja imune. Talvez seja porque eu tenha sido o editor. O senhor sabe como é, chefe. Um editor não vê um livro da maneira como gente normal vê. Um editor vê a estrutura, a sintaxe, as articulações. E tudo posto a nu. E como olhar para um prédio e enxergar a planta. E como olhar para uma radiografia. Eu vejo o esqueleto. Vejo as falhas. Vejo o modo como o livro é construído. Vejo as costuras e as vigas de apoio. Vejo os truques, as peculiaridades. E como um mágico profissional que olha um falso médium enganando as pessoas com uma encenação que não foi bem preparada. Não me deixei enganar por O que aprendi na montanha porque tenho mais informação. a terra dos cegos, eu sou o rei com um olho só. Talvez tenha sido por isso que não fui enfeitado." Tomou um longo trago do seu drinque. "E o senhor, chefe? Leu o livro?"

"Claro. Várias vezes. E francamente não entendo toda a comoção em torno dele. E só um monte de tolices da Nova Era e

truísmos requentados, dispostos de qualquer jeito. Aliás, a sua edição foi péssima. Meu Deus, parece um primeiro rascunho. Mas sabe o que mais me incomodou? Sabe o que me irritou, na verdade? A parte sobre calvície masculina. A parte que diz que 'devemos não só aceitar a calvície — devemos abraçá-la, devemos celebrá-la'. Quando li esse trecho, vi que esse Tupak Soiree só diz besteira. Vou lhe dizer uma coisa, Edwin. Ficar careca não é algo para 'abraçarmos'. Ficar careca é sinal de velhice. Exatamente como as rugas, como as manchas, como cabelo grisalho. Quer saber de uma coisa? Eu tenho artrite. Tenho cinqüenta e quatro anos e as minhas mãos já estão se transformando em garras. Os meus dedos estão duros, os nós dos meus dedos estão encaroçados como pinho barato. Mal consigo segurar uma caneta. Tenho artrite, estou ficando careca e não gosto nem um pouco disso. Por quê? Porque é um lembrete constante e irritante da minha própria mortalidade. E isso, meu amigo, não é coisa que se deva dissimular. A mortalidade não é coisa que se deva 'abraçar'. E com certeza não é algo que se deva 'celebrar'."

"Não entre docilmente nessa boa noite; enfureça-se contra o findar da luz", disse Edwin.

"Dylan Thomas. Boa citação, Edwin. Eu devia ter posto você no nosso departamento de poesia." (Então havia algo pior que ficção romântica e auto-ajuda.) "Não entre docilmente nessa boa noite; enfureça-se contra o findar da luz..."

"E gozado. Todo mundo sempre fez comentários maldosos sobre os sujeitos que procuram disfarçar a calvície. Você conhece o tipo. Os carecas que deixavam o cabelo crescer de um lado e depois o emplastravam em mechas oleosas por sobre a cabeça. Parecia ridículo, então a gente ridicularizava. Mas as razões por trás desse jeito de se pentear não são ridículas. De maneira alguma. O homem que penteava assim o pouco cabelo que tinha estava negando a própria mortalidade iminente. O resultado podia ser absurdo, mas o gesto em si e a motivação subjacente não eram. A seu modo, eram tristes e até poéticos. Quase heróicos, na verdade. Você notou que já não se vê isso?"

Era o tipo da coisa que Edwin jamais esperaria ficar triste por ver desaparecer, mas agora, depois de alguns drinques e com o panegírico de mr. Mead ainda pairando no ar, não teve como evitar a tristeza — tristeza de que todos aqueles homens que estavam ficando carecas e penteavam o cabelo do lado para o alto da cabeça tivessem desistido da luta.

Mr. Mead encostou-se na poltrona e balançou a cabeça em lenta perplexidade. “Simplesmente não entendo. Eu li esse maldito livro e achei que não passa de uma banalidade mal escrita. O que foi que eu deixei passar, hein?”

“Nada, chefe. O senhor é apenas parte do zero vírgula três por cento. Quando o departamento de marketing fez uma pesquisa, encontrou um nível de satisfação de 99,7%. Em qualquer epidemia, nunca há uma taxa de transmissão de 100%. O senhor deve ser um dos que não são vulneráveis. E mesmo que O que aprendi na montanha invada cada lar na América, ainda haverá esse persistente zero vírgula três por cento de pessoas que não serão contaminadas. Não parece muito, mas só nos Estados Unidos são cerca de noventa mil pessoas. Nem mesmo o vírus mais letal apresenta uma taxa de mortalidade de 100%.”

“Um vírus? É assim que você vê?”

“Às vezes.”

“Está enganado, Edwin. O livro não é um vírus. É exatamente o que alega ser: uma panacéia. Ninguém foi forçado a ler O que aprendi na montanha. As pessoas leram por opção. É assim que o mercado funciona. Foi uma combinação de livre-arbítrio, instinto de rebanho e a eterna atração pela solução rápida. Vírus? Não. Não é um vírus. É muito pior, Edwin. É uma cura. Uma cura para todos os nossos males modernos, a cura para todos os nossos problemas — reais ou não. O gozado é que as pessoas como você e eu talvez estivessem, em segredo, um tanto apaixonadas pelo mal-estar. Não é um vírus, Edwin. É uma receita. O único problema é que a cura é pior do que a doença. Ah, sim, cuidado com o que você desejar, Edwin...” Ergueu o copo para tomar um gole e viu que já estava vazio. “Cuidado com o que desejar.”

“Está na hora de eu ir, chefe.”

“Sim, suponho que sim. Acho péssimo que você vá embora, Edwin, mas compreendo. Trabalhar aqui deixou de ser divertido. May Weatherhill também pediu demissão, hoje de manhã. Está na sala dela, arrumando as coisas. Não deixe de falar com ela antes de sair. Ela perguntou por você.”

Edwin hesitou. “Antes de ir, chefe, tenho um favor a pedir.” “A May foi embora. Você vai embora. O Nigel — que será que é feito dele? Sobramos eu e o Ned, na contabilidade. Todos os outros foram embora, há muito tempo. O resto do trabalho está sendo feito por voluntários. Dá para acreditar?” Mr. Mead riu alto, um latido irônico. “Pessoas devotadas à mensagem de Tupak Soiree, oferecendo voluntariamente seus serviços em toda a linha. Artistas gráficos, layout, distribuição — todos trabalhando de graça, só para difundir a palavra. Assim, não só estamos fazendo os lucros mais gordos da nossa história de sessenta anos, como também não temos que pagar a ninguém. E hilariante ou não é? Lembra do Mario? O Estagiário? Eu o promovi a chefe do departamento de ficção científica, mas ele se demitiu em uma semana. Pendurou aquele aviso imbecil de que ia pescar. Que ódio que me dá esse aviso! Por que é que eles não podem simplesmente ir embora? Por que o adeusinho engraçadinho? Bom, o Mario pede demissão, pendura o aviso de ‘Fui pescar’ e, dois dias depois, aparece para se oferecer como voluntário. Está fazendo o mesmo trabalho que fazia antes, mas agora faz de graça! Dá para acreditar? Que imbecil!”

“E por que o Ned? Por que é que ele continua aqui?” “Ned? Da contabilidade? Ah, porque ele gosta mesmo de fazer somas. Diz ele que contabilidade é a sua ‘serenidade’. Então eu o mantenho na folha de pagamento.” Mr. Mead se levantou, fez outra incursão casual até o armário de bebidas. “Mais gim?”

“Não, não posso. Tenho que pegar a May antes que ela saia. Mas eu gostaria de lhe pedir um favor.”

“Qualquer coisa. Pode dizer.”

“Sabe, o senhor mencionou os lucros enormes da Panderic, as vastas reservas financeiras, as baixas despesas gerais. Pois é, como, em larga medida, fui eu o responsável pelo superávit atual da Panderic, eu estava pensando se, bom, se eu não poderia

receber um bônus de fim de contrato. só para me ajudar a recomeçar em algum outro lugar.”

“Um bônus?”

“É, uma espécie de pacote de despedida. O senhor sabe, considerando tudo o que eu fiz pela Panderic.”

“O quê?! Você ficou louco? Está pensando que eu sou feito de dinheiro? Eu não lhe dei um isqueiro Zippo ainda no ano passado? Não dei? Seu ingrato! Dê o fora daqui, você me dá ânsia de vômito!”

Edwin suspirou. “Sim, chefe.”

Eu devia realmente ter optado pelo “escroto e um puxão no rabo-de-cavalo”, pensou ao sair da sala.

40.

May estava mesmo juntando suas coisas. Havia caixas de papelão por todo lado — em cima da mesa, do arquivo —; as fotos do gato tinham sido tiradas da parede; e as samambaias estavam em caixas e no chão.

“Edwin”, disse, erguendo os olhos. “Que bom que você apareceu. Eu queria me despedir.”

Mas Edwin não tinha vindo se despedir; tinha vindo para tomá-la nos braços e levá-la consigo. Tinha vindo como o Conan dos Cubículos.

“Não”, disse. “Nada de adeuses.” E, depois de respirar fundo e com uma sensação de vertigem, atirou-se do alto do penhasco: “Venha comigo, May. Quero que fiquemos juntos. Não tenho nada a oferecer. Não tenho emprego nem dinheiro. O meu futuro é sombrio, o meu polegar está numa tala, e faz dois dias que não tomo banho. A máfia está tentando me matar. A Jenni foi embora e levou todas as minhas coisas. Não sei para onde vou nem o que vou fazer — mas quero estar com você, só com você. Fique comigo, May”.

Ela se virou e olhou-o, olhou de verdade, como se o visse pela primeira vez. “É tarde demais”, disse, baixinho.

Edwin assentiu. “Sei.” Houve uma longa pausa. “Tem certeza?”, perguntou afinal.

“Tenho, Edwin. É tarde demais.”

Ele lhe deu as costas, triste, sem nenhum epigrama à Humphrey Bogart com que encerrar, sem nenhum adeus rápido e irônico com que finalizar a cena.

“Adeus, Edwin.”

“Espere aí!”, disse ele, virando-se de repente. “Espere aí!”

“Edwin?”

“Os seus lábios!”, gritou ele. “Onde estão os seus lábios?”

“Os meus lábios?”

“Aqueles seus lábios grandes de cera vermelha. Onde estão? E... os seus olhos? Onde está a tristeza? Onde está a inteligência melancólica? Onde está o rímel? Onde está a sombra? E onde é que estão os seus lábios, droga?” E depois, mais calmo e com uma sensação de horror que o invadia aos poucos: “Quem é você e o que foi que você fez com a May?”.

“Edwin”, disse ela, com voz calma e apaziguadora e olhos estranhamente serenos, “maquiagem é apenas um véu e eu já não preciso de véus. Enfim estou me permitindo ser eu mesma.”

Edwin recuou, de dedo em riste, a boca contorcida como alguém no filme Vampiros de almas. “Você... você andou lendo o livro!”

“Edwin, eu sou feliz® agora. Afinal aprendi a fazer as pazes comigo mesma. Era como se toda a minha vida estivesse fora do eixo, e agora encontrei o equilíbrio. Capturei a minha serenidade.”

“Não”, disse ele, e falou como num juramento ao céu. “Eu me recuso a deixar que isso aconteça. Não com você.”

“Seja, sinta e saiba.”

“Não!”

Agarrou-a pelos ombros e puxou-a para fora do escritório, até o elevador.

“Aonde é que estamos indo?”, perguntou ela, em tom tranqüilo e impávido, mesmo ao ser seqüestrada.

“Você me deve isto, May, você me deve este último momento. Uma última chance.”

O elevador desceu até o térreo e, sempre puxando May, Edwin atravessou rápido o saguão e saiu para a rua, onde acenou freneticamente para um táxi.

“Edwin, não há mais nada a dizer. As suas palavras já não exercem efeito sobre mim, porque passei para um lugar que está além das palavras.”

Mas Edwin empurrou-a para dentro do táxi assim mesmo, disse ao motorista que saísse da cidade — “escapasse”, foi a palavra que usou — e eles desapareceram, seguindo pela enseada e

depois, acima dela, pelo elevado Callaghan. Foi um longo trajeto, em silêncio e em meio à opressiva sensação de fim de jogo.

“Edwin”, disse ela, baixinho. “Olhe. O mar. Capturou o céu e ficou mais azul.”

“O mar joga camisinhas e agulhas usadas nessa praia o tempo todo”, disse ele.

“E a roda-gigante. Está vendo a roda-gigante? No parque da ilha Candle? Está vendo a silhueta dela, logo ali adiante? Está vendo como é bonita?”

“Está enferrujada e gasta, May. E a ilha Candle é espalhafatosa, vulgar e cheia de enfeites baratos e de assaltantes e prostitutas. O mundo não brilha com magia, May. Brilha com tristeza.”

Ela olhava pela janela enquanto o parque de diversões passava à direita. “Eu ia lá quando era criança”, disse. “O meu pai me levava. Comprava algodão-doce, cor-de-rosa e sedoso. Derretia na boca quando a gente provava.” Aí, virando-se para Edwin:

“Sinto saudade do meu pai. Às vezes me pergunto por onde ele anda. E penso no algodão-doce, que mal dava para segurar”.

Passaram pelos portões da ilha Candle e May viu uma coisa terrível. Tão terrível que ficou olhando fixamente, incrédula. Os portões estavam trancados com correntes e cadeado. Havia uma placa dizendo “Parque de diversões fechado”. May ficou tão abalada que foi quase arrancada da sua serenidade. “Quando foi...?”

“Na semana passada”, respondeu Edwin. “Fecharam o parque sem dizer uma palavra de adeus. Parece que gente feliz não precisa de emoções baratas nem de distrações de mau gosto. Gente feliz não precisa se deslumbrar com luzes nem com brinquedos mecânicos. Não precisa flertar com a morte nem atirar dardos para ganhar brinquedos recheados com serragem.”

May não disse nada. Limitou-se a fechar os olhos, com tanta força que as lágrimas começaram a se formar, e pensou no algodão-doce e naquele sabor sem consistência de fios de açúcar, suave na língua, dissolvendo-se na memória. “Eu estou feliz®”, disse. “Estou feliz®. Muito feliz®.”

Edwin mandou o motorista parar no primeiro motel que encontrasse, o que levou algum tempo. A maioria dos estabelecimentos de pior aspecto estavam fechados, abandonados e invadidos pelo mato. Mas o Bluebird ainda estava aberto: uma fila comprida de portas baixas ao longo de uma entrada de cascalho, com uma tabuleta desbotada que dizia TV EM CORES e outra, logo abaixo, anunciando AR CONDICIONADO em letras azuis, com pingentes de gelo pendurados nelas. Vinte e cinco anos antes aquela tabuleta tinha sido um sinal reluzente de modernidade; agora era tão antiquada quanto um desenho paleolítico numa caverna. Televisão em cores? Tinha havido uma época em que a televisão não era em cores?

Quando o táxi parou, esmagando cascalho diante da recepção do motel, houve um momento de constrangimento.

“São setenta e um dólares e cinqüenta. Oitenta, com a gorjeta”, disse o motorista, um homem moreno e atarracado, que evidentemente não tinha lido o capítulo de Tupak Soiree sobre a pobreza espiritual que havia em exigir dinheiro dos outros.

Edwin pigarreou. “Será que, por acaso, você aceita Diner’s Card? Não?” Acanhado, virou-se para May, sentindo-se ligeiramente aquém de Conan.

Apesar da sua serenidade recém-descoberta, May riu do pedido de Edwin, admirada com o absurdo da situação. “Vamos esclarecer isto”, disse. “Você quer que eu pague pelo meu próprio seqüestro?”

“É só porque estou um pouco sem dinheiro.”

May pegou o dinheiro na bolsa e entregou-o ao motorista. “Seja, sinta e saiba”, disse, meiga. “É. Isso. Ou qualquer coisa assim, dona.” (O motorista já tinha perdido a mulher e quatro membros da família para a felicidade® de Tupak Soiree, e não estava disposto a ouvir epigramas não solicitados.)

A desprogramação de May Weatherhill começou com chocolate e uma súplica sincera. Edwin a deixou trancada no quarto por mais de uma hora. Quando voltou, encontrou-a sentada no chão, com as pernas cruzadas, respirando em harmonia com o pulsar do universo. O quarto tinha móveis de madeira compensada,

lençóis puídos e carpete embolorado. A meditação de May não poderia parecer mais incongruente se estivesse ocorrendo no alto da roda-gigante.

“May!”, gritou Edwin ao entrar sem cerimônia. “O dinheiro que você me emprestou não foi desperdiçado. Está vendo o que eu comprei? Chocolate, May. Não para a sua alma, mas para os seus quadris. Calorias inúteis! Deliciosas, causadoras de culpa e completamente desnecessárias. E disso que os Estados Unidos vivem! Calorias inúteis. Somos uma nação sustentada por calorias inúteis.” Jogou em cima da cama um punhado de antigos tabletes e depois espalhou pastilhas de chocolate sobre os lençóis, como uma oferenda de casamento em Bali. “Mas espere, porque há mais!” Com um floreio de mão, abriu uma seleção de revistas. “Cosmo! Swirl! Women’s Monthly Weekly! Olhe estes números antigos, May. Veja todas as coisas que estão erradas com você. Dicas de moda, maquiagem, relacionamentos. Nesta página há um artigo sobre como emagrecer e — rá, rá! — na página seguinte, uma receita de torta de chocolate e caramelo. Você perde sempre, May! Não é ótimo? Um passo para a frente e dois para trás. E, olhe, consegui revistas sobre esportes para mim, para ler sobre homens mais fortes, mais velozes e mais ricos do que eu, que vivem as minhas fantasias de infância. Isso mesmo, posso fingir que sou algum super-homem arquetípico, quando na realidade sou um empregado de escritório de terno cinza. Não faço diferença alguma! Sou insignificante, May! Está vendo o vazio que existe aqui, bem aqui?” Bateu o punho no peito. “Você entende todos os mecanismos e soluções provisórias que criamos? Entende como estancamos os sintomas, como tentamos consertar corações partidos com band-aids baratos? E isso o que somos, May. E essa a tristeza no âmago de tudo. Mono-no-awaré, May. E isso o que nos torna humanos: não a felicidade, mas a tristeza interior.”

“Não”, disse May. “Não vou aceitar isso. Não vou aceitar que o mundo deve ser assim.”

“Azar!”, berrou Edwin. “Porque o mundo não liga. Não podemos fazer a realidade sumir só porque desejamos que suma. Não podemos simplesmente concordar em fechar os olhos

e acreditar que a velhice, a morte e a desilusão não existem. Existem, May. Queiramos ou não. A vida é apenas uma maldita droga depois da outra, mas mesmo assim é o único jogo à nossa disposição. Não podemos nos permitir atravessá-la como sonâmbulos, porque só temos um round. Dum vivimus, vivamus! 'Enquanto vivermos, vivamos', gozemos os prazeres da vida.' Dum vivimus, vivamus."

Mas May era uma das poucas pessoas que podiam enfrentar Edwin golpe por golpe, palavra por palavra, termo misterioso por termo misterioso, e revidou o latim dele com um dos seus intraduzíveis. "Kekau", disse. "Uma palavra indonésia. Significa 'despertar de um pesadelo'. Mas o que está acontecendo aqui é coisa bem diferente, Edwin. Estamos despertando não de um pesadelo, mas para um sonho. O mundo enfim está despertando. Despertando para um sonho. Um sonho maravilhoso. Um sonho tão etéreo e doce quanto...", ela fez uma pausa.

"Quanto algodão-doce", disse Edwin. "Tão meloso e sem substância quanto algodão-doce. Um mundo de fios de açúcar. É a isso que estamos reduzidos?"

"Não reduzidos. Libertados."

Edwin jogou mais revistas em cima da cama, uma atrás da outra. "Olhe. Encontrei um monte de revistas com fofocas sobre celebridades. Lembra do conceito de fofoca? Pois estas revistas estão cheias de escândalos e tragédias de partir o coração. Agora podemos sentir piedade e ressentimento por completos estranhos!"

Edwin atirou uma valise surrada em cima das revistas. Ouvia-se o som de vidro contra vidro. "Eu tenho uísque. Tenho gim. Um pouco de haxixe. Um pacote de cigarros Lucky. Até...", com um gesto de prestidigitador, tirou um tubo de metal, "batom."

A essa altura, porém, ele parecia cada vez menos um mágico e cada vez mais um corretor de imóveis cujos truques estavam se esgotando. Por instinto, agarrou o pequeno aviso sobre a televisão. "Rá, rá!, e seus rá-rás estavam ficando nitidamente tensos. "O que é que temos aqui? Pornografia! Canal 13. May. Agora podemos viver por tabela até no âmbito mais privado. Podemos pagar para ver estranhos se divertindo mais em dez minutos do que

nós na nossa vida inteira!” Agarrou o dial e girou para o canal pay-per-view. A tela se encheu com uma imagem trêmula e corpos num tom de verde-doentio. “Pornografia, May! Gente usando gente. É assim que é a vida.”

Na tela, uma jovem radiante e um homem de cabelo cacheado, ambos de roupão de banho branco, sorriam radiosos para a câmara. “Veja isto”, exultou Edwin. “Daqui a pouco eles vão fazer sexo acrobático e completamente desmotivado.”

Ouviu-se a voz do apresentador: “A seguir, ex-astros de vídeos para adultos discutem suas emoções mais profundas”.

“O quê?” Edwin quase sufocou de incredulidade. “Ex-astros pornográficos? Ex?”

A garota na tela da tevê jogou para trás o longo cabelo loiro — transformado em verde-pântano pela má sintonia — e disse: “Eu li pela primeira vez o livro de Tupak Soiree no estúdio do meu último filme, uma seqüência de O engate do soldado Ryan, e pensei comigo: ‘Ei, esse cara tem realmente algo a dizer...’.

“Não!”, berrou Edwin. “Nada de conversa. Tire a roupa!”

O rapaz, sorrindo alegremente, interveio: “O último filme em que atuei se chamava Pelados na noite, e embora eu pense que tinha, de fato, mérito artístico, não posso deixar de sentir que...”.

“Sentir!?”, berrou Edwin. “Não sintam. Não pensem. Façam. Simplesmente façam!” A gesticulação de Edwin se tornava mais descontrolada a cada segundo. “Vocês são uma desgraça para o tesão humano, vocês dois! Deviam ter vergonha de mostrar a cara em público.”

May, cuja meditação e serenidade tinham sido totalmente perturbadas agora, pôs-se de pé, alisou a saia azul simples — a saia “qualquer coisa” que pegara por acaso no guarda-roupa naquela manhã — e disse: “Eu vou embora, Edwin. Eu lhe dei o seu momento final e foi um erro. Você não tem nada a me oferecer, além de revistas velhas e fumaça de cigarros mofados. Isto” — fez um gesto abarcando o conteúdo do quarto, a televisão que piscava, as oferendas em cima da cama — “é apenas tempo de

ontem. Eu ultrapassei isso. Eu mudei, Edwin. O mundo mudou. Está rompendo um novo alvorecer”.

“Um novo alvorecer? E que tipo de mundo vai ser? Um mundo sem alma. Um mundo sem risos. Sem risos de verdade. O tipo que faz o coração da gente doer e o olhar ficar vago. Ninguém ri no céu, May, ninguém ri no paraíso. E para isso que estamos rumando? Um mundo que esqueceu como uma gargalhada é realmente triste? Lágrimas e risos, May. Os dois lados da mesma moeda. Não dá para separá-los. Nemo saltat sobrius! “Homem sóbrio não dança” James Bowell escreveu isso. Era verdade no século dezoito e é igualmente verdade hoje. Precisamos de nossos vícios. Precisamos do nosso algodão-doce, porque a vida é triste, é curta e acaba rápido demais. Por que é que passamos tanto tempo remendando a nossa identidade? Por que é que somos tão cativados por trivialidades? Porque essas coisas pequenas e triviais são muito importantes. Essenciais. Não é a felicidade suprema que torna a vida digna de viver, são detalhes pequenos e bobos ao longo do trajeto.”

May já não estava ouvindo e Edwin poderia estar muito bem debatendo com a própria sombra. (O que, de certa maneira, estava fazendo.)

“May, eu não sei qual é o sentido da vida, mas eu sei o seguinte: as duas frases mais importantes da linguagem humana são ‘se ao menos’ e ‘talvez um dia’. Nossos erros do passado e nossos anseios não recompensados. As coisas de que nos arrependemos e as coisas pelas quais ansiamos. E isso o que nos torna quem somos.”

Esperou uma resposta. Esperou um lampejo de esperança. Não houve nem um nem outro.

“Sinto pena de você, Edwin.” Ela soltou a corrente da porta, saiu e se afastou, rumo ao sol e à serenidade.

Edwin afundou na cama coberta de vícios, acabrunhado e derrotado. Antes tivesse pensado em correr atrás dela, em fazê-la virar-se uma última vez e beijá-la, só mais uma vez. Era o que ela estava esperando. Era o que estava esperando e não o teria repellido. Agora não. Nem nunca mais. Teria, com toda a probabilidade, retribuído o beijo, com força, com desespero, da

maneira como uma pessoa que se afoga arqueja por ar. Mas jamais saberemos.

Jamais saberemos, porque Edwin a deixou partir. Deixou-a ir embora, deixou-a chamar um táxi, e deixou-a ficar ali sozinha. na calçada, ao cálido sol de outono, de olhos fechados, esperando. Esperando algo — esperando alguém.

41.

Lá dentro do motel Bluebird, tinha aparecido um rosto familiar na tela da televisão. Um rosto do passado de Edwin, que sentou para ver, num assombro incrédulo. Rory, o zelador (também conhecido como Rory, o mago das finanças), estava aparecendo, via satélite, no “Canal Tupak Soiree: só Felicidade®, 24 horas!” a ex-“Rede de sexo quente: só sexo, 24 horas!”. O apresentador do programa era um homem amável, com olhos felizes e sem expressão e um sorriso mole, quase apático.

“Bem, mr. Wilhacker — ou Rory, se posso chamá-lo assim.”

A atitude de deferência do apresentador virou o estômago de Edwin, que berrou para a tela: “Fraude! Fraude!”.

Rory comentava os problemas econômicos que o país enfrentava no momento, que chamou não de catástrofe, mas de “reajustamento”.

“Toda crise contém as sementes da oportunidade”, afirmou Rory, serenamente. “Estamos em meio a um grande transtorno. Presenciamos um momento decisivo na história do mundo, que supera até a própria Revolução Industrial. Deste grande transtorno, desta grande convulsão, vai brotar uma nova ordem econômica, como as flores depois de uma chuva forte.”

“Ou cogumelos”, gritou Edwin. “Cogumelos venenosos, crescendo em bosta de vaca fedorenta!”

“Bem, bem”, disse o apresentador, em leve tom de censura. “O desemprego está disparando, as reservas federais estão esgotadas, o cenário econômico está coberto de cadáveres do que um dia foram grandes indústrias...”

“Ahh.” Rory levantou um dedo. “Eu me oponho à palavra ‘grandes’. As indústrias que morreram recentemente mereciam morrer. Afinal de contas, o dinheiro nunca é neutro.” (Na mesma hora Edwin reconheceu isso como um aforismo tirado do livro.) “O dinheiro está ancorado na moralidade. Pode ser moral ou

imoral, mas nunca pode ser apenas neutro. Houve época em que o comércio de escravos era uma indústria vibrante e próspera. Devemos lamentar que se tenha extinguido? Em termos econômicos puros, o comércio de escravos não era um dos `grandes`? Indústrias imorais merecem morrer, sejam elas de tabaco, de álcool ou de moda. Há uma nova realidade criando raízes, que se baseia não em cobiça e tentação, mas em amor. O nosso objetivo, agora, deve ser o de gerar riqueza através da felicidade humana, e não ao contrário. Esse foi sempre o defeito fatal: tentávamos capturar a felicidade usando o dinheiro, quando devíamos fazer exatamente o oposto. Achávamos que o acúmulo de mais e mais coisas, de mais e mais riqueza material, daria sentido à nossa vida. Esse sempre foi o engano central da nossa existência.”

“Você fala do fim da tentação. Está falando no sentido bíblico? Estaremos, talvez, anulando as lições do jardim do Éden? Estaremos, talvez, retornando a um estado de graça que existia antes do pecado original?” (O entrevistador era um ex-bispo católico, que havia “encontrado a serenidade” e se dedicava a transmissões de utilidade pública.)

“Pecado?”, disse Rory. “O que é que você chama de pecado? Para mim, o pecado é apenas um sintoma de uma vida desequilibrada. Mais nada. As conseqüências do pecado podem ser terríveis, mas o pecado propriamente dito existe apenas em decorrência da falta de compreensão. Se conhecemos o bem, se de fato compreendemos o bem, devemos fazer a opção certa. A opção moral. Nesse sentido, a tentação — seja econômica, seja pessoal — é um desafio concreto. Por exemplo, em certa época eu fui o responsável pela zeladoria de um grande prédio de escritórios, e em determinado momento fatal me vi na posição de poder esmagar uma pessoa — um indivíduo a quem eu desprezava havia muito tempo.”

“Quando diz `esmagar`, você fala metaforicamente?”

“Ah, não. Estou dizendo que poderia tê-lo esmagado fisicamente. Ele estava dentro do meu compactador de lixo, o que, aliás, violava os regulamentos de segurança. Bastaria que eu apertasse um botão para acabar com ele.”

Edwin gelou.

O apresentador riu. “Você se sentiu tentado?”

Rory sorriu, o mesmo sorriso suave de quando dissera a Edwin “eu sempre odiei você”, e disse: “Ah, eu me senti muito tentado. Na verdade, joguei cara ou coroa com uma moeda, deu cara, e deixei que ele vivesse”.

Edwin engoliu em seco, sentiu um suor frio na nuca. Ele jogou uma moeda? Foi disso que tudo dependeu? Claro que Rory estava brincando. Tinha que estar brincando.

“Não estou brincando”, disse Rory. “Mas aprendi uma lição importante. As decisões morais — e as políticas econômicas que as seguem — não devem ser deixadas ao acaso. Nada de jogar cara ou coroa com a alma. Esse é o meu lema agora. Nada de jogar cara ou coroa com a alma”

O apresentador assentiu ante essa observação corriqueira, como se Rory tivesse acabado de descobrir o segredo da própria relatividade. “Brilhante”, disse. “Absolutamente brilhante. Bem, eu entendo que a Casa Branca está muito agitada por causa do nosso realinhamento econômico atual. Você por acaso foi contatado, solicitaram o seu auxílio ou orientação?” (Pelo modo como fez a pergunta, ficou claro que o entrevistador já sabia a resposta.)

“Sim. O secretário particular do presidente me telefonou ainda esta manhã e disse: ‘Mr. Wilhacker, precisamos da sua ajuda’.”

Edwin assistia à entrevista com o fascínio mórbido com que se acompanha o avanço de dois carros prestes a colidirem. Era verdade? Rory P. Wilhacker (também conhecido como Jimbo, também conhecido como o Zelador do Inferno) ia mesmo se tornar assessor pessoal do presidente dos Estados Unidos? Rory P. Wilhacker estava prestes a começar a ditar política econômica para a Casa Branca? Eles começaram a receber telefonemas.

“Estamos com miss Starlight na linha, ligando de Boise, Idaho. Pode falar.”

Foi um jorro de amor nauseante depois do outro. Ouvinte após ouvinte desejou a Rory um coração calmo e uma mão

firme. Ou talvez fosse ao contrário. Não que fizesse alguma diferença; a mensagem tinha se tornado o meio e o meio se tornara um borrão longo e estuprificante. Edwin sentiu a mente entorpecer...

Mas aí, como uma súbita rajada de ar frio, um ouvinte lançou insultos e lógica para o convidado. O Grande Rory havia acabado de proclamar a morte da livre empresa e estava explicando como seria a economia do futuro, baseada em microcooperativas de bairro. "Isso é pior do que absurdo", berrou o ouvinte, de voz áspera, racional. "Está fadado ao fracasso! Mr. Wilhacker quer que a gente acredite que podemos nos tornar uma nação cuja riqueza é construída com base em um lavar a roupa para o outro e um se hospedar na pensão do outro. Será que este país inteiro está sob efeito de sedação? Vocês sabem que a ciência está paralisada? Será que vocês ao menos se importam com isso? Avanços médicos. Pesquisa. Exploração. Está tudo sendo substituído por absurdos espirituais da Nova Era. As nossas faculdades e universidades estão vazias, assim como as nossas mentes. A educação foi abandonada, e também a arte, a literatura. Já não existe debate neste país, porque já não existe desacordo. Tudo é conciliação e moderação, e vocês chamam a isso de progresso? Não é um passo à frente, é um passo para trás! E esse guru charlatão de vocês, Tupak Soiree, é a maior fraude que já se viu, vendendo placebos de bem-estar no mercado da estupidez do público, e quanto mais depressa nós..."

Mas já era o suficiente. O apresentador cortou a ligação. "Obrigado por ter ligado, mr. Randi. Paz, amor e calma interior, sempre." Sorriu calorosamente. "E nunca mais telefone de novo para cá, seu cético desprezível."

"Credo quia absurdum", disse Edwin. "Acredito porque é absurdo/" Era o lema de toda religião importante, o brado de arregimentação da Nova Era, o hino do movimento de auto-ajuda como um todo. E agora estava se tornando rapidamente o lema dos Estados Unidos da América também. Credo quia absurdum. Um credo teológico medieval ganhara vida nova. Randi tinha razão: era um passo para trás. Um salto para trás. Os últimos quinhentos anos de desenvolvimento, progresso e pensamento humanos; o

Renascimento; o Iluminismo; as duras lições aprendidas com as guerras ideológicas do século vinte; o triunfo sobre o dogma; os grandes avanços em saúde e medicina - estava tudo prestes a ser superado. A natureza humana, no seu melhor, sempre se baseara numa inquietação profunda e heróica, em querer algo — algo diferente, algo mais, fosse o amor verdadeiro, fosse apenas um vislumbre para além do horizonte. Era a promessa de felicidade, não a sua obtenção, que acionava o motor, a loucura e a glória de quem somos. A loucura e a glória: os dois não são mutuamente exclusivos. Muito pelo contrário.

E agora isto: Rory P. Wilhacker, em tons cambiantes de verde e azul, prestes a iluminar a nação. Rory havia se acomodado melhor na sua poltrona e, com um sorriso condescendente, iniciara uma longa arenga sobre o futuro do dinheiro. Muito do que dizia era citação literal de Tupak Soiree. (“É preciso entender que toda a teoria monetária é fundamentalmente falha desde o início, porque tenta captar a fluidez do movimento com a geometria dos números. O dinheiro está em fluxo constante, não é energia nem matéria, mas uma coisa intermediária. Tentar atribuir-lhe fórmulas é como apertar o botão de pausa num vídeo que mostra um guepardo em fuga. O movimento se perde no processo.”) Outras pérolas vinham de alguns livros de outros autores que a Panderic publicara depois do de Tupak Soiree, em particular *A nova economia: dinheiro e finanças* — na trilha de Tupak Soiree! (“Eu vi o futuro, e ele é pequeno. Pequeno e poderoso. Estamos presenciando um profundo distanciamento de conceitos antigos e ultrapassados de corporação versus consumidor. Ingressamos numa era de microeconomia e de cooperativas auto-sustentáveis, uma mistura perfeita de capitalismo e altruísmo.”)

E assim foi, interminavelmente. Uma rede narcotizante de palavras que acalentavam o ouvinte primeiro num estado de aceitação, e depois capitulação. Talvez a mudança de paradigma fosse real. Talvez a velha ordem estivesse terminando. Talvez Tupak Soiree tivesse razão. Talvez — Edwin sacudiu a cabeça, para clareá-la. Não, droga. Ele cambaleou até o banheiro, jogou água no rosto, olhou-se no espelho — rachado e amarelado (tanto o espelho quanto o rosto) — e repetiu com uma convicção obstinada a única

coisa que sabia com certeza que era verdade: “Tupak Soiree é uma fraude. Eu peguei o manuscrito rebuscado e cheio de desvarios dele da pilha de baboseiras e fui eu quem fez dele o que é hoje. Sem mim, Tupak Soiree não existiria”. Olhou para o rosto no espelho e o significado dessa última sentença implodiu dentro dele, ruindo com uma sensação de culpa e desespero: “Sem mim, Tupak Soiree não existiria”.

Aí, no outro aposento, ouviu alguém dando risada. Era um riso familiar, cadenciado, e a mente de Edwin despertou de chofre.

“Santo? Ah, não, não”, disse a voz. “Com certeza não um santo. Minhas realizações são muito modestas. Sou um homem humilde, de recursos humildes.”

Era Tupak Soiree em pessoa, com sua falsa modéstia e suas risadinhas sedutoras. Era Tupak. O Diabo Encarnado. Edwin voltou correndo para o quarto, sentou na cama e olhou em silêncio nauseado enquanto o arquiteto da ruína sorria, ria e flertava desavergonhadamente com a audiência — o vasto público de telespectadores, subjugados agora pela força das respostas preparadas e dos comentariozinhos reconfortantes de Tupak Soiree.

Tupak tinha vencido. E agora exultava.

O pior era que naquele exato momento a mulher de Edwin viajava para o retiro espiritual de Tupak Soiree, em algum lugar no alto das montanhas nevadas do centro dos Estados Unidos. Naquele momento o dinheiro de Edwin estava a caminho da abarrotada conta bancária de Soiree. Tupak Soiree tomara tudo o que Edwin tinha: a mulher, a riqueza, a carreira e o futuro. Edwin poderia ter vivido com isso. Mas Tupak Soiree — um monstro que o próprio Edwin soltara — também havia destruído May Weatherhill, sugara-lhe a vida e a tristeza, transformara-a numa pessoa vazia e singularmente desinteressante. Por isso, Tupak Soiree teria que pagar.

E foi assim que, enquanto Sua Corpulência Real enfrentava mais uma entrevista com risadinhas contidas e milhões de telespectadores assistiam com um amor singelo, um pensamento foi se formando na mente de Edwin de Valu. Formou-se com tanta

serenidade e rapidez que foi quase como se ganhasse forma a partir de substâncias já presentes, como se tivesse estado sempre ali, à espera de que Edwin o reconhecesse. Um pensamento simples, tão bonito, puro e heróico que Edwin quase ergueu as mãos para o céu de alegria. "Tupak Soiree tem que morrer." Foi isso. Foi o ideal platônico perfeito, a idéia única e possante que se formou na mente de um ex-editor profundamente perturbado, num motel asqueroso, do outro lado do parque de diversões da ilha Candle: May precisa ser vingada. Tupak Soiree tem que morrer.

42.

Começo da noite, nas docas.

“Você o quer morto, ele morre. É simples.”

“E quanto isso vai custar... qual é o seu preço? Para matá-lo?”

“Cinqüenta. Trinta agora e vinte depois de feito o serviço.”

Era segredo de polichinelo na Panderic Inc., fazia muito tempo, que Leon Mead mantinha uma soma não revelada em dinheiro vivo à mão, para o caso de ser obrigado a fugir do país. Todo mundo sabia que havia muitos anos que mr. Mead retirava a maior parte do fundo de pensões da Panderic e distribuía a “renda” por contas bancárias em vários países sem importância.

Edwin de Valu tinha ido recuperar uma parcela daquele dinheiro perdido, que, em boa parte, tinha saído do seu próprio fundo de pensão. Chegou ao anoitecer, quando o vigia da noite fazia meditação e os seguranças comiam marshmallow. Com ar de determinação, encaminhou-se ligeiro para os elevadores. Apesar da atitude confiante, Edwin sentia o coração martelando ao subir para o décimo quarto/décimo terceiro andar e entrar nos corredores escuros da Panderic Inc.

A porta da sala de mr. Mead estava trancada, mas Edwin tinha vindo preparado, e o pé-de-cabra que trazia escondido na manga deslizou facilmente para a sua mão. Primeiro tentou entreabrir a porta para espiar lá dentro, mas acabou desistindo e se pôs a martelar a maçaneta, as batidas fortes ecoando pelos cubículos. De rosto suado e mãos trêmulas, conseguiu rachar a madeira em torno da fechadura de metal, enfiou alguns dedos pelo buraco e girou o trinco. A porta da sala de mr. Mead abriu-se.

Edwin moveu-se como um felino até a mesa de mogno, acendeu a lâmpada e começou a procurar nas gavetas qualquer coisa que se assemelhasse a uma chave. Não achou nada, mas não

esperava que seria fácil. Não. Teria que usar o cérebro. Teria que ser mais esperto do que o ausente mr. Mead.

Todo mundo sabia onde estava localizado o cofre secreto: atrás de um quadro de Andy Warhol mostrando uma lata de sopa, pendurado bem ao lado do bar de mr. Mead. (Não era um Warhol autêntico, mas uma boa falsificação — o fato de haver um erro de ortografia em “Campbell’s” era o primeiro indício —, mas isso, ironicamente, só contribuiria para aumentar o seu valor. Parece que Warhols originais se vendem por vinte e cinco centavos a dúzia, enquanto as falsificações autênticas são muito mais raras.) Edwin odiava aquela lata de sopa imbecil, e pensou em arrebentar a tela com um murro, como ato de vingança, mas quem teria imaginado que uma tela pudesse ser tão resistente? Esmurrou várias vezes, mas só conseguiu fazer umas reentrâncias do tamanho do punho, quase invisíveis. O que de certa forma sintetiza o relacionamento entre a geração de Edwin e a de mr. Mead. Mas chega. Chega de Warhol e de sopa Campbell. Edwin tinha coisa mais importante para resolver.

O cofre tinha um fecho com teclado numérico, limite de tempo e controle de teclas. O que quer dizer que, sem um maçarico ou uma senha, as chances de abri-lo eram mínimas. Edwin enxugou o suor da testa, respirou fundo para se estabilizar e começou: “Pense. Você consegue. Você sai desta”. Mr. Mead era homem de cérebro muito pequeno. Não podia ser muito difícil descobrir o código dele. “Woodstock?” Edwin digitou no teclado, girou o dial e puxou. Nada. “Paz.” “Amor.” “Watergate.” “LSD.” “Kent State.” Nada. E Edwin estava esgotando as referências dos baby boomers. “Cheio de si.” “Presunçoso.” “Superestimado.” Nada dava certo. Droga. Será que a vida de Edwin poderia piorar ainda mais? Quando a correspondência finalmente fora entregue naquela tarde (devido à falta de pessoal, o serviço postal fora reduzido a duas entregas semanais), ele tinha encontrado um mandado de venda da casa. Jenni a negociara por uma ninharia para ser transformada no Centro de Assistência Arco-íris, fosse isso o raio que fosse. Depois, para esfregar sal na ferida, Edwin abriu um segundo envelope enfeitado com margaridas e encontrou uma pilha de documentos,

preenchidos com caneta esferográfica cor-de-rosa e carinhas sorridentes em lugar dos pingos nos is, junto com um livrinho chamado Divórcio com amor: aprendendo a abrir mão, aprendendo a deixar crescer na trilha de Tupak Soiree. E Edwin pensou: "Ótimo. Estou sendo abandonado por meio de um produto derivado".

Foi com esse processo de divórcio piegas e o roubo legal de propriedade pesando-lhe na mente que Edwin reuniu a raiva para atacar o cofre na parede. Martelou o dial com o pé-de-cabra e rachou o invólucro externo, mas conseguiu pouco mais do que vibrações no cotovelo e dores agudas no pulso. "Droga!", berrou. "Jesus Cristo Superstar!", "Eleanor Rigby!", "Ofensiva do Tet'." Qual é?" Digitava código após código, puxava e puxava. Nada.

"Experimente 'sensibilidades pós-modernas'", disse mr. Mead.

Edwin virou-se, com um choque, e viu o ex-chefe entrando na sala. "Merda", disse.

"Isso é tudo o que você tem a dizer em autodefesa? só 'merda'?" Mr. Mead parou para endireitar a moldura que tinha caído quando Edwin vasculhou a mesa, e depois, com uma resolução lenta e cáustica, disse: "Então, como não lhe dei um bônus, você resolveu roubar".

Edwin pegou o pé-de-cabra e manteve-se firme. "Preciso do dinheiro, mr. Mead, e não vou sair daqui sem ele. Eu acabo com o senhor, se precisar."

"Uma ameaça? Isso é uma ameaça? Você invade a minha sala como um ladrão de segunda categoria de um romance policial de má qualidade e acha que pode ameaçar a mim?"

Edwin tinha sempre suposto que Léon Mead, sob a fanfarronice de rufião, fosse um leão covarde. Mas mr. Mead avançava na sua direção com uma inflexível determinação, sem vacilar. Edwin ergueu o pé-de-cabra como um batedor de críquete experimentando o alcance da tacada. Cabeça? Ombros? Rótula? "Mr. Mead, eu juro que faço. Só estamos nós dois aqui. Não há nenhuma testemunha."

"Exatamente", disse mr. Mead com um sorriso apertado a brincar-lhe nos lábios. "Não há nenhuma testemunha."

Edwin arquejou, sentiu o pé-de-cabra começar a escorregar-lhe nas mãos úmidas.

E nisso, com um clarão abrupto e de doer os olhos, a sala se encheu de luz. Um homenzinho de olhos desvairados estava parado à porta, com a mão no interruptor. “A vingança é minha!”, gritou.

Mr. Mead virou-se para encarar o intruso. “Bob?”

O homenzinho deu um dramático passo à frente, ergueu um rifle ao ombro e fez pontaria em mr. Mead.

“Na verdade, acho que se pronuncia ‘Bubba’”, disse Edwin.

Ouvindo isso, o homem com o rifle se deteve. Olhou para a etiqueta com o nome no peito da própria camisa e disse: “O quê? Isto? Isto não é meu. Eu ganhei esta roupa de um...” — ia dizer “amigo”, mas não pareceu correto — “... de um ex-colega. Dos meus dias na prisão. E verdade, sou eu! Dr. Robert Alastar. Mais conhecido como Mr. Ethics!”

“Sabia que tinha reconhecido”, disse Edwin. “O senhor parece mais alto na foto da orelha.”

“Sim, bem, emagreci faz pouco tempo. Os padrões dietéticos da prisão de segurança máxima são absolutamente medonhos. Bom, onde é que eu estava, mesmo? Ah, sim. Vingança! Vingança! Você me traiu, Léon, me abandonou como se eu estivesse morto. E voltei para fazer justiça.” Chegou mais perto e mirou, quase à queima-roupa, a cabeça de mr. Mead.

Para espanto de Edwin, mr. Mead não se encolheu, não se agachou nem caiu de joelhos para implorar clemência. Em vez disso pegou uma cigarrilha de cima de sua mesa e, com toda a frieza, abriu um isqueiro Zippo, acendeu a cigarrilha e puxou uma tragada funda e prazerosa. “Shklovsky, VB. MK-47”, disse. “De distribuição-padrão no fronte de Vladivostok. Para sentinelas e pessoal blindado do Exército Vermelho. Dispara balas de calibre avançado em seqüência rápida. A última fábrica de MK-47s fechou em 1982, na fronteira com o Afeganistão. Os rifles foram recolhidos logo depois, por serem considerados inconfiáveis. Isso é uma antigüidade, Bob. Pior até, é uma antigüidade soviética, o que significa que a

probabilidade é de dez para um que, se você tentar atirar em mim, vai falhar ou explodir na sua cara. Você testou, não testou, Bob?"

Os olhos de mr. Ethics se estreitaram. "Você está blefando."

"Estou?"

"A vingança é minha!", berrou mr. Ethics, puxando o gatilho com força.

A arma explodiu. A câmara estourou, ensurdecendo mr. Ethics e lançando fragmentos pela sala toda. A detonação perfurou o ar, deixando Edwin atordoado e mr. Ethics tonto.

"Seis anos de Tom Clancy, imbecil!", esbravejou mr. Mead enquanto o candidato a assassino, aturdido e com os ouvidos zumbindo, cambaleava e caía.

Depois, calmamente e sem dizer palavra, mr. Mead tirou o pé-de-cabra das mãos de Edwin. Sentou-se em cima da mesa e, balançando a cabeça, examinou a cena deplorável à sua frente: um assalto atabalhado, cometido por um ex-empregado desleal; um condenado fugido da prisão e ex-autor rolando no chão com as mãos tapando os ouvidos e soluçando; e no mínimo cinco mil dólares em danos ao revestimento das paredes e à esquadria da porta da sua sala.

"Vamos começar com você, Edwin. Você veio aqui para me roubar. Por quê?"

Nesse ponto, exausto e derrotado, Edwin não viu motivo para mentir. "Eu queria contratar um pistoleiro para matar Tupak Soiree."

"É mesmo? Deixe ver se entendi corretamente. Você queria usar o meu dinheiro para contratar alguém para matar o meu autor que mais vende?"

"Isso."

"Sei." Mr. Mead pousou o pé-de-cabra de atravessado sobre o colo, como um professor com uma vareta. "Bom, não contrate o Bob. Ele é tão bom assassino quanto sonegador de impostos."

Com dificuldade, mr. Ethics pôs-se de joelhos. Continuava tapando os ouvidos com as mãos, mas já quase não

soluçava.

Tinha o rosto úmido de lágrimas de medo e de raiva inútil. “Vá para o meio do inferno, Léon!”

“Você conseguiu fugir de uma prisão de segurança máxima? Estou impressionado, Bob. Está me ouvindo? Devo falar mais alto?”

“Estou, estou”, disse, parecendo prostrado. “Estou ouvindo, sim. E só que... não é justo. Não é justo.”

“Outro insight brilhante de mr. Ethics”, disse mr. Mead. “O mundo não é justo. Bravo. Vou aguardar ansioso pelas atualizações que virão a seguir. Talvez você tenha notado que a cor do céu, por incrível que pareça, é azul. Ou que, quando a gente larga um objeto, ele tende a cair. Ou que gente rica pode fazer o que quiser. Ou que os políticos tendem a mentir. Ou que...”

“Chega”, disse Edwin, em voz baixa. “O senhor ganhou, portanto poupe-nos do tom paternalista. É óbvio que está se divertindo com a situação.”

“Ah, estou. MUITÍSSIMO. Mas não da maneira como você supõe. Não, estou me divertindo porque isto prova que nem tudo vai bem na Terra dos Felizes. Prova que o mundo continua sendo um lugar mau e nojento. É assim que deve ser: editores tentando matar autores, autores tentando matar editores. Acho” — procurou a palavra, a palavra certa — “inspirador.”

Mr. Ethics pôs-se lentamente de pé. “Então não vai me entregar?”

“Entregar você? Ora, claro que não. Antes ler outro livro imbecil de Tupak Soiree. Bom, você ainda prefere conhaque claro ao escuro? Prefere? Quanta ignorância! Vejamos” — pôs o pé-de-cabra de lado e começou a examinar o bar. — “Ah, sim. Olson’s Own. O melhor conhaque norueguês das catacumbas de Oslo. O que é que vocês dizem?”

Edwin e mr. Ethics se entreolharam, ambos tentando avaliar a situação, nenhum dos dois querendo fazer o primeiro movimento.

“Para mim, não, obrigado”, disse Edwin, um pouquinho à vontade demais. “Acho que vou andando. Os senhores vão querer

falar dos velhos tempos. Talvez queiram encher a cara e ficar sentimentais. Eu os vejo mais tarde". E se encaminhou para a porta, de mãos nos bolsos. Só faltou assobiar.

"Não tão rápido", disse mr. Mead, e Edwin estacou. "Você não vai me dizer quanto?"

"Como?"

"Quanto eles querem? Quanto estão pedindo?"

"Para matar Tupak Soiree? O preço que me deram foi cinqüenta mil dólares. Infelizmente, estou meio curto de dinheiro no momento."

Mr. Mead assentiu. "E você acha que o que está fazendo é moral? Acha que mandar liquidar um autor que o público adora é comportamento apropriado?"

"Bem, não sei se é moral ou não. Mas acho que é o correto." Edwin não tinha certeza do rumo que a conversa estava tomando.

"Por que não perguntamos ao especialista? Bob?"

Mr. Ethics estava recurvado, tomando seu conhaque com as duas mãos em torno do copo, e não ouviu a pergunta. "O que foi que você disse? Os meus ouvidos ainda estão zumbindo."

"E ético mandar matar Tupak Soiree?"

"Depende", respondeu mr. Ethics, lentamente a princípio, mas logo se animando com o tema. "Depende de a gente adotar uma abordagem kantiana ou uma abordagem utilitarista. Uma posição de 'que se faça justiça, ainda que os céus desabem' versus uma posição de 'o maior bem para o maior número'. E com certeza mr. Soiree trouxe muita felicidade® para muita gente."

Houve uma pausa breve enquanto eles refletiam.

"Estou com Kant", disse Edwin.

"Eu também", disse mr. Ethics. "Vamos matar o filho-da-puta. Vou contribuir para o seu fundo para contratar um pistoleiro. Eu tenho...", remexeu nos bolsos e tirou um punhado de moedas, "...oitenta e nove centavos. Pode parecer pouco, mas a contribuição moral deve ser colocada num contexto correto e proporcional. Estes oitenta e nove centavos são tudo o que tenho."

“Vejam”, disse Edwin, fazendo o cálculo mental. “Com isso ficam faltando 49999,10 dólares. Acho que tenho dez centavos aqui em algum lugar. Quanto ao resto... Mr. Mead?”

Mr. Mead não disse nada por um longuíssimo tempo. Quando finalmente falou, saiu-se com o que pareceu um típico non sequitur.

“Robert Lewis”, disse, e houve outra pausa longa. “Robert Lewis. Era esse o nome do piloto do Enola Gar. Capitão Robert A. Lewis. Era esse o nome do homem que jogou a bomba em Hiroshima em 6 de agosto de 1945. E sabem qual foi a reação imediata dele? Sabem o que ele disse quando viu a luz ofuscante e a nuvem que se erguia? ‘Meu Deus, o que foi que nós fizemos?’ É assim que estou me sentindo neste momento. Eu publiquei o livro de Tupak Soiree, eu o promovi quando começou a decolar, reembalei o livro e continuei vendendo em cem formatos diferentes. Agora, a única coisa em que consigo pensar é: “Meu Deus, o que foi que nós fizemos”? P que foi que nós soltamos pelo mundo?’. E agora vocês me pedem que participe dessa pequena cruzada de vingança. Pedem que eu ajude a mandar matar Tupak Soiree.” Léon tirou uma última e longa tragada da cigarrilha e depois a apagou no cinzeiro de tartaruga com borda de folha de ouro. “Está bem”, disse. “Vamos matá-lo.”

Edwin se viu prestes a esmurrar o ar e dizer “Isso!”, mas o seu senso de decoro levou a melhor e ele optou por assentir solenemente com a cabeça.

Todos voltaram a atenção para o cofre de parede atrás do bar. “O código é mesmo ‘sensibilidades pós-modernas’?”

“Não”, respondeu Mr. Mead. “E Wordstock. Word, entendeu?”

‘Ahh’, fez Edwin, fingindo que ria. O senso de humor absurdo do baby boomer — não havia como levar a melhor sobre ele.

“Mas não vou abrir o cofre”, disse Mr. Mead. “Cinquenta mil? Pode esquecer. Está pensando que eu sou feito de dinheiro?”

Edwin foi tomado de surpresa. “Eu achei que...”

“Se quer que alguma coisa seja feita, faça você mesmo. Vá me buscar outro drinque, Edwin. Tenho uma coisa para lhe mostrar. Uma coisa melhor do que dinheiro.” Mr. Mead passou a mão por um painel lateral, encontrou o ponto G escondido e apertou. Abriu-se um armário e Mr. Mead disse: “Lembra do Águia dos Bálcãs? Do Chefe Maluco Mulligan?”

“Ah, sim. O general. O que foi que aconteceu com ele?”

“Ele dá um curso de controle de raiva à Tupak Soiree em algum lugar em Iowa. Mudou o nome para Chefe Levemente Mal-Humorado Mulligan. Não parece a mesma coisa, mas o que é que se há de fazer? O fato é que, antes de entrar em alegre sintonia com o universo, o general me deu um presentinho, um símbolo da sua gratidão.” Mr. Mead enfiou as duas mãos no armário e tirou o próprio futuro: frio, brilhante e letal. “Atku 1 . A próxima geração em defesa doméstica. Tem todos os extras e acessórios. Balas explosivas com ponta de magnésio. Mira noturna. Trava de laser. Você só aponta e dispara. E a câmara Instamatic dos armamentos de alta tecnologia. E eu lhes digo uma coisa: Clancy ficaria roxo de inveja se soubesse que eu tenho uma beleza destas. Esta arma” — Mr. Mead lançou um olhar desdenhoso na direção de Mr. Ethics — “é à prova de idiotas. Um completo imbecil poderia usar uma arma destas. Quero dizer, você teria que ser um retardado mental, um total...”

“Está bem, já entendi!”, disse Mr. Ethics.

“E quem vai fazer?”, perguntou Edwin.

“Vamos tirar na sorte”, respondeu Mr. Mead. “Quem perder, mata Tupak — ou quem ganhar, dependendo do ponto de vista. Eu, pessoalmente, adoraria fazer isso, mas não posso. Artrite.” E ergueu os dedos retorcidos.

“Polegar quebrado!”, disse Edwin rápido, exibindo o dedo.

“Ah, vamos”, disse Mr. Ethics. “Você não puxa o gatilho com o polegar. Além disso, você é jovem e ágil. Eu indico Edwin.”

“É?” disse Edwin. “Bom, o senhor conseguiu fugir da prisão, portanto também deve ser bem ágil.”

“É verdade”, disse Mr. Mead. “Com essa ele pegou você, Bob.”

“Mas eu falhei na tentativa de matar você, Léon, lembra? O que só prova que sou mau candidato para a tarefa. Eu digo que cada um deve agir de acordo com suas habilidades. Léon entra com a arma, eu entro com a supervisão ética e Edwin entra com o vigor juvenil. É uma suposição apriorística que as guerras são travadas pelos jovens.”

“Isso é discriminação de gerações”, retrucou Edwin, amargo. “Por que é que eu não posso entrar com a supervisão ética?”

“Porque você não tem a experiência de vida necessária”, respondeu mr. Ethics. “A sabedoria requer tempo, Edwin. Requer certo senso de perspectiva, algo de que a juventude de hoje, lamentavelmente, carece.”

Mr. Mead já estava farto. “Vamos tirar na sorte, está bem?”

Edwin e mr. Ethics trocaram olhares soturnos e assentiram, concordando. Ia ser na sorte.

“Ótimo”, disse mr. Mead. “Vai ser na sorte. Mas antes o Edwin talvez possa explicar o que aconteceu com a minha falsificação autêntica de Warhol.”

43.

Lá nas alturas alpinas do seu retiro nas montanhas, enquanto a neve caía de mansinho por entre galhos de abeto e o ar frio e limpo soprava por sobre picos distantes... Tupak Soiree enfiava o dedo no nariz. Estava com o indicador lá no fundo, tentando remover o que parecia um pedaço de meleca úmida.

Tupak Soiree não era o Anticristo. Também não era um cérebro maléfico. Na verdade, depois de conhecê-lo a gente via que era um sujeito bem afável, ainda que fosse responsável pelo declínio da civilização ocidental como a conhecemos. Morava numa cabana espaçosa e luxuosa que dava para um vale panorâmico nas montanhas. (Embora cabana provavelmente devesse estar entre aspas: era um vasto conjunto de mansões pseudo-rústicas interligadas e não apenas uma “cabana”.) Tupak era dono de metade da cidade lá embaixo e da maior parte das montanhas na vizinhança. Não quisera ser um messias nem sentia prazer com o culto de personalidade que se formara tão depressa em torno do seu livro — não no começo. Mas, afinal, ele ainda era humano, ainda era um homem, e como tal era tão suscetível à lisonja e à tentação quanto qualquer outro. (Desde que o outro fosse um pervertido com fetiche por couro.) Quando as mulheres começaram a lhe escrever, oferecendo-lhe sua “sensualidade cósmica”, quem era ele para negar a elas essa felicidade®?

Assim como a maioria dos gurus autoproclamados, Tupak Soiree era surpreendentemente despido de imaginação quando se tratava de saciar desejos e caprichos. Muito sexo e a bajulação constante de subalternos — bastava isso. Tinha feito um grande esforço mental e não conseguira encontrar nada de melhor.

E, diga-se a verdade, Tupak já estava entediado com o cortejo de beldades que desfilavam pela sua vida, cansara-se do seu “harém sagrado e feliz” e com as demandas constantes e tediosas delas. Sobretudo a mais nova, a que se chamava Luz do Sol Feliz, a que estava sempre a importuná-lo. “Eu pareço iluminada? Pareço?”

“Sim”, dizia ele, enfasiado, pela quadricentésima vez no dia. “Você parece iluminada.” “De verdade? Você não está dizendo isso só por dizer?” “Não, não, você parece ótima. Parece completamente iluminada.” “Porque, hoje, não estou me sentindo muito iluminada.” É verdade que, ao chegar, ela trouxera uns trocados consigo — não muito, menos de dois milhões, mas fora um gesto simpático assim mesmo. (Tupak gastava mais do que isso por mês em petiscos. Quando Luz do Sol Feliz entregou o dinheiro, que parecia ter roubado do marido, Tupak apenas o jogou na pilha. Praticamente não havia um dia em que não aparecesse alguém ofertando relógios Rolex ou sacos de rubis. Estava começando a perder a graça.)

“Pareço iluminada? Pareço? De verdade?”

Depois de uma semana disso, Tupak sugeriu que ela partisse numa “busca da visão” ao longo da cordilheira do Perigo, lá embaixo. “Fica bem fundo na floresta”, disse. “Vá sempre em frente - de olhos fechados, talvez, para se concentrar melhor. Foi assim que eu atingi a iluminação.”

“Mas eu achava que tivesse sido no Tibete.”

“Tibete. Colorado. Qual é a diferença?”

Infelizmente, porém, ela não quis se afastar da sua presença resplandecente, nem mesmo por um momento. Nem mesmo por um maldito momento. “Quer me dar licença? Eu estou tentando fazer um xixi.”

Não era fácil ser o Supremo Espírito Iluminado do Universo. Não era fácil ser o Mais Venerado Pensador de Nossa Era. Tinha que estar sempre “ligado”, sempre pensar em alguma coisa inteligente para dizer quando a conversa perdia o ânimo; nunca podia dizer “não sei” ou “nem desconfio”. Tupak se perguntava com frequência se sir Isaac Newton e Albert Einstein tinham experimentado dificuldades semelhantes. Com frequência se perguntava se eles tinham sentido a mesma “pressão para desempenhar”.

Ainda assim, havia vantagens em ser guru e eram agradáveis: dinheiro, fama, pródiga ostentação e intermináveis aparições na mídia. Tupak adorava dar entrevistas, adorava conhecer celebridades. Quando conheceu Oprah, ficou aturdido como

qualquer tiete, e certa vez, nos bastidores, dividiu uma sala com — ah, mas não tem importância. Agora eram as celebridades que vinham a ele. Havia momentos, tarde da noite, quando todo mundo dormia, em que Tupak Soiree vagava pelos corredores de sua mansão enorme e pensava: Por que me sinto tão triste? Por que me sinto tão melancólico? O que é que me falta? Se ao menos... Talvez um dia...

Sentia saudade da infância (que não passara em Bangladesh; Tupak mal conseguia soletrar a palavra Bangladesh), e sentia saudade, sobretudo, dos dias despreocupados de faculdade. Talvez devesse ter se especializado em computação. Fizera um único curso de código Unix, no segundo ano, e se maravilhara com a beleza do sistema binário, ficara totalmente encantado e fascinado com a seqüência clara de 1s e Os, aquele interminável ou/ou a partir do qual se podiam moldar padrões complicados e ilimitados. Fora o mais próximo da iluminação que Tupak já experimentara.

Parado ali, ao luar, cutucando o nariz, suspirou. “Talvez eu devesse mesmo ter ficado na computação.”

Quando construiu o retiro na montanha e, depois, comprou a cidade abaixo, brincou com a idéia de criar uma vasta rede de aprendizado de informática, com o que houvesse de mais recente em equipamento e só um aluno: ele. Montou uma sala de aula com os computadores mais sofisticados que o dinheiro podia comprar. só que vieram de graça. Um presente daquele cara meio pateta, que usava óculos e tinha mau hálito. Qual era mesmo o nome dele? O acólito que estava sempre se oferecendo para lavar os pés de Tupak? Bill? Billy? Isso, era isso. Billy Gates. Tupak pedira a Gates que lhe desse algumas dicas, que lhe mostrasse como entrar nas salas de bate-papo (quase todas sobre Tupak Soiree, de modo que ele talvez pudesse entrar com um nome falso, para ouvir às escondidas). Mas Billy, de joelhos à sua frente e prestes a tocar o chão com a testa, protestara. “Não, não, não. Eu não poderia lhe ensinar essas coisas. O senhor é divino demais para sujar as mãos com coisas profanas como surfar na internet.”

Então Tupak mandara açoitá-lo.

Foi um grave erro da parte de Tupak. Açoitar Billy Gates, manter um harém e o hábito de comparecer demais a programas de entrevistas tinham provocado uma resposta rápida e sarcástica de M.

Foi uma nota sucinta, que fez Tupak tremer de medo:

Mr. Soiree: O senhor parece estar se divertindo um pouquinho demais nos últimos tempos. Eu o aconselharia a conter alguns de seus excessos mais desagradáveis. Lembre-se de que eu conheço o seu segredo. Sei a verdade a seu respeito. Eu o fiz e posso liquidá-lo com a mesma facilidade. Por isso, trate de acabar com os absurdos ou irei pessoalmente até aí para dar um pontapé na sua bunda flácida e fazê-lo rolar montanha abaixo. Isto não é uma ameaça. É uma promessa. Sinceramente, M.

Em pânico, Tupak cancelou todas as aparições na televisão e convocou uma assembléia para dizer a todos que parassem de chamá-lo de Iluminado. "É só um livro", disse. "só um livro de auto-ajuda."

"Sim, ó Iluminado", entoaram todos.

E agora isto: uma coisa grudada bem no fundo do nariz e por mais que cutucasse, não conseguia chegar lá. "Droga, é nisso que dá fazer as unhas todos os dias. Fica absolutamente impossível cutucar o nariz." O pior é que, num acesso de irritação por ter sido repreendido por M., havia dispensado os lacaios de toda a ala leste, de modo que não havia ninguém à mão para escarafunchar o nariz por ele. Teria que se virar sozinho. A vida simplesmente não era justa.

Bem acima do retiro nas montanhas, Edwin de Valu estava agachado no meio do mato.

De mãos trêmulas, coração disparado, atarraxou o visor noturno do Atku e ajustou a mira. Estava difícil controlar a respiração, tentar não hiperventilar. Como foi que Edwin de Valu, um humilde editor, acabara de tocaia numa floresta, pronto para dis-

parar contra o escritor da pilha de baboseiras que ele um dia tirara do anonimato? Simples. Edwin tinha puxado a palha curta. "Muito bem", disse mr. Mead. "Está resolvido." "Sim, sim!",

disse mr. Ethics. Edwin exigiu que tirassem a sorte mais duas vezes, mas perdeu de novo. Em seguida tentaram com cartas e com uniduni-trê-salamê-mingüê, e Edwin perdeu todas. “Está bem”, disse, zangado. “Eu faço. Mas vocês dois têm que fornecer apoio.”

Levara três dias para chegar ao Colorado e mais dois para chegar ao pé da isolada residência de Tupak nas montanhas. Com Ethics e Mead instalados num dos poucos hotéis ainda abertos na localidade e dispostos a enfrentar qualquer emergência, Edwin lançou a arma ao ombro e preparou-se para fazer a longa caminhada sozinho. “Não se preocupe”, disse mr. Mead. “Estaremos bem aqui, prontos para agir, caso alguma coisa dê errado. Não é, Bob?”

“Claro”, disse Bob, enquanto saqueava o frigobar do quarto. “Estaremos bem atrás de você. Ei, olhem! Castanhas de caju!”

Acompanharam Edwin até o início da trilha e despediram-se com “vá com Deus”, “boa sorte” e outras fórmulas talismânicas de proteção.

Enquanto Edwin de Valu se arrastava montanha acima, Mead e Ethics voltaram para o quarto no motel. “Já lhe contei sobre os meus dias de juventude?”, perguntou mr. Mead durante o trajeto. “O tempo de faculdade, quando eu trabalhei no circuito dos parques de diversões durante as férias de verão?”

“Você trabalhou nisso?”, perguntou mr. Ethics.

“Ah, sim. Prestidigitação, jogo das três cartas, argolas, tudo.”

Edwin, com as pernas doendo e o ombro tenso, abriu caminho por entre a neve e os galhos de pinheiros atrás da casa de Tupak. Felizmente para ele, a equipe de guarda-costas de Tupak fora infiltrada fazia muito tempo pela “mensagem” e agora passava a maior parte do tempo em que não estava dormindo na ávida busca da serenidade. Edwin passou ruidoso por um guarda sentado no seu abrigo, com as pernas entrelaçadas num nó e entoando o cântico aum soiree.

Se pudesse voltar no tempo e tivesse a oportunidade, você mataria Stalin? Essa era a pergunta que Edwin fazia a si

mesmo. E a resposta, inevitável, era sim. Edwin de Valu teria matado Stalin. E Tupak Soiree era o Stalin da Nova Era. Jogara uma bomba de nêutrons de amor em cima do mundo e tinha que ser detido. No fundo, Edwin sabia que estava certo, mas mesmo assim se sentia nauseado e atormentado pela dúvida. Refletir filosoficamente sobre uma questão era uma coisa; puxar o gatilho era outra, bem diferente.

Edwin espiou pela mira.

“Você não pode errar”, garantira mr. Mead. “É à prova de idiotas.” No mundo verde líquido do visor noturno, as paredes e as janelas do refúgio alpino de Soiree entravam e saíam de foco. Edwin estava acompanhando a parede interna, examinando o interior, quando, de repente, em nítido relevo, o rosto de Tupak Soiree surgiu em plena vista. Foi tão inesperado que Edwin arquejou alto. Depois, forçando-se a permanecer calmo, visou o rosto de Tupak e lentamente deslizou o dedo para o gatilho.

Tupak andava de um lado para o outro, de dedo enfiado no nariz, mas Edwin não o perdia de vista, da maneira como o puma faz com a presa. “É isso.” Edwin respirou fundo. Pensou em May. E, no intervalo entre dois batimentos cardíacos, puxou o gatilho.

Uma janela estilhaçou-se numa saraivada de vidro. Um jorro de sangue e cartilagem explodiu da cabeça de Tupak, o guru tombou para um lado e caiu.

A explosão foi seguida de silêncio total. Edwin espiou pelo visor, atento e à espera. Nada. Tupak Soiree caíra atrás de uma mesa e Edwin podia ver o buraco aberto pela bala na parede atrás. Sabia que se a bala tivesse atravessado a cabeça de Tupak não havia chance de sobrevivência. (Mr. Mead explicara que aquelas balas explodiam ao sair, e que a onda de vácuo que isso criava sugava o que elas tivessem atravessado.) Assunto encerrado. Tupak Soiree estava morto, e Edwin estava para travar a arma, jogá-la sobre o ombro e desaparecer na noite, quando teve um vislumbre de — alguma coisa. Um movimento. Um assistente correndo para junto de Tupak? Não. Pior do que isso. Muito pior.

Tupak Soiree estava se levantando, pesadamente, com dificuldade, e berrando como um touro atingido. Estava com a mão levantada e olhava horrorizado para o sangue que jorrava do lugar onde antes havia um dedo. Devido ao medo e à dor, Tupak havia inalado com força e agora estava com o indicador firmemente alojado no alto da passagem nasal. "Ah, meu Deus! Socorro! Alguém me ajude!" Edwin entrou em pânico e disparou mais três vezes, sem mirar. As balas atingiram espelhos de bronze e vasos Ming, lançando pétalas de rosas e água para o alto, enquanto Tupak fugia gritando num choro abafado e de nariz entupido.

"Merda!"

Edwin despenhou-se montanha abaixo, sem se dar ao trabalho de se esconder, e abriu com um pontapé as portas do pátio de trás. Por que é que o filho-da-puta não podia simplesmente morrer? Encontrou Tupak agachado num canto, paralisado de medo. "O que é que você quer? O que é que você quer?"

Edwin estava sem fôlego, com o coração disparado e o rosto coberto de suor. "Desculpe", disse. "Mas tenho que matá-lo." Edwin tentou o rifle, sem jeito. Não era assim que tinha imaginado o seu primeiro encontro cara a cara com Tupak Soiree. "Desculpe. Mas eu tenho."

Estava prestes a arrebentar o cérebro celestial de Tupak Soiree. Mensageiro do Amor, Apóstolo da Serenidade, quando notou o dedo, ainda se contorcendo, enfiado no nariz de Tupak. Aquilo não era jeito de um homem morrer... Sem pensar, estendeu a mão, arrancou o dedo do nariz do guru e depois, com um farrapo de cortina, amarrou um torniquete em torno do toco. "Faça pressão aqui", disse. "Não está sangrando muito. Talvez o calor da explosão tenha cauterizado o ferimento. Acho que dedo não tem artéria, portanto não deve ser tão grave quanto parece."

"Obrigado", disse Tupak, com voz trêmula.

"Está vendo?" O sangramento tinha praticamente parado. "Continue fazendo pressão e com a mão levantada e vai dar tudo certo, está bem?"

Tupak sorriu corajosamente por entre a dor e as lágrimas. "Está bem", fungou.

"Assim está melhor. E agora eu tenho que matá-lo."

"Não, não, não, não, por favor, meu Deus, não. Pelo menos... pelo menos me diga quem você é."

"Eu sou, hmmm, o seu editor."

"Eu tenho um editor?"

"Na Panderic. Lembra? O livro? Conversamos pelo telefone várias vezes."

O medo de Tupak diminuiu. "Edward?"

"Win. Edwin. Espero que isto não azede o relacionamento entre editor e autor, que deve se basear em confiança mútua, mas"... Recuou um passo e ergueu a arma. "Adeus, Tupak."

"Mas eu não fiz nada! Nem mesmo escrevi aquele livro."

Edwin estacou. "Eu sabia! Foi um computador, não foi?"

"Você é um gênio do mal. Você programou um computador para datilografar um manuscrito de mil páginas."

"Não, não", soluçou o guru. "Eu não sou um gênio. Não sou um mestre. Sou só um ator."

"Um ator?"

"Meu nome é Harold T. Lopez. O T é de Thomas. Por favor, não me mate. Sou formado pelo Programa de Teatro da Faculdade Comunitária Tri-Estadual. Eu nunca nem estive em Bangladesh. Por favor, não me mate."

Edwin baixou a arma. "Harry? O seu nome é Harry?"

O guru engoliu um soluço e assentiu.

"Mas se não foi você quem escreveu o livro... quem foi?"

Harry Lopez (ou Tupak Soiree, ou Mestre do Universo) vasculhou freneticamente nas gavetas de sua mesa sob o olhar de Edwin. sentado a um lado, de Atku-17 a postos. A mão de Harry latejava de dor e estava enfaixada numa bandagem improvisada, o que tornava difícil remexer em papéis, mas ele estava fazendo o melhor que podia. A ameaça de morte iminente tende a concentrar a mente.

"Achei", disse. "Aqui está, está vendo? Este é o meu currículo e esta é a minha foto oito por dez. Não é a melhor foto,

quero dizer, estou parecendo no mínimo cinco quilos mais gordo. Está vendo? Estes são os créditos dos meus filmes. Esta lista é de teatro ao vivo, e esta é a minha professora. Você pode telefonar para ela, se quiser, ela vai confirmar.”

Edwin olhou, em silêncio, incrédulo. Era de fato o currículo de Tupak Soiree. “Você é descrito como ideal para bandidos e/ou amantes latinos morenos?” Edwin ergueu uma sobrancelha.

“Foi idéia do meu agente”, disse Harry, um tanto acanhado.

“Você sabe mesmo dançar sapateado e tocar saxofone?”

“Não. Quero dizer, não de verdade. Mas todo mundo enfeita o próprio currículo, não é?”

Edwin pôs a arma de lado e fez a pergunta, a única que importava: “Quem é Tupak Soiree? O verdadeiro Tupak Soiree”.

A resposta que ouviu não foi a que esperava. “Tupak Soiree não existe. Nunca existiu. É um embuste. Você foi enganado, Edwin. Eu fui só contratado como uma espécie de dublê, e isso porque o seu chefe começou a oferecer dinheiro por entrevistas. Fui contratado para lidar com a mídia, para dar entrevistas, para ajudar a promover o livro, para dar aos leitores um ponto de convergência para a adoração deles. Tupak Soiree não existe. É só um papel, um papel que eu fui contratado para desempenhar.”

“Quem, Harry? Quem contratou você?”

Harry respirou fundo. “Um cara de Paradise Flats. Um cara chamado McGreary. Jack McGreary.”

Edwin encostou na cadeira. “McGreary. Por que é que esse nome me é tão familiar? Ele não era o seu senhorio?”

“Não. Ele nunca foi meu senhorio. Eu nem o conhecia, até que ele apareceu na agência de atores em Silver City. Eu estava fazendo teatro, pequenas peças introspectivas de mímica para só um ator, um trabalho experimental — fiz uma peça desconstrutivista que consistia inteiramente num único som: ‘Mu’. Foi muito bem recebida, sobretudo pela imprensa alternativa. A comunidade artística local saudou-a como...”

“Harry? Eu tenho uma arma, lembra?”

“Desculpe. Onde é que eu estava?”

Edwin emitiu um som entre suspiro e rosnado.
“Fazendo teatro comunitário em Silver City.”

“Isso, e mr. McGreary apareceu e perguntou se eu gostaria de ganhar um montão de dinheiro e morar numa mansão. Eu

respondi que sim, por razões artísticas óbvias. Quero dizer, era o papel de uma vida inteira. Ele perguntou se eu achava que podia representar um místico indiano. Bom, a minha mãe era italiana e o meu pai era mexicano, de modo que não achei que desse realmente para eu fazer. O que é que eu sei sobre a Índia? Mas mr. McGreary disse: ‘Não se preocupe com isso. Lembra de Archibald Belaney? Um inglês de olhos azuis que convenceu o mundo todo de que era um ancião nativo chamado Coruja Cinzenta? Ele enganou todo mundo durante anos. As pessoas vêem o que querem ver’. Aí eu pensei ‘ora, por que não?’, e aceitei o papel. Não houve teste, não houve nada. só um aperto de mãos e uma participação na bilheteria, por assim dizer. Fui contratado um pouco antes da primeira entrevista para Oprah.” Harry chegou mais perto, sentou, olhou com ar de súplica para Edwin. “Você tem que acreditar em mim. Jamais sonhei que fosse terminar assim. A coisa escapou de controle. Primeiro eu gastei a maior parte do meu dinheiro pagando ex-amigos. Você sabe, subornando colegas de classe, distribuindo dinheiro entre professores da faculdade. Depois eles começaram a ler o livro e a me devolver o dinheiro. Disseram que eu era um gênio, mesmo quando eu disse que não tinha escrito nem uma palavra do livro. só decorei alguns trechos.”

“Eu sei. Eu vi você declamando insights mecanicamente.” “Desculpe”, disse Harry. Ele estava arrependido. Remexeu-se na cadeira, mantendo a mão enfaixada no ar, e disse: “Não sou má pessoa... Sou só um mau guru. Você tem que entender. Foi uma atuação. Eu estava representando, mais nada. Estava sempre esperando que alguém descobrisse, mas ninguém descobria. Era como se todo mundo quisesse ser levado na conversa. Era como se preferissem que a ilusão fosse à realidade. Eu não conseguia acertar nem o sotaque. Fiz só um curso de introdução

a dialetos, mas nunca aprendi as variações indianas. Estudei cockney e todos os sotaques britânicos, mas paquistanês e indiano era só no segundo ano, e... eu optei por informática. Foi por isso que mr. McGreary escolheu uma aldeia obscura no norte de Bangladesh como minha cidade natal. Achou que ficava mais provável que ninguém nunca tivesse ouvido falar do lugar. Tive dificuldade com o sotaque. O que é péssimo, porque o meu sotaque irlandês é ótimo. E mesmo. Tirei um B+. Quer ouvir?"

"Poupe-me."

"Mas eu faço um Limerick excelente", insistiu Harry.

"A arma, Harry. Lembra?"

"Ah", fez Harry, esvaziando os pulmões.

"Não me interessa a nota que você tirou em introdução aos dialetos do inglês, está bem?"

Harry baixou os olhos, abatido. "Mr. McGreary também disse isso. Só que não foi assim educado como você. Ele disse: 'Seu imbecil. Quem é que vai acreditar num ítalo-mexicano-americano com sotaque irlandês e um nome como Tupak Soiree?. Não parava de me bater na cabeça. Ele não é uma pessoa muito agradável. Eu acho que ele precisa mesmo entrar em contato com a criança interior dele."

"Onde é que ele está agora? Esse mr. McGreary, onde é que eu o encontro?"

"Pelo que eu sei, ele continua em Paradise Flats."

Edwin levantou-se para ir embora. "Obrigado, Harry. Foi um prazer. Desculpe pelo dedo."

"Ouça", disse Harry. "Se você for a Paradise Flats, tome cuidado. Ele é cruel."

44.

May Weatherhill mudou o nome para Algodão-Doce e, como gaze ao vento cálido de outono, flutuou de uma comunidade aberta para outra, até se instalar num Convento da Felicidade® Comunidade Oneida, Sucursal 107, no norte do estado, onde se viu cercada de pessoas igualmente afetuosas.

Ali os dias se esgotavam, um após o outro, e o tempo parecia dissolver-se. Não havia calendários nem relógios, não havia como dividir o mundo em horas, minutos ou dias. Não havia manhãs deprimentes de segunda-feira, noites alegres de sexta-feira, nem tardes solitárias de domingo.

May vagava pelos canteiros de ervas aromáticas e medicinais, conheceu e fez amor com uma série de estranhos também vestidos de branco, e sorriu até que o rosto e o coração ficassem amortecidos. Sentia que seu mundo lentamente se punha em equilíbrio. Em estase. Tinha sempre as mesmas conversas. As pessoas mudavam, um rosto radiante e entusiasmado era substituído por outro, mas a conversa era intercambiável. Ninguém fazia observações cáusticas. Ninguém fofocava. Ninguém jamais

chorava, ou ria, até ficar com o peito doendo e os olhos embaçados. Não havia riso. Não havia lágrimas. Era, no sentido mais verdadeiro da expressão, o paraíso na Terra. Todo mundo estava sempre de acordo, sempre passando de um círculo para outro. Ninguém sabia nada sobre May, mas todos a amavam bastante. O sol era quente e as pessoas eram bonitas: vegetarianos afetuosos e holísticos, vestidos de roupas simples, feitas em casa. Havia flores espalhadas diante das portas, rocas que giravam interminavelmente à noite, e as noites eram longas e os crepúsculos, dourados.

E May estava feliz. Muito, muito feliz. A superfície de sua vida era plácida e calma, e quando ela se olhava no espelho, já não via uma pessoa incompleta, já não via um conjunto de defeitos e deficiências. Na verdade, mal se via. Não que isso tivesse

importância. No sétimo dia, as Irmãs da Felicidade® removeram todos os espelhos do convento, expulsando o orgulho, a insegurança e a vaidade com um único ato.

Talvez tenha sido a proximidade com o Sheraton Timberland Lodge que começou a minar a calma de May. Todo dia, na longa caminhada que fazia descalça até o mercado de agricultores locais, ela passava pelo hotel, agora deserto e invadido por mato e trepadeiras, e, ao passar, sussurrava um nome, o nome que continuava a confundi-la, a enfurecê-la, a seduzi-la, a irritá-la: “Edwin de Valu”. Edwin, onipresente devido à ausência, criava ondulações sombrias logo abaixo da superfície de sua calma, gerando torvelinhos perigosos e correntes imprevisíveis que ameaçavam emborcar tudo.

Os dias continuaram a esgotar-se, um após o outro. As ervas cresceram, o hotel ruiu. A vida de May entrou numa faixa de Moebius — os dias repetiam-se interminavelmente, os sorrisos eram constantes.

Então, um dia, chegou uma carta. Chegou como uma pedra atirada por um vitral, sob o disfarce de serenidade e felicidade®, com a mensagem “Glória a Tupak Soiree!” escrita em letras grandes no envelope, numa letra trêmula mas resoluta. (Edwin ainda estava se acostumando com o polegar torcido, ainda encontrava dificuldade em manter as palavras numa linha reta.)

Dentro do envelope, a letra era igualmente trêmula, mas os sentimentos não eram. Era uma mensagem ousada e clara, e no alto da página, em maiúsculas grandes, Edwin rabiscara: UM MANIFESTO PARA MAY. E, abaixo:

Agora eu sei o que estava errado. Não se trata de fumar demais, usar maquiagem demais nem de comer alimentos de baixo valor nutritivo em excesso. É muito mais profundo do que isso. A falha central em toda a filosofia de Tupak Soiree é esta: ele não entende a verdadeira natureza da alegria.

Alegria não é um estado de ser, May. É uma atividade. Alegria é verbo, não é substantivo. Não existe independentemente de nossas ações. A alegria é para ser fugaz e transitória, porque nunca se destinou a ser permanente. Mono-no-awaré, May. “A

tristeza de todas as coisas.” A tristeza que permeia tudo, até a própria alegria. Sem ela, a alegria não pode existir.

Alegria é o que nós fazemos. Alegria é dançar sem roupa embaixo da chuva. A alegria é pagã, absurda, matizada de sensualidade e tristeza. Não é serenidade. Serenidade é o lugar para onde vamos quando morremos.

Estou de partida. Estou indo para o sul, rumo ao deserto, para um confronto final. Vou salvar a todos nós da felicidade. Vou recolocar no devido lugar a alegria, a dor e os prazeres culposos da vida.

Vou salvar o mundo, May... E depois venho buscar você.

No pé da página, de atravessado, com força, sublinhado e com muitos pontos de exclamação, Edwin escrevera: Mbukimvuki!!!!.

E pela primeira vez em muito e muito tempo, May começou a rir. Alto. Uma risada de barriga. Um riso profundo, de purgar a alma. Mbuki-mvuki, com efeito! May conhecia muito bem a palavra; era um dos seus “intraduzíveis”, uma palavra banto que significava “tirar a roupa espontaneamente e dançar nu de alegria”. Era uma palavra que tinha a ver com fazer, com abandonar-se, com causar distúrbio.

May visualizou Edwin dançando nu na chuva, uma figura de espantalho, balançando os braços magricelas, numa ode cômica ao vício. Riu e continuou rindo. Edwin. O seu Conan. O seu homem de gestos grandiosos e sem sentido, nu na chuva. Mbuki-mvuki!

“Dá licença? Algodão-Doce?”

May virou-se, com um sobressalto. Era uma das Irmãs da Felicidade Eterna, uma senhora mais velha, com olhos de gazela, grandes e azuis. Parecia preocupada. Muito preocupada. “Eu ouvi você rindo — todos nós ouvimos você rindo — e devo dizer que não pareceu um riso correto. Não pareceu um riso calmo e pacífico, de alguém que está em sintonia com o universo. Na verdade, se eu não soubesse que não é assim, até diria que pareceu um riso um tanto malicioso.”

Mas isso só fez com que May risse ainda mais alto e forte. “Ah, era malicioso. Era muito malicioso.” E, com isso, tirou a Faixa da Serenidade dos ombros, dobrou-o cuidadosamente e entregou-a a irmã. “Acho que já tive felicidade® que bastasse.”

“Oh! Tem certeza? Há alguma coisa de errado? Você não está feliz aqui?”

“Sim. Eu sou feliz®. Esse é o problema.”

E assim, no momento mesmo em que Edwin se preparava

para o confronto final entre as forças da serenidade e as forças do vício, May Weatherhill pegava suas coisas e, com passos revigorados, saía para o jardim e atravessava os Portões da Felicidade®.

Nunca se arrependeu.

PARTE III

Ragnarök

? →

RAGNARÖK NÃO É UM POUCO OSCURO?

- ED.

palavra que é obscura!
é um "intraduzível".
MANTER ASSIM, droga!!
MANTER
W.F.

45.

Depois que Tupak Soiree apareceu em público sem dedo, seus dedicados seguidores no país inteiro começaram a amputar o indicador. Consideraram como “um sinal de comprometimento”, um “símbolo de dedicação”. Tupak não tinha escrito que o mesmo dedo que aponta para a lua cutuca o nariz? E agora, ele, o Grande Mestre, havia retirado o dedo completamente da equação. Interpretou-se isso como um sinal, um sinal de que dali em diante não haveria mais “eu” e “você”, não haveria intermediário, não haveria “dedo” com que apontar. Haveria apenas a experiência direta e pura da verdade, um salto instantâneo para a iluminação. Era como um enigma zen tornado manifesto.

Nada disso foi interpretação do próprio Tupak. Ao seu redor formara-se uma comunidade parasita mas próspera de estudiosos e exegetas, ávidos por interpretar e explicar cada movimento seu. Tupak, como ainda era conhecido, nunca mencionava o dedo que faltava. Não gostava de ser lembrado do que acontecera, e quando, numa intensa manifestação de devoção, alguns dos seus acólitos mais graduados sugeriram que ele conservasse o dedo cortado como “um ícone da atuação do indivíduo”. Tupak os pôs para correr com um porrete. Repugnado com o absurdo que o rodeava, Tupak acabou jogando o dedo no vaso sanitário e puxou a descarga.

Estava farto de passar por guru e começou a tramar o próprio sumiço. O primeiro passo seria renunciar em público à sua divindade — sempre suposta, nunca declarada explicitamente. Era só um maldito livro, pelo amor de Deus. Falava de como emagrecer e parar de se preocupar, de como melhorar a vida sexual e sentir-se bem. só isso. Era um livro de auto-ajuda, mais nada. Por que é que tudo tinha que acabar virando religião nos Estados Unidos? Por que é que tudo tinha que se cristalizar em dogma?

Na manhã seguinte, Tupak Soiree começou a fazer as malas. Não tinha muita coisa, pelo menos nada que não coubesse

numa maleta-padrão e aprovada pelas companhias aéreas para ser acomodada no bagageiro acima do assento: suas túnicas brancas de algodão natural e sem corantes, estavam lhe dando urticária e era impossível remover do banheiro os acessórios de ouro polido. Assim, pôs na mala algumas recordações, vários maços grossos de cédulas e um mapa das residências de Hollywood “Onde os astros saem para brilhar!”. Foi uma despedida solitária. Ele tinha muitos devotos, mas nenhum amigo de verdade. E Harry (como será conhecido a partir de agora) deu uma última caminhada tristonha pela propriedade. “Eu nunca nem estive na cidade”, disse. “E sou o dono do maldito lugar.”

46.

Edwin de Valu estava num entusiasmo só.

A capota estava arriada, o motor vibrava e a linha pontilhada da rodovia passava em disparada, como uma mensagem em código Morse escrita em tinta dourada, como uma linha de tijolos a atraí-lo. Ao lado de Edwin estava o dono do conversível. "Pode me chamar de Léon", dissera ele, magnânimo. Edwin assentira. "Como quiser, mr. Mead."

Infelizmente, mesmo com a capota baixada e o vento soprando forte, o carro ainda fedia a óleo de eucalipto e a sementes de canola. Mr. Mead estava experimentando mais uma cura duvidosa para a queda de cabelo e a sua minguada juba estava grudenta com o preparado. Esfregar no couro cabeludo, vigorosamente, três vezes ao dia, durante as refeições. Verdade que ninguém mais fabricava "curas miraculosas", desde que por toda parte os homens começaram a abraçar, e a celebrar, a própria calvície, mas mr. Mead achara um engradado do tônico meio esquecido no depósito de uma velha farmácia. "Leve o que quiser, quanto quiser", dissera o balconista. "O único preço é um abraço." Ao que mr. Mead dera um soco na cabeça do homem e dissera: "Quando precisar de abraço, eu peço". E assim, desde que partiram, ainda em oleoso combate com a inelutável perda de cabelo, mr. Mead de tempos em tempos regava a cabeça com o preparado. "Não é coisa de charlatão, não", insistia. "Ressuscita mesmo os folículos capilares abaixo da superfície."

"Como quiser, mr. Mead."

Embaixo do assento traseiro escondia-se um perturbado mr. Muggins, que, depois de sobreviver a anos de desprezo de Edwin e a vários atentados contra a sua vida, agora miava queixosamente. Estendido no assento traseiro estava ninguém mais do que mr. Ethics, ansioso pela oportunidade de "matar a pancadas o responsável por Tupak Soiree". ("Não seria de todo antiético desmembrar esse McGreary — lentamente", observara ele pouco

antes. Ao que Edwin respondera: “Não vamos desmembrar ninguém. Pelo menos, não se ele cooperar”.)

Os três cruzados — o baby boomer que perdia o cabelo, o Geração X magro como um caniço e o doutor em filosofia sem coração —, os três estavam de óculos escuros combinando, esportivos, superdescolados. O céu estava pesado de nuvens e a claridade da estrada era mínima, mas o que é uma viagem por terra sem óculos escuros? “Parecemos ótimos”, disse mr. Mead, examinando-se no retrovisor. (Usou o plural majestático, claro.) Havia outra pessoa presente, em espírito, se não de fato: presa com um alfinete no painel, da maneira como motoristas de ônibus equatorianos prendem retratos da Virgem Maria, estava uma foto de Polaroid, velha e ligeiramente embaçada, de May Weatherhill, pega de passagem, rindo numa névoa de vinho, de olhos fechados e lábios de rubi esperando por um beijo que nunca veio.

A paisagem urbana desaparecera fazia muito tempo. Milharais e celeiros bojudos alinhavam-se no alto de colinas onduladas. Cidades pequenas e anônimas vinham e iam, e o deserto se aproximava cada vez mais.

No carro, a conversa era desconexa, com uma singular ausência de propósito. A certa altura, como era de esperar, mr. Mead começou a ruminar sobre o idealismo perdido dos anos 60.

“Woodstock foi um evento seminal na história moderna”, disse.

Do assento traseiro, mr. Ethics riu alto. “Ah, sim. Hedonismo de adolescentes exibido como consciência social. Pois sim. A revolução foi cooptada antes mesmo de começar.”

Mr. Mead virou-se para Edwin e disse, a título de explicação: “O Bob era marxista”.

“Era?”, disse mr. Ethics, erguendo-se. “Ainda sou. Vou lhe dizer uma coisa. O marxismo era mais do que uma ideologia. Era uma religião. Claro, pode parecer antiquado agora, mas nos seus dias incendiou o mundo. Era capitalismo versus materialismo dialético. Bons tempos aqueles, meu amigo.”

“O senhor é comunista?”, disse Eddie, arregalando os olhos de incredulidade. “Comunista de verdade?” Para alguém da

geração de Edwin, era como conhecer o homem de Cro-Magnon em carne e osso.

“O gozado é que os dois sistemas compartilhavam os mesmos pressupostos subjacentes”, disse mr. Ethics. “Capitalismo. Comunismo. Ambos começaram com a crença de que a vida, basicamente, é conflito, competição. Ambos se basearam em noções de desassossego e desigualdade. Um sistema regozijava-se, o outro vituperava contra isso, mas ambos o aceitaram como um fato. Eram mais parecidos do que percebíamos. E agora... uma dúvida perturbadora me persegue.”

“Que dúvida?”, perguntou mr. Mead.

“E se essa história de felicidade® estiver certa? E se essa for a maneira como o mundo termina? Não num paraíso socialista,

não no culto capitalista do interesse pessoal, mas apenas nisso: o fim do conflito. O fim do desassossego. E se for esse o ponto para onde, desde o começo, a viagem estava nos levando? América Genérica. Diluída e homogênea. Feliz. Sincera. Insípida. Sem vida.”

“Foi por isso que lutamos?”, perguntou mr. Mead. “Todos estes anos? Em todos aqueles países?”

“Talvez”, respondeu mr. Ethics. “Talvez seja assim que a história termina.”

Ethics e Mead estavam perdidos em nostalgia agora, o que era deprimente e reconfortante, como a nostalgia sempre é. “Sinto saudade das velhas religiões”, continuou mr. Ethics. “Sinto saudade da presunção pomposa, das ideologias intolerantes e fechadas. Sinto saudade dos exageros de virtude. Sinto saudade do senso de missão. Sinto saudade dos expurgos, da crueldade e das sessões de conscientização.” Suspirou, melancólico, e fitou a paisagem que passava célere diante de seus olhos.

Houve uma pausa, uma pausa constrangida, enquanto eles esperavam que Edwin interviesse com suas contribuições para a sessão de nostalgia. Mas o que é que Edwin podia dizer? O que é que podia oferecer? Depois de Karl Marx e Woodstock, qual era o passo lógico seguinte?

“Dallas”, disse, afinal. “Dallas como história social. Dallas como artefato. Jeans Jordache. Pat Benatar e cabelo armado. Perder a virgindade e preocupar-se com a AIDS ao mesmo tempo. Ah, como sinto saudade daqueles dias felizes do final dos anos 80 e começo dos 90.”

Edwin até esperou que fossem fazer troça dele, que viessem com o habitual “É? No nosso tempo nós fazíamos história, garoto”. Mas o clima era de validação, não de desprezo, e eles lhe fizeram justiça. “A felicidade® nos transformou a todos em dinossauros”, disse mr. Ethics.

E seguiram em frente: um ex-comunista, um ex-hippie e um ex-X. Três gerações, perdidas e à deriva, atravessando uma paisagem vasta e vazia, repleta de heróis tombados: Steinbeck, Kerouac, Knight Rider.

“Como é que você pode ser um ex-X?”, quis saber mr. Ethics.

“Eu fazia parte dessa fraternidade”, disse Edwin. “Mas aí começaram com essa conversa de sensibilidade e consciência global e me senti de fora. Fui expulso do rebanho, por assim dizer. A Geração X, quando perdeu o senso de humor, perdeu tudo. Perdeu exatamente as coisas que a tornavam melhor do que os baby boomers: o cinismo sem ideologia, o senso de ironia, a honestidade brutal.”

“Bem-vindo ao clube”, disse mr. Mead. “É sempre assim. Chega um momento em que você deixa a sua geração para trás. Ou ela deixa você para trás.”

47.

O orgulho de Paradise Flats era a sua biblioteca. Construída durante os dias de glória da cidade, antes de as minas de sal irem à falência, era o ornamento do condado, com o seu domo altivo e telhado de cobre verde. E também foi por causa dela que a cidade ganhou o apelido de Cidade das Esmeraldas. Ainda que, na verdade, não fosse bem uma cidade e os telhados fossem de cobre, não de esmeralda. A biblioteca tornara-se algo como uma marca registrada cívica, e quando a prefeitura e o seminário foram construídos, decidiu-se cobrir os dois com cobre verde também, bem a tempo para as celebrações do verão de 1897. O único problema foi que os telhados revestidos de cobre dos prédios mais novos eram de um marrom brilhante e não do verde grandioso e envelhecido das construções mais antigas. Isso causou uma onda de consternação entre os vereadores, que havia meses promoviam Paradise Flats como uma cidade conhecida pelos seus "majestosos prédios com telhado verde".

Quando se soube que a acidez acelera o processo de envelhecimento e que a urina humana contém o equilíbrio certo de acidez, lançou-se uma iniciativa heróica bem na véspera do desfile. Homens destemidos, tanto operários quanto empresários, uniram forças e, bem reforçados com generosos suprimentos da cerveja (envelhecida em tonéis de faia) da taberna, realizaram uma maratona de mijo. O cobre de fato adquiriu um tom de verde adequado e digno, e a festa do Quatro de Julho transcorreu sem nenhum incidente. Multidões alegres reuniram-se ao longo da rua principal para admirar os telhados de Paradise Flats encharcados de mijo, contemplando o futuro à frente como uma miragem tremeluzente, sedutora e aparentemente próxima.

Infelizmente, o glorioso verão de 1897 jamais teria par. Esgotadas as minas de sal, as vendas de imóveis cessaram e a linha Berton fechou. A ferrovia transferiu a linha principal mais para leste, para perto do litoral, e os que ficaram para trás resignaram-se a

papos intermináveis e melancólicos, cheios de “e se” e “talvez um dia”. As comemorações do Quatro de Julho foram encolhendo ano a ano, até que, afinal, havia mais gente desfilando do que assistindo à parada.

E isso mais ou menos resumia a história recente de Paradise Flats: mais gente desfilando do que assistindo à parada. O mundo passava ao largo da cidade, como uma procissão que se vislumbra de longe, em telas de televisão ou em distantes notícias de rádio. A vida estava em outro lugar, e nos últimos cinco anos Paradise Flats nem se dera ao trabalho de organizar um desfile de Quatro de Julho. Tudo se resumira a uma venda de bolos e tortas feitas em casa e a marshmallow assado. (Antes assavam salsichas no Dia da Independência, mas o orçamento foi reduzido, depois que a municipalidade pediu falência.)

A Câmara de Paradise Flats se dissolvera sem que ninguém notasse, do modo como uma poça de lama seca quando a gente não está olhando. O condado assumiu as finanças da cidade, as igrejas regulares praticamente desapareceram e um grupo alternativo de treinadores de serpentes e de batistas que falavam em línguas mudou-se para lá, seguindo a trilha de vidas desoladoras vividas em locais desoladores e encontrando em Paradise Flats uma gente que ansiava por espiritualidade. Ou, se não por isso, por um pouco de gospel que a entretivesse.

Hoje a rua principal de Paradise Flats é larga e vazia, ladeada de lojas fechadas com tábuas e terrenos baldios. Cresce mato nas rachaduras das calçadas e cães de caça ficam deitados no meio da rua, num estupor induzido pelo sol. É esse tipo de lugar. O tipo de lugar em que um cachorro que deita para dormir no meio da rua principal não representa perigo imediato para ninguém. O trânsito é lento e escasso, e de toda forma os motoristas provavelmente parariam o carro e deixariam o cachorro dormir. Além do quê, seria até provável que soubessem o nome do cachorro e a quem pertencia. As ruas de Paradise Flats estão quase desertas. só faltam ervas daninhas para completar a imagem. E bem verdade que há de sobra o equivalente moderno de ervas daninhas: sacos de

plásticos levados pelo vento, rolando pelos becos, juntando poeira, agarrando-se a cercas.

“Meu Deus”, disse mr. Ethics quando Edwin diminuiu a velocidade. “É uma cidade fantasma.”

Não era bem isso. Ainda havia uma ou duas lojas abertas, e uma delas era um posto de gasolina empoeirado e descorado pelo sol, com uma tabuleta enferrujada, rangendo preguiçosamente ao vento.

O posto de gasolina pertencia a outra era. Havia garrafas de Fresca à venda numa geladeira velha e barriguda. “Fresca?”, admirou-se mr. Mead. “Ainda fazem Fresca?” E as garrafas nem tinham tampa de rosca, era preciso bater a tampa na beirada do balcão.

“Bem-vindos a Paradise Flats”, disse o proprietário, um homem que dava a impressão de ter sido montado a partir de peças desconexas. Tinha orelhas de morcego, olhos furtivos, pescoço de peru, e o queixo não existia. Os olhos não combinavam. Na verdade, nem se alinhavam corretamente. O que não era de admirar. Afinal de contas, aquela era a cidade da consangüinidade, onde um homem dizia “Gostaria de lhe apresentar a minha esposa e a minha irmã”, falando da mesma mulher parada ao seu lado.

“Se começar a tocar o tema de Amargo pesadelo, eu dou o fora daqui”, sussurrou mr. Ethics.

“Concordo”, disse mr. Mead. “Ao primeiro sinal de música de banjo e de sodomia, a gente cai fora.”

Estereótipos à parte, o dono do posto de gasolina na realidade era um homem notável, de muitos talentos. Para se descontraí, lia velhos manuais de álgebra; também falava espanhol e dois dialetos do húngaro, e certa vez construiu um veículo anfíbio inteiro, só com sobras e miudezas. (O que teria sido uma façanha mais impressionante se houvesse uma extensão de água em algum lugar na vizinhança onde ele pudesse testar o veículo. Talvez ele fosse mesmo resultado de consangüinidade.)

A população de Paradise Flats gostava de dizer que vivia na orla do deserto, mas não havia uma linha divisória clara, não havia fronteira entre, digamos, vegetação raquítica e vastidões

áridas. E os cidadãos de Silver City, quando se referiam à cidade, sempre diziam que ficava “lá no deserto”. Paradise Flats bruxuleava ao calor, ondas de ar seco se erguiam dos telhados, e as areias vermelhas e tórridas rachavam como pele queimada de sol.

“Faz seis meses que não se tem uma chuva decente”, disse o homem do posto de gasolina. “Na última vez em que choveu, a terra estava tão seca que foi como se ela fizesse ahhh. Claro que as ruas viraram um lamaçal e mais de um sapato se perdeu, mas as flores desabrocharam nos canteiros, ainda que só por uns dias, de modo que acho que foi para o melhor.”

“Deve ter sido”, disse Edwin, segurando uma garrafa de Fresca gelada contra o rosto afogueado. Se depois não fosse ficar todo melado, teria esvaziado a garrafa inteira em cima da cabeça e depois se sacudido como um cachorro molhado.

Mr. Mead aproximou-se do balcão, exibiu seu sorriso urbano mais falso e disse: “Diga uma coisa, meu chapa. Nós estamos procurando um velho amigo meu da faculdade. Um cara chamado McGreary. Por acaso você saberia onde podemos encontrá-lo?”.

O homem estreitou os olhos, imediatamente desconfiado. “Você disse faculdade?”

“Isso mesmo. Somos amigos há muito tempo.”

“É mesmo? E quantos anos, exatamente, você teria? Sabe, o velho Jack tem no mínimo oitenta anos. Ele cresceu na Grande Depressão, esteve na guerra. Desembarcou na Normandia, na primeira leva de homens. Foi atingido três vezes, mas foi tratado e mandado de volta para cá. Ajudou a libertar a Europa, o Jack. Você não teria estado com ele lá, quando ele invadiu as praias da Normandia, teria?”

“Ah, eu disse meu colega de faculdade?” Mr. Mead riu do engano. “Eu quis dizer que ele foi colega de faculdade do meu pai. Lutaram juntos na guerra. Heróis, os dois.”

“Não diga.” A essa altura os olhos do homem eram pouco mais do que duas fendas, tão apertados estavam. “Porque a história que corre por aqui é que o Jack deu baixa com desonra, foi posto na rua por contrabandear suprimentos da cantina dos oficiais.

Passou sete meses em cana pelos truques no mercado negro, deixou o exército em desgraça. Esse não seria o mesmo Jack McGreary que você está procurando, seria?”

Mr. Mead aproximou-se e, com voz rouca à Bill Clinton, disse: “Ele pode ter cometido os seus erros, mas será sempre um herói para mim.”

“É mesmo?”

Durante a tentativa cada vez mais canhestra de mr. Mead de engabelar os nativos, Edwin andava pelos corredores da triste lojinha de conveniência do posto de gasolina, espantado com as gôndolas descoradas e o estoque empoeirado. Havia velhas bonecas Kewpie, e cartões-postais dos anos 40 em suportes que já não giravam. Havia carburadores nas prateleiras, ao lado de cassetes de BoxCar Willie, ainda na embalagem original. Aí, olhando numa caixa de pregos de tamanhos diversos e antigas velas de ignição, deu com os olhos numa coisa: um anúncio desbotado de goma de mascar Red Seven. Levou um momento para Edwin entender o significado do cartaz, com as bordas enroladas e reduzido a tons pastel pelo sol e pelo tempo, para perceber o que havia naquele cartaz que lhe prendia a atenção. Edwin lembrava de Red Seven de quando era garoto. Ainda estava no curso primário quando pararam de fabricar o chiclete (alguma coisa a ver com o corante vermelho número 7 causando defeitos congênitos em ratos de laboratório), que continuou a ser vendido no Terceiro Mundo até que a companhia fosse absorvida pela Wrigley’s.

O que é que havia na goma de mascar Red Seven? O que é que havia naquele cartaz? E, de repente, enxergou. Em letras descoradas no pé do cartaz: a mensagem. O Red Seven costumava ser vendido em embalagens com duas unidades, e o slogan dizia: “É uma two-pack soiree de chiclete de bola de bom sabor!”. Edwin gelou. Sentiu a pele se arrepiar, como acontece quando a gente pisa num túmulo no momento em que o mato alto farfalha ao sopro de uma brisa. Uma two-pack soiree! Estavam chegando perto. A hora do acerto de contas estava se aproximando.

Edwin voltou para junto do balcão e cochichou para mr. Mead: “Vamos sair daqui”.

Só que nesse ponto mr. Mead tinha estendido tanto a sua teia de mentiras que estava encontrando dificuldade em se desenredar.

“Então”, dizia o proprietário, “o instrutor militar do primo do seu pai está tentando localizar Jack McGreary para resolver o testamento de um doador anônimo e pediu a você que seja o testamenteiro?”.

“Isso mesmo, droga”, disse mr. Mead. “Onde é que ele está?”

Ignorado pelos dois homens, Edwin suspirou e olhou para o mostruário de doces e quinquilharias baratas empilhadas ao lado da caixa registradora, uma daquelas antigas, em que os números se projetam em teclas altas e separadas. E ali, diante de Edwin, numa caixinha de papelão ao lado dos caramelos duros de quebrar os dentes e dos cata-ventos de plástico, havia um punhado de adesivos à venda. Adesivos com margaridas. Dez centavos cada um.

“Eu não vejo muito o Jack. Ele nunca vem aqui.”

Edwin ergueu os olhos da caixa de margaridas. “Jack McGreary vem sempre aqui. Ele anda pela loja, dá uma olhada nos corredores e há algum tempo comprou um punhado destes adesivos”, disse.

O homem atrás do balcão parou de falar. Virou-se e encarou Edwin. “Como é que você sabe disso? Como é que você sabe das flores?”

“Onde ele está?”, perguntou Edwin.

“Sabe”, disse o homem, “eu não gosto muito do Jack. Ninguém gosta. Mas a gente o tolera, sempre tolerou e vai tolerar sempre, e ele merece coisa melhor do que cobradores de fala mansa bisbilhotando por aqui. Eu tenho uma espingarda de cano duplo, calibre vinte e bem azeitada embaixo do balcão. Se vocês não saírem da minha loja agora mesmo, eu atiro por invasão de propriedade.” Mr. Mead riu com desdém. “Você não pode atirar em alguém por invasão de propriedade num lugar público durante o horário regular de funcionamento”

“No condado de Dacob eu posso. Estatuto 7701. Agora, fora daqui, antes que eu perca completamente a paciência.” E enfiou a mão embaixo do balcão.

“Está bem, está bem”, disse mr. Mead, e saíram às pressas, batendo a porta verde.

“Para onde agora?”, perguntou mr. Mead.

“Para a biblioteca”, respondeu Edwin.

A biblioteca, em orgulhoso arenito do fim do período vitoriano, ainda era o prédio mais impressionante do condado, mesmo que a praça na frente, antes grandiosa, estivesse reduzida a um desolado caminho de mato pardacento em torno de uma fonte que havia anos não via água. Os bancos do parque, no meio do mato já alto, soltavam a tinta como se sofressem de eczema terminal. O caminho do jardim estava coalhado de pedaços de concreto, e a escada diante da biblioteca estava cheia de buracos. Mas o prédio ainda era magnífico, mesmo agora, mesmo depois de todos aqueles anos.

Lá dentro havia po e escuridão e, contrastando com o sol fustigante de fora, não havia senão frescor, bem, pelo menos certa ausência de calor. A bibliotecária, uma mulher alta de lábios finos, com ar de quem ameaça com o fogo do inferno, estava escondida por trás de uma pilha de livros velhos e teve que ser abordada.

“Olá? Tem alguém aí?”

Nada. Eles a viam, encolhida, fingindo não notar, esperando que eles fossem embora.

“Desculpe incomodar, mas nós queríamos saber...”

“A biblioteca está fechada”, disse ela.

“A placa lá fora diz que está aberta.”

“A placa sempre diz isso”, retrucou ela, brusca. “Não faz diferença, porque está fechada. só abre de manhã, todo mundo sabe disso.”

Eu já a vi em algum lugar, pensou Edwin. No quadro Gótico Americano. Era ela, em pé atrás do velho, com um forçado na mão.

“Estamos procurando Jack McGreary”, disse mr. Mead.

A expressão dela mudou de desaprovação severa para curiosidade irônica. “Mr. McGreary? Por quê? Algum problema com ele?”

“Talvez”, disse Edwin.

O rosto dela se iluminou e ela só faltou bater palmas de alegria. “Eu sabia! Eu sabia que ele seria pego.”

“Pego?”, disse Edwin, rapidamente. “O que é que a senhora quer dizer com isso?”

“O passado dele. Boca suja. Uma falta de modos horrível. Ele não merece confiança, todo mundo sabe disso. Ora, a Agnes, da Lo-Food, disse que o pegou comendo sardinhas direto da lata. Dá para imaginar uma coisa dessas? Ela disse que ele entrou na loja com um abridor de latas.”

“Não estamos aqui por causa de sardinhas”, disse Edwin.

“Não?” Ela pareceu desapontada mesmo.

“Não, estamos tentando encontrá-lo e achamos que a senhora talvez pudesse ajudar. Imagino que ele venha à biblioteca com frequência.”

“Ah, vem, sim”, disse ela, com voz densa de desaprovação. “Quase todo dia. Tira tudo quanto é livro do lugar, atrapalha to-

do o meu sistema, e leva para casa todo tipo de livro naquele carrinho de compras estropiado dele, que, aliás, ele roubou da Lo-Food. Mr. McGreary esteve aqui ainda hoje de manhã. Devolveu uma pilha de livros, todos atrasados, com aqueles rabiscos horríveis dele nas margens. Eu já disse mais de uma vez que ele não deve escrever nos meus livros, mas ele só sabe repetir ‘Por quê? Ninguém mais nesta maldita cidade lê esses livros’. só que, é claro, ele não usou a palavra ‘maldita’. Eu me encarreguei de limpar essa parte. A linguagem dele é absolutamente imunda.”

Mr. Ethics olhou para as pilhas de livros, as prateleiras lotadas nos três andares, as escadas de mão, velhas e enferrujadas, encostadas nos trilhos. O cheiro de mofo permeava o ar. O lugar era pesado de palavras e profundo de idéias. Era menos uma biblioteca do que um repositório de palavras perdidas.

“Não recebemos nenhum livro novo desde os anos 20”, comentou a bibliotecária, com certa dose de orgulho descabido. “A maioria destes livros é da dotação original de 1894, quando a cidade se expandiu. Vieram estudiosos da universidade de Phoenix para catalogar a nossa coleção. Se ao menos mr. McGreary parasse de ler. Esses livros são valiosos demais para serem lidos. Muitos são primeiras edições. Alguns valem milhares de dólares. Milhares.”

“É mesmo?”, disse mr. Ethics, com avidez. “E onde estão eles?”

Alguma coisa estava incomodando Edwin. “A senhora só tem livros velhos? Nada recente? Nada novo? Esses são os únicos livros que mr. McGreary lê?”

“Ah, não. Ele lê de tudo. Ele abusa do nosso sistema de empréstimos entre bibliotecas, pode ter certeza. Está sempre encomendando livros da biblioteca central e depois se queixando quando eles não chegam. O homem é simplesmente impossível de lidar. Ficou tão irritado um fim de semana que foi naquela picape horrível dele até a cidade e visitou todas as lojas de artigos de segunda mão. Voltou com caixas e caixas de livros. E você jamais imaginaria o tipo de livro que ele comprou. Jamais”. “Auto-ajuda”, disse Edwin. “Ele trouxe caixas cheias de livros de auto-ajuda. Eu provavelmente poderia escrever uma lista de títulos para a senhora: O poder do pensamento positivo, Vivendo com simplicidade num mundo complexo. Criando um negócio ao estilo budista. A estrada menos percorrida...”

A bibliotecária ficou surpresa. “Não estou a par dos detalhes, mas, sim, eram livros de auto-ajuda. Todos eles. Pilhas e pilhas de auto-ajuda. Como é que você sabia?”

“Ah, eu conheço mr. McGreary melhor do que a senhora pensa”, respondeu Edwin, e quanto mais ouvia, maior era a impressão de estar ouvindo um eco que gerasse a si próprio. E começou a se perguntar se Jack na verdade não seria um fragmento do seu próprio reflexo, se talvez não estivesse perseguindo a si próprio o tempo todo.

“Bem”, continuou a bibliotecária, “o que eu sei é que Jack McGreary é um homem horrível. Vai a Silver City quase toda

semana. Diz que é para fazer exames médicos, mas todo mundo sabe o que ele vai fazer mesmo." E aqui ela baixou a voz para um sussurro dramático. "Visitar prostitutas e beber. Isso mesmo, visitar prostitutas e beber. É um homem de impulsos tenebrosos. Não me sinto segura quando ele vem à biblioteca. Não mesmo. Temo pela minha segurança, e pela minha virtude também. E comum ele passar a manhã inteira aqui, debruçado em cima de algum livro obscuro que encontrou lá no fundo. Quando estamos só os dois aqui, eu me sinto encurralada. E de deixar uma mulher nervosa. Ele tem... tem uma coisa de animal. E agora, se me dão licença, estou ficando muito nervo-

sa. É este calor. Estou derretendo. Preciso ir para casa e deitar um pouco."

Mr. Mead deu um passo à frente, o sorriso resplendendo, com o mesmo estilo complacente de cidade grande que tentara antes e que não dera certo. Desta vez, porém, funcionou. A bibliotecária entendeu como lisonja a sinceridade condescendente dele.

"Senhorita, sinto muito incomodar, mas será que poderia nos ajudar? Precisamos encontrar mr. McGreary. E para o bem dele. O único endereço que temos é uma caixa postal, e quando tentamos ligar para ele do meu celular, o número dele estava desligado."

"Eu sei. A companhia telefônica desligou o telefone dele na semana passada."

"Por falta de pagamento?"

"Não, desta vez, não. Foi por causa dos telefonemas obsessivos dele. Ligava o tempo todo para os membros da Câmara de Comércio e falava sem parar sobre as idéias dele. E para o gerente do banco também. Nós só temos uma agência, sabe, e mesmo assim mr. McGreary está ameaçando transferir a conta dele para outro lugar. Correm uns boatos por aí."

"Boatos?"

"Sobre o dinheiro dele. Dizem que ele está com o colchão recheado de dinheiro. Dizem que, na verdade, ele é milionário. Dizem que vendeu a alma ao diabo. O que é que o

senhor acha?" Em Paradise Flats, o diabo era o último trunfo. Uma vez que fosse jogado, não havia como vencer. E se Jack McGreary estava de combinação com o diabo, o que mais se poderia dizer?.

"E o endereço dele?", disse mr. Mead.

"Ah, sim. Ele mora no parque de trailers, do outro lado dos trilhos do velho prédio da Compascor. Não tem como não achar, não mesmo. só ele tem um trailer lá. Todas as outras pessoas mudaram há muito tempo."

"Diga-me uma coisa", disse Edwin, já se virando para sair, "a senhora leu um livro chamado O que aprendi na montanha?"

"Eu não leio", respondeu ela com firmeza. "Ler livros é para mentes ociosas."

Edwin sorriu. "Concordo inteiramente."

48.

“Ele mora no parque de trailers, do outro lado dos trilhos do velho prédio da Compascor. Não tem como não achar, não mesmo.”

Mas tinha, sim. E eles não acharam. O “Velho prédio da Compascor” não passava de uma construção de blocos, com telhado de zinco e fechada com tábuas, sem nada que a distinguisse além da completa falta de características. Um ponto de referência e tanto. Os trilhos tinham sido arrancados fazia muito tempo, e restava o caminho invisível que eles abriam: uma cicatriz, longa e reta, que atravessava o centro da cidade.

“O velho prédio da Compascor?” O ancião que capengava de muletas pela rua principal ficou espantado que houvesse alguém que não o conhecesse. “Vocês devem estar me gozando. A companhia era imensa. Todo mundo sabe onde fica o velho prédio da Compascor. Verdade que eles não vendem mais seguros. A companhia fechou, vai fazer sete anos. Onde fica? O velho prédio da Compascor? Fica ao lado da farmácia velha. Todo mundo sabe disso.”

Edwin suspirou/rosnou e disse, já quase sem paciência: “E onde fica a farmácia velha?”

“Ah, logo ao lado do velho prédio da Compascor.”

Claro. A essa altura, Edwin saiu do carro, agarrou o homem e espancou-o com uma das muletas até deixá-lo quase sem sentidos.

“Nós estamos tentando achar o parque de trailers”, disse.

O velho hesitou. “O parque de trailers? Mas faz um tempão que fechou. Não mora mais ninguém lá, só o maluco do Jack McGreary. E um ermitão, sabe. Não se dá com ninguém aqui. Arredio. Acha que é melhor do que os outros. Um verdadeiro esnobe. Bom, vou lhe dizer uma coisa: se Jack McGreary se considera tão superior, ele pode muito bem...”

Edwin suspirou. "Basta mostrar a direção para a gente, está bem?"

"... e aí o Jack diz aos membros do conselho da escola que a gente não pode permitir orações na escola, porque as escolas 'devem ser, por natureza, espetaculares'. Ora, que raio significa isso?"

"Seculares", disse Edwin com outro suspiro. Estava suspirando muito desde que chegara a Paradise Flats. A cidade exercia esse efeito sobre as pessoas. "Tenho certeza de que ele disse 'seculares'."

"Bom, ele é um maldito ateu, se você quer saber. Quer achar o Jack? Tudo bem. Pegue a rua dos Olmos na próxima esquina" (não havia absolutamente nenhum olmo na rua dos Olmos), "desça pela alameda dos Carvalhos" (idem), "e vá em frente até a rua da Brisa do Oceano, que forma uma meia-lua" (idem; não era nada de meia-lua, era só uma pista de cascalho). "Você vai ver um terreno plano e vazio e um único trailer. E a casa do Jack. Mas tenha cuidado. McGreary é um homem perigoso. É um encenqueiro. Encenqueiro e esnobe. Uma vez, numa reunião do planejamento da cidade, ele se pôs em pé nas patas traseiras, todo empertigado, e insistiu em saber o que a Ellen andava fazendo com os juro do fundo de pensão dos empregados. Bom, eu disse a ele 'Senta, Jack, ninguém está interessado no que você tem a dizer'. E sabe o que aquele filho-da-puta me disse? Sabe? Ele me disse..."

Edwin não via a hora de sair dali. Pisou com tudo no acelerador e os pneus ergueram uma nuvem seca de poeira.

"Homicídio justificável", disse mr. Ethics no assento traseiro. "Se você matasse um velho imbecil e tagarela como esse, nenhum júri o condenaria."

Edwin olhou pelo retrovisor, viu o velho maluco ainda arengando para a poeira, e disse: "Talvez você tenha razão, Bob. Talvez tenha".

49.

O trailer prateado ardia ao calor, o metal refletindo o clarão intenso dos opressivos raios ultravioleta do sol do deserto. Uma tabuleta, cujas letras tinham desbotado e se tornado pouco mais do que uma recordação, anunciava a Comunidade de Trailers Bela Vista, mas, com exceção daquele único trailer, não havia indício algum de comunidade, passada ou presente, semi-nômade ou não. Uma picape enferrujada, sem pára-choques, estava estacionada num pátio coberto de lixo, e havia uma extensão de fio ligada a um poste de eletricidade distante. Em todas as direções o horizonte era plano e ressecado de calor.

“Dá para imaginar viver aqui?”, sussurrou mr. Mead. Estava com o rosto úmido de suor, a voz fraca e seca. “Um trailer de metal, na orla do deserto, sem nenhuma sombra? Deve ser como morar num forno.”

Edwin desligou o motor e deixou o carro rodar os últimos metros. Silêncio. Nada se moveu dentro do trailer, ninguém espiou por entre as persianas, não se ouviu porta abrindo com um rangido.

“Você não vai chegar mais perto?”, admirou-se mr. Ethics, observando a área que ainda separava o carro e a porta do trailer.

Edwin saiu do carro e, protegendo os olhos contra o sol, examinou o trailer de longe. Ethics e Mead fizeram o mesmo, e o tema de Feios, sujos e malvados começou a tocar baixinho ao fundo.

“Vocês viram Meu ódio será sua herança?”, disse Edwin. “Sam Peckinpah. Termina com um bando de caubóis andando pelo meio da rua para o confronto final. Bom, é isto. Esta é a nossa chance de fazer uma autêntica abordagem à Peckinpah.”

“Eles não morrem todos no fim?”, perguntou mr. Ethics.

“Esperem!”, exclamou mr. Mead. “Vocês viram? A janela lateral, ali. A cortina se mexeu. De novo, agora... Olhem! De novo! Viram?” Baixou a voz. “Alguém está espiando.”

Mr. Mead endireitou os ombros e avançou, com um exemplar de O que aprendi na montanha erguido acima da cabeça, como um aviso. Era o mesmo exemplar úmido de suor que ele carregava desde que tinham deixado a cidade, e levava-o consigo de um jeito muito parecido com aqueles moradores de cidadezinhas do Leste Europeu com seus amuletos e dentes de alho para afugentar o perigo. Ou o mal.

“Mr. McGreary!”, gritou, com o livro bem alto e a voz estrondeando no vazio. Nas planícies desertas dos arredores de Paradise Flats, era como gritar num vácuo: com nada para refleti-lo, o som tendia a dissolver-se em silêncio. Era uma paisagem sem montanhas, uma paisagem sem ecos. “Mr. McGreary! Podemos falar com o senhor um instante? Somos seus fãs. E adoramos o seu livro!”

A resposta foi imediata e inesperada: um tiro de espingarda, um whump alto e o livro explodiu na mão de Mr. Mead, lançando fragmentos de papel pelo ar.

“Jesus Cristo!” Mr. Mead caiu de joelhos e Mr. Ethics mergulhou de cabeça no assento traseiro do carro. Edwin tinha se agachado, num ato reflexo, mas se manteve firme: não correu nem se escondeu.

“Esse maluco filho-da-puta vai nos matar!”, berrou Mr. Mead, escapulindo, de cabeça baixa, para o lado do passageiro no assento da frente. Olhar com desdém para o cano enferrujado de um fuzil soviético era uma coisa, mas enfrentar um gênio do mal bem no pátio dele era coisa completamente diferente. “Vamos embora!”, vociferou Mead. “Vamos embora, vamos!”

Edwin virou-se, enojado, e olhou para os dois homens encolhidos no carro. “Mr. Mead, se ele quisesse matar o senhor, o senhor já estaria morto. Ele fez pontaria no livro.”

“Não me interessa! Assunto encerrado. Entre e dirija, pelo amor de Deus!”

“Eu sempre soube que o senhor era um covarde”, disse Edwin. E agora a sua aversão disparava como perdigotos.

“Vamos embora”, disse Mr. Mead. “Já. Assunto encerrado.”

“Ah, é? Para sua informação, Einstein, sou eu que estou com as chaves do carro.” Edwin sacudiu-as no ar. “E não vamos a lugar algum. O que vamos fazer é terminar o que começamos.” Depois, voltando à atenção para o trailer com o tremeluzente revestimento prateado, respirou fundo e endireitou o corpo. Estava com a camisa grudada nas costas e o cabelo pingando de suor, mas forçou-se a adotar uma postura de frieza e calma. “Mr. McGreary!”, chamou. “Meu nome é Edwin de Valu. Eu fui o seu editor na Panderic. Conversamos por telefone, lembra?”

Nada. O silêncio era enervante e o calor deixava Edwin tonto, quase alucinando. Ele deu um passo à frente... e uma nuvem de poeira ergueu-se do ponto que o tiro atingiu, a poucos centímetros dos seus pés.

“As chaves sobressalentes!”, gritou mr. Mead. “Aí embaixo do tapete, Bob. Rápido!”

Mr. Ethics deslizou de barriga para o assento do motorista, agachou-se diante do painel, ligou o motor e engatou a ré. “Edwin”, berrou, “Vamos buscar ajuda! Agüente firme, a gente volta!”

“Pare!”, gritou Edwin, correndo em vão enquanto mr. Ethics acelerava para trás. “Volte aqui! Volte aqui, seu filho-da-puta sem coração!”

Foram-se os dois. Edwin ficou sozinho, sem lugar onde se esconder. Virou-se, de mãos levantadas, e esperou o próximo tiro. Não houve outro tiro. Em vez disso, bem do fundo do trailer, ouviu um som baixo, um ronco. Começou como um riso gutural, virou uma risada forte, depois uma gargalhada alta e tonitruante. Será que esse é o último som que vou ouvir?, pensou Edwin. Uma gargalhada de Mefistófeles enlouquecido? Vai ser o último som que vou ouvir?

O suor agora lhe escorria pelo corpo todo, enchando o cinto, vincando o rosto, fazendo os olhos arder com uma névoa de sal. Ele deu um passo à frente, depois outro. Devagar, bem devagar. E aí, com o ângulo de fogo reduzido, agachou-se e correu — galopou, na verdade —, Ziguezagueando da melhor maneira que pôde até a porta do trailer.

“Não atire!”, gritou. “Eu vou entrar e estou desarmado. Não atire!”

Ah, mas isso não era inteiramente verdade. Edwin estava armado. Do lado de dentro da barriga da perna direita, preso com tiras de velcro, ele tinha um pequeno revólver, carregado e pronto para disparar. “Não vou lhe fazer mal”, disse. E estava mentindo.

A porta se abriu para uma escuridão sufocante, impregnada com o cheiro pungente de suor e tabaco velho. “Jack?”, disse Edwin, entrando.

Tinha esperado se ver cara a cara com uma arma apontada na sua direção, atrás de olhos demoníacos como brasas. Mas encontrou um aposento cheio de... livros. Caixas e caixas de livros. Havia livros empilhados por todo lado. Praticamente o único espaço livre que se via era um sofá-cama com os lençóis em desordem e os travesseiros puídos e desbotados. Além de uma poltrona reclinável xadrez, de assento afundado, costuras estouradas e rodeada de restos de sanduíches e xícaras de café, como os detritos de uma explosão. Caixas e livros. Livros e caixas. E ali no meio, parado na penumbra, Jack McGreary.

A arma, uma espingarda de caça, estava de atravessado sobre um balcão de cozinha coberto de panelas empilhadas e pratos sujos — e mais livros. Jack estava de camiseta, com uma garrafa de Southern Comfort e um copo rachado à sua frente. Um fecho de luz que entrava pela janela iluminava-lhe o rosto de lado. Era o rosto de um urso. O rosto de um boxeador. Maxilares grandes, nariz quebrado, uma vasta papada, barba por fazer. Os olhos estavam cravados em Edwin, por trás de óculos de leitura com meias lentes, que davam um toque curiosamente gracioso ao homem. O cabelo era branco-amarelado e mal cortado, e estava emaranhado em todas as direções, como o de um Van Winkle que tivesse acabado de despertar. As mãos que se moveram para pôr um trago de uísque no copo eram enormes. Pareciam mãos de pedreiro: os nós dos dedos eram toscos e escalavrados, os dedos pesados, a pele grossa. Não eram as mãos de um guru, ou as de um escritor.

Em anos posteriores, quando a recordação deste encontro já se teria transubstanciado em mito, não seria dos olhos — frios e de um cinza de pedra — nem do porte imenso ou da altura do homem — no mínimo um metro e noventa, e uns cento e cinqüenta quilos, ou mais — que Edwin se lembraria. Não. Seria das mãos, daquelas mãos maciças e enormes. Era disso que Edwin se lembraria mais.

A voz, quando veio, era áspera, um barítono profundo: uma terceira presença em si mesma. “Ora, ora, ora. Edwin de Valu. Editor e imbecil profissional. Você finalmente me achou.”

“Olá, Jack.”

“Um drinque?”

Edwin fez que sim com a cabeça. “Tome um também.”
Um drinque antes de morrer.

Mas Jack não se moveu. Ficou ali parado, de olhos semicerrados postados em Edwin, como se quisesse fazê-lo deixar de existir por meio de um puro ato de vontade. “Por que foi que você veio aqui?”, perguntou.

“Eu vim porque eu sei. Sei tudo. Sei do Harry Lopez. Sei da charada toda. Até tentei matar o Harry.” A ameaça estava implícita, mas Jack não se perturbou.

“Então ele está morto?”

“Infelizmente, não”, respondeu Edwin, e mentalmente calculou a distância entre a mão de Jack que segurava o uísque e o gatilho da espingarda, comparou-a com o tempo que levaria para se agachar, agarrar o revólver, rolar dramaticamente para a direita e talvez fazer uns comentários sentenciosos de despedida ao disparar tiro após tiro no peito do gigante. “Em todo caso, você deve ter ouvido falar: Harry desistiu de atuar como ‘mestre iluminado’ e renunciou à própria divindade. O que é bom, porque, no final das contas, ele não desempenhava o papel muito bem. Quero dizer, ele não era exatamente o maior ator que já pisou num palco.”

“Isso é um fato”, disse Jack, com uma risada baixa e contida. “Ele não era nenhum Barrymore, isso eu posso lhe dizer. Você alguma vez o ouviu fazendo sotaque escocês?”

“Não, mas ele me honrou com, ou melhor, me infligiu a sua versão de irlandês.”

“É a mesma coisa. Um bom garoto. Um garoto simpático. Mas não o mais inteligente.”

“O seu livro, Jack. Chegou a sessenta e cinco milhões de exemplares na semana passada. Sem contar os produtos derivados, os extratos e os audiolivros. Sessenta e cinco milhões, Jack. E continua vendendo. Nunca vimos nada assim. Não tem precedentes. Quando o seu livro começou a decolar, pensei que talvez estivéssemos com outro Profecia celestina nas mãos. Mas foi muito além disso.”

Jack riu, uma risada que soou áspera como o som de uma tela se rasgando. “Ah, sim. A profecia celestina. A idéia de livro inteligente, segundo um imbecil.”

“Ouça, Jack.” Edwin deu outro passo à frente. Era como se estivesse pego num jogo mortífero de fazer tudo que seu mestre mandar. O chefe mandou dar um passo?

“Pode parar aí”, disse Jack, deslizando a mão esquerda para a espingarda. Ao mesmo tempo, com um movimento ágil da mão direita, levou o copo à boca e engoliu o Southern Comfort.

“Ora, Jack, você pode confiar em mim, eu sou o seu editor. Toda relação entre autor e editor tem que se basear em confiança.”

“Você é o filho-da-puta imbecil que queria chamar o meu livro de Bombons para a alma, ou qualquer merda assim.”

“Hum, é. Teria sido eu. Mas reconheci meu engano, Jack. Eu vi que estava errado. E publicamos o seu manuscrito exatamente como estava. Não mudamos uma única palavra, uma única vírgula, do jeito que você pediu. Eu honrei os seus desejos, Jack, e por quê? Porque sou um homem de honra.”

“Conversa fiada. Você fez isso porque teve que fazer, fez porque, na sua infinita burrice, você eliminou do contrato as linhas que davam poder à editora. Eu dei risada quando vi isso. Será que dava para você ter sido mais burro? Teria dado para você ser mais imbecil?”

Edwin fez uma careta de um jeito que poderia muito bem ter sido interpretada como um sorriso. “Você com certeza levou a melhor. Sim, senhor, eu sou mesmo um imbecil. Mas há uma coisa que eu tenho que perguntar...” (E quase disse: “Antes de matá-lo”.) “Como foi que você fez? Como foi que encontrou a fórmula perfeita? Tudo deu certo, Jack. Tudo. Os exercícios de conscientização do amor-próprio. O plano de emagrecimento. As técnicas para parar de fumar. Até o Li Bok. Como, Jack? Eu tenho que saber.”

“Li Bok?” Jack engasgou com o cigarro e pigarreou para soltar um montão de catarro da garganta. “Bom”, resfolegou, “Li Bok é uma abreviação de Lila Bauchenmier. Era uma prostituta que conheci quando estava em Louisiana. Foi depois da guerra. A Lila conhecia tudo quanto era truque, mas o do livro era o melhor, Era como que a assinatura dela. Os melhores doze paus que já gastei na vida, garoto. Puxa, deve ter sido há uns cinqüenta, sessenta anos, talvez até mais. Pela última notícia que tive, a Lila estava num lar de idosos na Flórida. Ela casou, teve filhos, netos. Morou em um bairro rico durante anos. De vez em quando ainda me manda uns cartões, mas ela está perdendo a razão. Alzheimer. Ou talvez seja só velhice. Bom, quando escrevi o livro, achei que era melhor enfiar também umas ‘técnicas sexuais avançadas’, e os movimentos da Lila sempre foram os melhores. Só dei o nome de Li Bok para parecer exótico. Você sabe, para dar um ar de coisa tântrica oriental.”

“E a parte sobre Li Bok para homossexuais?”

Jack encolheu os ombros. “Todo mundo gosta de acreditar que faz parte de uma subcultura ou de outra. Mas quando se trata do corpo — e da mente — somos todos muito parecidos. As semelhanças superam as diferenças, garoto. Simplesmente extrapolei.”

Jack jogou a ponta do cigarro numa panela dentro da pia. Edwin ouviu um silvo vago quando a brasa atingiu a água. E à medida que seus olhos se ajustavam ao escuro, Edwin ia enxergando melhor os traços de Jack. Avançando bem devagar, com um passo sub-reptício atrás do outro, foi vendo a teia de vasos que

recobriam o nariz do velho, testemunho de uma existência inteira de excesso de álcool e de excessos de vida ainda maiores.

Jack McGreary olhou ao seu redor, para as caixas e a tralha da sua vida e disse num suspiro áspero: "Quem imaginaria que um trailer pequeno como este poderia acomodar tanto lixo?"

Na parede havia quadrados de espaço vazio, onde um dia houvera quadros pendurados. Já não se via mais nenhum, deviam estar todos enfiados em caixas. Jack ergueu uma pilha de papéis soltos, que pareciam recortes de revistas (na verdade eram páginas de livros raros, cortadas a canivete) e jogou-as numa caixa de papelão. "Quarenta e tantos anos", disse. "Quando mudei para este parque, todos os lotes estavam ocupados. Os trailers se alinhavam com uma precisão prussiana, brilhando ao sol que existia antes do buraco na camada de ozônio. Eram o auge da modernidade, exatamente como jantar sentado diante da televisão e a corrida espacial do Sputnik. Claro que Paradise Flats já tinha virado um fim de mundo, sonolenta, narcoléptica na verdade, mas nunca imaginei que fosse desaparecer desse jeito. Acho que a cada ano, bom, esta porra desta cidade não pode diminuir mais, mas acho que diminui a cada ano. E como ver um cadáver definhando."

"Você nasceu aqui?"

Jack assentiu. "Nasci. Uma parteira finlandesa, uma meia-lua numa noite cheia de estrelas. Pelo menos era assim que minha mãe lembrava. Morei uns anos em Silver City. Estive na Marinha e depois na marinha mercante. Fui beneficiado pela lei dos ex-combatentes e freqüentei a universidade em Phoenix por um tempo, até que deram uma espiada nos meus antecedentes e me expulsaram. Por causa de uma confusãozinha em que me meti na Bélgica."

"Mercado negro?"

"Ah, você soube?"

Edwin assentiu.

"Acabou com a minha carreira acadêmica, isso eu lhe garanto. O que foi uma pena, porque eu gostava da faculdade. Gostava de livros. Gostava de idéias. Gostava de examiná-las de

todos os ângulos possíveis. Estudei física, contabilidade, literatura, filosofia, tudo. Fiz tudo quanto foi curso que me atraiu.”

“E acabou aqui, neste buraco isolado. Por quê? Como?”

“Não se deixe enganar por este meu modesto eremitério. Eu fiz mais na minha vida do que você faria em doze vidas como a sua. Estive em Bangcoc e em Guayaquil. Fui espancado e deixado como morto na Austrália. Enchi a cara com reis e com palhaços, com vigaristas e vencedoras de concursos de beleza. Trepei em todos os fusos horários e em quase todos os continentes, tenho cicatrizes no corpo que nem lembro como consegui. Desmaiei em favelas e em praias tropicais. Viajei de carona e tomei emprestadas as mulheres de outros homens, e dei a volta ao mundo mais vezes do que Fernão de Magalhães. Mas Paradise Flats sempre foi a minha terra e eu sempre voltei.” Correu os olhos pela cela escura e sufocante. “Sempre voltei. Como um preso em liberdade condicional por um dia, acho.”

A essa altura Edwin tinha conseguido se esgueirar até o balcão da cozinha, e tinha até conseguido, casualmente, empurrar para um lado o cano da espingarda de Jack. Ao sentar numa cadeira ao lado do balcão, baixou casualmente uma mão até a perna e tocou de leve o velcro. Só para verificar. Sentiu o punho da arma, liso e convidativo.

“Você não respondeu a minha pergunta”, disse. “Como foi que você fez? Como foi que se saiu com a fórmula perfeita para a felicidade humana? Imagino que não tenha sido no alto de nenhuma montanha tibetana.”

Jack riu. “Foi isso o que eu disse? Tibete? Achei que tinha dito Nepal. Não que faça diferença.”

Edwin moveu-se para a frente e baixou a voz para um tom de segredo. “Eu cheguei a achar que você tivesse criado um programa de computador complicado. Ou talvez que fosse algum gênio do mal que tivesse realizado uma façanha de hipnose coletiva, um Rasputin da auto-ajuda. O que foi?”

“O seu drinque. Eu quase esqueci.”

Jack pescou da pia um copo que não estava tão sujo quanto os outros, limpou a borda com um canto da camiseta e

serviu-lhe uma dose. Edwin não hesitou. Agarrou o copo, engoliu tudo de uma vez e conteve um arrepio desvirilizante. “Coisa boa”, chiou, de um jeito viril.

“O meu pai era um pequeno lavrador”, disse Jack. “Em St. Kilda, adiante das Hébridias. Ilhas fantasmas de granito, perdidas no meio do nada. Havia só cinco sobrenomes na história daquelas ilhas e o meu era um deles. Desde os anos 20 não existe mais ninguém em St. Kilda. Sobraram só umas casas de pedra, um cemitério e uma sucessão de sepulturas não identificadas. O meu velho veio para o Novo Mundo à procura de coisa melhor. Veio com um grupo, um navio cheio de McGrearys, que foram trabalhar nas minas de carvão de Cape Breton. O meu velho foi procurar trabalho no litoral, acompanhando os veios de carvão através dos Apalaches. Ia trabalhando em troca de abrigo e acabou chegando aqui, às minas de sal. Do carvão negro para o sal branco. Coitado do meu velho. O carvão penetra por debaixo das unhas, mas o sal penetra na pele. Ele sempre dizia: ‘A gente transpira sal. Nunca se esqueça disso’. Segundo ele, era ‘elementar’. Ele se apaixonou pela minha mãe e os dois se instalaram aqui. Trabalharam duro e aqui passaram o resto de uma vidinha rotineira. Os dois estão enterrados no cemitério a leste da cidade. Lado a lado. As sepulturas ficavam na sombra, mas

há alguns anos uma doença matou o resto das árvores que havia por lá e agora as lápides dos meus pais estão em pleno sol, sem proteção. O que é uma pena, já que os dois vieram de climas mais frios. Minha mãe era escandinava, sabe. Ela me falava da neve, de como caía, do gosto que tinha, de como virava água na mão da gente. Era branca e pura. Elementar. ‘Como o sal?’, eu perguntava. E ela respondia, ríspida: ‘Não. Não como o sal. “De modo algum como o sal’.”

Jack pegou outro cigarro, arrancou o filtro e procurou um fósforo. Estava prestes a acender o bico de gás quando Edwin estendeu o seu pseudo-Zippo. Jack aceitou o fogo sem comentário nem agradecimento. O interior do trailer era impregnado de resíduo de fumaça de cigarro, disposta em camadas de laca, uma pátina de odores e de película oleosa.

“Paradise Flats”, disse Jack. “Esgotada e alquebrada. O meu velho foi contratado pela ferrovia. Foi subindo até chegar a contramestre de depósito e imediatamente começou a construir a casa de seus sonhos. Ia ser magnífica. Uma mansão imponente, com venezianas, uma escada circular e uma biblioteca em cada aposento. Mas aí o Grande Boom da Potassa atingiu o norte, toda a economia se deslocou e fecharam a linha Berton. Levaram a ferrovia para o leste, para o outro lado das colinas, para perto do litoral, e o meu velho perdeu tudo. O emprego. A casa. Tudo. Não foi além dos alicerces. Foi nisso que deram os sonhos dele: um buraco no chão, cheio de mato e flores silvestres. Depois que minha mãe morreu, ele me levava até lá e mostrava como seria: a escada, a varanda. Apontava para o nada e falava de coisas intangíveis como se existissem, como se realmente estivessem ali. Era um tolo, o meu pai... E agora você me pergunta de onde saiu esse meu livro. Saiu de Paradise Flats. Saiu daqui.” Jack pôs as duas mãos em cima da vasta barriga. “Veio das tripas. De cada livro que eu li, de cada drinque que eu derramei, de cada briga que eu perdi, de cada murro que eu dei. Todos nós somos uma coleção de referências, garoto. Toda mulher que seduzi. Toda mentira que contei. Todo pecado. Todo triunfo. Todas as pequenas vitórias e todos os grandes fracassos. Fica tudo cozinhando lá dentro, em fogo brando, e quando morremos, levamos multidões conosco. Isso, aliás, é de Walt Whitman: ‘I am large, I contain multitudes’. ‘Contemos multidões’.”

“Eu sei”, disse Edwin, quase num sussurro. “Whitman. Eu me contradigo? Pois muito bem, eu me contradigo. Sou amplo, contendo multidões’.”

“Quer saber o meu segredo? Não há segredo. Eu apenas sentei e bati à máquina. Escrevi tudo de uma vez só, sem parar para reescrever ou mesmo conferir o que tinha escrito. Achei que era na auto-ajuda que estava o dinheiro. Quer saber por que escrevi o livro? Pelo dinheiro, pura e exclusivamente.”

“Mas por que foi que você simplesmente não investiu em títulos de curto prazo e depois reaplicou, aproveitando os fusos horários?”

“Isso funcionou mesmo?”

“Rendeu milhões, Jack. Houve quem fizesse fortunas com isso.”

“Ora, quem diria! Pois é, eu estava na fila do banco, esperando para descontar o meu cheque da previdência social, e comecei a olhar um folheto sobre os regulamentos bancários do governo. As brechas eram óbvias. Qualquer imbecil seria capaz de ver.”

“Mas... mas a pesquisa que foi necessária para O que aprendi na montanha. É verdade que muita coisa ali foi só auto-ajuda reciclada, mas não o âmago, e não a maneira como tudo se encaixou. O livro exigiu uma vasta perícia, Jack. Exigiu anos de pesquisa e insights profundos na psique humana. Até achei que tivesse sido escrito por um grupo ou coisa assim, usando um pseudônimo.”

“Talvez tenha sido escrito por Francis Bacon. Ou por ÓVNIS. Ou por anjos. A Panderic publica montes dessa merda. Talvez tenham sido os anjos que escreveram o livro. Um grupo de anjos. Ou um OVNI. Com uma vara hidroscópica enfiada no rabo.”

“Eu não edito livros sobre ÓVNIS”, disse Edwin, irritado. “Edito auto-ajuda.”

“É a mesma bosta. Não. Não houve grupo nenhum, garoto. Só eu, sozinho no meu trailer. Fui até Silver City e comprei um montão de livros. Caixas e caixas. E passei as semanas seguintes mergulhado em poder para o indivíduo, afirmações, validações e masturbações emocionais. ‘A culpa não é sua.’ ‘Aprenda a amar a si mesmo.’ ‘Você é especial e único — exatamente como todo mundo.’ Rilhei os dentes e revirei os olhos tantas vezes que você pensaria que eu era epilético. Foram alguns dos piores livros que já li. É um milagre que todo o setor de auto-ajuda não desabe numa paródia de si próprio. Bom, o fato é que li tantos desses livros quantos consegui agüentar, e depois sentei e escrevi a minha versão. O que eu não sabia, inventei. Levou uns dias. Uma semana, talvez. Como eu disse, nem me dei ao trabalho de reescrever. Eu sabia que ia vender; era esse o objetivo. Eu só dei às pessoas o que elas queriam ouvir, o que vinham esperando ouvir, tudo reunido num só volume. Ainda

tenho uma pilha de papel que sobrou. Comprei a granel, duas mil páginas pela metade do preço, em Phoenix.”

Houve uma pausa. Uma pausa muito longa. “É isso?”, disse Edwin, incrédulo. “Você sentou e datilografou?”

“Isso. Eu não tinha um esboço do livro nem nada. Fui batendo até que os pulsos e a cabeça começaram a doer, aí parei.” “E aí você parou...” Edwin estava achando difícil processar

essa revelação. (Se é que dá para “processar” revelações na íntegra.) Não era o que esperava. Em vez de um Lex Luthor enfiado num esconderijo secreto, tinha à sua frente um escritor desgrenhado, encharcando-se de Southern Comfort e martelando um manuscrito “pelo dinheiro”.

“E tem mais”, disse Jack, com um sorriso inesperado. “Não mandei o original para nenhuma outra editora. Eu não tinha dinheiro. Depois de comprar aqueles malditos livros, mal tive o suficiente para pagar o correio.”

“Por que para nós? Por que para a Panderic?”

“Porque vocês publicavam mr. Ethics. Achei que, se vocês publicavam aquela merda, publicariam qualquer coisa. Os seus padrões deviam ser mais baixos do que os das outras editoras.”

“Na verdade, era mr. Ethics quem estava ali fora agora há pouco. Ele veio comigo. Ia me servir de apoio.”

“É mesmo? Mr. Ethics? O que estava acenando com o meu livro?”

“Não, o outro. O que saiu dirigindo o carro e me deixou para morrer.”

O rosto de Jack se iluminou. “Está falando sério? Que maravilha. Droga. Eu o tinha na mira também. Devia ter acabado com ele, teria sido um serviço à literatura. A língua inglesa teria me agradecido. A prosa daquele homem é abominável. E o conteúdo? É só um manual de introdução à ética requentado, misturado com psicologia popular e narcisismo do tipo ‘como se sentir bem’. Ética? Rá. O homem corrompeu a própria palavra. Aristóteles deve estar dando voltas no túmulo. Sabe, garoto, ética não tem a ver com a escolha entre certo e errado; tem a ver com a escolha entre cinza e cinza. Tem a ver com a escolha entre dois cursos de ação

igualmente desejáveis mas mutuamente excludentes. Liberdade ou segurança? Coragem ou conforto? Auto-exame ou felicidade serena? Coluna A ou Coluna B? Mr.

Ethics o meu rabo! “Eu devia ter atirado nele quando tive a oportunidade.”

Jack serviu outra rodada de Southern Comfort e fez questão de um brinde.

“À palavra escrita!”, disse, de copo erguido. “Às personagens que só existem na página impressa. Às personagens que só existem em livros e nem sabem disso, que só existem na página impressa, mas vivem, respiram e ficam tristes quando a história acaba.”

“A nós”, disse Edwin, sentindo-se desorientado e vagamente pesaroso.

“A nós”, repetiu Jack. “Agora, Eddie, você tem que me contar. Foram as margaridas, não foram?”

“As margaridas?”

“Foi isso o que chamou a sua atenção para o manuscrito. Foi por isso que você me tirou da pilha de baboseiras. Por causa das margaridas, não foi?”

“Não, não foram as margaridas! Achei-as medonhas. Insuportavelmente bonitinhas. A verdade é que eu tinha jogado o seu manuscrito no lixo, Jack. Joguei sem nem sequer dar uma olhada. Foi só mais tarde que...”

“Claro”, disse Jack, obviamente não acreditando. “Foram as margaridas. Eu sabia. Os melhores setenta centavos que eu já gastei.”

“Mas... mas, droga, Jack, você desconstruiu a teoria econômica keynesiana em oito páginas e meia. Não pode ter feito isso de uma sentada só. Recebi telefonemas de professores universitários e assessores do governo em pânico total, dizendo que você minava tudo em que eles acreditavam.”

“Ah, isso. Ora, vamos, a teoria de Keynes sobre a intervenção no mercado anula a si mesma. Qualquer um pode enxergar isso. O mercado funciona apesar das políticas keynesianas, não por causa delas. Eu achava que isso fosse óbvio.”

“Você estudou teoria econômica?”

“Quem precisa estudar teoria econômica? E como estudar as cartas do taro. Economia não é ciência, é só vudu e aspirações disfarçados de método. O rei está nu, garoto. E nem tem corpo, é uma miragem. Desconstruir a teoria keynesiana moderna é tão difícil quanto desconstruir um conto de fadas. E tão difícil quanto afirmar que ‘de maneira geral, os porcos não vivem em casas, sejam elas de palha, pau ou tijolo’. Não planejei um tratado sobre teoria econômica, a coisa era para ser auto-ajuda mas eu estava na metade do manuscrito, quando a PBS apresentou um documentário. Acompanhei, mais ou menos, enquanto datilografava. Tinha a alguma coisa a ver com John Maynard Keynes. Aquele maluco enrustido. Ele não sabia merda nenhuma. Nunca se ouviu tanta besteira. Então escrevi às pressas uma seção sobre Keynes também, destacando as falhas e contradições nas teorias dele.”

“Você desconstruiu John Maynard Keynes depois de assistir a um documentário na televisão?” A incredulidade de Edwin logo estava cedendo lugar ao desânimo.

“Não exatamente. O sinal começou a falhar e perdi a última parte. A gente não tem TV a cabo aqui. Dependendo daquele cabide de arame em cima da televisão, e a imagem vai e vem. Só pego a PBS e um pouco da programação local de Silver City.” “Você desconstruiu John Maynard Keynes depois de assistir a uma parte de um documentário da PBS?”

“Isso. Quer outro Comfort?”

Edwin fez que sim, molemente. “Sim. Acho que quero. Acho que preciso de outro drinque.” Esvaziou o copo de um trago, sentiu os membros formigar com uma prévia de embriaguez, e perguntou, implorou: “Mas As sete leis do dinheiro, Jack. Eu estudei esse livro na faculdade. Li e reli, fiz anotações, voltei aos pontos principais, comparei e contrastei com outras teorias. Você não pode simplesmente ter...”

“As sete leis do dinheiro? Ah, sim. Esse eu li sentado na privada. Li por alto, na verdade. As conclusões místicas e tolas são inválidas, mas a premissa básica era bem fundamentada. Então,

incorporei-a também, joguei-a no livro como mais um pouco de lama. Por quê?”

“Eu acho”, disse Edwin, engolindo o uísque e limpando a boca nas costas da mão, “acho...” e já estava encontrando dificuldade para não embaralhar as idéias. Na verdade, era como se transpirasse Southern Comfort, o uísque gotejava-lhe dos poros, seus sentidos nadavam nele. “Acho que já ouvi o suficiente. Mr. McGreary, o senhor é uma fraude e um trapaceiro. Não é melhor do que Stalin. O seu livro causou danos indescritíveis a pessoas que eu amo — à pessoa que eu amo. O senhor eliminou a tristeza dos olhos da minha melhor amiga. E tem que pagar por isso!” Ele guinou para baixo, tentando cegamente alcançar a arma presa na barriga da perna, mas o movimento súbito o fez perder o equilíbrio e ele caiu, de cabeça, contra a borda do balcão e depois no chão. Droga de polegar torcido! Ele já não conseguia fazer nada com agilidade! Estava lutando em vão com as tiras — e quem teria imaginado que tiras de velcro resistiriam tão firmemente — quando sentiu algo frio e liso tocá-lo de leve numa têmpora. Era, claro, o cano da espingarda de Jack.

“Uma dica útil”, disse Jack. “E talvez você queira anotá-la: quando for emboscar alguém, atire primeiro e beba depois. Se inverter a ordem, você terá uma boa chance de arruinar tudo.”

“Aposto que isto nunca aconteceu a Starsky e Hutch”, disse Edwin, com amargura.

“Limite-se a editar livros. Deixe os heroísmos para outros.”

Depois de confiscar a arma de Edwin e de revistá-lo para ver se havia outras surpresas, Jack o forçou a sentar direito e a tomar outra bebida. “Tudo bem, sem rancores”, disse. “Já perdi a conta do número de pessoas que tentaram me matar ao longo dos anos.”

Edwin, mal-humorado e carrancudo, e com os testículos convenientemente encolhidos de vergonha, não disse nada. Ficou olhando, em silêncio emburrado, para o balcão de cozinha.

“Por que é que você haveria de querer atirar num velho indefeso como eu? Setenta e oito anos, morando sozinho num trailer

no meio do nada. Por que é que você se daria ao trabalho?”

“Porque”, rosnou Edwin, “você é um assassino. O que você fez, o que esse seu livro fez, é assassinato. Assassinato em massa.”

“E mesmo? Como foi que você chegou a essa conclusão?”

Edwin ergueu os olhos e encarou Jack, sem vacilar. “O que é que nós somos, Jack? Quem somos? Não somos o nosso corpo. Não somos as nossas posses, o nosso dinheiro nem o nosso status social. Nós somos a nossa personalidade. Nossas fraquezas, peculiaridades, excentricidades, frustrações e fobias. Elimine-se isso e o que é que se tem? Nada. só cascas humanas, felizes e brancas. Olhos vazios e expressões vazias, Jack. Isso é tudo o que eu vejo agora. Não chegou a Paradise Flats — ainda. Mas pode ter certeza de que chegará. E aí? Depois que Paradise Flats se for, onde é que você vai se refugiar da felicidade®? Em breve todo mundo vai estar falando do mesmo jeito, sorrindo do mesmo jeito, pensando do mesmo jeito. As personalidades individuais estão se tornando cada vez menos distintas. As pessoas estão desaparecendo. E é por sua causa, Jack. Você é um assassino.”

Houve uma pausa longa e gelada antes de Jack replicar. “Eu não sou um assassino. Eu meramente tive êxito onde Thomas More, Platão, Santo Agostinho, Charles Fourier, Karl Marx e aquele Huxley tentaram e falharam. Criei não uma utopia, não um mundo de fantasia, inexistente pela própria definição, mas uma eutopia. ‘Eu’, como em ‘euforia’, do grego, que quer dizer ‘bom’. Uma eutopia. Aqui e agora. E não há como negar auê, com o que eu fiz, o mundo se tornou um lugar muito mais agradável.”

“Mais agradável, mas não melhor. E o gozado, Jack, é que, agora que conheci você, agora que sei o que você é, não faz a menor diferença matá-lo ou não. Os seus dias estão contados. Você, com os seus dedos manchados de nicotina, seu bafo de uísque e sua extrema grosseria. Você é um anacronismo, Jack. A nova ordem que está se iniciando não tem lugar para você. Na nova religião da felicidade®, radiosa e universal, você é um herege. Você não se encaixa, Jack.”

“Rá. Isso é o melhor que você pode fazer? É o maior insulto que pode me lançar? Eu já sou um anacronismo, garoto. E quanto ao que pode acontecer com vocês todos — não me interessa. Não estou nem aí. Depois que eu morrer, nada tem importância. Quando eu morrer, o mundo morre comigo. O que me interessa se o futuro é sombrio, amargo ou cheio de mel e sol? Quando eu morrer, tudo morre comigo. O que acontecer depois disso não tem importância alguma.”

“Não me venha com esse solipsismo de merda.”

“Ahá”, fez Jack, devidamente impressionado. “Solipsismo. Bom. Você está por dentro.”

“É claro que sim!”, urrou Edwin, de pé e braços abertos. “Eu sou editor! Eu sei tudo! Tenho a cabeça tão cheia de informação inútil que me admira que eu consiga dormir à noite. Os meus pensamentos fervilham, fervilham o tempo todo. Nemo saltat sobrius, Jack! Nemo saltai sobrius.”

James Boswell. “Homens sóbrios não dançam.” “Isso mesmo! O mundo está perdendo seus dançarinos bêbados. Ah, temos círculos de gente se abraçando e cantorias em torno de fogueiras, mas a dança livre e inebriada da vida está acabando. E a culpa é sua.”

“Não”, disse Jack, e pela primeira vez falou com raiva. “Não é culpa minha. Eu dei às pessoas o que elas queriam: não liberdade, com as suas responsabilidades pesadas e incômodas, mas segurança. A segurança de não precisarem pensar. Segurança contra elas mesmas. Eu sei o que as pessoas querem: não querem ser livres, querem ser felizes. E as duas coisas costumam ser mutuamente exclusivas. Quero lhe mostrar uma coisa.” Puxou uma caixa pela metade, remexeu lá dentro e tirou uma fotografia emoldurada. Era o retrato de um rapaz, por volta de 1973, com costeletas cômicas e camisa de poliéster, olhando fixo para a câmera com uma declarada hostilidade.

“É meu filho. Allan. Da minha primeira mulher. Ela me deixou quando ele tinha doze anos e o criou em Silver City, e, mais tarde, em Phoenix. Ele atingiu a maioridade no final dos anos 60, início dos 70. Quer saber por que eu tinha tanta certeza de que o

meu livro venderia? Por causa do Allan. Ele passou por drogas psicodélicas, meditação transcendental, análise transacional. Envolveu-se com tudo quanto foi tendência da cultura pop, em tudo quanto foi modismo imbecil. E para quê? Acabou em Cleveland, trabalhando numa companhia de seguros, vivendo do medo que as pessoas têm da morte e do além, e indo de um terapeuta para outro. O Allan não é uma exceção. Ele até fez regressão para vidas passadas. Parece que foi rei em outra encarnação. Que surpresa. Ninguém nunca descobre que foi um camponês analfabeto que morreu de sarna e foi enterrado num brejo. Nada disso. Somos todos especiais, se não nesta vida, em outra. O Allan teve todos os males conhecidos pelo homem moderno. Foi diagnosticado com Síndrome de fadiga crônica por um terapeuta e com distúrbio de falta de atenção por outro. Meio contraditório, não acha? Fez hipnose e descobriu

e eu abusei dele quando era criança, o que é conversa fiada. O Allan poderia ter mandado me prender, se o terapeuta não tivesse sido desmascarado logo depois. Mas ele guarda as supostas recordações reprimidas e me disse: 'Elas podem não ser reais, mas você ainda é o responsável por elas'. Depois me escreveu uma declaração de independência — aos quarenta e cinco anos de idade, veja bem —, dizendo que eu tinha sido um pai muito inepto e que ele afinal estava se dando permissão para ser real, blá, blá, blá. Eu escrevi dizendo a ele que fosse se foder. "Nunca mais tive notícia."

"Mas o que é que isso tudo tem a ver com..." "Deixe-me terminar. Você quer saber de onde o livro veio? Veio do Allan. Veio do meu filho. A mulher dele teve um bebê há alguns anos. Fui ver o garotinho e o Allan saiu da sala, dizendo que não queria compartilhar o mesmo espaço comigo. Depois voltou e começou com a história de que eu nunca estava por perto quando ele era criança, eu era a razão de ele ter se divorciado, e, bom, basicamente, que tudo o que deu errado na vida dele, grande ou pequeno, não foi por culpa dele. E, como eu disse, o Allan não é uma anomalia. Ele faz parte da maioria. Então, quando decidi escrever um livro e ganhar um montão de dinheiro, pensei: 'Que tipo de merda o meu filho compraria? Que tipo de mensagem

autocongratatória exerceria apelo sobre ele? O que é que teria o alcance mais amplo? O que é que geraria mais dinheiro?’ O resultado foi Tupak Soiree e O que aprendi na montanha.”

Edwin estava com náusea. Não sabia se resultante do Southern Comfort, do calor ou do que estava ouvindo. Talvez fosse uma combinação dos três, mas o efeito cumulativo era opressivo. Sua úlcera ardia e a pele estava quente e pegajosa.

“É isso, então? É assim que o mundo termina: não com uma explosão, mas com um abraço vago e caloroso?”

“Encare os fatos, Edwin. Os dias do encenqueiro terminaram. A Era do Agradável está próxima, e não há nada que possamos fazer a respeito. Eu não fui a causa disso, só ajudei. O que aprendi na montanha foi, simplesmente, o livro certo na hora certa. Não foi um livro avançado para a sua época, foi um livro da sua época.”

“Zeitgeist. Uma palavra alemã. Significa...”

“Eu sei o que significa. E você tem razão. O que eu capturei foi o espírito do nosso tempo. O nosso Zeitgeist. O nosso apocalipse pós-Reed. O nosso retorno ao Éden. A nossa bandeira branca da rendição final.”

“Reed. Você escreveu uma nota no verso de uma página. Alguma coisa sobre Oliver Reed. A letra estava bem desleixada, dava a impressão de que você estava bêbado quando escreveu.”

“Devia estar.”

Jack ofereceu outro drinque a Edwin, que dessa vez recusou.

“Um cigarro, então?”

“Estou tentando parar.” Edwin girou o isqueiro Zippo na mão, ergueu os olhos e disse: “Essa foi uma coisa que eu nunca entendi. Oliver Reed. Como é que ele entra na história?”

“Não entra. Aí é que está.”

Edwin continuou olhando para ele, desconcertado.

“Um dia, quando antropólogos do futuro exumarem o espírito da nossa era”, disse Jack, “quando estudarem o que deu errado, onde foi que nos perdemos, certamente vão concluir que a

nossa derrocada remonta a 2 de maio de 1999. O dia em que Oliver Reed morreu.”

“Um ator de segunda. Por quê?”

“Ah, Oliver Reed era mais do que apenas um ator. Ele foi o Último dos Encenqueiros. E desde então tem sido uma decadência só. Ao Ollie!” Jack ergueu o copo, não para Edwin, mas para o ar, para o vazio. Depois, virando-se para Edwin, continuou: “Você sabe quando ele morreu. Mas sabe como? Sabe onde?”

Edwin balançou a cabeça. Que diferença fazia?

“Oliver Reed morreu na ilha de Malta, depois de beber mais do que a marinha britânica. Engoliu mais de dez canecas de cerveja e mais de uma dúzia de doses de rum, enquanto jogava queda-de-braço com marinheiros da fragata HMS Cumberland. Ele pedia rodada após rodada, os marinheiros não conseguiram acompanhá-lo, acabaram se rendendo e foram embora, derrotados. E Oliver Reed morreu vitorioso. Morreu no chão de um bar em Malta, e o seu adeus, o seu presente de despedida, foi a conta que deixou para os marinheiros: mais de setecentos dólares de desregramento. Nisso, foi ele quem riu por último.”

“Você conhecia o Oliver Reed?”

“Não. Quero dizer, nos encontramos uma vez. Em Manila. Ele estava sendo expulso de um bordel por um par de leões-de-chácara e eu o tirei de lá, para que não levasse uma surra. Vagamos pelas ruas até amanhecer, cantando, rindo e bebendo. Só estive com ele naquela noite. Ele também me deixou com a conta, mais de quarenta paus. Brindamos à morte naquela noite. ‘A morte’, disse Ollie. Tor manter as coisas interessantes/ Eu perguntei se ele tinha medo de morrer e ele respondeu ‘Sim’. só isso. ‘Sim.’ Anos depois li uma biografia absurda onde há uma suposta citação dele dizendo: ‘Não acredito que a gente morra de fato, no mínimo porque vivemos através de outros, nas lembranças e na vida de nossos filhos e dos filhos de nossos filhos’. Ele era homem de família, casou várias vezes, teve filhos de quem gostava muito. Mas ele era grande demais, sabe? Era exuberante, extravagante, e tinha medo de morrer. Dizia que ‘é melhor a gente se consumir do que apodrecer aos poucos. Prefiro morrer numa briga de botequim a morrer de

câncer terminar. Ollie agarrou a vida, entende? Agarrou-a pela garganta. Sacudiu-a até sangrar. Uma mulher, uma autora chamada Gilham, acho, disse: "Oliver Reed tinha olhos profundamente azuis e uma alma profundamente triste". Acho que talvez ela tivesse razão. Ele apenas era grande demais, grande demais para este mundo."

Edwin não disse nada. Não tinha bem certeza de quem estavam falando agora, de Oliver Reed ou de Jack, e a recordação de um ator de outra era, morto havia muito tempo, encheu o aposento tão certa e imperceptivelmente quanto fumaça.

"Oliver Reed morreu", disse Jack. "E eu também não me sinto muito bem. Naquela noite em Manila, bebi, mijei e ri mais do que Oliver Reed. Se eu pudesse reviver uma única noite da minha vida..." O copo de Jack estava vazio.

Edwin não tinha nada a dizer. Nada a contrapor. Era um espectador depois de o desfile ter passado. Um desfile, ou talvez um cortejo fúnebre.

"Nostalgia", disse Jack. "O último refúgio de quem pertence ao passado. Naquela noite, em Manila, nós fechamos a cidade. Olhe era como um elefante alvoroçado à solta, com buracos no paletó e uma alegria estranha e selvagem nos olhos. Desafiou a própria sombra para uma briga. Jogou rumo no próprio rosto e pediu garotas do barrio em casamento. E quando o arranquei de mais uma confusão, eu disse: 'Ollie, você é um maldito criador de caso'. E ele disse: 'Não! Você está enganado. Não sou criador de caso. Sou encrenqueiro. E existe uma diferença enorme entre os dois. Os criadores de caso crescem e viram padres, políticos e reformadores sociais. Estão sempre interferindo na vida alheia. Os encrenqueiros não interferem. Eles se enfurecem e esbravejam, celebram a vida e lamentam a sua brevidade. Os encrenqueiros só destroem a si mesmos, e fazem isso porque amam demais a vida para dormir.'" Houve um longo silêncio. Jack encheu o copo de novo, mas não o ergueu. "Eles amam demais a vida para dormir."

"Jack, sobre o livro..."

"Você sabia que ele tinha a tatuagem de um galo no pinto? Tinha. É verdade. Ou que uma vez ele deu uma trepada na quadra central de Wimbledon? Depois que o torneio terminou, é

claro. Você sabia que ele foi a primeira pessoa a dizer 'Foda-se' num filme? Sabia disso?"

"Sim", respondeu Edwin, com a voz fraca de repente.
"Sabia."

"E sabia que Oliver Reed também descobriu o segredo da vida?"

Edwin balançou a cabeça.

"Descobriu. É verdade. O segredo da vida. Quer ouvir?"
Edwin não respondeu, mas Jack continuou assim mesmo, recitando de memória. "O segredo da vida, por Oliver Reed: 'Não beba. Não fume. Não coma carne. E morra assim mesmo'. Pois é. Você acha, honestamente, que algum guri como você, amarelado e alimentado a leite, tem alguma coisa a acrescentar? É impossível ser mais brutalmente honesto do que isso, não acha?"

Não havia nada que Edwin pudesse dizer e Jack sabia disso. Ouviu-se um carro aproximando-se e o som foi ficando cada vez mais forte. O calor dentro do trailer tornara-se insuportável. Edwin teve a sensação de que ia desmaiar.

"Os seus amigos", disse Jack, espiando pela janela.
"Voltaram."

Edwin assentiu com a cabeça. Levantou-se, começou a dizer alguma coisa, mudou de idéia. Faltavam-lhe palavras.

"Espere", disse Jack. "Antes de ir embora..."

Edwin virou-se. "Sim?"

"Tome." Jack empurrou o revólver de Edwin por sobre o balcão da cozinha. "Pegue. É seu. Faça o que quiser. Para mim, não tem mais importância." Em seguida deu as costas a Edwin, deliberadamente ao que pareceu, e começou a encher outra caixa com papéis.

Edwin sentiu o peso da arma na mão. Olhou para as costas largas e convidativas de Jack McGreary e pensou: "Seria fácil. Ninguém sentiria saudade dele. Levaria semanas para alguém dar pelo seu desaparecimento. Ele assaria aqui como uma múmia, como um pedaço de carne, como um anacronismo". Edwin ergueu a arma, apontou bem no centro e sussurrou: "Bangue, banguê. Você está morto".

Baixou a arma e saiu.

Jack não se virou. Limitou-se a resmungar, por entre os dentes: "Covarde".

50.

Lá fora, sob um céu inclemente...

Mr. Ethics tinha estacionado atrás do trailer de Jack, longe da janela e da ameaça de tiros.

"Edwin", gritou mr. Mead. "Aqui! Graças a Deus você está vivo!"

"Ah, sim", disse mr. Ethics quando Edwin se aproximou. "Estávamos preocupados com a sua segurança, não estávamos, Léon?"

"Muito. Preocupadíssimos."

Edwin notou que cada um deles segurava uma garrafa de Fresca e perguntou: "Pelo menos me trouxeram alguma coisa gelada para beber?"

"Ah, desculpe. Não nos ocorreu."

"Estávamos tão preocupados que nem conseguíamos pensar direito. Não é, Bob?"

"É, Léon. Esquecemos completamente."

Edwin abriu a porta do carro. "Não tem importância. Vamos embora, está bem?"

"Você atirou nele? Você o pôs de joelhos? Que cara ele tem? O que foi que ele disse?" As perguntas vieram uma atrás da outra.

"Ele tem dois metros e meio de altura e é feito de aço."

"Você o matou?"

"Não", disse Edwin, baixinho. "Ele já estava morto quando entrei lá. Agora quero ir embora."

"Nós também", disse mr. Ethics. "Entre aí atrás e vamos embora." E puxou seu assento para a frente.

"Não vejo a hora de sair deste lugar medonho", disse mr. Mead. "Não há nada para fazer nesta cidade. Nada. Já imaginou morar aqui?"

Edwin, entrando no carro, parou. "O senhor tem razão", disse. "Tem toda a razão." Afastou-se do carro e olhou na direção do

trailer. "O senhor tem razão."

"O que é que você está fazendo?", disse mr. Mead. "Entre no carro antes que aquele lunático saia e comece a atirar."

Tudo se encaixou. Tudo fez sentido. "O senhor tem razão. Tem toda a razão", disse Edwin, com um meio sorriso. "Não há nada para fazer em Paradise Flats." E com isso encaminhou-se para o trailer de Jack.

"Que diabos você está fazendo?", berrou mr. Mead.

"Vou voltar até lá", respondeu Edwin. "E vou vencer."

O segundo round estava prestes a começar.

51.

Jack McGreary tinha movido algumas caixas e estava afundado na sua poltrona, bebendo direto da garrafa e abanando-se com um livro sobre metafísica. Um ventilador meio enguiçado deslocava a umidade, e a camiseta cinza de Jack estava manchada com mapas de suor. Quando Edwin entrou, Jack ergueu os olhos.

“Esqueceu alguma coisa? Os colhões, talvez?”

“Quanto tempo?”, perguntou Edwin.

“Quanto tempo o quê?”

“Quanto tempo lhe deram?”

A expressão no rosto de Jack mudou ligeiramente. “O uísque subiu para a sua cabeça, garoto. Não sei de que raio você está falando.”

“Os médicos. Quanto tempo de vida lhe deram?”

Jack olhou-o com ar de profunda irritação. Edwin o deixara acuado e sabia disso.

“Bem?”, disse Edwin. “Vá se foder e me deixe em paz.”

“Um ano? Seis meses? Uma semana?”

“Você não ouviu o que eu disse? Vá se foder e me deixe em paz.”

Mas Edwin recusou-se a sair do lugar. “Quanto tempo, Jack?”

Jack moveu o corpanzil, encarou Edwin com um ódio que chegava à beira do respeito e por fim, disse: “Quem sabe? Os médicos são um bando de idiotas. Não sabem merda alguma. Pode ser uma semana. Pode ser um ano. Quando estiver generalizado, será questão de dias. Você está olhando para Jó em pessoa, garoto. Suportei cada furúnculo, cada peste e cada teste de fé que Deus, na sua infinita crueldade, foi capaz de distribuir. E ainda estou de pé. Por quê? De puro despeito.”

“Foi... deixe ver... há um ano e meio, não foi, Jack? Que você descobriu? E foi só depois de descobrir que resolveu escrever o livro para, talvez, ganhar algum dinheiro. Algum dinheiro para o

futuro. A bibliotecária se enganou. Você não ia visitar prostitutas e beber em Silver City, ia fazer exatamente o que dizia que ia fazer: exames médicos.”

“Prostitutas e bebida? Foi isso que a Rebecca disse? Rá! Na minha idade vou tomar isso como um elogio.” Ele rolou na poltrona e se pôs de pé, como uma morsa, como um rei, e disse, lentamente: “O que é, exatamente, que você quer de mim? Um pedido de desculpas? Uma penitência?”

“O dinheiro. O que foi que você fez com o dinheiro?” Mas Edwin já sabia a resposta.

“Torrei!”, gritou Jack. “Gastei sem a menor preocupação. Enchi a cara com ele. Foi-se. Rá!”

Edwin sorriu. “Não. Não se foi. Os seus royalties devem ter chegado a uns cento e cinquenta milhões de dólares. Você não teria como gastar tudo isso — não aqui, não em Paradise Flats, não neste seu fim de mundo. Você nem comprou uma picape

nova. Não, Jack. Você não torrou o dinheiro. Longe disso. Sabia que estava morrendo e enfurnou o dinheiro. Mas por quê?” Edwin contornou uma pilha de caixas, balançou a cabeça. “É gozado. Passamos uma hora sentados aqui, discutindo como dois estudiosos do Talmude, e não registrei que você estava indo embora. Você está fazendo as malas. Indo para onde, Jack? Silver City, não é? Você está indo embora para morrer, não é, Jack?”

“Ora, ora, ora. Não é que você é esperto? Mas se acha que vai pôr as suas mãozinhas de rato imundo no meu dinheiro, pode tratar de esquecer.” Fez um gesto na direção da espingarda, mas Edwin chegou lá primeiro: agarrou a arma, puxou-a e, cuidadosamente, colocou-a de lado.

“Ahá, eu sei direitinho onde o seu dinheiro está, Jack.”

Edwin achou a caixa com as fotos, ignorou a de Allan com calça boca-de-sino, e pegou uma de um garotinho, quase um bebê. Tinha o cabelo revoltado, um grande sorriso e os olhos de Jack.

“Seu neto?”

Jack observava Edwin com uma desconfiança cada vez maior. “Deixe o meu neto fora disto.”

“Ah”, fez Edwin, sorrindo. “Acho que não posso fazer isso. Ele já está envolvido, não está?”

“Se você veio até aqui planejando roubar um velho, enganou-se redondamente. Pode virar tudo de cabeça para baixo. Não vai encontrar dinheiro aqui. Nem um maldito centavo. Não acredita? Vá em frente. Pode procurar.”

“Eu acredito, Jack. Eu disse que sei direitinho onde o dinheiro está. E não é aqui. Não. Há uma conta bancária, provavelmente em Silver City, com cento e cinquenta milhões de dólares, no nome de — como é mesmo que você disse que o seu neto se chama?”

Jack tinha perdido a fúria e sua voz já não era um trovão.

“Benjamin. O nome dele é Benjamin. Benjamin Matthew McGreary. Está com seis anos agora, essa foto é antiga.”

“Esperto o garoto?”

Jack fez que sim com a cabeça. “Afiado como uma navalha. E não são cento e cinquenta milhões, são quase trezentos.”

Edwin estremeceu. “O que é um milhão a mais, um milhão a menos?” Sentou-se no banco diante do balcão da cozinha. “Acho que vou aceitar outro drinque, Jack.”

“Vá para o inferno.”

“Com gelo, se você tiver. Está quente como o Hades lá fora.”

Jack resmungou, foi até a velha Frigidaire, raspou gelo do congelador — ele nunca se dava ao trabalho de fazer cubos de gelo — e pôs um pouco em cada copo. Depois esvaziou a garrafa de Southern Comfort nos dois copos.

“Ora”, disse Edwin, impressionado, “conseguimos esvaziar a garrafa. Salut!”

Mas Jack não ia erguer o copo num brinde a ninguém.

“Você queria deixar uma herança para o seu neto. Queria fazer uma surpresa para ele, bem depois de estar morto. Queria fazer uma surpresa no dia em que ele completasse dezoito anos...”

“Vinte e um. Eu não daria trezentos milhões de dólares a um adolescente.”

“Bem pensado, Jack. Mas você queria deixar alguma coisa para ele. Queria que ele dissesse: ‘O,velho não era tão mau assim, afinal de contas’. Queria que ele se lembrasse de você muito tempo depois de você ter morrido. Queria que ele pensasse em você. Queria fazer um gesto póstumo final. Isso é bem diferente do que você me disse agora há pouco, que ‘quando eu morrer, o mundo acaba’.”

“Trezentos milhões de dólares. Ele jamais terá que trabalhar para ninguém. Vai poder ir aonde quiser, fazer o que quiser. O garoto vai conquistar o mundo.”

“Não, não vai. Porque não vai haver um mundo a conquistar. O pequeno Benjamin vai herdar um montão de dinheiro e pouco mais do que isso. Ele não terá onde gastar e, pior, não terá como desfrutar do dinheiro. Você sabe o que foi que nos fez como somos? Sabe o que foi que fez de nós o maior país da história da raça humana, o maior, o mais cruel, o que mais come Big Macs, o que mais conta calorias, o que domina o mundo, uma central elétrica agressiva e dominadora? A busca da felicidade. Não a felicidade. A busca”

“Ouça”, disse Jack, mas Edwin não estava disposto a ouvir.

“Os primeiros documentos, Jack? As primeiras palavras escritas, as primeiras coisas consideradas merecedoras de serem escritas? Listas de compras. Listas de compras e relatos de guerra. Foi isso que prensamos primeiro em tabletes de argila, que rabiscamos em papiro. Quando os sumérios começaram a registrar a vida em palavras, quando deram início ao registro escrito da humanidade, fizeram listas. Listas de coisas, de bens. Isso e grandes façanhas. É aí que a história começa: consumo extravagante e direitos de fanfarrões. Os primeiros escribas, os primeiros homens de letras não foram solicitados a escrever sobre amor-próprio e sobre o contato com o eu interior. Não escreveram ‘Somos todos especiais à nossa própria maneira’. Não. Era morte de reis e acúmulo de riqueza. Propriedade, orgulho e sonhos épicos. É isso que nos

torna humanos. E toda esta vasta epidemia de auto-ajuda e amor do indivíduo por si mesmo, que desencadeamos com o seu livro, minou tudo. O que aprendi na montanha é um crime contra a humanidade.”

“Por quê? Porque deu certo? Porque realmente cumpriu o que prometeu? Prometeu dar felicidade às pessoas e deu. As pessoas estão felizes agora. É isso, assunto encerrado.”

“Não. É pior do que isso. Muito pior. Elas não estão apenas felizes. Estão satisfeitas. Sabe o que estamos presenciando, Jack? Estamos presenciando o fim da aventura. É esse o legado que você quer deixar, o fim da aventura?”

“Quando Benjamin receber aquele dinheiro, vai poder...”

“Esqueça o dinheiro! Isto não tem nada a ver com dinheiro. Você vai estar morto há muito tempo e vai querer que o seu neto cresça num mundo sem aventura? É isso que você quer deixar para trás? Finis coronat opus, Jack! ‘O fim coroa a obra.’ Os últimos atos de um homem revelam a finalidade de sua vida. Finis coronat opus!” Cuspiu as últimas três palavras como se esmurrasse o ar com a voz. Como se as palavras sozinhas conseguissem mudar tudo.

Jack não disse nada. Edwin ergueu o copo, deixou o gelo deslizar para a boca, sentiu o frio com sabor de uísque amortecer-lhe a língua. Pensou em May com seus lábios agora sem vida e os olhos grandes e vazios, e esperou a resposta de Jack, sabendo muito bem que tudo dependia daquele momento.

A resposta demorou um longo tempo para vir. Jack girou e girou no fundo do copo o que restava de Southern Comfort, olhando para o nada, sem dizer nada. A geladeira começou a funcionar, o compressor chacoalhando no silêncio.

“O que é que você quer eu faça?”, perguntou Jack, afinal. “Como é que damos um jeito nessa confusão?”

“Escreva. Escreva outro livro. Escreva um livro não pelo dinheiro, mas do coração. Não invente fantasias e não doure a pílula. Chega de canções de ninar, Jack. Chega de serenidade. Deite o porrete na cabeça deles. Conte aos leitores o que você realmente aprendeu numa vida de aventuras sem sentido. Fale sobre a insensatez humana. Fale sobre o caos, sobre garotas frenéticas, asas

de borboletas, mansões invisíveis invadidas pelo mato. Fale sobre minas de sal, pó de carvão e o dobre de finados do encenqueiro. Fale sobre trepar, beber, andar por aí e não sentir prazer nisso. Conte para eles como você está deprimido de ter que morrer. Conte sobre Oliver Reed. Sobre Benjamin. Conte tudo.”

Jack hesitou, e depois disse: “Você datilografa. Eu falo. O papel está ali. A máquina de escrever está aí embaixo da pilha de roupa para lavar”.

Só que, claro, quando Jack disse “roupa para lavar”, o que de fato quis dizer foi “roupa suja e fedorenta”. Cauteloso, Edwin pôs de lado as cuecas e meias emboladas, como se estivesse tocando em detritos tóxicos, e, depois de dar um piparote no que restava de um osso de filé, sentou diante do teclado. Passou os dedos por um dos lados da máquina, depois pelo outro. Intrigado, levantou-a para olhar melhor.

“Jack?”

“Ela não tem botão on, imbecil. É manual. Basta enfiar o papel e bater. É alta tecnologia, garoto. Posso usá-la a qualquer hora, em qualquer lugar. Posso escrever quando falta luz, posso escrever à luz de velas. Ela não precisa nem de baterias.”

“É mesmo?”, disse Edwin, sinceramente impressionado.

Depois de uma lição breve e impaciente sobre a maneira de pôr o papel no rolo — “Palavras diretamente no papel”, disse Edwin. “Que curioso.” — e de empurrar a alavanca de retorno no final de cada linha, Jack cruzou os braços, em pé, e, com voz alta e forte, começou.

“Como ser infeliz, de Tupak Soiree.”

Edwin bateu o título.

“Linha um, página um. Platão escreveu que a felicidade humana é o objetivo supremo da vida. Mas Platão era um idiota, e superestima-se demais a felicidade humana...”

E assim foram, Jack ditando e Edwin escrevendo. Seguiram noite adentro. Lá fora as sombras se alongaram, o sol se pôs e o deserto começou a esfriar. Bob e Léon pegaram no sono no carro, nenhum dos dois pusilânimes o suficiente para abandonar

Edwin por completo, mas nenhum dos dois corajosos o suficiente para invadir o trailer e salvá-lo. (A idéia era se revezarem na vigia, mas mr. Ethics, depois de um belo raciocínio post hoc sobre a reciprocidade do dever moral, decidiu tirar uma soneca.)

Enquanto uma lua de cara esburacada lançava sua luz pálida sobre a terra, Paradise Flats dormia e sacos de plástico volteavam suavemente pela rua principal, Jack falava e Edwin escrevia. Edwin começou a sentir dor nos dedos e cãibra nos pulsos, e chegou um momento em que a voz de Jack enfraqueceu, mas os dois se reforçaram com aguardente barata e prosseguiram, apesar da dor. Escreveram a noite inteira, enchendo a escuridão com palavras. A primeira luz rosada do alvorecer despontou no horizonte distante e foi ganhando força. Eles continuaram assim mesmo. Página após página. Palavra após palavra após palavra.

52.

Como ser infeliz foi um best-seller imediato. Embora nunca tenha vendido tanto quanto O que aprendi na montanha, seu impacto foi igualmente dramático. (A Panderic agora detinha a marca registrada tanto de felicidade® e feliz® quanto de infeliz®, de modo que o dinheiro continuou a entrar.) O novo livro de Tupak Soiree, ansiosamente aguardado, causou um tumulto enorme. Muita gente condenou o autor, antes tão amado, por haver traído o próprio movimento que ajudara a lançar. Emitiu-se um fatwa contra ele, sua cabeça foi posta a prêmio, e a recompensa arrancou das sombras centenas de assassinos esperançosos.

O coitado do Harry Lopez, agora alvo de inúmeras ameaças de morte, continuou a protestar inocência. "Sou só um ator!", implorava. "Tupak Soiree não existe!" Mas as multidões não se convenceram e continuaram a entoar "Herege!" e "Para a força!". Harry acabou sendo obrigado a se esconder e a gastar sua vasta fortuna numa vigilância de vinte e quatro horas por dia e em guarda-costas armados, mas analfabetos. Os Conventos da

Felicidade® espalhados pelo país dividiram-se em facções beligerantes. Surgiram cismas, comunidades holísticas começaram a se desentender por ninharias, e muita plantação de alfafa foi pisoteada. As trocas de sopapos não eram raras. "A Brigada da Felicidade" se pôs de prontidão contra a Aliança dos Infelizes®, e no norte de Vermont a agitação atingiu um ponto crítico quando um devoto de túnica branca esfaqueou outro durante uma sessão de abraços. "Ele tocou no meu livro", foi como o discípulo se explicou ao ser subjugado.

Apareceram camisetas e adesivos com os dizeres PLATÃO ERA UM IDIOTA, e quase que com a mesma rapidez surgiram camisetas dizendo VIVA PLATÃO! Gangues rivais lançaram-se em combate em meio a uma epidemia de grafites desafiadores.

"Pelo menos estão discutindo filosofia", comentou um professor, sem muita convicção. "Já é um começo."

O número de matrículas nas faculdades disparou. Assim como o consumo de álcool e drogas. Depois de serem abandonados por Tupak Soiree, muitos ex-viciados em felicidade® começaram a buscar serenidade e satisfação em revistas de moda, discotecas e encontros casuais de uma noite.

Com o FBI no seu encalço, mr. Ethics fugiu para a República Dominicana, onde escreveu Em fuga: o guia de ética dos palermas para fugitivos procurados pela justiça que estão fugindo para salvar a vida. Edwin de Valu recebeu a ingrata tarefa de editar esse livro notavelmente fino: mal chegava a trinta mil palavras, com margens do tamanho de uma pista de aeroporto e tipo do tamanho em geral reservado para manchetes de vitória em guerra. Mr. Ethics ficou furioso com a interferência editorial de Edwin (“Mas o senhor não acha que ‘fugitivos procurados pela justiça’ e ‘fugitivos fugindo’ são redundâncias?”) e viajou para os Estados Unidos, decidido a matá-lo. Foi preso no aeroporto. Encontraram um revólver carregado na bagagem dele.

Na primavera seguinte, a Panderic Inc. publicou um livro satírico intitulado Morram, baby boomers, morram!, de um autor anônimo. Os críticos, sobretudo homens na casa dos cinquenta cuja testa estava ficando cada vez maior, denunciaram o livro como “impudente”, “superficial” e “pueril”. Depois foram para casa, chorar com a cara enfiada no travesseiro. Não que tenha feito diferença. O livro foi um fracasso. Poucos meses depois de lançado, estava na prateleira de saldos, dando fim às secretas aspirações literárias de Edwin de Valu.

Mr. Mead fez um implante de cabelo, que não pegou, e ficou com o alto do crânio calvo e cheio de cicatrizes. Mas não se incomodou. A essa altura ele tinha começado a pentear o cabelo dos lados para cima, até cobrir a testa. Na última vez em que foi visto, estava numa “importante” convenção de editores, em Waikiki, bronzeando-se na praia.

E a May? E o Edwin? E, o mais importante, a May e o Edwin?

E triste dizer que as coisas não deram certo para eles. Por quê? Repolho. Repolho cozido. Os italianos têm uma expressão

para isso: cavoli riscaldati, “esquentar repolho”. Refere-se a qualquer tentativa de reviver um caso de amor, tão condenada ao fracasso quanto servir repolho requentado. Repolho requentado fica, inevitavelmente, com má aparência e gosto ruim, e não desperta o apetite de ninguém. Simplesmente não dá certo, e assim foi com May e Edwin. May Weatherhill saiu da Panderic e tornou-se editora-chefe da Key West Books. Viaja de primeira classe agora, e até conseguiu roubar vários autores de primeira linha de mr. Mead. Neste exato momento, a Panderic, com toda a petulância, encaminha para a Key West as baboseiras que recebe. “Ela quer guerra? Pois vai ter guerra!”, vociferou mr. Mead.

E Edwin?

Bem, Edwin ainda está na Panderic Inc., ainda rabiscando papel, ainda se enfurecendo, ainda tramando, ainda sonhando em escapar. Recebe um ou outro cartão-postal de May, cheio de comentários irônicos e pequenos segredos compartilhados, mas até a amizade virou mais nostalgia do que qualquer outra coisa. De vez em quando cruzam um com o outro, em lançamentos ou feiras de livros, e há sempre uma parede de constrangimento entre eles. Um silêncio triste. Mokita. Eles se afogaram num mar de mokita. Edwin salvou o mundo e perdeu sua melhor amiga.

Esta história não tem final feliz. E essa, acho eu, é a questão.

PÓS-ESCRITO

Na montanha

Edwin Vincent de Valu, de gravata amarrotada, pasta na mão, saiu do metrô na estação da Faust com a Broadview como uma toupeira num cânion altíssimo.

Ainda era cedo, mas o dia já estava perdido em estresse, cansaço e tédio urbano. Era um dia quente, lânguido, o tipo de dia em que até os motoristas de táxi parecem inertes. Claro que eles xingavam, mas dava para ver que não era a sério. Dava para ver que estavam com o coração em outro lugar — lá em cima, no céu da cidade, no ponto onde o sol batia nos telhados numa cintilante zombaria de ouro dos tolos, sempre iludindo, sempre tora de alcance.

Edwin atravessou a Avenida Grand no ir e vir das luzes de trânsito, e pensou, como fazia todos os dias, precisamente naquela hora e precisamente naquele local: Adoro esta porra desta cidade.

Era alta a pilha de baboseiras que o esperava quando entrou em sua sala (a antiga sala de May, ainda aquecida pela recordação dela). Sentou-se para enfrentar o interminável trabalho de Sísifo que era a sua vida. O último estagiário só tinha durado seis dias e a pilha de manuscritos estava maior do que nunca.

“Prezado mr. Jones: Envio anexo um romance de ficção, que na verdade é a primeira parte de uma trilogia em três partes, escrita inteiramente do ponto de vista da torradeira de uma família...”

Prezado senhor/senhora: Após cuidadosa consideração e grande debate editorial...

Edwin tinha acabado de abrir caminho por entre o primeiro maço de originais quando o telefone tocou. Era uma médica, ligando do Centro Médico de Silver City.

“Posso falar com mr. de Valu?”

Ele sentiu o peito se contrair. "E sobre Jack, não é?" Vinha esperando esse telefonema, e agora que finalmente o recebia ficou admirado com a própria apreensão, muito maior do que imaginara.

"Ele...?"

"Não, mas foi transferido para um hospital em Phoenix. Ele deu o seu nome como o do parente mais próximo. Bem, as palavras exatas foram 'herdeiro aparente, mas sem direito a um tostão do meu dinheiro'. Foi o que ele escreveu nos formulários de admissão. Mr. de Valu, infelizmente agora é sistêmico. Atingiu o fígado e a garganta, e afetou os capilares que sustentam o...".

"Poupe-me do jargão. Poupe-me disso, por favor."

"Ele perdeu a visão no olho direito e enxerga muito mal com o esquerdo."

Ah, merda. "Isso quer dizer que... Ele ainda pode ler?"

"Não, ele está quase totalmente cego."

"Então está morto."

A médica não teve certeza de ter ouvido direito. "Não, não está morto. Mas infelizmente não vai levar muito tempo. Ele nos disse que não o incomodássemos, mas achamos que devíamos informá-lo assim mesmo. O seu pai talvez não passe desta noite."

"Ele não é meu pai", Edwin ia começar a dizer, mas não concluiu nem o pensamento. O que disse foi: "O hospital em Phoenix. A senhora tem o endereço?"

O avião aterrissou no momento em que o sol se punha. Passageiros brigavam no terminal, arrastando malas, tropeçando em escadas rolantes e trocando grosserias de maneira nada holística. Edwin chegou sem bagagem e atravessou a multidão até a SAÍDA DAS CHEGADAS. Ao passar, pensou: "Expressão ótima, 'saída das chegadas'".

A corrida de táxi custou cinquenta dólares. O hospital ficava no extremo oposto de Phoenix. Edwin entrou apressado na calma anti-séptica da ala sul. A "ala dos moribundos", como os funcionários chamavam.

"Jack McGreary?", perguntou a enfermeira de plantão. "É seu pai?"

“Sim. Suponho que sim. Onde é que ele está?”
“Primeiro andar. Quarto 102. No fim do corredor, segunda porta à esquerda. Mas, senhor...”, chamou quando Edwin saiu correndo pelo corredor, “... o horário de visita termina daqui a dez minutos!”.

“Não há problema. Não vou demorar. Só vim para dizer adeus.” E já vai tarde. E obrigado. E dê lembranças a Oliver Reed. E vou sentir saudade de você. E não vou esquecê-lo. E, ah, tantas outras coisas banais, importantes, comuns. Mas Jack não estava lá.

Tinha fugido. O quarto estava vazio, as fitas do monitor cardíaco tinham sido arrancadas e estavam ali balançando, os lençóis tinham sido jogados para um lado — e a janela estava aberta. A televisão, sem som, piscava ecos azuis do outro lado da cama.

“Ele se foi”, disse Edwin, espantado. “Fugiu.”

Edwin voltou lentamente para a recepção. “Mr. McGreary sumiu.”

“De novo?”, disse a enfermeira. “Sinto muito. Ele faz isso de vez em quando. Temos que ficar de olho no Jack. Está sempre tentando escapar. Vou mandar alguém procurá-lo. Sabemos onde ele está. No alto da montanha.”

“Montanha?”

“É assim que Jack a chama. Quando o seu pai veio fazer os primeiros exames, e deve ter sido há uns dois anos no mínimo, ele subia a montanha todo dia e ficava lá, sentado e pensando, acho eu. Foi depois de ele ser diagnosticado.”

“Montanha?”

“É atrás do hospital. Não é muito alta, mas é uma subida puxada, e nós explicamos a Mr. McGreary que, com a saúde piorando, ele não devia fazer esforço. Acho que dissemos a ele umas cem vezes que não subisse até lá, mas ele nunca deu ouvidos.”

“A montanha. Existe mesmo uma montanha.”

Ela sorriu. “É só uma colina. Uma pequena elevação de rocha, logo atrás do estacionamento. O senhor deve ter passado por ela quando chegou. Há um banco e um pouco de sombra lá em cima, e uma ou duas mesas de piquenique. Não é uma montanha de verdade, mas como a região aqui é muito plana, a vista é linda lá de

cima. Dá para ver quase que as planícies inteiras, as luzes da cidade, as estrelas e uma cordilheira ao longe. O lugar é bonito. Agora a gente chama de Montanha do Jack.” Ela riu, e depois, dando-se conta de que estavam falando de um paciente terminal, disse, com excesso de gravidade: “Com todo o respeito”.

“Claro. E tudo bem se fosse sem.” Edwin sorriu. “Não precisa mandar ninguém. Eu mesmo vou buscá-lo.”

A subida era íngreme: um caminho estreito e sinuoso por entre cactos e outras plantas espinhosas. Quando chegou à clareira no topo, Edwin estava sem fôlego.

Uma noite silenciosa. O ar que chegava das planícies vinha perfumado com a memória de campos distantes. Abaixo de Edwin, dispostas como o interior de um rádio transistor, cintilavam as luzes da cidade. O sol estava bem baixo, a lua ainda não tinha surgido, e no céu, ao longe, ainda pairava um vermelho suave e surrealista.

Jack McGreary estava num banco, uma bengala ao seu lado, ombros arqueados, rosto virado para o vento. Ao chegar mais perto, Edwin ouviu a respiração entrecortada e difícil do velho. Era como a respiração pesada de um homem que carrega um grande fardo.

Jack não se virou quando Edwin se aproximou. Continuou sentado, de cara para o vento, sem dizer palavra.

“Jack? Sou eu, Edwin.”

“O que é que você quer?”, disse Jack. Os tumores que tinham removido da sua garganta tinham deixado rascante e fraco o que antes fora um barítono glorioso.

“Só vim me despedir.”

Jack assentiu, semicerrando os olhos ante o panorama que desaparecia à sua frente. Depois, quase como se fosse uma reflexão tardia, disse: “Este velho mundo não é tão mau assim, é?”.

“Não.”, disse Edwin, “Não é mesmo.”.

Jack assentiu de novo e disse: “Ótimo. Agora vá se foder e me deixe em paz”.

Desconcertado, Edwin começou a falar.

“Mas, Jack...”

O velho ergueu uma mão, impondo silêncio. “Você não ouviu o que eu disse?”, perguntou, esquadrihando a claridade que diminuía. “Eu disse: Vá se foder e me deixe em paz”.

“Muito bem.”

E com isso Edwin de Valu se virou e desceu pela trilha, rindo. Uma gargalhada forte, ressonante, de barriga, de alma. Riu até o rosto doer e o coração entorpecer. Riu até ficar com os olhos completamente embaçados.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à minha agente, Carolyn Swayze, pelo apoio e entusiasmo, e também à assessora de imprensa Terrilee Bulger, que num comentário casual me deu a idéia para este livro.

Obrigado, igualmente, a Mark Olson, que me ofereceu um quarto onde me esconder enquanto eu escrevia o primeiro rascunho. E um grande obrigado à minha assistente editorial, Shannon Proulx, por serviços que foram muito além dos exigidos pelo dever. Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer ao meu editor, Michael Schellenberg, que, apresso-me a acrescentar, não foi de maneira nenhuma a inspiração para a personagem de Edwin.

Notas do tradutor

“Não tem filho-da-puta em lugar nenhum que saiba o que vai fazer sucesso”: No original, “Ain’t no son of a bitch nowhere knows what’s going to hit”.

Anne of Green Gables: Romance infantil da canadense Lucy Maud Montgomery (1874-1942). Publicado em 1908, fez sucesso imediato, foi traduzido para vários idiomas e adaptado para o cinema.

Por combinar “me” e “need”: “Eu” e “precisar” ou “necessidade”.

Uma abreviação de “honey”: Hurt, “benzinho”, abreviação de Honer, “meu bem”; também é “huno” e, em sentido figurado, “vândalo”.

Limericks: Poemas humorísticos de cinco versos; o nome vem de Limerick, cidade e condado na Irlanda.

“Ah, palavras ferem, sim, Nigel”: O ditado é Sticks and stones may break my bones, but names (words) will never hurt me. Em tradução literal: “Paus e pedras podem me quebrar os ossos, mas nomes (palavras) jamais me ferirão”.

[...] Geração X: Geração nascida nos Estados Unidos depois de 1965.

“Uma cáustica denúncia da mentalidade pysanka”: Ovo de Páscoa tradicional da Ucrânia, ricamente decorado.

“Está citando Neil Diamond agora? [...]”: Referência à canção de Neil Diamond “You don’t bring me flowers anymore” — “Você não me traz mais flores”.

[...] George Will: Colunista político norte-americano; escreve regularmente para a revista Newsweek; ganhador do prêmio Pulitzer de 1977 por suas análises e comentários; assessor informal da campanha de Ronald Reagan em 1980.

[...] com a mesma energia de Bodhisattva: No budismo, pessoa que atingiu a iluminação, mas que adia a ascensão ao

nirvana para ajudar os outros a alcançá-lo.

“Não entre docilmente nessa boa noite; enfureça-se contra o findar da luz”: “Do not go gentle into that good night. Rage, rage against the dying of the light”, versos do poeta galês Dylan Thomas (1914-53). Tradução de Ivan Junqueira, Poemas reunidos, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1991.

“Ofensiva do Tet”: Uma série de ataques maciços a mais de cem alvos urbanos, lançados em 1968, durante a guerra do Vietnã, que os comunistas perderam militarmente, mas venceram política e psicologicamente, contradizendo as alegações dos Estados Unidos de que já tinham ganhado a guerra.

“É uma two-pack soiree [...]” [p. 333]: Isto é quase um dos ‘intraduzíveis’ de May Weatherhill. O chiclete equivalia a uma noitada por sua embalagem dupla, ou “uma dupla noitada”. Evidentemente, o som de “two-pack soiree” é o mesmo de “Tupak Soiree”.

Van Winkle: Rip Van Winkle, personagem de uma história publicada em 1819. Dormiu durante vinte anos e, ao acordar, ficou pasmado com todas as mudanças ocorridas no mundo.

“Ele não era nenhum Barrymore”: Referência à família anglo-americana de atores de teatro e cinema, iniciada por Maurice e Georgiana Drew Barrymore no século XIX.

“[...] lei dos ex-combatentes”: A partir de 1944, o Congresso norte-americano aprovou várias leis para financiar a educação superior, a compra de casa própria e conceder outros benefícios a veteranos das Forças Armadas.

Starsky e Hutch: Seriado americano, hoje cult, produzido de 1975 a 1979.